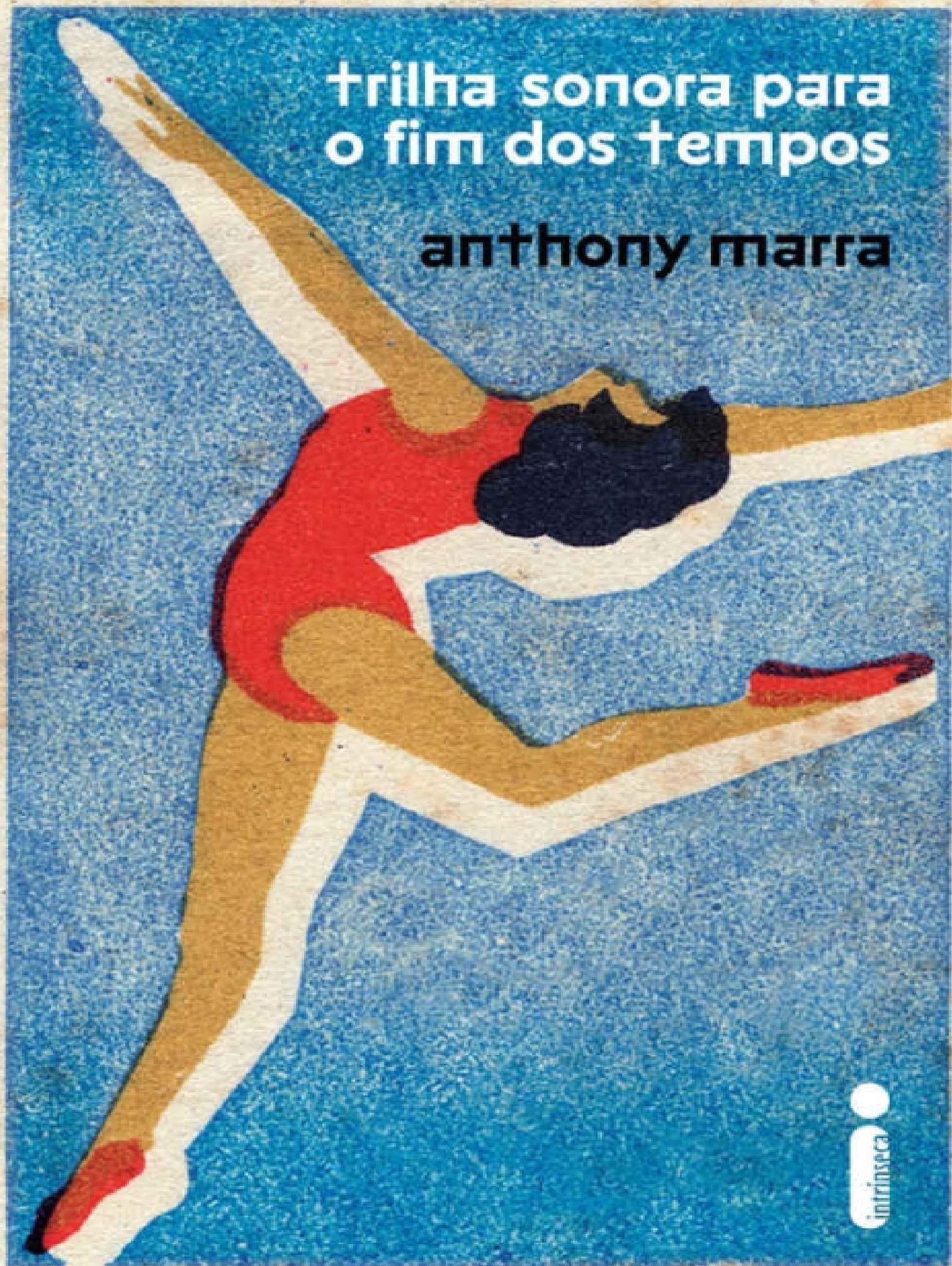


**trilha sonora para
o fim dos tempos**

anthony marra





ANTHONY MARRA

Trilha sonora para o fim dos tempos

TRADUÇÃO
Sergio Flaksman



Copyright © 2015 by Anthony Marra

Edição publicada mediante acordo com Hogarth Press, um selo de Crown Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

The Tsar of Love and Techno

PREPARAÇÃO

Ilana Goldfeld

Marina Góes

REVISÃO

Tamara Sender

Luara França

DESIGN DE CAPA

Elisa von Randow

IMAGEM DE CAPA

Coleção Jane McDevitt

REVISÃO DE E-BOOK

Carol Andrade

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0309-1

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-1512

www.intrinseca.com.br



[_intrinseca.com.br](https://www.intrinseca.com.br)

Para Janet, Lindsay e Rachel

“É uma obra menor.”

— Piotr Zakharov-Tchetchenets, a respeito de seu quadro de 1834, *Pasto
vazio à tarde*.

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[LADO A](#)

[*O leopardo*](#)

Leningrado, 1937

[*As netas*](#)

Kirovsk, 1937-2013

[*O escritório de turismo de Grózni*](#)

Grózni, 2003

[*O prisioneiro do Cáucaso*](#)

Terras Altas da Chechênia, 2000

[INTERVALO](#)

[*O tsar do amor e do techno*](#)

São Petersburgo, 2010; Kirovsk, década de 1990

[LADO B](#)

[*O lobo da Floresta Branca*](#)

Kirovsk, 1999

[*O Palácio do Povo*](#)

São Petersburgo, 2001

[*Uma exposição temporária*](#)

São Petersburgo, 2011-2013

[*Final*](#)

Espaço sideral, ano desconhecido

[*Agradecimentos*](#)

[*Sobre o autor*](#)

[*Conheça outro título do autor*](#)

[*Leia também*](#)

LADO A

O leopardo

LENINGRADO, 1937

Em primeiro lugar sou artista, e depois censor.

Precisei me lembrar disso dois anos atrás, quando me arrastei até um apartamento no terceiro andar de um prédio comunitário, onde morava minha cunhada viúva com o filho de quatro anos. Ela abriu a porta com as finas sobranceiras franzidas, surpresa. Não esperava me ver. Nós não nos conhecíamos.

— Meu nome é Roman Osipovitch Markin — apresentei-me. — Irmão do seu marido.

Ela assentiu e a mão percorreu a prega da saia cinza surrada enquanto se afastava para me deixar entrar. Se a menção a Vaska lhe tinha causado algum espanto, ela disfarçou bem. Usava uma blusa desbotada com botões acobreados. As linhas profundas que o pente riscara em seus cabelos úmidos e escuros pareciam traçadas a lápis carvão.

Havia um garoto jogado no assento do meio do divã, arqueado por seu peso. Meu sobrinho, imaginei. Pelo bem dele, desejei que se tornasse mais parecido com a mãe ao crescer.

— Não sei o que meu irmão lhe contou, mas trabalho no Departamento de Agitação e Propaganda do Partido. Você tem ideia do que faço?

— Não — respondeu o garoto.

A pobre criança tinha herdado a testa do pai. Seu futuro estava condenado ao uso de chapéu.

— Seu marido nunca disse nada a meu respeito? — perguntei à mulher.

— Ele disse que tinha um irmão que era uma espécie de idiota da aldeia em Pavlovsk — respondeu ela, num tom um pouco mais animado. — Mas nunca me disse que você estava ficando careca.

— Não é tão ruim quanto parece — rebati.

— Se importa em adiantar logo o motivo dessa visita?

— Todo dia vejo fotografias de traidores, vândalos, sabotadores, contrarrevolucionários, inimigos do povo. Nos últimos dez anos, eram só

uns poucos por dia. De uns meses para cá, o número aumentou. Eu recebia uma pasta fina todo mês. Agora, chega uma todo dia de manhã. Daqui a pouco, vai ser uma caixa. E depois muitas caixas.

— Mas com certeza você não veio até aqui para me falar dos problemas do seu escritório.

— Vim prestar um último favor ao meu irmão.

— E que favor seria esse? — perguntou ela.

Senti minha coluna se contrair. Minhas mãos pareciam tão grandes que nem cabiam nos bolsos. A verdade é que aquilo era uma coisa horrível de se dizer em voz alta.

— Garantir que a infelicidade dele não afete o restante da família.

Ela juntou todas as fotografias que tinha de Vaska, como lhe pedi. Nove ao todo. Um retrato de casamento. Um dia no campo. Um registro do dia em que se mudaram para a cidade, o primeiro ato da vida dos dois como habitantes de Leningrado. Uma de Vaska ainda menino. Ela se sentou no divã e mostrou cada uma das fotos ao filho pela última vez, antes de trazê-las para o quarto.

Alinhou as fotografias na escrivaninha. O quarto dela estava praticamente vazio. A cama, ainda grande o bastante para três, o cobertor bem esticado cobrindo o volume flácido dos travesseiros. Agora ela devia dividi-la apenas com o filho.

Empurrei pela mesa uma moeda de um rublo, com o lado da foice e do martelo virado para cima.

— O que eu faço com isso?

Indiquei as fotos com a cabeça.

— Você sabe o que tem que fazer.

Ela balançou a cabeça e, com um gesto de varredura do antebraço, lançou em órbita uma pequena galáxia de grãos de poeira, derrubando a moeda no chão.

Será que ainda amava meu irmão? Difícil de acreditar. Tinha sido considerado culpado de radicalismo religioso em uma corte justa e imparcial. Havia recebido a única sentença aplicável a um louco que envenenava os outros com a ilusão de que um céu está à nossa espera. O paraíso só é possível aqui na Terra, apenas se produzido por nós mesmos. Ninguém deveria invejar a devoção cega daquela mulher a um homem que tinha se provado indigno do seu amor. Ninguém.

Ela apoiou a palma das mãos nas fotografias e afastou os cotovelos para proteger as imagens com suas costas largas, um instinto que sugeria uma criatura faminta defendendo suas últimas migalhas, e isso podia ser verdade: o estômago não é o único órgão vital que sente fome.

— Vá embora — disse a mulher com um tom ríspido.

Ela olhava para as costas das mãos.

— Nos deixe em paz.

Eu podia ter dado meia-volta e saído do quarto, fechando a porta e encerrando o assunto. Já tinha feito bem mais do que me cabia. Mas alguma coisa mantinha meus pés pregados às tábuas do assoalho. Muito embora o conceito de família viesse desaparecendo da história tão depressa quanto as carruagens, eu próprio não tinha mulher nem filho, e queria que alguém com o mesmo sangue que eu sobrevivesse para ver o paraíso que nos dedicávamos a construir. Queria que aquele garotinho do divã crescesse e se transformasse num construtor ativo do comunismo que, ao se tornar um velho gordo e feliz, recordasse sua vida sabendo que a sociedade sem defeitos à sua volta justificava a morte do pai e, então, que se sentisse grato pela lição que o tio lhe dera, com quem teve um encontro breve numa manhã fria de inverno, anos antes.

Uma bobagem. Eu sei.

Segurei o punho dela e coloquei a moeda entre seus dedos.

— Não estou aqui para causar qualquer mal a você. Vim para garantir que nada lhe aconteça. Seu marido era inimigo do povo. O que você acha que vai acontecer se os homens da NKVD revistarem o apartamento e encontrarem essas fotos? Preciso entrar em detalhes?

Qualquer que fosse o sentimento desnudado que se espalhara pela escrivania, ela o recolheu dentro de si. E continuou segurando a moeda depois que a soltei. Aquela moeda poderia comprar um bolo de carne, um bloco de desenho, um doce, uma barra de sabão; colocada na palma de qualquer outra pessoa, poderia se transformar no ponto mais luminoso de um dia opaco, mas as moedas não têm como escolher o próprio destino.

— Por que você não cuida disso? Você é o artista. É o seu trabalho.

Consultei meu relógio.

— Só começo a trabalhar em uma hora.

Quando ouvi o ruído seco da moeda raspando o papel fotográfico, eu lhe dei as costas. Na sala, o menino continuava sentado em silêncio, examinando as linhas finas que traçavam sulcos em suas mãos.

Era impressionante a semelhança com o pai. Um nariz a cujo tamanho o restante do corpo ainda não correspondia; fartos e rebeldes cabelos pretos, cada um dos folículos apontando numa direção diferente; lábios franzidos reduzidos ao tamanho de um botão. Eu tinha cerca de oito anos quando Vaska era da idade dele. No verão, passávamos os dias correndo pelos campos e florestas, e à noite transmitíamos ao outro mensagens codificadas pela parede que separava nossos quartos; cada um tinha o seu. Eu o obrigava a posar sentado para mim em todo tipo de situação de sombra ou luz, para desenhar seus traços e preservar no papel sua expressão em carvão. Não fosse Vaska, eu nunca teria me tornado artista. O rosto dele tinha sido meu aprendizado.

— Você fala? — perguntei.

Ele assentiu.

— Com parcimônia, pelo que estou vendo. Qual é o seu nome?

— Vladímir.

Apertei o ombro dele e o garoto franziu o rosto, surpreso com o gesto súbito de afeto. Tinha o mesmo nome que Lênin, um sinal auspicioso.

— Quero ver se você pode me fazer um favor — propus. — Aceita tentar?

Ele assentiu novamente.

— Olhe reto para mim — instruí, depois passei a mão rapidamente bem perto de sua orelha. — Quantos dedos levantei?

Ele me mostrou quatro.

— Muito bem. Você tem um ótimo olho. Um dia, vai poder ser um atirador de elite ou trabalhar como vigia. Vou lhe contar a história do tsar e do quadro. Você conhece?

O raspar da moeda no quarto podia ser o som de folhas farfalhando ao vento; podíamos estar longe dali, numa *datcha*, no campo, com o sol ardendo bem acima de nossa cabeça.

— Não, imagino que nunca tenha escutado. Começa com um jovem que derruba um tsar que era mau e vira o novo tsar. Ele promete aos súditos o fim de todos os problemas se lhe forem obedientes. “E como vai ser esse novo reino?”, perguntam os súditos. O tsar pensa e então encomenda aos pintores da corte um quadro mostrando como será o novo reino.

“No começo, o quadro só tem poucos metros de largura, depois ocupa dezenas de metros e, posteriormente, centenas. Em pouco tempo, alcança quilômetros e quilômetros de largura. É um quadro imenso, entende? E

para ficar pronto precisa de muito material. O linho que serviria para vestir os súditos do tsar é requisitado para a tela. A madeira que construiria casas é requisitada para a moldura.

“Quando os súditos passam frio, o tsar lhes diz para contemplar o quadro e ver os lindos casacos e as lindas peles que logo irão usar. Quando dormem ao ar livre, ele lhes diz para olhar o quadro e ver as lindas casas em que logo irão morar.

“Os súditos obedecem ao tsar. Sabem que, se desviarem os olhos do quadro e virem o que está à sua volta, se enxergarem o mundo tal como é, o tsar os fará desaparecer numa nuvem de fumaça. E logo os súditos ficam congelados ali mesmo, imobilizados, tal qual as imagens que os refletem no quadro.

O menino me olhava com uma expressão entediada. Devia estar acostumado a ouvir histórias melhores. A literatura infantil desperta menos atenção dos censores que a literatura para adultos, então, naturalmente, nossos melhores escritores se concentravam aos montes nesse gênero.

— Quantos dedos levantei? — perguntei.

Ele ergueu três.

Fui deslocando a mão para os extremos de seu campo de visão.

— E agora, quantos?

Ele levantou um.

— E agora?

Ele começou a virar a cabeça, mas o repreendi:

— Olhe para a frente. As pessoas que aparecem numa pintura não podem virar a cabeça para ver quem está atrás delas. Então, você também não pode.

— Não estou vendo quantos dedos. Sua mão está longe demais.

— Exatamente. É lá que está seu pai. Ali, pintado no fundo, atrás da sua cabeça, num lugar que você não tem como ver. Está lá, mas você não tem como se virar para ver.

O som do raspar da moeda tinha cessado havia algum tempo. Quando ergui os olhos, a mãe do menino estava parada na porta do quarto. Voltei para lá atrás dela. As fotos estavam arrumadas sobre a mesa. Em cada uma delas, um único rosto tinha sido raspado com tal violência que era possível ver através do buraco os veios da madeira da mesa. Meus olhos doeram ao ver aquilo, e tive que fechá-los.

— Tire uma fotografia do seu filho todo ano — recomendei. — Se você for presa, ele irá para um orfanato do Estado, sabe-se lá onde. Com uma foto recente, você terá mais chances de encontrá-lo.

Eu já estava na porta quando ela agarrou meu punho e me obrigou a dar meia-volta.

— Não pode ser só isso. Você deve mais ao meu marido.

— É o máximo que posso fazer.

A mão dela estava no meu pescoço. O menino continuava ali sentado, do outro lado da sala, observando tudo com olhos escuros e inexpressivos. O que enxergava quando me via? Você continua a ser o herói da sua própria história até mesmo depois de se tornar o vilão da história de outra pessoa. O peito da mãe pressionou meu antebraço.

— Você é do partido — insistiu ela. — Faça alguma coisa. Transfira a gente para algum lugar.

— Eu corrijo imagens. Só isso.

— Então o que mais a gente pode fazer? Me diga. Quando mandam as crianças para um orfanato, nunca mais as encontramos.

Os olhos dela pareciam teias cor-de-rosa e suas mãos envolveram minhas faces, com os dedos médios encaixados sob minhas orelhas. Havia algo de estranho no calor áspero e denso de seu hálito no meu rosto. Eu não conseguia me lembrar da última vez que alguém tinha respirado em cima de mim, e nem da última vez que me sentira necessário.

— Demonstre sua lealdade — falei baixinho. — Pode ser que funcione. Deu certo para mim.

Ela olhou para o menino, depois pegou minha mão. Passamos por ele e ela me levou até o quarto, até a cama ainda grande demais para dois. Tudo o que eu queria era ir embora, me ver livre daquelas pessoas. Ainda assim, foi um alívio ver que ela era capaz de levar o irmão do falecido marido para o quarto, um alívio saber que o menino poderia sobreviver até se transformar num velho gordo e feliz porque sua mãe, ao contrário de seu pai, compreendia que não é Deus nem tampouco a gravidade, mas sim a clemência do Estado que nos mantém presos à terra.

Soltei minha mão da dela. A mulher se virou, sem saber o que fazer. Inclinei-me em sua direção, para que o menino não nos escutasse da sala.

— Demonstra-se lealdade através da traição. — As palavras só percorreram uma distância equivalente ao comprimento de um dedo

mínimo, entre os meus lábios e o ouvido dela. — Você denuncia alguém que lhe é próximo. Isso eu sei que funciona.

* * *

Dois anos se passaram desde aquela manhã. Um mês atrás o departamento requisitou minha salinha. Um senso de humor perverso, no mínimo, se instalara na cabeça oca do meu chefe: ele designara que eu continuasse nosso importante trabalho num túnel subterrâneo. Dezenas de metros abaixo da terra.

Dei adeus ao céu e desci as escadas. Em meio a lâmpadas fracas, imagino-me cada vez mais contraído à sombra, tornando-me uma figura de Caravaggio. Por mais cedo que eu chegue, os operários já estão lá: instalando trilhos, reforçando o concreto dos túneis, jamais erguendo o olhar desconfiado ao encontro do meu. Atravesso uma nuvem de serragem e, do outro lado, emergo em frente à porta do que virá a ser a sala do chefe da estação.

Máxim, meu assistente, conseguiu chegar antes de mim. A mesa de trabalho já está preparada com bicos de aerógrafo, cilindros de ar comprimido, tinta, trabalhos a fazer em envelopes fechados e pilhas de pastas contendo fotografias para corrigir.

Nossos armários de Jovens Stálin ficam num canto da sala. Contêm fotografias de dez ou vinte anos atrás de nosso *vozhd*. Sempre que possível, inserimos um Jovem Stálin no lugar dos atuais. É essencial transmitirmos ao povo o vigor juvenil de seu idoso governante. Quanto mais nos dedicamos à tarefa, mais precisamos recuar no tempo para encontrar material inédito. Os leitores de certos periódicos podem ficar preocupados ao ver que ele vem rejuvenescendo a cada ano; quando chegar aos setenta, será um adolescente de rosto fino.

— Está atrasado, camarada — comenta Máxim, por falar em adolescentes de rosto fino.

O dia em que nos conhecemos, quando o Departamento de Agitação e Propaganda do Partido o nomeou meu assistente, foi o último em que ele me cumprimentou. Máxim costuma enviar cartas louvando a direção do partido na esperança de que a polícia intercepte, leia e registre essas expressões de lealdade. Não é segredo que ele almeja minha posição.

— Sou velho, camarada — respondo.

Máxim, o jovem bruto, assente.

À hora do almoço, já tínhamos usado o aerógrafo para corrigir três rostos de um retrato do Comitê de Comércio Exterior tirado em 1930, tantas vezes retocado que já se tornara mais uma pintura do que uma foto. Melhor dizendo, nós não; quem fez as correções fui *eu*. Máxim se limitou a soltar fumaça de cigarro e a esboçar um sorriso amargo. Concentrado no rosto em que trabalho com o aerógrafo, ergo o olhar e deparo com Máxim me encarando. O jovem bruto não seria capaz de apagar nem um desenho a lápis.

Almoçamos a sós. Máxim permanece no escritório, sob a claridade das lâmpadas de vapor de mercúrio enquanto eu vagueio pelos túneis. Já caminhei horas por eles, e nunca cheguei ao fim de nenhum. Algum dia, trens hão de transportar pelos meandros desse submundo os cidadãos agradecidos de um paraíso socialista. Então, todo o trabalho que fizemos aqui em nome deles terá se justificado.

Na parte da tarde, dedicamo-nos a uma tela de Isaak Brodski mostrando a chegada de Lênin à estação Finlândia, na cidade então chamada Petrogrado.

— Você reparou na perspectiva, Máxim? Está vendo como todas as linhas de fuga convergem para a boca aberta do camarada Lênin, produzindo a sensação de que a cena é criada pelo que ele diz? É uma técnica que data dos mestres da Renascença. Basta lembrar de *A última ceia* de Leonardo da Vinci.

É tão raro encontrar alguma obra boa.

Máxim franze a testa e faz um gesto na direção do Inimigo Trótski, de pé ao lado de Lênin, alguém que precisamos apagar porque nunca esteve ali.

— Vamos logo — diz ele, como sempre desdenhando de qualquer formalidade. — Já vai levar muito tempo para corrigir esse quadro sem lembrar toda a história da arte ocidental. Seja como for, a pintura devia ter parado em Da Vinci. Em seu apogeu.

Pena. Temo que eu seja um dos últimos artistas corretores de Leningrado que frequentaram a Academia Imperial de Belas Artes antes da Revolução. A nova linhagem, filisteus como Máxim, formou-se em escolas onde as crianças aprendem a espalhar com o dedo cinzas diluídas em água para cobrir o rosto dos inimigos políticos. Aprendem a censurar

antes de escrever. Nunca lhes ensinaram a criar o que agora destroem, e não têm uma ideia muito precisa do que estão sacrificando.

Em julho passado tive a oportunidade de corrigir um dos meus próprios quadros, uma cena da Revolução de Outubro pintada a óleo uma década atrás, em 1927. Em meio a um fervoroso levante proletário, cometi o erro de incluir as figuras de Grigori Zinoviev e Lev Kamenev, que não podiam estar presentes, não depois de um julgamento público recente ter provado que eram traidores. Substituí nossos vilões por nosso herói; Stálin estava lá, está lá, é onipresente. Além disso, percebi outros pequenos erros — ligeiras deformações de perspectiva, um choupo mal desenhado, um céu noturno estéril e inexpressivo —, aspectos que, mesmo sem me pedirem, decidi corrigir. Gastei duas semanas na tarefa que devia ter levado uma tarde. É tão raro termos uma segunda chance.

Máxim põe uma nova fotografia na mesa.

Nela, uma bailarina paira acima do palco do Mariinski. O braço esquerdo se ergue dentro do feixe de luz de um refletor invisível. Uma coroa de plumas adorna seus cabelos negros. Os dedos grossos de um homem a seguram pela cintura. Ele a está levantando ou jogando-a para cima, ou carregando-a ou amparando sua queda. Na foto, tirada dos bastidores, aparecem as cinco primeiras fileiras de espectadores.

— Quem é?

Máxim dá de ombros. A mulher não é ninguém. O simples fato de termos recebido sua foto é prova de que não dança mais.

Mas na fotografia ela ainda usa tutu e meia-calça, a plateia lota os assentos do teatro, em seu camarim há rosas num vaso e champanhe no gelo. Ainda tem uma carreira. Uma casa. Um diploma. Uma certidão de nascimento.

Eu sei que devia estar ajustando o aerógrafo, aproximando seu bico do rosto maquiado da bailarina, mas ela lembra tanto a mulher do meu irmão — é ridículo, eu sei — que apagá-la parece o mesmo que desferir um gesto de crueldade contra ela, contra aquela folha de papel, contra a tinta do aerógrafo, contra qualquer mão que possa voltar a segurar essa foto, a qualquer olho que jamais venha a fitá-la.

Nada parecido havia acontecido comigo antes, juro. Espero que a sensação passe. Máxim deve ter reparado em minha expressão e pergunta se estou me sentindo mal.

— Tonto — respondo. — Um pouco zozzo.

— Devia almoçar direito em vez de ficar vagando pelos túneis — diz ele, e sugere que deixemos a bailarina para o dia seguinte.

Quando finalmente subo os degraus de madeira de volta ao nível da rua, o sol poente lembra uma moeda acobreada no horizonte. Estamos no final de outubro e o inverno se aproxima. Em pouco tempo a noite envolverá a terra e toda Leningrado se transformará num túnel que percorro a pé.

Palácios em tom pastel ladeiam o rio Neva, projetados por Francesco Bartolomeo Rastrelli ou por aqueles que depois viriam a imitá-lo; esqueci quais são os autênticos e quais são os falsificados. Rastrelli morreu aqui em 1771 e é possível ver os acréscimos posteriores à sua morte, aleias ampliadas, garagens, antenas, janelas gradeadas, portas de ferro. Será que essas mudanças arquitetônicas prejudicam a visão original de Rastrelli, ou teria ele, também como artífice da corte, entendido que, a exemplo de nossas políticas, moralidades e convicções, a arte que criamos também se subordina aos ditames do poder?

Um cartaz exclama: MULHERES, NÃO SEJAM IDIOTAS, PARTICIPEM DO ESPORTE! Outro exhibe um homem de olhos vendados prestes a cair de um precipício: OS ANALFABETOS SÃO CEGOS QUE PENSAM ENXERGAR!

Meus óculos embaçam assim que entro em meu apartamento. Procuro algum vestígio de calor da estufa. Um imigrante polonês inventou o radiador bem aqui nesta rua há uns oitenta anos; ainda estou esperando receber o meu. Quando fui promovido, cinco anos atrás, um grupo de subalternos, em número suficiente para formar um time de futebol, vasculhou meu apartamento, confiscando qualquer imagem que tivesse meu rosto. Por precaução, explicaram-me.

Minhas paredes estão vazias, exceto por um retrato de nosso *vozhda*, Stálin. No retrato com efeito de vinheta, o rosto de Stálin parece pairar livremente em meio a uma luz aveludada, como um santo ou um salvador numa antiga imagem sacra. Se o paraíso só é possível aqui na Terra, Deus só pode ser humano.

Viro o retrato. No verso, pintei um dos felinos de Henri Rousseau, um clarão dourado coberto de manchas espiando por trás de folhas muito verdes. Uma sensação de pertencimento escapa de mim num suspiro. Agora estou em casa.

* * *

Na minha geração, o cargo de artista corretor é um prêmio de consolação para pintores fracassados. Frequentei a Academia Imperial de Belas Artes por um ano, e lá produzi naturezas-mortas com fruteiras e vasos de flores, cada miniatura tão realista quanto uma fotografia, antes de me dedicar ao gênero do retrato, minha vocação, a mais perfeita das artes. O retratista deve reconhecer a complexidade humana a cada pincelada. Os olhos, o nariz e a boca que compõem o rosto de um modelo, tal como a dor e a alegria que compõem sua alma, são semelhantes aos de dez milhões de outras pessoas, mas, ainda assim, singulares. E é nesse reconhecimento que começa a arte. Pode ser também onde começa a compaixão. Se antes de perpetrarem seus crimes os criminosos desenhassem o rosto de suas vítimas e os juízes desenhassem o rosto dos culpados antes de sentenciá-los, carrascos não teriam vítimas cujas faces desenhar.

“A arte existe para que a realidade não nos destrua”, escreveu Nietzsche numa citação que eu mantinha presa à minha bancada de trabalho. Mesmo quando ainda era estudante, eu já sabia que a arte pode nos matar com a mesma facilidade de qualquer outro meio de coerção. Claro que alguns visionários tratavam as palavras de Nietzsche como um decreto e não como ironia, mas hoje estão todos mortos ou encarcerados, e suas obras têm chances bem menores do que as minhas de um dia figurar nas paredes do Hermitage. Depois da Revolução, igrejas foram saqueadas, relíquias destruídas, obras de valor incalculável vendidas no exterior em troca de maquinário industrial; fiz parte disso, no começo a contragosto, destruindo ícones enquanto sonhava em fazer retratos, àquela altura já tanto criador quanto removedor de rostos.

Logo fui abordado pelos órgãos de segurança, que me ofereceram um emprego. Quem não faz sucesso, ensina. Quem não sabe ensinar, censura o sucesso alheio. Ainda assim, eu podia ter me saído pior; dizem que o chanceler da Alemanha também é um artista frustrado.

A maior parte da censura, claro, é feita por editores de livros e periódicos. Alguns cortes, reformulações e ajustes das margens podem eliminar muitos elementos indesejáveis. Mas isso tem limitações óbvias. As marcas nas bochechas de Stálin, por exemplo. Para consertá-las, é preciso cortar sua cabeça inteira, crime pelo qual a do próprio autor da correção também poderia ser decepada. Costumo ser designado para tarefas delicadas como essa. Por um penoso período de quatro meses, limitei-me a retocar as bochechas de Stálin com o aerógrafo.

Quando comecei a trabalhar no departamento, não me confiavam tarefas tão delicadas. No primeiro ano, percorri as estantes de inúmeras bibliotecas com a edição mais recente e ampliada da *Lista consolidada dos livros excluídos das bibliotecas e da rede de comércio livreiro*, à procura de imagens de autoridades que recentemente haviam caído em desgraça. Era uma tarefa que deveria caber a um bibliotecário, é claro, mas não se pode confiar em gente que lê tanto.

Encontrei imagens ofensivas em livros, jornais antigos, panfletos, quadros e fotografias soltas, fossem retratos posados ou em meio à multidão. A maioria podia ser removida, mas certas imagens censuradas tinham de permanecer para servir de aviso. Para estas, a resposta era a obliteração a base de nanquim. Uma suave inclinação do frasco, uma leve pressão no conta-gotas, e o rosto caído em desgraça se afogava numa lustrosa poça negra.

Só tive uma única oportunidade de testemunhar o verdadeiro poder do meu trabalho. Na sala de leitura da biblioteca da Universidade Estatal de Leningrado, que eu visitava com frequência para examinar grandes pastas recheadas de imagens pré-revolucionárias, vi um rapaz vestindo um *caban* e folheando um volume que reunia revistas encadernadas. Ele folheou a edição de agosto de 1926 até chegar à foto de um grupo de cadetes. Formavam três fileiras austeras, 93 rostos no total, entre eles 62 que eu tinha, um a um, apagado ao longo de dois anos.

Até hoje não sei qual desses 62 ele procurava, ou se o que desejava encontrar estava entre os 31 rostos ainda a salvo do nanquim. Seus ombros tombaram para a frente. A mão agarrou a borda da mesa em busca de apoio. Algo se partiu por trás de seus grandes olhos castanhos. O ar lhe faltou antes de sufocar um grito com o punho cerrado.

Com poucas gotas de tinta, eu infligira àquela alma uma violência mais intensa do que qualquer efeito que conseguira com os retratos que fizera com o maior carinho. Para que a arte seja o cinzel a quebrar o mármore em nós, o artista precisa antes de tudo ser o martelo.

* * *

— Chega de ficar à toa — diz Máxim. — Hoje vamos corrigir a bailarina.

— Você é ansioso demais, Máxim. A ambição pessoal não condiz com a postura de um socialista.

Máxim emite um grunhido. Talvez ele seja a prova científica mais cabal de que o homem descende do macaco.

Poucos dias se passaram desde que tínhamos recebido a fotografia da bailarina caída em desgraça. Minha esperança era de que acabasse ignorada em meio ao fluxo de tantas outras imagens a censurar. Nossa antessala é um labirinto de caixas que já chega à altura dos ombros e que vem ganhando mais altura a cada dia. Melhor não levar a ideia à sua conclusão natural.

Máxim prepara a fotografia em cima da mesa. A mulher do meu irmão não é bailarina. Não é ela na foto. Não devo nada a essa pessoa. É uma inimiga, uma não pessoa, nem sequer estava lá. Já apaguei Trótski tantas vezes com o aerógrafo que conheço cada postura e cada gesto dele, conheço o homem com a familiaridade de um parente e nunca senti qualquer remorso. Diante da ideia de apagar somente aquela desconhecida, porém, algo em mim se afunda numa esfera oca de tristeza.

Melhor se recompor, amigo.

— Posso usar seu isqueiro? — pergunta Máxim, segurando um cigarro.

Eu lhe passo o isqueiro e ele acende o cigarro sem tirar os olhos de mim.

Ele prepara o aerógrafo e eu prendo no bico um cartucho de tinta cinza. Por trás de breves nuvens de fumaça, ele observa enquanto removo o palco sob as pernas da bailarina caída em desgraça e também o rosto dos espectadores pairando sobre seu torso esguio. Ela está caindo, concluo, nas mãos de seu *partenaire*. Não olha para a plateia, mas para a câmera no fundo do palco, através do diafragma aberto, me fitando diretamente enquanto apago seus olhos, seu espectador final.

Fazer uma figura desaparecer no plano de fundo requer grande senso artístico e uma percepção visual apurada. Com uma lente de aumento e um pincel muito fino, removo sua cintura dos sulcos que parecem se expandir entre os dedos afastados de seu *partenaire*. Uso o aerógrafo para cobrir seus braços até restar apenas a mão esquerda, realçada pela luz dos refletores, como uma luva soprada pelo vento que dança com um homem solitário, e a deixo ali enquanto termino o trabalho.

Alguns momentos são de intenso prazer criativo: a perna direita da bailarina encobre o rosto de um adolescente da primeira fila, e no lugar

dele pinto um retrato de meu irmão, Vaska, quando tinha aquela idade no estilo dos que figuravam em selos postais. Ao longo dos últimos dois anos, inseri o rosto dele em centenas de fotografias e quadros. Jovens Vaskas. Vaskas velhos. Vaskas nas multidões que acompanham os discursos de Lênin. Vaskas trabalhando nos campos e nas fábricas. Vaska está nas paredes de tribunais, ministérios, escolas, prisões, até mesmo do quartel-general da NKVD, onde quem olhar de perto poderá vê-lo fitando Ievgeni Tuchkhov, o homem responsável por seu desaparecimento.

Se eu tenho medo de ser flagrado? Ora. Meus superiores estão preocupados demais com quem remove das imagens para notar quem eu incluo.

A mão esquerda da bailarina ainda flutua no ar. Minha decisão é sentida antes de ser propriamente tomada. Deixo de lado o aerógrafo como alguém que pousa o garfo ao se sentir enjoado. Vou deixar a mão da dançarina ali onde está, onde precisa estar, bem ali, só a mão livre acenando por socorro, acenando adeus, aplaudindo ninguém, uma única mão que poderia ter segurado meu pescoço enquanto uma voz em meu ouvido pedia socorro.

Enfio a fotografia corrigida numa pilha com meia dúzia de outras. Máxim as folheia enquanto limpo o aerógrafo com um pedaço de pano oleado. Ele dá um grunhido. Terá notado?

— Está tudo bem, camarada? — pergunto, incapaz de conter o tremor na voz.

Ele me dá um sorriso caloroso. Presas de fumaça escapam de suas narinas.

— Só estava admirando o seu trabalho. É tão fácil não dar a devida importância à beleza do que fazemos, não é?

Passamos a tarde dando conta da caixa mais recente. Enquanto Máxim seguia para a antessala arrastando os pés, removi da pilha a fotografia da dançarina. É algo irracional, um gesto louco e instintivo, mas e se alguém perceber aquela mão pairando no ar? Serei castigado pelo descuido?

Máxim volta à sala antes que eu possa corrigir ou devolver a foto à pilha, então a esconde no colo.

— Você está bem, camarada? — pergunta ele. — Parece febril.

Enxugo a testa com a manga da camisa.

— Deve ser tempo demais debaixo da terra.

Máxim assente e sugere que encerremos mais cedo por hoje. Concorde, sentindo-me grato. Sem saber o que fazer, dobro a fotografia e a guardo no bolso do meu sobretudo. Já tinha percorrido uns dez passos pelo túnel quando ele me chama:

— Camarada, acho que você esqueceu uma coisa.

A febre de que ele suspeitara de repente se torna real. Não há desculpa para deixar aquele lugar levando uma fotografia. A suspeita que isso produz faz do ato um crime capital. Eu me apoio no batente da porta.

— Pois não, camarada? — consigo dizer.

Máxim me fita. Ele sabe. Ele sabe.

— Você está ficando esquecido, camarada — diz ele, e me estende meu isqueiro prateado.

* * *

Quando crianças, nos anos anteriores à Revolução, meu irmão e eu brincávamos de monarquistas e revolucionários, trocando de papéis várias vezes até a hora do jantar. À noite, dávamos batidinhas na parede que separava nossos quartos usando um código de prisioneiros inventado pelos dezembristas. O código dispunha o alfabeto numa tabela de cinco linhas por seis colunas. Cada letra era representada pelo número de batidas correspondente a sua linha e sua coluna. Escrevíamos com som numa parede que não nos separava mais do que uma carta separa o remetente do destinatário.

Quando chegamos à idade de tolamente julgar que éramos homens feitos, eu já havia me convertido ao bolchevismo. Vaska encontrara consolo na Igreja Ortodoxa. Idolatrávamos os mártires mortos de nossas respectivas causas. Certa noite, meus camaradas deram uma surra em Vaska com tal ferocidade que ele quase se juntou à lista de homens que deram a vida pelo que acreditavam. Seu olho esquerdo inchou a ponto de não abrir e seu nariz estava torcido num ângulo pavoroso quando ele chegou à cozinha da minha avó. Segurei as mãos dele. Apenas os nós de seus dedos não estavam machucados.

— Você precisa sair correndo quando eles vierem atrás de você — falei.

— Não, preciso ficar parado — respondeu ele, me fitando.

— Então ao menos resista. Isso é vergonhoso.

Ele se debruçou para a frente, mostrando o rosto arrebitado como prova.

— Você acha que isso é vergonhoso *para mim*? — indagou ele.

Foi a última vez que nos falamos. Por muitos anos depois disso, eu julgava saber tão pouco sobre a vida dele que jamais poderia traí-lo.

Em agosto de 1931, agentes da OGPU, o Diretório Político Unificado do Estado, me contaram que Vasili Markin seria preso em, no máximo, duas semanas, acusado de radicalismo religioso. Disseram que meu irmão era casado, que sua mulher estava grávida. Deram-me o seu endereço. Era um teste. Deve ter sido. Tanta coisa se perdia na comunicação entre os *raions* que, tivesse eu avisado Vaska e ele fugisse de Leningrado, ainda poderia estar vivo. Tivesse eu agido assim, tivessem os agentes invadido seu apartamento no início da manhã e descoberto que partira, teriam vindo atrás de mim; e acredito nisso, tenho que acreditar, porque se começo a especular, se começo a pensar que talvez tenham me informado de sua prisão apenas por cortesia profissional, para que eu *pudesse* avisar Vaska, se começo a pensar... todos os caminhos nessa direção levam às trevas.

Naquele mês de outubro, depois da prisão, do julgamento e da execução, os agentes tornaram a aparecer com um envelope de papel pardo.

— Sente-se, Cidadão — falou o veterano entre eles, indicando com um gesto o meu divã, onde eu havia acabado de comer sobremesa.

Segui o caminho que ele me indicava com a mão estendida, de repente transformando-me em convidado na minha própria casa.

Os agentes se instalaram um de cada lado, dando a impressão de que meu divã era o banco traseiro de um carro de polícia. O agente mais velho abriu então o envelope e empurrou pelo tampo manchado da mesa de centro uma fotografia na minha direção. Se me faltou ar foi por choque, terror, alguma coisa obscura que se rasgava dentro de mim e que pode ter sido a dor do surgimento do remorso. Só naquele ano eu já tinha corrigido milhares de fotografias, mas nenhuma que eu reconhecesse, nenhuma na qual eu mesmo estivesse presente.

O retrato que o agente me mostrava havia sido tirado em 1906, numa quarta-feira. Meu pai, dono de um armarinho, tinha fechado a loja naquela manhã. Era um homem respeitado, pelo menos no círculo do comércio de tecidos e aviamentos, e construíra sua reputação por conta de um *kokoshnik* com uma trama de pérolas, que transformara uma condessa nada importante em assunto da noite do salão de baile do Palácio de

Inverno. Minha mãe era responsável pela contabilidade, pelo controle do estoque e pela contratação de costureiras, ou seja, por praticamente tudo, pensava ela, menos colocar o chapéu na cabeça do cliente. Ela crescera comendo apenas batatas e fazia tudo o que podia para que os filhos crescessem comendo carne.

Colocamos nossas melhores roupas naquela quarta-feira de 1906 e pegamos o trem de Pavlovsk a São Petersburgo para irmos ao estúdio do fotógrafo. Tinha sido ideia da nossa mãe, como a maioria das boas ideias. Um retrato, tirado por uma câmera e não pintado à mão, podia transmitir numa única imagem todo o otimismo esperançoso que ela encarnara a vida toda. Plumas de pavão se aninhavam na cabeça de minha mãe. Na fotografia, são de um cinza que lembra a água suja ao se lavar a louça. Estou postado diante dela com um sorriso débil. E nem o nó apertado da gravata estrangulava minha animação de sair numa fotografia. Ao meu lado, ostentando gravata e sorriso idênticos aos meus, com o cabelo desgrehado grosseiramente escovado, o rosto largo culminando num nariz delgado, meu irmão está rigidamente postado de pé, olhando através da lente, através do tempo, diretamente para os meus olhos enquanto no divã os agentes que o tinham executado me cercavam.

Depois de sairmos do estúdio do fotógrafo, meus pais tinham nos levado ao Jardim Zoológico de Leningrado. Havia sido uma década terrível para o zoológico — boa parte de seu terreno fora abandonada e muitas das jaulas estavam vazias —, mas eu era apenas uma criança e não entendia o que significavam aquelas gaiolas desocupadas. Os animais que ainda viviam lá foram uma revelação. Nunca antes eu tinha visto um animal maior do que uma vaca leiteira, ou mais feroz do que um cão faminto. Quem poderia imaginar uma criatura tão estranha e melancólica quanto uma girafa? Mas de todos os bichos que vimos naquela tarde, o leopardo é do que me lembro com maior clareza. O corpo esbelto e gracioso, os membros relaxados. As narinas emitindo finos triângulos de vapor. As garras tamborilando mensagens em código no piso de concreto. Os olhos só pupila. Cada um dos passos se desenrolando em um movimento que ia até a espinha dorsal. Uma criatura inimaginável diante da qual Vaska e eu primeiro ficamos pasmos, e para a qual em seguida jogamos migalhas de pão.

— O senhor certamente reconhece quem é — disse o agente mais velho, indicando Vaska no retrato. — Imagino que saiba quem precisa corrigir.

Eu havia acabado de passar do nanquim para o aerógrafo. Já não bastava mais apagar o rosto dos traidores; a máscara de tinta indicava que um traidor *podia* existir, afirmação que logo se transformava em um ato de traição. A História é o erro que estamos perpetuamente corrigindo.

O agente me conduziu até minha bancada de trabalho.

— Preciso cuidar disso agora? — perguntei.

— O trabalho de construção do socialismo nunca para. Não admite folga. — Ele franziu a testa para a sobremesa na mesa. — Não come compota de ameixa.

Alisei a fotografia, recarreguei o aerógrafo de tinta como se pusesse uma bala num revólver. Com a paciência de um miniaturista otomano, corriji meu irmão. Comecei por seus sapatos de couro preto, dissolvendo-os aos poucos no chão onde pisavam. Em seguida, cobri suas meias e calça. Nosso pai estava de pé atrás dele, e com movimentos lentos e suaves aerografei a calça que nosso pai vestia sobre o rosto do meu irmão, dando assim a impressão de que não estava apagando Vaska, mas sim o vestindo com as roupas de nosso pai, roupas que poderiam abrigá-lo e aquecê-lo, colando sua pele à de nosso pai. Lembrei-me de como o desenhava quando éramos crianças, pagando com doces para que posasse para mim quando ele estava com raiva, choroso, exausto, contrito, misericordioso ou alegre. Os momentos em que conseguia transferir algo da essência de sua alma do lápis ao papel eram os que me faziam sentir mais próximo dele.

Quando o rosto do meu irmão fundiu-se à camisa social de meu pai, olhei para o garoto de pé ao lado dele e imaginei como me julgava ao encarar o futuro através da lente, ao deparar com o olhar do homem em que se transformara. E então entendi, inquestionavelmente, que eu estava selado ao Estado, que minha fé se tornara inabalável, minha lealdade impecável, porque se aquilo fosse errado, se estivéssemos fazendo *aquilo* em vão, nem toda a água do mar Báltico daria conta de nos limpar.

Passei a fotografia corrigida para o agente assim que terminei. Ele não tirara os olhos de mim em momento algum.

— Sabe o que estão dizendo a seu respeito? — perguntou ele, erguendo a fotografia para apreciá-la sob uma luz melhor.

— O quê? — perguntei.

— Que é preciso menos talento para dragar um rosto do esquecimento do que para lançá-lo de volta. Nesse sentido, o senhor é uma espécie de

gênio.

* * *

Passaram-se três semanas desde que corrigi a bailarina. Tentei várias vezes apagar a mão e devolver a imagem à pasta, mas os olhos vigilantes de Máxim nunca se afastam de mim, não tenho como retirar o aerógrafo da nossa sala de trabalho e, além disso, o arquivo já foi devolvido ao quartel-general da NKVD.

Nada havia sido dito sobre a fotografia desaparecida e, diante do dilúvio de imagens incorretas, o mais provável é que tenha sido ignorada e esquecida. Mas alguma coisa *está* acontecendo. Nas ruas, todos mantêm os olhos fixos no calçamento, com medo de falar ou olhar em volta. Certa noite, em um restaurante, peguei meu caderno para esboçar o desenho de um velho debruçado sobre sua tigela de sopa. Em dois minutos, todas as pessoas sentadas à mesa do velho haviam se retirado em silêncio. Esta semana, acordei duas vezes ao som de invasões policiais no andar abaixo do meu; a NKVD opera à noite, como é típico dos assassinos. As caixas empilhadas contendo imagens incorretas não param de crescer, ameaçando desabar e nos esmagar enquanto trabalhamos. Pergunto a Máxim o que ele tem ouvido.

— Dizem que os órgãos de segurança descobriram uma rede de espionagem polaco-diversionista.

— Admiro a vigilância da nossa polícia de Estado — comento.

Que alívio. Não sou polonês. Não tenho parentes nem amigos poloneses.

— Os únicos produtos de exportação da Polônia são sabotadores e *kielbasa*, a linguiça defumada deles — diz Máxim, piscando. — Dos sabotadores, cuida a NKVD, mas você e eu devíamos dar cabo de uma *kielbasa*!

— Não tenho o menor apetite para linguiças estrangeiras. Se você tornar a me falar de embutidos poloneses, vou ter que denunciá-lo às autoridades.

O sorriso de Máxim se desfaz e a dor da surpresa toma conta de seus olhos.

Trabalhamos. Nas últimas semanas, Máxim vem mostrando algum interesse pela mecânica do uso do aerógrafo, chegando a me pedir que lhe explicasse perspectiva linear e minhas teorias sobre como mesclar um

sujeito ao plano de fundo. Para meu orgulho e desalento, ele vem adquirindo alguma habilidade. A luz do socialismo brilha com força suficiente para iluminar até sua alma embrutecida.

Da nossa sala, ouvimos o tique-taque das picaretas, as engrenagens de máquinas imensas que avançam. A construção nunca para. Trabalhando em turnos de doze horas, as equipes escavam o leito rochoso, removem destroços, constroem as paredes dos túneis, dispõem trilhos e dormentes. Ao ritmo atual, todo o sistema de metrô há de ficar pronto antes de terminarmos o nosso trabalho. Quando Máxim e eu paramos para o almoço, vagueio pelos túneis escuros. A cada dia digo para mim mesmo que preciso ir mais longe, mas na escuridão, tendo como unidade de medida apenas meus próprios passos, a distância se transforma num conceito cada vez mais fútil. Duvido que algum dia eu chegue ao fim.

Quando volto, encontro Máxim radiante.

— Finalmente consegui um encontro com certa secretária de olhos azuis do Instituto de Novos Metais para hoje à noite. Faz meses que venho tentando.

— Hoje vamos trabalhar até mais tarde.

— Mas você disse que hoje eu podia ir embora mais cedo.

— Surgiram imprevistos.

— Mas...

— A obra do socialismo não para por conta de secretárias, independentemente da cor dos seus olhos.

Pobre Máxim. Seu tormento é uma das poucas indulgências que me permito.

Às dez horas da noite, emergo numa noite negra como piche. Chegou dezembro. Se eu mantiver meu atual ritmo de trabalho, só torno a ver o sol em abril.

Minha faxineira deixou comida no fogão, mas me sirvo apenas de um copo de conhaque de ameixa e me refugio na sala. Ponho um disco no gramofone e desabo no reconfortante espaço entre a segunda e a terceira almofadas do divã. Retiro da perna oca da mesinha de centro a fotografia enrolada da bailarina. Apenas aquela mão à luz dos refletores e, mais abaixo, seu *partenaire* dançando sozinho no palco. Tiro meus óculos e os coloco sobre a mesinha lateral. Como cubos de gelo derretendo num copo, as peças da mobília vão perdendo seus contornos e me aninho nas almofadas, tomando goles da bebida enquanto as notas estalam no

gramofone, e me sinto bem, libertado do peso da visão, e quando um oboé oscilante começa a soar imagino a bailarina no palco, inteira, e estendo a mão, mas não consigo ver além do meu punho, enxergo apenas um borrão flutuante que poderia ser tanto dela como meu.

Em meu sonho, vagueio por intermináveis túneis ferroviários carregando um aerógrafo e um frasco de nanquim. Está escuro; encontro a parede do túnel pelo tato, mergulho o bico do aerógrafo na tinta e o aponto para o concreto.

* * *

Dois anos atrás: Depois que deixei a mulher e o filho do meu irmão, fui trabalhar.

Na minha mesa, havia uma cena pastoral do século XIX produzida pelo pintor checheno Piotr Zakharov-Tchetchenets, talvez a obra mais desinteressante de seu *catalogue raisonné*. Um pasto vazio à luz do fim do dia se estende até o cume de uma montanha, no primeiro terço da tela. Um muro de pedra branca corta uma diagonal serena através do campo. Uma *datcha*, um poço e uma horta que se estende até metade da encosta, com o primeiro plano à sombra. Não há sinal de vida ou movimento, nem mesmo uma cabra perdida.

Eu estava com essa tela havia mais de um mês, adiando minha tarefa de inserir nela, em primeiro plano, o chefe do partido em Grózni. Admitir que eu era capaz de aprimorar qualquer obra do Realismo Socialista diz menos sobre a condição em que se encontra meu ego e mais sobre a condição em que se encontra a arte contemporânea. Acaso fosse um mestre do século XIX, seria uma história diferente.

Quando pinte o líder do partido, no tamanho de um soldadinho de chumbo, dei-lhe o rosto de Vaska; ou de como Vaska seria caso tivesse se transformado num figurão rechonchudo do partido. O melhor que algum praticante do meu ofício pode fazer é converter a imagem em memória, a luz em sombra, mas as pinceladas que eu apagava eram repintadas em mim, e percebi que antes de ser um artista da correção, um funcionário da propaganda, um cidadão soviético, antes mesmo de ser um homem, eu era uma vida póstuma para as imagens que tinha destruído.

Naquela manhã, as últimas imagens do rosto de Vaska haviam sido raspadas e aniquiladas com uma moeda de um rublo.

Naquela tarde, comecei a pintá-lo em tudo.

Num primeiro momento, tive a certeza de que seria flagrado. Nos prédios públicos, passava diante das paisagens corrigidas com a palpitante certeza de que todo mundo reconhecia o rosto de Vaska destacado no fundo. Ninguém reconhecia. Era como aquele conto de fadas bobo que eu contara ao filho do meu irmão; ele estaria a salvo no plano de fundo, fora da vista de quem poderia fazer-lhe mal. E continuei a incluí-lo em todas as imagens que podia, com todas as idades e até mesmo, ou especialmente, Vaska velho. Mas as contas nunca iriam fechar e os Vaskas acrescidos às obras de arte jamais compensariam o Vaska subtraído à vida. Contudo, o ato de multiplicar meu irmão, de tornar a vê-lo a cada dia, de ver quem ele era e o que poderia ter se tornado, a ideia de que eu de fato poderia ter me transformado num retratista, tornava o resto do meu trabalho suportável.

Minha obra nunca foi original a ponto de ser exposta nem mesmo num café qualquer. Hoje, minhas miniaturas de Vaska estão por toda parte: ouvi dizer que uma delas chegou até os aposentos de Stálin.

Mantive a tela de Zakharov pendurada em minha sala de trabalho por vários dias antes de tirá-la e despachá-la de volta para Grózni. Nunca soube o que foi feito dela.

* * *

Um barulho de vidro estilhaçando me desperta. Estendo a mão para alcançar os óculos, mas eles não estão na mesa de cabeceira. Não há mesa de cabeceira. Adormeci no divã. Antes que possa me levantar, mãos me seguram e me atiram de cara no chão. Um joelho pressiona a minha coluna e sou imobilizado, sem conseguir respirar. Faço força para dizer que não vou tentar fugir, só estou tentando respirar, mas o joelho aumenta a pressão, alojando-se entre as minhas vértebras.

— Meus óculos — murmuro, quando me põem de pé.

A resposta é o barulho de vidro sendo moído por um sapato.

— Eu não enxergo.

Se o homem me ouviu, não se deixou afetar.

— O que é isso? — pergunta outro agente, exibindo uma imagem cinzenta diante dos meus olhos.

A dançarina, concluo. Devo ter adormecido com a foto bem visível na mesa de centro. No momento seguinte ele enfia em minhas mãos a moldura que exhibe o retrato de Stálin de um lado e o felino selvagem de Rousseau do outro.

— Tem mais de um lado — admira-se o agente.

— É verdade — diz o primeiro. — E, tal qual esse quadro estava na parede, ele irá para o paredão.

No corredor, um terceiro agente estende uma fita vermelha de contornos borrados — provavelmente um selo de segurança oficial do Estado — vedando o que deve ser minha porta fechada. Conduzem-me escada abaixo e me enfiam no banco traseiro de um carro estacionado à nossa espera. As salas de interrogatório do Shpalerka estavam repletas havia semanas. Só podemos estar a caminho do Kresty.

Por meia hora percorremos as ruas a esmo, cruzando meia cidade até chegar à prisão de tijolos vermelhos do outro lado do Neva e visível do meu apartamento. Os agentes me conduzem por uma série de portas e depois vão embora. Alguém segura os meus dedos, pressiona suas pontas contra uma almofada úmida, depois numa folha de papel, e me diz para tocar piano. Então sou levado para outra sala, onde me entregam uma placa para segurar. Uma lâmpada de flash dispara, o obturador de uma câmera abre e fecha.

— De que estou sendo acusado? — pergunto repetidas vezes, em vão.

Estou lidando com funcionários de nível inferior, para quem eu não sou nada. O fato de ter sido preso já me condena, todo mundo sabe disso; se sou suspeito, já sou um traidor, e os traidores se transformam em prisioneiros, que se transformam em cadáveres, e os cadáveres se transformam em números. O contingente tinha assumido meu nome e minha voz, por que dignificar minha pergunta com uma resposta?

O homem que me revista desloca meus braços e minhas pernas como se eu fosse uma cama desmontável. Ele me revista entre os dedos dos pés, debaixo do prepúcio, dentro dos ouvidos, por trás das pálpebras. Revista minha boca à procura de dentes ocultos, cutuca minhas narinas com sua caneta, tudo com o descuido grosseiro de quem cumpre ordens. Suspira e resmunga, como se aquela cena corrompesse apenas a sua própria dignidade.

Quando ele dá por encerrada a revista, recebo permissão para me vestir. Ao terminar, ele desata meus sapatos e remove os cadarços, desfaz meu cinto e o puxa para fora dos ilhoses.

— O que é isso? — pergunto.

Em resposta, ele passa uma lâmina de alto a baixo pela frente da minha camisa. Os botões tilintam no piso. Ele recolhe todos, em seguida corta o elástico da cintura das minhas ceroulas.

— O que é isso? — torno a perguntar, com mais urgência.

— O suicídio é o ato final de sabotagem do inimigo — responde o homem enquanto sai da sala.

Meus sapatos se soltam dos pés, a calça cai da cintura, minha camisa pende aberta.

— Como é que alguém se mata com uma ceroula? — grito, mas a porta já se fechou.

Uma das minhas mãos mantém a camisa fechada, enquanto a outra segura calça e ceroulas. Caminho a passos curtos e cautelosos em meio à penumbra cinzenta e descubro que a sala está vazia, exceto por dois bancos e uma mesa. Será que Vaska foi conduzido a uma sala parecida no Kresty? A uma sala idêntica? Àquela mesma sala? Não está certo: devia haver meia dúzia de prisioneiros aqui, ou o dobro, se os boatos da superlotação do presídio tivessem ao menos algum fundo de verdade. Não sou especial, na verdade sou ninguém.

Ouçoo passos de duas pessoas entrando. Mãos fortes me levantam pelas axilas e me conduzem até um dos bancos.

— Qual é o problema dele? É cego? Qual é o seu problema? — pergunta para mim uma voz do outro lado da mesa.

Por onde começo?

Por nove horas seguidas, o interrogador me faz as mesmas perguntas. *Quando foi seu primeiro contato com a bailarina? O que significa aquela mão separada do corpo? Com que outros espiões poloneses você mantém contato?* Giramos num carrossel grotesco — ele faz e refaz as mesmas acusações, eu repito as mesmas negativas —, cada um confundindo as voltas que descrevemos com a ideia de fazer algum progresso.

— Não conheço a bailarina. A mão dela foi um erro no final de um longo dia de trabalho. Apenas um erro e eu trouxe a fotografia para casa para encobrir o meu equívoco.

Estou exausto e com sede. O interrogador me promete cama e água, uma refeição de cinco pratos, minha liberdade, o mundo e mais uma garrafa de vodca se eu confessar a verdade.

— Mas já contei toda a verdade!

O interrogador suspira, sua decepção palpável. No silêncio, imagino que esteja franzindo a testa para seus papéis, com uma frustração que espelha fielmente a minha.

— Vamos continuar amanhã — diz ele.

Peço um travesseiro e um cobertor, mas o guarda ri e me põe de pé. Se tento me sentar, ele me dá um pontapé. Se me apoio na parede, ele me dá um pontapé.

— Que horas são? — pergunto.

Ele me dá um pontapé. Eu tinha imaginado laboratórios de aço, indústrias da dor, o zumbido de ferramentas capazes de atingir a raiz de qualquer nervo. Sede, privação de sono, alguns pontapés de um guarda entediado; parecia um processo tão arcaico. Ainda assim, eficiente. Meus pés incham dentro dos sapatos sem cadarço. Quando começo a adormecer, relaxo as mãos e a calça e ceroulas desabam no chão. O guarda, naturalmente, me dá um pontapé. E tudo se repete. Rodadas de horas em pé sem dormir, pontuadas pelo coturno do guarda, seguidas de interrogatório. Os interrogadores do Kresty não têm nenhuma prova contra mim, por isso irão me espancar até que eu próprio me incrimine. Mas eles não precisam de provas. Podem inventar o que quiserem.

Três sessões de interrogatório passam e o interrogador começa a me implorar uma confissão.

É uma coisa absurda e estranhamente comovente. O interrogador, que até então não passava de uma voz sem corpo, uma pergunta impossível, se transforma numa alma atormentada. Ele precisa da minha confissão para confirmar a infalibilidade da jurisprudência soviética, para justificar que pertence à humanidade que temos em comum. Sinto vontade de consolá-lo.

Estou acordado há dias, talvez, quando entra o ministro. Ele dispensa a sentinela de plantão e fica esperando trancarem a porta antes de me cumprimentar.

— Meu velho amigo — diz ele em tom triste. — No que você se meteu?

— Que dia é hoje? — pergunto.

Minha barba por fazer é a única medida da passagem do tempo.

— Sexta-feira.

De que semana? De que mês? Tento visualizar o calendário do mês, com suas cinco semanas de seis dias. Os domingos foram banidos cinco anos atrás para desestimular a observância religiosa. Nas noites de sexta-feira, compro uma barra de chocolate para celebrar a morte de mais uma semana de trabalho. E me agarro a essa palavra como a uma corda.

— Sexta-feira — repito, enrolando-a ao meu redor, prendendo-me à vida que me pertencia.

— Você é um construtor ativo do comunismo, camarada — diz o ministro. — Desde que nos conhecemos, você sempre foi leal ao Partido, ao Povo e ao Futuro.

Minha cabeça se levanta com um pulo. Meus pensamentos, tornados difusos pela privação de sono, pela tortura, pela monotonia infundável das mesmas três perguntas, aglomeram-se em torno da esperança de que eu ainda possa ser salvo, de que não tenha eu mesmo caído em desgraça.

— Sim, camarada ministro. Sempre fui leal.

— Mas logo agora, quando é mais necessário, você se torna um traidor.

— Dizem que estou envolvido com uma rede de espiões poloneses. Mas é um erro. Eu sou leal.

A mesa geme, e eu sinto que ele se apoia no móvel.

— Você daria a vida pela Revolução?

— Sim.

— Pelo *vozhd*?

— Sim.

— Por nossa utopia socialista futura?

— Sem hesitar.

— Então por que nega os seus crimes?

— Porque não cometi crime nenhum.

Minha insistência em reafirmar minha lealdade e inocência o deixa decepcionado. Ele tosse duas vezes antes de acender um cigarro que enfia entre meus lábios. A primeira tragada me deixa zozzo.

— Eu tinha a impressão de que você, mais que qualquer outra pessoa, entenderia que isso não faz muita diferença — diz ele.

— O que não faz muita diferença?

As folhas de tabaco reluzem com o calor do sol da Crimeia que as fez crescer.

— O que você fez ou deixou de fazer — responde ele.

As palavras chegam a mim com o eco vindo de alguma caverna desgastada dentro dele. Quantas vezes já terá entrado numa cela do Kresty para explicar algo óbvio para qualquer pessoa, menos para o homem à sua frente?

— Você acha que é o narrador de sua própria história, mas é apenas o papel em branco.

— Mas não fiz nada de errado.

— O que para você é a verdade é um músculo diminuto que só funciona dentro da sua cabeça. Você está envolvido com uma rede de espões poloneses, camarada. Estivesse ou não antes, agora você está.

O veredicto é pronunciado antes que a defesa possa se manifestar. A culpa e a inocência não determinam o julgamento; é o julgamento que determina tudo, inclusive a definição de culpa.

— E o que eu faço?

A nuvem desbotada e de contornos vagos se debruça novamente em minha direção.

— Você é um verdadeiro revolucionário, não é?

— Dei minha vida ao partido.

— Não — retruca ele. — Ainda não.

E posso recusar? Devo renunciar à minha lealdade para provar que sou leal? Se recuso, me transformo no traidor que me acusam de ser. Se concordo, o resultado é o mesmo. Mas meu compromisso com o partido supera todos os outros que tenho, até mesmo minha ligação com Vaska; sem o partido, não sei quem sou; sem ele, morro como estranho a mim mesmo.

— Você está disposto a provar sua lealdade confessando sua traição? — pergunta o ministro.

— Mas não falo polonês.

Ele se levanta da mesa e aperta meu ombro.

— Tenho certeza de que logo vai se lembrar.

— Foi Máxim, não foi?

— O quê?

— Meu assistente. Foi ele que me denunciou, não foi?

— Não tenho como saber — responde, e se dirige à porta.

— Por favor, só mais um momento. Tem uma coisa que não consigo entender. Não me levaram para uma cela comum. Não sou ninguém importante, mas mesmo assim estou numa cela privativa, submetido a

interrogatórios sem fim. Nem Trótski, que eu saiba, receberia tratamento tão especial.

— Qual é a sua pergunta?

— Por que se dão a tanto trabalho.

O ministro se permite um suspiro de satisfação.

— Você tem razão, é claro. Devia estar numa cela comum e ser processado, julgado e condenado em menos de dois minutos. Mas o camarada Stálin em pessoa é um grande admirador do seu trabalho, especialmente no que diz respeito ao rosto dele. Graças a você, ele parece anos mais jovem. Pena que ele não seja um homem mais vaidoso, ou quem sabe teria intercedido. Ainda assim, contudo, ele se interessou pelo seu caso. Você deveria se sentir honrado, camarada. Seu trabalho revelou o verdadeiro rosto do *vozhd*. Agora ele revelará o seu.

O ministro sai sem dizer mais nada e a cela inteira mergulha num fundo desfocado.

* * *

Recebo um travesseiro, um cobertor e, a cada manhã, um novo prato de pão velho. Cogito pedir um novo par de óculos, mas me acostumei ao estado de cegueira parcial. A parede do outro lado da cela e a que tenho ao meu lado se fundem num manto de contornos enevoados. Nenhuma distância, nenhuma perspectiva linear; as leis dos meus antigos domínios não vigoram aqui, e sua ausência me concede uma liberdade perversa. Toda noite sonho com a mesma coisa. Caminho pela escuridão de um túnel ferroviário, o aerógrafo e um frasco de nanquim nas mãos.

Toda manhã, uma mulher de língua presa entra em minha cela para me dar aulas de polonês. É muito paciente e generosa, professora por vocação. Ensina-me um alfabeto que não tenho como escrever, palavras que não tenho como ler, sua voz constitui um fio ao longo dos meus dias e do qual tudo pende. Ela podia ter tanto vinte quanto quarenta anos, mas a imagino mais velha, mais maternal, professora e ao mesmo tempo enfermeira.

Ela retifica o labirinto daquela língua, dispondo-a em passagens pelas quais posso transitar. Consigo visualizar o alfabeto polonês — com seus *ę*, *el*, e *żets* — disposto não em uma linha contínua, mas como se compusessem uma tabela periódica, as letras em caixa-alta e baixa escritas

como os símbolos dos elementos — *Dd* e *Ss* — e as relações entre esses elementos, como e quando se unem em palavras e orações, demandando novos teoremas, novas leis naturais, e assim tenho a sensação de estar aprendendo não uma língua, mas a física de um novo universo.

Faz muito tempo que as palavras pararam de significar qualquer coisa. Se alguém compilasse um dicionário do russo soviético, a primeira definição de todo verbete seria *submissão*. Mas *przyznanie się* significa confissão. *Jurto* significa amanhã. Repasso as palavras em polonês e a repetição tem um efeito restaurador. Às vezes ela me faz alguma pergunta e hesito, percorrendo o estoque escasso de meu novo vocabulário em busca de algo a oferecer. Não encontro nada e o rosto daquele vazio que ecoa é o meu futuro.

— Nós vamos conseguir enganá-los — digo um dia.

— Sim, logo você estará se anunciando como um príncipe polonês — responde ela.

— Quero conhecer uma palavra que eu nunca precise usar.

— Como assim?

— Uma palavra que não faça parte da minha confissão. Uma palavra que você não seja obrigada a me ensinar, que eu nunca acabe precisando usar.

— *Styczeń* — diz ela, após alguns instantes. — Significa janeiro.

— Mas ainda estamos no início de dezembro.

— É uma palavra que você nunca terá chance de usar — responde ela em tom de consolo.

Lembro-me do Zoológico de Leningrado, aonde meus pais levaram Vaska e a mim depois de posarmos para o nosso retrato. Ainda vestindo nossos culotes e calçando nossos sapatinhos de couro, parecíamos dignitários de algum reino diminuto. Lembro-me de quando nos aproximamos das jaulas dos grandes felinos; por trás das grades, uma fera com manchas pretas dava passos longos e silenciosos. A magia e a vergonha de uma criatura tão ferozmente impotente. Foi nossa primeira visão do encarceramento.

— Leopardo. Quero saber como se diz leopardo em polonês.

Ela hesita. É fácil esquecer que ela tem mais a perder do que eu.

— Não brinque. Nosso trabalho aqui é coisa séria.

Quando estou com ela, e só quando estou com ela, queria ter meus óculos de volta. Certa noite, a cela adjacente se abre. Um guarda grita, ou

talvez tenha sido o prisioneiro, e a porta se fecha com estrondo. O prisioneiro reza em voz alta, um hábito do qual em pouco tempo será dissuadido pelos guardas. Meu irmão rezava do outro lado da parede que separava nossos quartos quando éramos crianças. Eu ouvia seus murmúrios noite adentro.

Bato na parede, como no passado. Repito a primeira frase em código que me vem à mente, a frase que meu irmão e eu tamborilávamos um para o outro antes de nos afastarmos da parede, de nos deitarmos em nossas camas e cair cada um em seu sono: *você é amado*.

As orações cessam. Ele pode me ouvir. Encosto a mão na parede. Ele não responde.

você é amado, torno a transmitir.

Nada. Ele não deve conhecer o código. E como haveria de conhecer se é inocente? Transmito todo o alfabeto, pela ordem — 1,1; 1,2; 1,3 —, esperando que entenda.

Ele não responde. Repito o alfabeto várias vezes mais e encerro com *você é amado*. Toda noite transmito o alfabeto para o prisioneiro do outro lado da parede. Ele nunca responde. Componho um rascunho da minha confissão.

P: O que aconteceu entre você e a bailarina caída em desgraça?

R: A bailarina caída em desgraça me recrutou para espionar em favor da Polônia em 1933. Nós nos reuníamos uma vez por mês em algum dentre os vários esconderijos alternados, com demais artistas e intelectuais de destaque, todos disfarçando sua natureza de traidor sob uma aparência de fervor revolucionário.

P: Que tipo de informação você fornecia à bailarina?

R: Circulares de propaganda, os memorandos internos dos agentes da NKVD, nomes de autoridades que poderiam ser corrompidas, os lugares importantes com algum valor político e tático, qualquer coisa que pudesse ser útil para sua conspiração diversionista, derrotista, fascista e insurrecional.

P: O que simboliza a mão da bailarina?

R: A mão foi deixada no retrato como um sinal para células secretas darem início a ações de sabotagem diversionista.

P: Por que você traiu o grande futuro socialista?

R: Porque o futuro é a mentira com que justificamos a brutalidade do presente.

Em minha nova língua, recito as indignidades do domínio soviético. Admito condenar a censura, a inflexibilidade ideológica, o culto à personalidade de Stálin, as falsas leis, o judiciário em ruínas, fatores todos que, preciso admitir ao fim da confissão, são vitais para garantir o futuro da missão comunista. Eu me transformo no dissidente e vândalo que o partido precisa que eu seja. Os argumentos são tão convincentes que temo estar começando a acreditar neles.

Um dia, enquanto repassamos em polonês o conteúdo da minha confissão, pergunto à professora como ela se chama.

— Você sabe que não posso contar.

— Claro que não — respondo sem conseguir disfarçar minha decepção.

— Só estava curioso.

Ela não diz nada.

Estamos a um passo de alguma coisa. A ponto de ultrapassar alguma fronteira.

— Meu nome é...

— Não — diz ela rispidamente. — Não faça isso.

Ficamos em silêncio por algum tempo.

— O que a senhora fazia antes disso?

— Ensinaava polonês para crianças — responde ela em tom cauteloso.

— Você vai voltar a lecionar para crianças quando acabarmos?

— Ah, não. Aqui é o único lugar onde posso lecionar polonês dentro da lei.

Em minha cegueira parcial, a voz dela se transforma na voz da mulher do meu irmão, da bailarina, de qualquer pessoa que eu tenha traído.

— Sinto muito — sussurro. — Sinto muito — digo, e sou sincero, mesmo sem ser capaz de dizer pelo que lamento.

— Em polonês — ordena ela. — Diga a mesma coisa em polonês.

* * *

Uma noite, como todas as outras, transmito o alfabeto pela parede. E a parede responde.

você é deus?

As batidas são lentas e cautelosas. O homem da cela ao lado deve ter finalmente aprendido o código.

não. por quê?, transmito em resposta.

você testa a minha fé, mas, ao mesmo tempo que o faz, prova como é grande a sua graça.

não sou deus, insisto.

É ridículo insistir, mas os religiosos não se rendem à razão sem resistir.

é sim, transmite ele.

sou roman markin. eu trabalhava em propaganda. fui preso dia 3 de dezembro. sou membro do partido.

quem além de deus me encontraria aqui?, pergunta ele.

não existe deus, respondo. nem aqui nem em lugar nenhum.

você foi ele. isto eu sei.

como?, pergunto.

Uma longa pausa antes de ele recomençar:

por muito tempo escutei essas batidas na parede. primeiro achei que fossem ratos. depois, que estava ficando louco. que se tratava de alguma artimanha do demônio. então entendi que você estava me ensinando o alfabeto em código. e então consegui ler a mensagem que você vinha batendo na parede havia semanas. meses. desde sempre. você é amado. quem mais você poderia ser, senão deus? quem mais me encontraria aqui?

Nem sei quanto tempo ele levou para me transmitir isso tudo. Não sei como ele me tomou por algo além de um prisioneiro como ele. O chão de betume drena o calor das minhas pernas.

você é religioso?, pergunto.

seminarista, bate ele na parede.

então tem a vantagem de saber por que foi preso, transmite o bolchevique encarcerado.

aqui é o ponto mais alto de leningrado, bate ele. com a melhor vista.

são celas sem janelas, assinalo. num porão.

ainda assim daqui enxergo o reino dos céus.

* * *

Na véspera do meu julgamento, repasso minha confissão pela última vez na presença da professora de polonês, do ministro, do procurador e de várias outras pessoas, a julgar pela densidade da fumaça de cigarro. O solilóquio é digno de um palco. O procurador, no início, queria que eu recitasse uma confissão básica, primeiro em russo, depois em polonês, mas o convenci de que misturar as duas seria mais eficaz. Começo em russo, a voz baixa e conformada enquanto descrevo as raízes da minha traição, mas à medida que vou elencando as motivações para a minha perfídia, enumerando os crimes soviéticos, minha voz transita da submissão à provocação, do russo ao polonês, e parto para o ataque como se o nacionalismo polonês fosse uma fera selvagem enjaulada dentro de mim. Quando termino, dez segundos de silêncio, quebrado apenas pelo aplauso do ministro.

— Maravilhoso — diz ele. — Parecia realmente um maníaco.

O procurador faz algumas ligeiras correções em meu testemunho, e em seguida as autoridades saem da cela uma a uma, deixando-me finalmente a sós com a professora de polonês.

— Um desempenho e tanto — elogia ela. — Você devia ter sido dramaturgo.

Ainda estou entusiasmado com o aplauso do ministro.

— Estou muito feliz por terem aprovado.

— Nunca encontrei um homem mais ansioso para carregar a arma que vai matá-lo. Mas, para que eu compreenda, me responda honestamente usando suas próprias palavras. Você é culpado?

Fico atônito por um instante. A voz dissonante dela, tão inesperada em meio a um coro de aprovação, me atravessa como a luz cruza uma lente. Era a última pergunta que eu esperava escutar em uma cela de interrogatório.

— Você foi coautora da minha confissão — respondo.

Daria qualquer coisa para ver o modo como ela me olha, se é com asco, raiva ou preocupação pela forma com que viverei meus últimos dias.

— Eles irão fuzilar você, independentemente do que diga ou faça.

Você está vendo o que eu sou, quero gritar. Já viu com quanta facilidade, com quanta disposição, eu me presto a me humilhar. E por que agora, depois que já chegamos ao fim, espera que eu seja um homem melhor?

— Você devia ir embora. Volte para a Polônia. Vá para algum lugar.

— Por quê?

— Porque quando faltarem alunos, irão atrás dos professores.

Ela ri.

— Para eles, nunca faltam alunos.

Ela reúne os seus papéis. Quero perguntar se irá ao meu julgamento, mas tenho medo do que posso fazer se ela estiver assistindo. Antes de ir embora, ela pousa a mão em meu pescoço. Sua pele está quente e ela massageia suavemente meu músculo. É a primeira vez em muitas semanas que o toque de outra pessoa não me inflige dor. Tento recordar o rosto da mulher do meu irmão, mas não consigo.

— Já tive vários alunos aqui no Kresty. Mas talvez você tenha sido meu favorito.

— Eu te amo — respondo.

Absurdo, sentimental, piegas, eu sei, mas o calor da mão dela em meu pescoço e a compaixão em sua voz me fizeram sentir como se ainda estivesse vivo. Sejam quais forem os prazeres ou castigos que nos esperam após a morte, se é que alguma coisa nos espera, devem parecer mais fracos que os que nos ocorrem todo dia aqui na Terra.

— Construímos juntos uma coisa real.

Agora ela aperta meu ombro e diz:

— *Kocur*.

— O quê?

— *Kocur* — repete. — Os leopardos do zoológico.

Só depois que a porta bate é que vejo o felino de pelagem fulva sarapintada de preto suportando a vida atrás das grades do Jardim Zoológico de Leningrado. *Kocur*. Sussurro a palavra — *kocur, kocur* — e cada iteração faz chacoalhar a caixa metálica dentro do meu peito. Bato a palavra em código com pancadas secas do punho na parede. É impressionante aprender uma palavra nova para dar nome a uma memória tão antiga. Um leopardo cansado num zoológico. O que pode ser mais simples? Ainda assim, a visão que compartilhei com meu irmão se transformou num mistério tão improvável e duradouro que só posso descrevê-la como um ato de misericórdia concedido por algum todo magnífico ao mundo que já se desfazia entre nós.

* * *

Mais tarde, ando até a parede e me sento com as costas apoiadas nela.

amanhã é meu julgamento, bato. diga o que eu devo fazer.

sou só um seminarista, respondem as batidas dele.

então me diga como você conserva a sua fé.

sei que acreditar é a última coisa que tenho.

até mesmo quando tudo acaba?

a questão é essa, transmite o seminarista. algumas coisas permanecem.

sempre fui um bolchevique leal, insisto, tamborilando em tal velocidade que me admira ele conseguir converter os sons em palavras. eu lhes dei o meu trabalho, a minha devoção, a vida do meu irmão. eles fizeram o roteiro da minha confissão. querem que eu prove que sou leal traindo essa lealdade.

parece questionável uma crença que trai seus crentes com tanta facilidade.

não é hora para frases inteligentes, tamborilo.

Ele não responde. E continuo:

como confessar quando as palavras só contêm o significado que eles desejam?

O seminarista responde com o silêncio.

* * *

Naquela noite, como em todas as outras, volto ao túnel. Avanço lentamente com meu aerógrafo e meu frasco de tinta, mas dessa vez o sonho é diferente. Uma luz pisca ao fim, aumentando e ficando cada vez mais forte. Um trem está vindo. Ele se inclina na minha direção. A luz de seu farol dianteiro inunda o túnel. Viro-me e vejo pela primeira vez o que venho pintando durante as noites de tantos meses. Por quilômetros de túnel, pinteí cada marido, esposa, filha, filho, irmã e irmão que já apaguei. Àquela luz trêmula, parecem pinturas rupestres. Ancestrais. Anteriores ao limiar da História. Tento tocar o rosto mais próximo, de um menino, mas antes que consiga o trem me atropela e eu acordo.

É de manhã. Trazem-me ovos e *kielbasa*, a melhor refeição que fiz desde que cheguei aqui. Sou o oitavo de doze réus acusados de espionagem. Os primeiros sete traidores recitam confissões monótonas. Em comparação, a minha há de ser uma obra de beleza brutal, ressoando

com a veemência e o desespero de um autêntico dissidente. Mas quando sou chamado a me apresentar diante do procurador, não digo nada.

O procurador, supondo que eu não tenha escutado o que ele disse, torna a perguntar:

— Como foi sua história com a bailarina caída em desgraça?

Novamente, não digo nada.

Percebendo que meu silêncio é intencional, o procurador bate o pé, um gesto que será provavelmente repetido no meu rosto quando tudo isto chegar ao fim, e grita a pergunta.

Não digo nada.

Imaginem o juiz se virando para o procurador, o procurador para o promotor, o promotor para o meirinho, e depois todos para mim. E se a mulher do meu irmão pudesse me ver? Ou a professora de polônês? Estariam observando receosas, surpresas, com uma aprovação que um dia poderia se intensificar em orgulho? A voz do procurador vacila; de raiva, sim, mas também de medo, porque o fato de eu não confessar o compromete. Ele exige saber qual era minha relação com a bailarina, a extensão da nossa rede de sabotadores, o que significa aquela mão amputada, pairando acima do palco.

A fotografia é apresentada num cavalete, a título de prova. Nela, Vaska deve estar fitando o tribunal, invisível para todos, inclusive para mim.

Não digo nada.

Que os descendentes de nosso glorioso empreendimento encontrem meu silêncio nas atas oficiais. Que caiam nesta lacuna. Que procurem entender o verdadeiro significado da minha omissão: um silêncio tão pronunciado quanto uma mão pairando em pleno ar, o erro na mentira que é a verdade. Que entendam que aqui, no dia de hoje, um homem culpado começou a viver honestamente.

Não sou cego a ponto de crer que qualquer coisa que fiz hoje vá durar. Quando o meirinho me retira do recinto puxando-me pelas correntes, já escuto a escrivã transcrevendo na ata oficial a confissão que me recusei a recitar.

* * *

Um guarda me golpeia com seu cassete, várias e várias vezes. Logo se cansa e torna a se encostar na parede da cela. Quero lhe dizer: entendo por que minha dor é necessária. Quero lhe dizer: o cassete só vai quebrar minhas costelas uma vez, mas continuará quebrando você pelo resto da vida.

O inquérito deu certo; sou agora um inimigo do Estado. Tenho a boca cheia de sangue. Faz tanto tempo que me deram água que hesito em cuspi-lo. O guarda balança a cabeça, enojado. Imponho-me como um violento ato de realidade à ficção na qual ambos somos cidadãos. Quero que ele saiba que compreendo isso, que cada pancada do seu cassete reforça minha obstinação, que ele conta com a minha anuência. Mas não tenho fôlego para falar qualquer coisa.

Ele me bate mais duas vezes, com menos força, cansando-se do esforço.

— Ainda há trabalho a fazer — digo, no tom mais reconfortante que consigo evocar, e lhe apresento as partes ainda intocadas do meu corpo.

O consentimento é meu único modo de resistir, e isso o deixa ainda mais furioso. Ele me bate outras duas vezes, com mais força.

* * *

Não sei quando, mas a porta da cela se abre e o ambiente é preenchido pela respiração pesada de Máxim. Será que ele já me apagou do meu retrato de família? Terei sido absorvido pelas pregas do vestido da minha mãe? Vaska e eu só existimos hoje numa dimensão imediatamente abaixo da superfície fotográfica, onde partilhamos o reino dos fantasmas.

— Você devia ter sido mais gentil comigo — diz Máxim.

— Cuidado com quem escolher para ser seu assistente.

— Eu o admirava. Você me fazia sentir um idiota por tentar aprender com você. Devia ter me tratado melhor.

— Então foi você, certo?

Máxim se limita a emitir sua respiração profunda e pesada.

— Você nunca prestou — eu lhe digo. — Não tem nenhum talento, nenhum respeito pelo que esse trabalho demanda. Acha que é capaz de me substituir? Convenhamos. Mesmo que aprenda minhas técnicas e todo o meu ofício, seu trabalho nunca chegará aos pés do meu. Sabe por quê? Sabe por quê!

As moedas em seu bolso tilintam. Meus gritos lixam minha garganta.

— Porque para barganhar com o diabo é preciso ter uma alma que ele deseje.

— Eu sei — sussurra ele.

— Se sabe, então por quê? Por que me denunciou?

— O quê? — pergunta ele com o espanto de quem vai compreendendo aos poucos. — Eu não denunciei você. Eu defendi você. Até onde foi possível.

— Então por que estou aqui?

Não consigo enxergar Máxim. Posso estar gritando com uma parede vazia.

— Por que estou aqui? Responda! Por que estou aqui? O que eu fiz para merecer isso?

Ele fica em silêncio algum tempo, depois fecha a porta atrás de si.

* * *

Você está aí, tamborilo a pergunta quando fico sozinho.

estou aqui, respondem as batidas do seminarista.

Cada centímetro do meu corpo dói. Tenho a impressão de que os nós dos dedos são as únicas partes do meu corpo que não quebraram. Levo-os até a parede e bato, *preciso confessar uma coisa.*

estou ouvindo, responde o seminarista.

Por um instante, tenho a impressão de estar de novo no sonho, o túnel escuro fechando-se à minha volta, eu apontando o aerógrafo para a parede. Mas o aerógrafo é só o meu dedo dobrado, tamborilando mensagens em código na parede de uma cela para alguém distante.

se você sair, precisa contar para o filho do meu irmão, eu bato.

qual é o nome dele?

vladimir vasilievitch markin.

e qual é a sua confissão?, pergunta ele.

o rosto do pai dele, respondo em código. você precisa lhe dizer onde ele pode ver como era o pai dele.

onde?

nas obras que eu censurei. no plano de fundo. atrás de stálin e lênin. por trás de suas cabeças, onde meu irmão não poderia ser visto pelos

olhos deles.

* * *

Quando os guardas chegam, eu me levanto em silêncio e sem protestar. Devolvem os cadarços dos meus sapatos e partilham um cigarro entre si enquanto eu os amarro e dou o laço.

— Posso costurar de volta os botões da minha camisa?

— Um comediante — diz um dos guardas. — Esse é o sujeito do leopardo?

O segundo guarda responde que sim.

— Quem contou isso para você? — pergunto.

— A agente da NKVD, é claro — responde o primeiro guarda. — Sua professora de polonês.

— Mataram todos os leopardos do zoológico — informa o segundo guarda. — Para servir de mensagem.

— É um absurdo o que fazemos com os bichos — comenta o primeiro guarda.

Estou de joelhos. Não consigo ficar de pé. Vão ter de me carregar para fora. Escuto alguma coisa vinda da parede. O seminarista deve ser louco. Por que outra razão estaria me mandando uma mensagem com os dois guardas dentro da cela? Primeiro, batidas mais fracas dos nós dos dedos, depois o punho esmurrando a parede e em seguida batidas fortes dos pés. O som me dá a força necessária para ficar de pé. Os guardas me levam embora da cela. O volume das batidas vai aumentando e eles fingem ignorar, mas o chão, as paredes e o teto estremecem, cada viga e pilastra da prisão ecoam com o código que ensinei a ele, o código que eu e Vaska usávamos para nos comunicar antes de irmos para a cama e adormecer.

Conduzem-me para uma escuridão onde respiro o ar gelado pela primeira vez. Lembro-me de Vaska correndo para a jaula dos leopardos. Fui atrás, mas meu irmão sempre foi mais rápido que eu. Ainda hoje, não sei o que era aquele leopardo além de um mistério indefinível e sem nome.

Enfiam-me num carro, levam-me até a beira de uma cova não muito diferente daquelas em que caíram a bailarina em desgraça e meu irmão Vaska, e, com uma bala no tronco cerebral, eu também hei de cair. Pensem na bailarina caída em desgraça. Pensem naqueles que a denunciaram,

naqueles que transmitiram a informação, naqueles que aprovaram as medidas a serem tomadas, naqueles que bateram à sua porta no meio da noite, naqueles que a prenderam, naqueles que a fotografaram, naqueles que colheram suas impressões digitais, naqueles que removeram os cadarços dos seus sapatos, naqueles que a interrogaram, naqueles que a espancaram, naqueles que engendraram sua confissão, naqueles que a levaram ao tribunal, naqueles que a julgaram e a condenaram, naqueles que a levaram até o carro, ao porão, à vala, naqueles que cavaram sua sepultura, que lhe lançaram uma bala na cabeça e que a enterraram. E em tantos outros, como eu, que destruíram sua certidão de nascimento e seu diploma, os recortes de jornal no qual figurava e as fotografias, sua carteira de estudante, seu passaporte para trânsito interno e sua caderneta de racionamento, a documentação quase interminável que prova que ela viveu. É necessário nada menos que todo o poder do Estado para apagar uma pessoa, mas basta o erro de um indivíduo — se é assim que se chama hoje a memória — para preservá-la.

E se isto for verdade, talvez algum dia, muito distante de hoje, Vaska será descoberto. Talvez o seminarista da cela ao lado seja o erro que preservará a mim e meu irmão.

— Um pequeno favor — digo. — Por misericórdia, uma única pergunta.

— Sim — retruca o guarda, com um suspiro.

— O homem que estava na cela ao meu lado. Como se chamava?

— Que homem? — pergunta o guarda, confuso.

— O homem que estava na cela ao meu lado. O seminarista.

Ele dá tapinhas no meu ombro que interpreto como um gesto genuíno de pena.

— Não havia cela ao lado da sua.

— Sim, havia. E havia um homem nela. Escutei esse homem. Por favor, só me diga como se chamava.

O guarda balança a cabeça.

— No porão há apenas uma cela solitária e só havia você nela.

O carro aguarda no fim do trecho. A porta se abre e o guarda me empurra para dentro dele. Partimos. Adiante, o brilho da luz entre as sombras. Por um momento é o trem se aproximando. Sentado, me viro na esperança de vislumbrar algo que eu mesmo criei antes que seja o fim. A luz se expande à medida que nos aproximamos, como se entrássemos nela.

Ergue-se pelo para-brisa, assoma ao capô, desaparece atrás de nós. Não é o trem que se aproxima, mas um poste de luz. A estrada adiante é escura.

As netas

KIROVSK, 1937-2013

Melhor começar pelas avós. A avó de Galina era a estrela do campo de trabalhos forçados, enquanto as nossas eram seu público. As nossas tinham sido confeitadeiras, datilógrafas, enfermeiras e operárias antes que a polícia secreta batesse a sua porta no meio da noite. Deve ser algum erro, pensaram elas, algum engano burocrático. Como poderia a jurisprudência soviética permanecer infalível, se falhasse em reconhecer a inocência? Algumas se aferravam à descrença enquanto se espremiavam nos trens que atravessavam a estepe siberiana rumo ao leste, os nomes de prisioneiras anteriores assombrando em giz borrado as paredes internas dos vagões. Algumas ainda se mantinham descrentes enquanto eram empurradas à força a bordo de barcas e transportadas para o norte em vapores que singravam o Ienissei. Mas, ao desembarcarem na tundra vitrificada, sua ilusão era consumida pelo brilho intenso do infundável sol de verão. Em cidades distantes, eram expurgadas de suas próprias histórias. Nas fotografias, passavam a ostentar máscaras de nanquim. Nunca as conhecemos, mas somos a prova de que existiram. Cem quilômetros ao norte do Círculo Ártico, elas construíram o nosso lar.

E pronto, já estamos falando de novo sobre nós mesmas. Vamos começar pela avó de Galina, primeira-bailarina do Kirov por cinco temporadas antes de ser presa por envolvimento com uma rede polonesa de sabotadores. Era uma farpa longa e magra de beleza cravada no insípido tom cinzento de qualquer rua movimentada da nossa cidade. Embora tenha percorrido os mesmos trilhos e rios que as nossas avós, seu destino não foi ir às minas. O diretor do campo de trabalhos forçados era um *connaissanceur* de balé, além de ser um sociopata com olhos que brilhavam de malícia. Tinha visto a avó de Galina interpretar *Raymonda* em Leningrado dois anos antes e fora um dos primeiros espectadores a ficar de pé para ovacioná-la. Quando viu o nome dela na lista de prisioneiros, sorriu —

ocorrência rara em sua linha de trabalho. Fez seu copinho de vodca tinir contra o de seu assistente e propôs um brinde:

— Ao poder da arte soviética, que de tão grande chega até o Ártico.

Durante seu primeiro ano no campo de trabalhos forçados, a avó de Galina foi tratada mais como hóspede que como prisioneira. Seu quarto privativo era austero mas limpo, com uma cama de solteira, uma cômoda para suas roupas, uma fornalha a lenha. Várias vezes por semana, o diretor do campo a convidava para um chá em seu escritório. Sentados em lados opostos de uma mesa abarrotada de fichas, papelada relativa a cotas, circulares e diretivas, conversavam sobre o método Vaganova, sobre o comprimento que devia ter o fêmur de uma primeira-bailarina, se Tchaikovsky tivera mesmo tanto medo de perder a cabeça enquanto regia que a segurara com a mão esquerda. Galina definia o diretor do campo como “um leal cidadão da República Popular da Estupidez” por sua insistência em afirmar que *O lago dos cisnes* continha o mais sofisticado dos *pas de deux* de Marius Petipa. Ninguém mais, além do sobrinho de seis anos do diretor, atrevia-se a falar com ele de maneira tão brusca, mas nem assim ele reduzia as razões da avó de Galina ou lhe metia nove gramas de chumbo na cabeça. Limitava-se a oferecer-lhe mais chá e sugeria que poderiam chegar a um consenso na semana seguinte, o que a fazia responder que “o consenso é o objetivo dos idiotas”. Não temos como não amar esta mulher, pelo menos um pouco. Assim como também não podia evitar o diretor do campo.

No ano seguinte, ele pediu à avó de Galina que criasse e ensaiasse uma pequena companhia de balé, e dançasse com ela para seu deleite pessoal e para levantar o moral do campo. O conjunto ensaiou três meses antes de estrear. Algumas integrantes tinham feito aulas de balé na infância, e o restante tinha alguma experiência com danças camponesas. Depois de muitas tardes longas, o diretor do campo e a avó de Galina optaram por uma apresentação resumida de *O lago dos cisnes*. A companhia ensaiou passos designados por um francês questionável até que todas ficassem com os pés tomados por bolhas. A memória muscular ia se reeducando à medida que a avó de Galina, valendo-se de intimidações verbais, forçava aquelas inimigas do povo a incorporar a elegância. Foi ficando cada vez menos claro se ela era uma interna, a captora ou as duas coisas. Depois que músculos distendidos ficaram mais firmes e os dedos inchados dos pés finalmente recuperaram sua forma, depois que a cortina se ergueu e um

dos holofotes de vigilância do campo iluminou a extremidade oposta da cantina, ficou evidente para todos que o palco estava armado para algo extraordinário.

Nossas avós se acomodaram nos bancos da cantina que formavam a plateia, e a produção foi, como se pode imaginar, um fiasco. A orquestra mais próxima estava a 1.800km dali, de maneira que a música vinha do cone empoeirado de um gramofone, usado até então para guardar cebolas. A coreografia demandava dezenas de bailarinas; o conjunto formado tinha dez, quatro das quais usavam bigodes pintados a carvão para representar Siegfried, Von Rothbart e os vários lacaios, tutores e cavalheiros da corte. O lago propriamente dito tinha uma população escassa de aves aquáticas; a piada que surgiria mais tarde é que os caçadores da NKVD tinham chegado antes. Houve erros e passos trocados, e em vários momentos a música avançava deixando as bailarinas perdidas em seu rastro. Mas então a avó de Galina, sozinha no palco, entrava deslizando sob um foco de luz. Os cabelos lavados e adornados de plumas, ombros brancos como o verão polar, pés calçados com sapatilhas de cetim verdadeiro. Na plateia, nossas avós estavam em silêncio. Algumas transportadas de volta às salas de concerto, a comemorações de aniversário e *flûtes* de champanhe de suas vidas passadas. Outras aproveitaram o alívio do momento para cochilar. Mas a maioria, desconfiamos, ficou atônita. Depois de turnos de quatorze horas de trabalho nas minas, inalando tal quantidade de níquel que as fazia espirrar um muco prateado, nenhuma delas podia esperar uma apresentação particular da primeira-bailarina do Kirov.

A despeito dos muitos contratemplos, o diretor do campo ficou extasiado. Nos oito anos seguintes, patrocinou apresentações de balé nos solstícios de verão e de inverno; mas ele não tinha ascendido à atual posição que ocupava dando coisas de graça. Para um homem determinado a extrair máxima produtividade de suas prisioneiras antes que morressem, o balé acabou sendo uma forma muito eficaz de coerção. Os lugares na plateia — e, com eles, rações melhoradas — eram reservados àquelas que excedessem suas cotas de trabalho, as quais não paravam de aumentar. A avó de Galina contribuiu para reduzir em vários anos a expectativa de vida de seu público.

Tudo se acabou no nono ano. Restavam à avó de Galina menos de três meses a cumprir antes de sua data de soltura, e o diretor do campo estava apaixonado. Uma pessoa como ele poderia de fato amar outro ser humano?

Com algum pesar, admitimos que sim, que era capaz de se iludir a ponto de crer que se tratava disso. Temos alguma experiência com esse tipo de homem, não com os demais burocratas envolvidos com assassinatos em massa, é claro, mas namorados alcoólatras, maridos violentos, desconhecidos que cultivam a percepção errônea de que seus avanços devem ser recebidos como uma lisonja. A avó de Galina era a única mulher num raio de milhares de quilômetros que não sentia cem por cento de repulsa ao ver o diretor do campo. Talvez ele tenha confundido a falta de um desprezo absoluto com paixão? Quaisquer que fossem os seus motivos, ele a convocou ao seu escritório 85 dias antes da data prevista para o fim da sua sentença. A porta da sala fechou-se atrás dela e do que aconteceu depois disso só sabemos graças a rumores espalhados pelos guardas. Houve uma declaração de amor seguida de um momento que ainda surpreende, tantas décadas mais tarde, em que a avó de Galina rejeitou a investida do diretor. A essa altura da história, nossa admiração um tanto murcha por ela torna a se inflar, e nos sentimos um pouco mal por tê-la acusado de colaboracionismo. Mas o diretor do campo estava desacostumado à rejeição. Os guardas ouviram o som abafado de uma luta, um grito, roupas se rasgando. Enquanto o restante do campo dormia, o diretor tornava-se avô de Galina.

Ou talvez eles tivessem dormido juntos aquele tempo todo. Quem somos nós para dizer?

Passaram-se anos. A morte de Stálin, seguida da denúncia dos seus crimes, levou ao fechamento da prisão. Os responsáveis pela administração do campo foram transferidos do Ministério do Interior para o Ministério da Siderurgia, sem sequer trocarem de sala. O níquel continuou a ser extraído da terra pelas mesmas pessoas. Nossas avós se casaram com mineiros, técnicos em fundição, até mesmo antigos guardas da prisão. Permaneceram ali por causa do lucro e por motivos de ordem prática: os salários pagos nas minas de níquel do Ártico estavam entre os mais altos do país e os antigos prisioneiros encontravam dificuldades para obter a licença para voltar a suas terras de origem. A avó de Galina foi uma delas. Criou sua filha e lecionava na escola os princípios básicos do comunismo. O diretor do campo foi rebaixado do cargo e substituído por um figurão do partido. Em seu leito de morte, em maio de 1968, a avó de Galina agarrou o braço da enfermeira de plantão e murmurou: “Estou

vendo, estou vendo, estou vendo.” E morreu antes de poder contar à enfermeira exatamente o que via.

Mas a história dela é a das nossas avós. A história de Galina é a nossa.

* * *

Galina nasceu em 1976. Como o obstetra não gostava de crianças, todos entenderam como um prognóstico de beleza futura quando ele não franziu a testa ao vê-la. À medida que ela crescia, todas nós só fizemos nos curvar ao pressentimento daquela primeira avaliação. Galina era mais parecida com a avó do que com os pais.

Nasceu filha de um mineiro e uma costureira que trabalhava numa confecção local, e sim, nossas mães tinham a família em bom grado nos primeiros anos da infância da menina. Conforme convinha, não chamavam atenção para si. Suas jornadas de trabalho eram infindáveis, coadunando com o segundo princípio do Código Moral do Construtor do Comunismo: *trabalho consciente pelo bem da sociedade — aquele que não trabalha tampouco há de comer*. Em casa, conversavam em voz alta o suficiente para que, através das paredes, nossas avós constatassem que não cultivavam qualquer segredo nefasto. Estranhamente, porém, não deixavam Galina brincar conosco, as outras crianças. Recusavam os convites para festinhas de aniversário, saíam cedo das festividades do Dia Internacional da Juventude Solidária. Aquilo deixava nossas mães desconfiadas. “São no mínimo arrogantes, na pior das hipóteses dois subversivos”, murmuravam elas enquanto acrescentavam geleia ao chá. Estávamos no final dos anos 1970, início dos 1980, e embora os expurgos tivessem se tornado apenas lembranças, a Glasnost ainda estava a poucos anos de distância. Nossa cidade era pequena, e rumores se transformavam em veredicto com facilidade. Quem podia esquecer a história de Vera Andreiévna, autora involuntária da denúncia contra a própria mãe, evento que tinha sido alardeado em todos os jornais, de Minsk a Vladivostok? A mãe de Galina talvez tivesse sofrido um destino parecido, não houvesse sido levada antes por um câncer de pulmão.

Não entendíamos por que Galina fora mantida longe de nós até a terceira série do primário. Saíamos para o almoço depois de recitar as tabuadas — tarefa fácil, pois éramos especialistas em memorizar e recitar.

Galina pisou num cadarço solto do sapato e desabou, arremessando os livros ao ar e caindo soterrada por eles. Nunca se viu um cadarço de sapato causar tamanha comoção.

— Não se mostra exatamente à altura da reputação da avó — comentou nossa professora.

E nós rimos, com o despeito de quem não tem um legado a zelar.

— O que isso quer dizer? — perguntou Galina.

Ela não sabia. E não podíamos acreditar. Nós nos apressamos, falando todas ao mesmo tempo, contando a história das apresentações de balé, da maldade do diretor do campo, do destino notável da avó de Galina. Ela balançava a cabeça, tomada pela confusão, pela incredulidade e, finalmente, por orgulho.

Em casa, naquela noite, pediu para fazer aulas de balé.

— Balé? — perguntou o pai dela, a voz saindo rouca da garganta dolorida, maltratada pelo pó de níquel.

Morreria aos 52 anos, excedendo por três anos a expectativa de vida de mineiros como ele.

— Ainda este ano você vai entrar para os Jovens Pioneiros. Vai estar muito ocupada aprendendo sobre liderança e trabalho em equipe.

Mas Galina foi inflexível.

— Quero dançar balé, como a minha avó.

O pai suspirou e percorreu com as mãos a radiação escaldante que o aquecedor emitia. Ao longo dos anos, sempre se perguntara por que ele e a mulher escondiam o status de celebridade da família, mas a resposta era simples: eram comunistas fiéis, filhos do campo de trabalhos forçados, com uma filha que lembrava muito a avó. O pai de Galina sabia que sua melhor chance de prosperidade dependia de transformar qualquer aspecto excepcional na filha algo em desinteressante até que a voz coletiva a aceitasse como igual. Sem dúvida tinha ouvido falar da famosa reação de Lênin à Sonata nº 23 de Beethoven: *É uma música linda e etérea. Mas não consigo escutá-la. Ela me dá vontade de atingir a cabeça dos meus semelhantes por serem capazes de produzir tanta beleza a despeito do inferno abominável em que vivem. É preciso esmagar suas cabeças, esmagá-las sem dó nem piedade.*

Mas, desde a morte de sua esposa, ele ficara mais indulgente e um tanto fatalista.

— Claro, Galya — disse ele.

E no dia seguinte ela nos deu a notícia.

Gorbachev chegou ao poder no ano em que Galina começou a estudar balé, trazendo consigo a Glasnost, a Perestroika e a *demokratizatsiya*. Nossas mães passaram a resmungar um pouco mais alto e, enquanto transitávamos da pré ao final da adolescência, cada uma foi encontrando a própria voz. Começamos baixinho e fizemos bem de tomar cuidado; o chefe do partido na nossa cidade era tão cruel quanto o diretor do campo tinha sido e, como os sucessos do pop, as reformas políticas só nos chegavam muito depois de terem aparecido em Moscou. No inverno, quando o sol desaparecia por trás da noite de três meses, nos reuníamos em parques e terrenos baldios, debaixo dos ramos enferrujados de metal da Floresta Branca, nos aquecíamos em prédios de apartamentos abandonados e em cafés onde passávamos de mão em mão as páginas surradas de *samizdats* de Soljenítsin e Joseph Brodsky, dançávamos ao som de LPs do Queen que o professor de violino do primo de segundo grau de alguém havia trazido da Europa, e usávamos calças jeans Levi's contrabandeadas que sempre pareciam melhores nas mãos do que em nosso corpo. Trocávamos antigos *ryobra* — reproduções clandestinas do conteúdo dos vinis em folhas descartadas de raios X — por rocks banidos dos anos 1950 e 1960 que podiam ser tocados em gramofones a um volume discreto. Radiografias de costelas partidas, ombros deslocados, tumores malignos e vértebras comprimidas eram cortadas no formato aproximado de um círculo, e a música era gravada na superfície plástica, o furo central aberto pela brasa de um cigarro, e era glorioso saber que aquelas imagens da dor humana podiam esconder em seus sulcos um som tão puro e cheio de alegria como a voz de Brian Wilson. Nossos pais classificavam essa música de poluição capitalista, como se as manchas cancerosas nas radiografias tivessem sido produzidas por uma canção gravada do outro lado do mundo, e não pela poluição emitida pelas chaminés bem próximas de nossas janelas, esta sim de livre acesso a todos.

No verão, a devastação da terra impregnava as nuvens. Uma cerração amarela envolvia o ar da cidade como um verniz envelhecido. Dióxido de enxofre se erguia dos Doze Apóstolos, as doze fundições de níquel que rodeavam um lago de expurgo industrial. A chuva nos queimava a pele. A poluição se coagulava num teto denso que bloqueava a luz das estrelas. A lua pertencia ao passado de que nos falavam nossas avós. Aproveitávamos ao máximo nossos verões: dias sem aulas, noites sem trevas. O primeiro

encontro, o primeiro beijo. Éramos tão desajeitadas, espinhas marcando nosso rosto no reflexo do espelho pela manhã, pelos em locais indesejados, e pensávamos na radiografia de câncer de pulmão que continha o *Surfin' Safari* dos Beach Boys, refletindo sobre as maneiras como o corpo trai a alma e nos perguntando se crescer não seria um tipo de patologia à parte. Nos apaixonávamos e desapaixonávamos com uma frequência febril. Todo dia, nos transformávamos em pessoas que mais tarde nos arrependeríamos de ter sido.

Em dias claros percorríamos a Floresta Branca, um bosque artificial – feito de árvores de metal com folhas de plástico – construído nos anos prósperos da era Brejnev, quando a mulher do chefão local do partido desenvolvera profunda nostalgia pelas bétulas de sua juventude. Na época em que caminhávamos entre elas, porém, os anos haviam devastado tanto a floresta quanto a mulher do chefão do partido, e as folhas de plástico acima da nossa cabeça eram tão murchas e sarapintadas de amarelo quanto o rosto da própria. Seguimos em frente. A lama era uma mostarda em que afundávamos os pés ao caminhar. Do outro lado da floresta, contemplávamos a vasta extensão de resíduos sulfurosos que se propagava até o horizonte. Gritávamos. Proclamávamos. Ali não precisávamos falar baixo. Por poucas semanas, em julho, flores silvestres vermelhas brotavam em meio aos resíduos oxidados e a terra toda refulgia de uma beleza apocalíptica.

Mas a única cor sob a terra era um brilho metálico prateado. Nossos pais extraíam o minério da jazida de níquel mais produtiva do mundo com explosões que pontuavam seus turnos de doze horas. Os túneis da mina penetravam no solo por um quilômetro e meio, e no fundo o ar era tão pegajoso que mesmo em janeiro eles trabalhavam só de camiseta e horas mais tarde, quando voltavam para casa, rumavam trôpegos para o chuveiro deixando em seu rastro o sobretudo, o casaco, a camisa, a calça e o pó de níquel que, então seco, lhes cobria o peito, as costas e as pernas e, por alguns momentos antes do banho, nossos pais nos pareciam indestrutíveis, homens metálicos, homens reluzentes.

Outros metais também eram explorados — ouro, cobre, paládio, platina —, mas o níquel do norte era o sangue em nossas veias. Os Doze Apóstolos o separavam da ganga num calor de dois mil graus e a neve que caía vinha tingida de uma cor que dependia do que tinha queimado nas fornalhas no dia anterior: o vermelho do ferro, o azul do cobalto, o

amarelo-ovo do níquel. Mediávamos a prosperidade da economia pela extensão das lesões nas partes expostas da nossa pele. Mesmo quem jamais havia tragado um cigarro tinha tosse de fumante. Mas a aliança dos mineiros tomava conta de nós: férias em águas termais, festivais por toda a cidade no Dia Internacional do Trabalho, e os maiores salários municipais de quaisquer cidades dos onze fusos horários de toda a nação. Quando nossos pais adoeciam, a aliança providenciava leitos de hospital. Quando morriam, os ataúdes.

E, no meio disso tudo, Galina frustrava nossas expectativas mais depressa do que conseguíamos reduzi-las. A animação inicial da professora de balé ao ver seu nome na lista de alunas transformou-se em desalento. Embora tenha herdado a silhueta magnífica da avó, Galina dançava com a sutileza de uma avestruz descontrolada. Os exercícios básicos na barra já a deixavam de ponta-cabeça. Durante as apresentações, graças aos céus, era relegada aos menores papéis. Mas a verdade é que não devíamos ser tão severas com ela: se fosse neta de qualquer outra pessoa, nem sequer nos daríamos ao trabalho de atribuir seu modo de dançar a um distúrbio qualquer do ouvido interno. Além disso, vivemos livres do fardo da expectativa alheia — ninguém jamais previu que fôssemos nos destacar em qualquer atividade — e, por isso, não temos como compreender o que significa fracassar numa área onde parecemos destinadas ao sucesso. Então parem de nos incitar. Estamos tentando verdadeiramente ser gentis.

Com nosso recém-conquistado espírito de generosidade, vamos falar de uma coisa em que Galina se saía muito bem: ser o centro das atenções. Chegou a uma festa no nosso primeiro ano de escola secundária usando uma minissaia verde-oliva costurada a partir do xale mais feio de sua mãe. Nunca tínhamos visto nada parecido — a mais discreta das peças de roupa convertida num escândalo enrolado em seus quadris. A saia terminava no meio das coxas, pouco maior que uma toalha de rosto, e o restante de suas pernas à mostra, a pele arrepiada. Os meninos a fitaram de boca aberta, em estado de graça, depois se viraram, como se reconhecessem que a presença de Galina constituía algum ato obsceno e ilegal. Ninguém sabia o que dizer. Não havia precedentes para minissaias no Ártico. Sussurramos que Galina tinha virado prostituta, mas ao chegar em casa todas começamos a produzir nossas próprias minissaias.

A minissaia atraiu a atenção de Kolya. Se fosse possível, usaríamos um aerógrafo para apagar Kolya da nossa história com a mesma obstinação

com que os censores eliminaram a avó de Galina das fotografias que ela um dia povoou. A questão é que Kolya equivalia a duzentos metros de arrogância compactados em dois metros de corpo, o tipo de rapaz que faz qualquer moça se sentir inadequada se não for capaz de impressioná-lo. Estava sempre se debruçando ou inclinado para a frente, ou envergado de lado, como uma letra em itálico, torto até a aba torta do chapéu. Em outro país, podia ter se transformado num banqueiro de investimentos, mas aqui se tornou assassino, da pior espécie, a espécie que assassinou uma de nós.

Galina não tinha como imaginar que seria assim. Nenhuma de nós tinha como prever. Da primeira vez que saíram, ele convidou Galina para um passeio romântico ao redor do lago Mercúrio. Pois é, *aquele* lago Mercúrio. O lago artificial que acumulava o expurgo tóxico das fundições industriais da cidade. No primeiro encontro. Juro. Mas isso é triste demais. Melhor esquecer Kolya, mesmo que para nós isso não seja possível.

Embora o xale-minissaia de Galina tenha escandalizado a escola, isso não a impediu de dançar em uma apresentação no quinquagésimo aniversário da aliança dos mineiros. Autoridades vieram do Kremlin em aviões a hélice para homenagear nosso chefe do partido. Os mais ineptos dos nossos burocratas receberam medalhas e comendas. Os homens de Gorbachev nos disseram que vivíamos no topo do globo para que o resto do mundo nos olhasse como superiores. Nossos pais ficaram radiantes quando o próprio secretário-geral lhes dirigiu um agradecimento gravado em vídeo. *Mais que extrair da terra o combustível que alimenta a União Soviética*, proclamou ele, *vocês são o combustível que alimenta a União Soviética*. A última noite de festejos terminou com uma apresentação de balé ao ar livre no centro da cidade. Bailarinos do Bolshoi e do Kirov foram trazidos de avião para os papéis principais. Contra todas as expectativas, Galina foi escolhida para o corpo de baile. Os Doze Apóstolos foram desligados duas semanas antes, e o sol de julho atravessava o que havia restado da cobertura de nuvens, iluminando Galina para nós.

Um muro caiu em outro continente, e logo se dissolveu a nossa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Oleg Voronov, um “novo russo” e futuro oligarca, substituiu o chefe do partido. Pela primeira vez em setenta anos, nossa cidade se viu aberta, e algumas de nós foram embora. Uma encontrou trabalho como bilheteira na linha de trem Omsk-Novosibirsk, casando-se tempos depois com um maquinista com quem

teve três filhos homens. Outra obteve uma bolsa para estudar física em Volgogrado. Outra partiu para os Estados Unidos para se casar com um afinador de piano que tinha conhecido pela internet. Mas a maioria de nós ficou. O mundo estava girando para o lado errado. Não era hora de se afastar de casa.

Kolya — como a maioria dos rapazes da nossa turma que não conseguiram pagar propina para ingressar em alguma universidade — foi convocado para o serviço militar obrigatório bem quando começava o conflito na Chechênia. Antes de partir, ele pediu Galina em casamento no corredor de legumes da mercearia da cidade, o que revela tudo que é necessário saber a respeito da ideia que ele tinha de romantismo. Galina estava grávida. O Exército admitia adiamento de incorporação para homens que fossem os únicos responsáveis por um filho, e de pais de dois ou mais filhos, o que dava várias opções a Galina e a Kolya: podiam casar-se imediatamente e em seguida divorciar-se para que Kolya alegasse a condição de único responsável ou podiam casar-se e torcer pelo nascimento de gêmeos. Insistimos com Galina para que não aceitasse nenhuma das opções. Aos 18 anos, tinha uma vida inteira pela frente para tomar decisões estúpidas e irreversíveis. Use a cabeça. Livre-se da gravidez e do namorado vagabundo com uma única ida ao médico. No entanto, ignorando nossos conselhos mais que razoáveis, ela ainda amava Kolya. Os dramas da TV aos quais crescemos assistindo, histórias de amantes perseguidos por desgraças, histórias em que o amor supera todos os obstáculos, eram todos, obviamente, contos de fadas como os noticiários; no entanto, o óbvio só é óbvio quando acontece com os outros. Todas findamos presas a homens que, se víssemos com outras mulheres, nos fariam sentir pena delas. Depois que Kolya partiu para o front, Galina passou a sentir-se diminuída, tensa, simplesmente *inferior*. Teríamos avaliado mal a seriedade da relação do casal? Galina tinha o brilho luminoso de um vitral, mas não podíamos imaginar que fosse Kolya a luz do sol que a saturava.

Andamos com ela até a clínica e depois a levamos para casa. Ficamos orgulhosas. Ficamos com pena. Ficamos lá para apoiá-la.

* * *

Galina trabalhava como telefonista para a aliança de mineradores e frequentava aulas de informática nas noites de terça. Estava conosco quando vimos o primeiro cartaz para a edição inaugural do concurso de Miss Sibéria colado à madeira do ponto de ônibus. Convocava mulheres dotadas de juventude, beleza e talento para um evento que seria transmitido pela TV a todo o país. Olhamos para Galina. Ela olhou para a própria cintura.

As entrevistas começaram a ser realizadas duas semanas depois no salão da nossa antiga escola. Subimos ao palco uma de cada vez, cobertas de camadas de maquiagem e com as pernas nuas. O diretor de elenco nos rondava, dando-nos tapinhas nas coxas, apertando nossos quadris, testando a firmeza deles como uma *babushka* diante do balcão de beterrabas. A maioria de nós foi dispensada ao fim da primeira análise. Mas não Galina. Quando o diretor de elenco a viu em sua minissaia feita de xale, deu um suspiro de alívio. Descreveu vários giros à volta dela, roçando a barra da saia sem encostar em sua pele.

— Qual é o seu talento? — perguntou.

— O balé — respondeu Galina.

Ele assentiu.

— Traga as suas sapatilhas de ponta para Novosibirsk.

Galina logo começou a aparecer por toda parte. Seu nome saiu no jornal por 57 dias consecutivos. Além de nossa representante em Novosibirsk, ela era também uma das três concorrentes selecionadas para aparecer nos anúncios do concurso de Miss Sibéria, e víamos seu rosto com mais frequência que o dos nossos pais e namorados, mais até do que o nosso próprio rosto no espelho; Galina era a nossa bandeira.

Ela podia ainda estar apaixonada por Kolya, mas isso não a impedia de embarcar toda noite de sábado num reluzente Mercedes prateado. “Ela se deu bem”, diziam as nossas mães, e embora nunca víssemos os dois em público, achávamos a mesma coisa. Aos 35 anos, Oleg Voronov era jovem para ser o décimo quarto homem mais rico da Rússia. Quando a aliança do níquel foi privatizada, ele adquiriu uma participação majoritária com fundos obtidos junto a investidores estrangeiros, autoridades corruptas e gângsteres. O leilão durou ao todo quatro segundos e meio. Ele pagou 250.100.000 dólares, apenas cem mil acima do lance mínimo. Como uma indústria estatal que fatura vários bilhões de dólares ao ano pode ser vendida por 250 milhões? Sua propriedade foi convertida em ações e

distribuída entre os funcionários da aliança. Esses papéis, todavia, só podiam ser vendidos pelo valor total em Moscou, e pessoalmente. Nossos pais não tiveram outra escolha senão vendê-las nos quiosques da Leninsky Prospekt, onde homens de Voronov recompravam as ações por uma fração do seu valor em bolsa. Bastava para cobrir as despesas hospitalares para o tratamento das doenças respiratórias crônicas. Pouco depois dos primeiros rumores sobre o Mercedes prateado de Voronov à espera diante do edifício onde morava Galina, os anúncios do concurso de Miss Sibéria começaram a aparecer nas vitrines dos mesmos quiosques que compravam as ações da empresa.

Como fazíamos parte do cenário da vida de Galina, um pouco da luz dos holofotes também chegou até nós. Um salão recém-aberto nos ofereceu manicures de graça, esperando que a presença das antigas colegas de Galina lhe desse uma aura de sucesso e sofisticação. Ex-namorados passaram a ligar pedindo desculpas. Nossas mães começaram a tentar entre ouvir nossas conversas. Espero que não soe mesquinho dizer que aproveitamos bastante enquanto durou.

Ninguém trabalhou na noite do concurso de beleza. Nos agrupamos em torno da TV para ver Galina subir ao palco com outras jovens de cidades siberianas mais conhecidas por suas instalações militares fechadas e minas de urânio do que por sua beleza. Era meados de setembro, e o gelo já começava a se formar na parte externa das vidraças. Champanhe doce esfriava nas geladeiras, a vodka esquentava em nossos copos; bebemos e mandamos as demais calarem a boca quando a orquestra começou a tocar “A canção do patriota”. Acompanhamos a melodia de boca fechada, mas não cantamos. Nosso país tinha três anos e a letra do hino nacional ainda não fora composta. O apresentador dirigiu-se à frente do palco e deu as boas-vindas à plateia do primeiro concurso anual de Miss Sibéria. Seu otimismo de bochechas rosadas sugeria que nunca tinha passado muito tempo na região. Ele apresentou todas as concorrentes, mas só víamos Galina.

O programa foi interrompido para os comerciais e, quando voltou, as concorrentes estavam de maiô e salto alto; a minoria dentre nós que encarávamos o evento como uma simples exibição de indecência glorificada lembrou que só em filmes pornô os maiôs eram usados com salto agulha. Váamos as demais concorrentes, torcendo para que tropeçassem, quebrassem o salto, entrassem em combustão espontânea, e

desejando-lhes crises nervosas, colapsos emocionais, esquarteramento, uma decapitação ou as pragas do Velho Testamento, e essa erupção de crueldade mal disfarçada nos parecia adequada, até mesmo apropriada por ser compartilhada por todas. Quando as concorrentes de maiô atravessavam o palco sem tropeçar ou quebrar o salto, concluíamos que deviam ter muita prática como atrizes pornô. Só em Galina aqueles trajes assentavam graciosos como um vestido de baile.

Na parte da entrevista, zombamos da eloquência ensaiada das outras concorrentes e ficamos em silêncio quando Galina se aproximou do microfone. O locutor a apresentou e consultou uma pilha de fichas verdes com um olhar demorado que valorizou o suspense do momento e também deu a impressão de que ele era pouco letrado.

— O que o concurso de Miss Sibéria significa para você? — perguntou ele finalmente.

Com um sorriso recatado, Galina virou-se para a câmera mais próxima.

— É muito importante representar minha cidade num acontecimento nacional. Agrada-me que este concurso esteja chamando atenção para a riqueza da tradição cultural da Sibéria. Por muitos séculos, a Rússia europeia usou a Sibéria como prisão para seus criminosos e exilados. Mas não somos criminosos, nem prisioneiros. Somos cidadãos de um novo país, e logo o mundo há de reconhecer que os siberianos não se limitam a extrair da terra o combustível para a Federação Russa; nós somos o combustível da Federação Russa.

O apresentador exibiu uma dessas expressões faciais que manifestam tanto aprovação quanto surpresa.

— E o que você irá fazer se for escolhida Miss Sibéria?

— Vou ficar famosa, é claro — disse Galina, e piscou para a câmera.

Durante a pausa de dois segundos antes que o público aplaudisse e a orquestra entoasse uma fanfarra, Galina nem precisou de tiara. Já tinha coroado a si mesma com aquela piscadela.

Na parte do concurso de talentos, uma espiga de milho sem vida de Vladivostok tocou Rachmaninoff numa balalaica. Unhas, seios, cílios e apliques, todos postiços, transformaram-se por alquimia numa mulher de verdade, de Barnaul, que vendou os próprios olhos e em seguida resolveu um cubo de Rubik. Quem seriam aqueles mulherões geniais? Os juízes estavam tão surpresos quanto nós. Quando anunciaram que Galina dançaria o solo de Odette em *O lago dos cisnes*, fizemos silêncio. O que

ela estaria tentando provar ao escolher o solo do primeiro balé que sua avó havia apresentado na cantina, sessenta anos antes? Por que Galina, nosso ícone da nova Rússia, tinha de dançar uma cena do balé mais apresentado da URSS? Flashes espocaram. O tule branco pairava em torno de sua cintura. Sua cabeça repousava entre os braços levantados, e erguendo-se nas pontas dos pés, capturada por um refletor, ela começou.

Os violoncelos gorjeavam. Galina ficou parada *en pointe*, a cintura rodeada pelo tutu branco. Ergueu a perna esquerda e traçou uma parábola no ar com a sapatilha. Seu pé pousou no palco no momento exato em que entravam os violinos e, ah, como desejamos que nossas avós estivessem vivas para ver. Pelos dois minutos e meio que ela dançou, a cidade inteira não produziu um som sequer. A mil e setecentos quilômetros do auditório, nunca nos sentimos tão próximas da nossa amiga. Os espectadores de Moscou, Petersburgo e Volgogrado viam apenas aquela mulher batendo os braços no palco, mas nós a vimos em suas primeiras apresentações de balé, sua professora suspirando em desalento. Vimos seu queixo cair quando lhe contamos a história da sua avó. Vimos quando alçou voo depois de tropeçar no cadarço do sapato na aula de aritmética do terceiro ano. Mas não há cadarço algum a culpar pela queda que Galina sofreu nos quinze segundos finais do seu número. Ela só pode ser atribuída a uma série de formidáveis *grands jetés*, ao piso encerado do palco, ao excesso de ambição e à escassez de talento. Ela saltou apoiando-se na base do pé direito, mas pousou na lateral do pé esquerdo. Os microfones não captaram a fratura do seu maléolo medial acima do som da orquestra. Ouvimos apenas a exclamação do apresentador, o grito curto de Galina ao cair no chão e a melodia obstinada de um violista que continuou tocando até o fim da página da partitura, bem depois de seus colegas terem parado. Quando Galina conseguiu sentar-se ereta, seu rosto estava vermelho. O tutu se espalhava à sua volta no palco, preenchendo cada centímetro da luz do refletor, e ela olhava para a câmera com um gemido lancinante de derrota tão familiar, tão íntimo, que pudemos senti-lo em nossa própria garganta.

Galina foi atendida pelo médico enquanto as demais concorrentes demonstravam seu talento com canções, acrobacias e truques de mágica. E nós também desabamos, derrotadas demais para honrarmos Galina e ridicularizarmos suas rivais. Ela foi trazida de volta ao palco numa cadeira de rodas para a cerimônia de coroação, com o tornozelo envolto em gelo.

Não poderíamos deixar de vê-la não vencer. Já tínhamos ido longe demais. Aquela noite nos daria assunto para anos e anos. Já tínhamos começado a criticar sua preparação, sua arrogância, seu orgulho exagerado e sem propósito por não nos consultar quando lhe teríamos avisado que aquela ideia estava destinada ao fracasso. O apresentador recebeu um envelope dos jurados e o abriu em cena. Franziu a testa. Não era uma de suas pausas a serviço do suspense; lia e relia o nome com genuína incredulidade. Embora viéssemos a saber mais tarde que o oligarca era um dos principais patrocinadores do concurso, e que o nome da vencedora havia sido escrito e selado no envelope três dias antes do concurso, isso não dilui a memória da alegria que tomou conta de nós quando o apresentador sorriu para a câmera e disse: “Tenho o grande prazer de anunciar que a coroa de Miss Sibéria vai para ninguém mais que Galina Ivanova.” Batemos palmas e gritamos. Sapateamos no assoalho e dançamos nos corredores. Sabíamos que Galina venceria. Não duvidamos nem por um segundo. O clarão dos flashes se refletia nos olhos molhados de Galina. Ela não tinha como subir ao pódio, de modo que assistentes de palco a ergueram para que o apresentador pudesse acomodar a tiara dourada em sua cabeça. Dali a um mês, o folheado a ouro começaria a descascar, revelando a liga de níquel da qual era feita.

* * *

A fama veio em seguida. Galina foi chamada para papéis no cinema e para participar de programas de televisão, e por vários anos a víamos apenas nas telas de cinema e nas fotos granuladas dos tabloides. Kolya voltou da Chechênia e encontrou uma cidade onde o único emprego possível era o de capanga, e logo esquecemos que houvera um tempo em que Galina não era a mulher do oligarca. Ela vivia entre Petersburgo e Moscou, nas coberturas que Voronov mantinha em hotéis de luxo. Mesmo em suas especulações mais provocantes, os jornais sempre mostravam respeito ao oligarca. Uma ou duas gerações atrás, homens como ele mandavam jornalistas incômodos para os campos de trabalhos forçados na Sibéria. Hoje, simplesmente mandam matá-los.

Tivemos pouco tempo para comemorar. Nossos pais morreram de uma doença pulmonar e foram substituídos por nossos maridos e irmãos. Eles

voltavam das minas reluzentes como os nossos pais, mas calados, desprovidos de alegria, sentindo-se vazios com suas dúvidas existenciais. E, mal tendo estreado este novo trabalho, começavam a perder o emprego. Os benefícios que a aliança antes destinava a seus empregados tivera o mesmo destino da foice e do martelo. Não havia mais sanatórios, nem leitos de hospital. Os rublos recebidos pelas ações da aliança já haviam sido gastos muito antes, e não tínhamos mais qualquer direito legal às minas que nossos avós morreram escavando. E esse tapa forte da descoberta doeu quando compreendemos que nossas mães tinham razão: adolescentes querem liberdade; adultos, segurança. Nosso país tinha sido poderoso. O mundo nos havia temido. Um Estado paternalista cuidava de nós. E agora, o que nos restava? Vícios e epidemias. Na adolescência, nós nos opúnhamos à força do Estado, mas essa mesma força nos havia levado ao topo do mundo.

Ainda assim, havia alguma alegria. Tivemos filhos. Chegavam ao mundo gritando, pálidos e pegajosos de placenta. Chegavam tossindo e cuspidando, e nós os recebíamos nos braços e os ensinávamos a rir. Aplaudíamos os primeiros aniversários e os primeiros passos. Nossos filhos mudaram para sempre nossa relação com nossas mães. A compaixão substituiu o leve desdém com que antes olhávamos para elas, e passamos a amá-las como nunca, como só podemos amar a nós mesmas, porque, contrariando nossas melhores intenções, nos transformamos nelas.

Quando o primeiro filme de Galina chegou ao nosso cinema, fomos com nossos filhos e suas avós. Galina parecia ainda mais incrível quando ampliada à altura de dois andares. Fazia o papel de uma heroína envolvida em uma teia de mistério e intriga. Era tomada como refém pela CIA, mas conseguia fugir. Usava sua agilidade física e mental a seu favor. Agia com uma sagacidade fria e, mesmo em momentos de grande perigo, conseguia produzir comentários curtos e fulminantes. Os críticos ridicularizaram *Teia de mentiras*, classificando-o como inverossímil, mas para nós não fazia diferença. Nossa ex-colega de turma, nossa melhor amiga, era a estrela de um longa-metragem, e lá estávamos nós, assistindo.

* * *

Passamos anos sem notícias de Galina. Depois que ela teve uma filha, desapareceu das vistas do público, substituída por vencedoras mais

recentes do Miss Sibéria e estrelas de cinema mais jovens. Seus filmes transitaram dos cinemas para a televisão e depois desapareceram por completo de qualquer transmissão. Paramos de falar sobre ela. Tínhamos nossa própria vida com a qual nos preocupar.

As dispensas começaram pouco depois do fim da primeira guerra na Chechênia. Máquinas automatizadas garimpavam o níquel com muito mais eficácia que nossos maridos. As pensões eram tragadas pelas flutuações nas bolsas estrangeiras. Mesmo quem manteve o emprego enfrentava dificuldades. Com o rublo colapsando, o pagamento de salários e pensões atrasava por meses a fio e ninguém tinha como pagar os produtos estrangeiros que substituíram as até então familiares marcas soviéticas. Pensamos em nos mudar para um clima mais ameno, mas não tínhamos como arcar com os custos da relocação. Além disso, nossos filhos formavam a quarta geração que tinha o Ártico como lar. O que significava alguma coisa, mesmo que não soubéssemos bem o quê.

Em meio aos infortúnios do final dos anos 1990, há um que se destaca. É a história de Lydia, que tinha sido uma de nós até se mudar para Los Angeles e casar-se com o afinador de piano que conhecera pela internet. O casamento terminou — todas tínhamos previsto isso —, e Lydia voltou a Kirovsk para morar com a mãe, Vera Andreiévna. Lembram-se de Vera, que quando criança denunciara a própria mãe para a NKVD? Tinha levado uma vida boa durante os anos soviéticos, mas sua fortuna acompanhou o declínio da bandeira vermelha. Na época do regresso de Lydia, Vera estava envolvida com os mesmos traficantes de drogas que haviam empregado Kolya depois da guerra. Lydia ficou chocada e horrorizada ao descobrir que a casa da sua infância tinha sido transformada num covil de criminosos. E foi natural que desabafasse sobre sua raiva e decepção conosco, suas amigas mais próximas. Fez-nos jurar segredo, mas como podia esperar que não compartilhássemos uma história como aquela? Dali a uma semana, a notícia chegou ao chefe criminoso da cidade, que proferiu uma sentença de execução. Mas a culpa, como o níquel, é um recurso finito que se divide e compartilha de muitas maneiras, cabendo a maior parcela a Kolya e aos capangas que apertaram o gatilho, a segunda ao chefe do crime que proferiu o veredicto, a seguinte a Vera, que se metera em transações com esses gângsteres, a próxima ao chefe do departamento de polícia que conspirava com os gângsteres e finalmente à própria Lydia, que jamais devia ter-nos contado uma história tão boa.

Aparecemos mais abaixo na lista, admitindo apenas uma pequena parcela da culpa, e mesmo esse mero fragmento ainda se divide em seis partes, de maneira que nenhuma de nós seis jamais se sentiu pessoalmente responsável por espalhar o boato que levou ao assassinato de Lydia, que antes era a sétima de nós.

* * *

Quando o homem da KGB ganhou as eleições para a presidência em 2000, nós festejamos.

Nossos filhos receberam novos livros de História na escola e nós os ajudávamos com os deveres de casa. Ali eles aprenderam quem foi Pedro, o Grande, cuja cidade magnífica às margens do Neva custara a vida de cem mil servos, embora o mundo inteiro concorde que São Petersburgo é uma das maravilhas da humanidade. Aprenderam quem foram os tsares, o alcance do poder imperial, a insatisfação dos trabalhadores e a Revolução de Outubro. Líamos com eles sobre a história de Stálin, surpresas ao ver que o novo livro de História o apresentava sob uma luz mais generosa que os nossos. Segundo o texto, Stálin foi *um administrador capaz com uma atuação totalmente racional e o líder soviético mais bem-sucedido de todos os tempos*. Os campos de trabalhos forçados no Ártico eram *parte vital de seu impulso para engrandecer a nação*. Pensamos em nossas avós. Talvez o sofrimento delas tivesse sido necessário, um mal justificado por um bem maior. Sacrificaram-se por nós, no fim das contas. Quando nossos filhos leem em voz alta que *o colapso da União Soviética foi a maior calamidade geopolítica do século XX*, nós assentimos e lhes dizemos: “É verdade.”

Uma nova guerra começou na Chechênia — ou talvez tenha sido a retomada de uma mesma guerra com séculos de duração, mas deixemos isso por conta dos autores de livros de História — e a história de Galina teve uma reviravolta, embora só tenhamos tomado conhecimento disso bem mais tarde, depois que ela voltou a ser uma de nós. Quando o uso de forças anti-insurgentes substituiu as grandes operações de combate, e a república deu seus primeiros sinais de revitalização, Galina acompanhou o oligarca numa viagem de negócios a Grózni. Voronov tinha construído sua fortuna com base na mineração, mas era apenas o décimo quarto homem

mais rico da Rússia, ansioso para incluir o petróleo em suas atividades. Os campos de petróleo da Chechênia, inexplorados durante o conflito de décadas, constituíam um ponto de partida ideal. Enquanto Voronov se reunia com vários ministérios, Galina tentava obter notícias de Kolya. Ele tornara a ir à guerra, então como soldado contratado, depois do horrendo episódio com Lydia. Anos se passaram desde que os dois tinham se encontrado pela última vez. Quando Kolya completou seu serviço militar de dois anos, camadas impenetráveis de assessores de imprensa, assistentes e agentes formavam em torno de Galina um verdadeiro escudo à prova de homens como ele. Ela se perguntava se ele teria tentado entrar em contato, se os seus silêncios o teriam empurrado para o caminho que culminara no assassinato de Lydia.

À esposa de um oligarca, as autoridades militares ficavam mais do que felizes em entregar fichas médicas e de serviço, porque no coração de uma burocracia militar famosa por sua incompetência vive uma eficaz classe de subalternos destinada apenas a servir os oligarcas, os políticos e os facínoras ricos e poderosos demais para conhecer pelo nome qualquer um dos soldados que combatem em suas guerras. No espaço de uma tarde, um pequeno burocrata fã de *Teia de mentiras* entregou a Galina a ficha de Kolya, a qual o enquadrava numa taxonomia que crescia em detalhes, começando numa brigada e terminando com o tipo sanguíneo.

— A boa notícia é que a companhia dele está estacionada a cinco quilômetros daqui — revelou o pequeno burocrata. — A má notícia é que ele foi dado como morto em ação.

Galina assentiu solenemente.

— Não fique triste assim! — prosseguiu o pequeno burocrata. — É normal declararmos soldados perfeitamente saudáveis como mortos em ação. Afinal, não precisamos pagar o soldo de vivo a um homem morto. Morto em ação é mais uma condição administrativa do que propriamente existencial. Na verdade, tivemos um paciente do pelotão de Kolya que foi dado como morto em ação ao mesmo tempo que ele.

O nome do paciente era Danilo. Tinha sido encontrado alguns meses antes nas montanhas perto de Benoi, continuou a contar o pequeno burocrata depois de mais um tempo analisando o arquivo em mãos. Estava desaparecido havia meses e teria sido submetido a uma corte marcial por deserção se já não houvesse sido dado como morto. Quando finalmente chegou ao hospital, seu pé ferido tinha gangrenado e precisaram amputá-

lo, a especialidade da equipe residente de cirurgiões. Danilo perdera boa parte do pouco juízo que um dia tivera, mas, pelo que a polícia do Exército pôde apurar, ele havia sido mantido pelos insurgentes no fundo de um poço.

O pequeno burocrata tirou uma foto de uma pasta. A fotografia tinha sido dobrada tantas e tantas vezes que sua imagem parecia ter sido impressa em papel quadriculado. Entregou a foto a Galina e ela viu uma mulher num biquíni de estampa de leopardo de pé entre dois meninos usando partes de baixo de biquíni com a mesma estampa. Ao fundo, a fumaça amarela se desprendia dos Doze Apóstolos. A foto tinha sido tirada vários anos antes de Galina conhecer Kolya, que ela reconheceu como o mais alto dos dois rapazes.

— O episódio tem mais uma peculiaridade, que uma artista como a senhora pode achar intrigante — continuou o pequeno burocrata, com casual indiferença à dor que se desenhava no rosto de Galina. — A campina nas montanhas onde os dois soldados ficaram presos é bem conhecida, pelo menos localmente, porque é a paisagem retratada numa pintura que passou muitos anos em exposição no Museu de Arte Regional de Grózni.

Galina ainda não parara de contemplar a fotografia. Ainda olhava para Kolya como se o observasse através do tempo, o que, é claro, é a única maneira de se olhar para uma fotografia. Fizemos a mesma coisa com fotografias dos nossos namorados da adolescência mortos na Chechênia ou aqui mesmo, por minas terrestres ou tiros, por overdose ou intoxicação alcoólica, em acidentes nas minas ou vítimas de motoristas alucinados, de tuberculose ou HIV. Galina deve ter sentido a dor que conhecemos bem, uma dor vivida com tamanha frequência que se tornou uma das marcas da nossa geração, aquela que começa no momento em que você descobre que seu namorado da adolescência sofreu uma morte precoce, violenta e sem sentido. Essas mortes nos envelheceram, como se os anos que deixaram de viver se somassem aos que nós vivemos e nos víssemos obrigadas a suportar tanto as decepções da vida que levamos quanto as da que não levamos, a tal ponto que, mesmo quando estamos sozinhas, escovando os dentes no silêncio do nosso banheiro, acordadas à noite em nossa cama vazia, mesmo quando nossos pequenos já adormeceram, quando nossas amigas estão escovando os dentes no silêncio do banheiro delas, acordadas

à noite em sua cama vazia, mesmo quando a porta está fechada e ninguém pode nos ver ou ouvir, nunca estamos a sós, ainda pensamos no plural.

* * *

Galina perguntou se Kolya de fato morrera em ação. O pequeno burocrata esquadrinhou o restante do conteúdo de sua pasta.

— Tecnicamente, não. O mais provável é que tenha sido morto em cativeiro. Mas está morto, de qualquer maneira.

O burocrata transmitiu a notícia com o mesmo tom que usava para desejar bom-dia a um ordenança.

— Não recuperamos o corpo, mas em situações como essa, de tomada de reféns, quando um soldado consegue escapar, o outro, bem... Geralmente o outro não consegue. E Danilo conta que Kolya morreu naquela encosta minada.

— Quero ver o lugar onde ele morreu — disse Galina.

O pequeno burocrata explicou, em considerável detalhamento, seu desconforto em não poder atender a um pedido da esposa de um oligarca, e nada menos que a estrela de *Teia de mentiras*, mas que aquela região montanhosa ainda se encontrava numa zona de combate, embora fosse tratada pelo eufemismo de *zona de operações de contraterrorismo*.

— E o quadro que o senhor mencionou? O que mostra o lugar onde Kolya morreu? — perguntou Galina mais adiante na mesma tarde. — Quero ver o quadro.

Três dias depois, Galina se encontrou com o ex-vice-diretor do Museu de Arte Regional. O museu tinha sido destruído vários anos antes e o vice-diretor tinha iniciado uma nova carreira, a de guia turístico.

* * *

Contaram-nos que Galina nunca mais foi a mesma depois de voltar da Chechênia. Comia pouco. Vivia melancólica. Mesmo quando levava a filha para passear à tarde no parque, voltava pálida e cansada para a cobertura. O que tinha visto na Chechênia a havia mudado — e não sabemos ao certo

o que ela viu, a história que conhecemos é toda feita de rumores e boatos, que quando envolvem uma figura como Galina logo se transformam em mito.

Em suma, ela foi suficientemente estúpida de se tornar uma dissidente. Se tivesse estudado bem a situação da Chechênia, teria visto que o presidente, que sempre acerta tudo, estava correto em sua postura. Mas não dê muito valor ao que ela fez: Galina quis apenas criar distância suficiente para poder gozar dos luxos da classe dominante sem sentir-se cúmplice moral de suas ações. Apenas rumores, é claro. Galina não protestava em voz alta. Ainda assim, qualquer pessoa que tenha visto um dos filmes dela sabe que um único sussurro pode ser altamente perturbador quando toda a plateia está em silêncio.

Ninguém dava muita atenção a seus comentários dissonantes em jantares e vernissages. Mas quando ouvimos Galina falando num programa de rádio para o qual tinha telefonado, suas primeiras palavras resfolegantes deixaram claro que não tinha planejado muito bem o que pretendia dizer. Qual pode ter sido sua motivação? Como podia ser tão ingrata com um governo que lhe dera tanto? Ela não tinha esse direito! Galina tinha tudo! Mais adiante, ficamos sabendo que a estação de rádio era subsidiária de uma *holding* de comunicação, que por sua vez era subsidiária de um conglomerado cujo acionista principal era ninguém menos que o agora décimo terceiro homem mais rico da Rússia, nosso querido oligarca. Será que ela sabia disso quando decidiu zombar do amor que o primeiro-ministro cultivava por esportes, referindo-se a ele como um *bárbaro sem camisa*? É pouco provável. Afinal, recém-intitulado décimo terceiro homem mais rico da Rússia, o oligarca detinha participações em praticamente tudo. Para um homem como ele, cuja fortuna e cuja liberdade dependiam de boas relações com o Kremlin, alianças políticas sempre teriam precedência sobre alianças românticas.

Nas semanas que se seguiram, os filmes de Galina desapareceram dos quiosques de DVD e, sem alarde, mas a título oficial, ela foi despojada de seu título de Miss Sibéria. O aerógrafo não a apagou das fotografias como fizera com sua avó; foi apenas removida do material de divulgação do concurso Miss Sibéria com o uso de Photoshop. E nem pusemos a culpa no oligarca. O caso Khodorkóvski ainda ocupava as primeiras páginas. Galina perdeu os apartamentos em Petersburgo e Moscou, os sedãs pretos com motorista, as pérolas e as peles. Tudo que era seu mas que não constava

em escritura, não possuía certificado de posse ou um recibo foi-lhe tirado. O oligarca, que não dava muita importância a crianças, especialmente seus próprios filhos, fez uma única e surpreendente concessão, dando a filha para Galina criar em Kirovsk.

* * *

Hoje em dia vemos Galina o tempo todo. Não nos cartazes ou nas telas de cinema, mas no mercado, andando pela rua, esperando no ponto do ônibus. O rosto dela é do mesmo tamanho do nosso. Ainda é mais bonita, é bem verdade, mas já faz muito tempo que superamos essa inveja. No geral, estamos felizes. O preço cada vez mais alto do petróleo e do gás natural estabilizou o rublo. Os lucros da aliança mineradora crescem em correlação à economia chinesa. Noventa e cinco por cento dos conversores catalíticos do mundo são feitos com o paládio de Kirovsk, e nossa cidade continua a prosperar sob camadas cada vez mais densas de poluição graças ao empenho dos ambientalistas americanos e europeus em manter limpos os céus acima deles. De tempos em tempos ouvimos histórias que não diferem muito da de Galina e sua avó; pessoas que falam alto demais tendem a ser abruptamente acusadas de corrupção e condenadas a cumprir sentença nas prisões siberianas. Suas vidas são sacrifícios menores.

Olhe do outro lado da rua. É a filha de Galina no parquinho, brincando com as nossas meninas, rindo e gritando enquanto desliza escorregador abaixo. Uma menina linda, não há como negar. Geralmente Galina divide este banco conosco, enquanto relembramos velhas histórias, desabafamos sobre nossas frustrações e compartilhamos nossas alegrias. Falamos principalmente dos nossos filhos. Sobre como nos deixam furiosas; como nos causam dor; como o nosso medo de falhar com eles nos tira o sono. Ninguém gosta de quem fica se gabando, e louvar os próprios filhos equivale a amaldiçoá-los com azar, mas admitimos, ainda que só em segredo, ainda que só para nós mesmas: sentimos orgulho, muito orgulho deles. Demos-lhes tudo o que pudemos, mas nossa maior dívida foi transmitir-lhes nossa própria marca de pessoas comuns. Eles podem reclamar de nós, podem achar que devíamos ser mais ambiciosas e menos bitoladas, mas algum dia vão perceber que só permanecem vivos graças ao que os torna comuns. Daqui a alguns anos, terão se casado e começarão a

ter seus próprios filhos. Gostaríamos de saber que histórias nossos netos contarão sobre nós, e se suas histórias terão alguma semelhança com as nossas.

O escritório de turismo de Grózní

GRÓZNI, 2003

O pessoal da área do petróleo chegou de Pequim para a cerimônia de assinatura da concessão dos direitos de perfuração.

— Para eles, são férias — comentou comigo o intérprete do grupo, noite passada, no Hotel Eternidade de Grózní, o único cinco estrelas e, na verdade, o único hotel de toda a República.

Assenti com ar solene; ele nem precisava se explicar. Cheguei à idade adulta na era Brejnev, quando os jovens entravam altivos e robustos nas academias de serviço civil e as deixavam, dois anos mais tarde, anêmicos e alquebrados, curados para sempre de qualquer capricho de praticar a civilidade ou prestar serviço a quem quer que fosse. Ainda assim, Pequim devia ser um lugar bem sombrio, se viam a Chechênia como estância de férias.

— Chegaremos a Grózní em dez minutos — anuncio a eles em inglês.

O intérprete está sentado no banco do carona. É um homem alto e muito magro com uma cabeleira tão negra e lustrosa que parece esculpida em graxa de sapato. Sinto sempre um espírito de camaradagem em relação a intérpretes — e também a assessores e subordinados de toda espécie — e, à medida que ele fala um mandarim lento e pausado, percebo o tom resignado e familiar de um homem que sabe que é mais inteligente que seus superiores.

A estrada atravessa o que antes fora um telhado. Um braço coberto de zinabre se ergue dos escombros, seu dedo indicador apontando para o céu. A estátua de Lênin ficava na praça em frente a essa escola, braço levantado convocando as crianças para a glória da Revolução, mas agora, enterrado até o queixo como um caubói condenado à morte sob o sol do deserto, Vladímir Ilitch só acena pedindo socorro. Seguimos em frente, passando por bandoleiras de latão e coletes verde-oliva à prova de balas, lenços vermelhos e galões dourados, toda a paleta da invasão russa em meio a uma tempestade de escombros. Ao verem a placa zero-dois do

Ministério do Interior balançando sob o capô do Mercedes, os espiões, os soldados, os policiais e os capangas armados nem hesitam em nos fazer sinal para passar. As ruas se tornam mais navegáveis. Os caminhões de cimento não conseguem concluir o trajeto entre as fábricas e as crateras no chão sem serem sequestrados no caminho por uma ou outra nuance da nossa ocupação multicultural e vendidos às empresas russas de construção ao norte da fronteira e, assim, as equipes de manutenção da rodovia acabam retirando as portas dos gabinetes de prédios administrativos em ruínas e as usam para tapar os buracos das ruas. As portas ainda ostentam os nomes e títulos dos que antes trabalhavam por trás delas. *Mansur Kalidóv: Oncologista-Chefe; Hospital Municipal Número Seis. Yakha Sagaipova: Diretor-Assistente de Produção; Ministério da Indústria do Petróleo e do Gás.* Pode ser que meu nome também apareça por cima da cratera de alguma ruela secundária, sustentando o peso de um estranho que lê a placa *Ruslan Dokuróv: Vice-Diretor; Museu de Arte Regional de Grózni* e se pergunta se essa pessoa ainda está viva.

— Acabaram de descobrir uma enorme sepultura coletiva perto de Grózni, não é? — pergunta o intérprete.

— Exato, um achado muito interessante. Vai virar uma grande atração turística para os entusiastas da arqueologia.

O intérprete franze a testa.

— Mas não é uma cena de crime?

— Não seja ridículo. Aconteceu há milhões de anos.

— Mas os corpos encontrados não foram mortos a bala, com todos os sinais de execução? — insiste ele.

Prefiro dar de ombros. Quem sou eu para responder pela barbárie do homem pré-histórico?

O intérprete indica com a cabeça uma pequena cordilheira de ruínas empilhadas por escavadeiras um pouco além dos limites da cidade.

— E aquilo?

— São os subúrbios.

Passamos por escavadeiras, caminhões de entulho e britadeiras em meio à dissonância metálica da reconstrução que se escuta como um cântico de boas-vindas depois de meses ouvindo o estrépito das bombas. Os guindastes são as estruturas mais altas fabricadas pelo homem que jamais vi pessoalmente. Sigo até a praça central, no passado o núcleo do governo municipal e hoje um campo escuro exibindo as marcas em relevo das

esteiras das máquinas de terraplanagem. Antigamente, Nadya morava um pouco adiante. As autoridades chinesas da área do petróleo descem do carro e se entreolham, depois fitam o intérprete e finalmente se viram para mim.

Voltando-me para nordeste, aponto uma faixa de céu azul encaixada entre dois cúmulos volumosos.

— Ali ficava o Hotel Kavkaz. O ABBA passou duas noites hospedado lá. Eu carreguei as guitarras deles no verão em que passei trabalhando no hotel. Ao lado, imaginem um grande prédio residencial. Antes de 91, era ocupado exclusivamente por membros do Partido e, depois disso, exclusivamente por criminosos. Ninguém se mudou de lá ou para lá.

Nenhum dos chineses sorri. O intérprete se inclina em minha direção e murmura:

— O senhor tem ciência, é claro, de que esses três cavalheiros são altos membros do Partido Comunista da China.

— Tudo bem, sou só o motorista.

O intérprete me olha sem expressão.

— Loide de *Debi e Loide*?

Nada.

— Jim Carrey. Um ator brilhante que personifica a falta de sentido da nossa era — explico.

O intérprete nem se dá ao trabalho de traduzir. Continuo a narrar um mapa da praça, mas os visitantes não conseguem ver o mesmo que eu. Veem apenas uma praça vazia demolida por bombas e escavadeiras.

— Vamos, camaradas, usem a imaginação — tento sugerir, mas eles voltam para o Mercedes e fico falando só para o intérprete até ele também voltar para o Mercedes e eu ficar falando sozinho.

* * *

Três meses antes, o ministro do Interior me contara a ideia que tinha. A proposta era ridícula, mas eu a escutei com a complacência inexpressiva que tinha aperfeiçoado ao longo dos meus vinte e três anos no serviço público.

— A ONU declarou Grózni a cidade mais destruída da Terra — explicou o ministro entre garfadas de truta assada.

Eu não sabia qual era a resposta adequada, então lhe dei meus parabéns sem muito entusiasmo.

— É, imagino que algum reconhecimento é sempre bom. Mas, como você pode imaginar, isso nos cria um problema de imagem.

Ele estava sentado à sua mesa numa cadeira executiva de espaldar alto, enquanto do lado oposto, encarapitado num velho banco de pernas compridas projetado para fazer seu ocupante ter de se esforçar para manter uma posição ereta, eu escutava o ministro. Nossos caminhos tinham se cruzado quinze anos antes, quando ele me pedira um conselho em relação a um quadro recém-pintado dele com os filhos, e eu pedira o conselho dele em relação a uma *datcha* próxima à minha cidade natal. Na época ele tinha dois filhos. O primeiro emigrou antes da guerra mais recente para se matricular numa faculdade americana de farmácia, e agora trabalha numa drogaria muito importante em Muskegon, Michigan. Não sei o que aconteceu com o segundo, mas o simples fato de eu jamais ter ouvido nenhuma vanglória ministerial a seu respeito já me soava como uma sentença de morte. O retrato, que ainda pendia na parede do outro lado da sala, representava o ministro e seus filhos usando botas de couro de cano alto, calças largas, longos *chokhas* de lã e *papakhas* de pele de carneiro, ostentando uma pose heroica junto à carcaça de um urso morto de surpreendente semelhança com Iéltsin.

— Investimentos estrangeiros — continuou o ministro. — Quase ninguém mais concorda comigo, mas acho que precisamos atrair capital sem ligação com o Kremlin se quisermos atingir algum grau de autonomia econômica, e ostentar o título de cidade mais destruída do planeta não ajuda em nada. A Rosneft quer cravar os dentes nas nossas reservas de petróleo, mas os chineses podem ser um negócio melhor. Já ouviu falar em Oleg Voronov? Ele faz parte do conselho da Rosneft, é o décimo quarto homem mais rico da Rússia e um dos defensores mais radicais da invasão russa de 94. Uma das prioridades dele é a aquisição do petróleo da Chechênia.

O ministro pousou seus talheres e começou a arrumar as espinhas e ossos distribuídos pelo seu prato, reconstruindo o esqueleto do peixe que acabara de consumir.

— Se quisermos atrair investimentos estrangeiros, precisamos converter a Chechênia na Dubai do Cáucaso. E é aí que você entra. Você é o quê mesmo? Diretor do Museu de Arte Regional?

— Vice-diretor, senhor ministro.

— Isso mesmo, vice-diretor. Você fez bem em mandar aqueles quadros para Moscou. Uma boa jogada de relações públicas. A exposição na Tretyakov saiu até nos jornais da Inglaterra.

Com um leve aceno de cabeça, aceitei o elogio pelo que tinha sido o ponto mais baixo de uma carreira oscilante. Em 1999, foguetes russos tinham destruído o museu e, com a minha equipe, resgatei o que pude dos incêndios. Pouco depois, recebi ordens de entregar tudo aos russos. Quando vi que meu nome aparecia como um dos curadores da exposição de quadros chechenos salvos da guerra na Galeria Tretyakov de Moscou, fechei os olhos e me perguntei o que teria acontecido com todas as coisas que meus olhos já tinham amado no mundo.

O ministro inclinou o prato acima da lata de lixo e as costelas se desprenderam da espinha do esqueleto do peixe.

— Nada sugere melhor a estabilidade e a paz do que intensa atividade turística — disse o ministro. — Acho que você seria o candidato perfeito para chefiar o projeto.

— Com todo o respeito, senhor ministro, minha dissertação foi sobre as paisagens pastorais do século XIX. Sou um acadêmico. Tudo isso fica um pouco além das minhas capacidades.

— Vou ser sincero, Ruslan. Para esse cargo, precisamos de alguém com três qualificações básicas. Primeiro, saber falar inglês. Segundo, conhecer o suficiente sobre a cultura e a história da região para mostrar que a Chechênia é bem mais do que uma simples zona de guerra em recuperação, que possuímos uma rica história cultural que não foi manchada pela violência. E, por último e mais importante: precisa ser uma das poucas pessoas ligadas ao governo que não tenham relação com qualquer transgressão dos direitos humanos, de qualquer dos dois lados do conflito. Você atende a esses requisitos?

— Sim, senhor. Mas continuo totalmente despreparado para dirigir um escritório de turismo.

O ministro franziu a testa. Esquadrinhou sua mesa à procura de um guardanapo antes de estender a mão e limpar os dedos besuntados de azeite na minha gravata.

— De acordo com a sua ficha, você já trabalhou num hotel.

— Aos dezesseis anos, eu era carregador de malas.

— Pois então — congratulou-se o ministro. — É óbvio que você tem experiência na indústria turística.

— Na área dos carregadores de malas.

— Então você aceita?

Eu não disse nada e, como ocorre tantas vezes com homens dotados de mais poder do que juízo, ele tomou meu silêncio por uma afirmativa.

— Parabéns, Ruslan. Você é o novo chefe do Escritório de Turismo de Grózni.

E assim ficou decidido o meu futuro, como tantas vezes, sem qualquer consentimento da minha parte.

Espaço para escritórios era um bem escasso, visto serem muito poucos os edifícios ainda de pé, e por isso eu trabalhava de casa. Passei a primeira manhã escrevendo *Escritório de Turismo* num pedaço de papelão. Minha caligrafia tinha sido aperfeiçoada por anos tentando parecer produtivo no trabalho. Preguei o cartaz na porta da frente, mas cinco minutos depois já havia desaparecido. Fiz um novo, depois outro, mas os meninos de rua que viviam no patamar do prédio roubavam todos. Depois do quinto cartaz, fui até a cozinha e bebi a garrafa de vodka que o ministro tinha me mandado para comemorar o novo cargo, até desabar aos prantos no chão. E assim terminou meu primeiro dia como chefe do Escritório de Turismo.

Nas semanas seguintes, projetei um folheto. A questão central era como convencer os turistas a virem a Grózni por vontade própria. Em busca de inspiração, estudei panfletos dos escritórios de turismo de outros infernos urbanos: Bagdá, Pyongyang, Houston. Com eles, aprendi a usar adjetivação de maneira supérflua, a tratar os candidatos a turista como glutões pouco letrados, e a imputar todas as histórias de sequestros, tráfico de escravas brancas e terrorismo à calúnia de provocadores estrangeiros. Encantado com minhas descobertas, enfiei uma caderneta no bolso da camisa e saí correndo para a rua. Ao ver o espaço vazio onde antes ficava um edifício residencial, escrevi *vista desimpedida da enormidade do céu!* Assisti em júbilo a uma alcateia de cães ferozes perseguir um homem e escrevi *encontros inesperados com a fauna local!* O bazar zumbia com a venda de maquinário industrial saqueado, rações de ajuda humanitária e diferentes tipos de explosivos, para todas as ocasiões: *oportunidades únicas de compras no bazar de Grózni!* Antes mesmo de chegar à primeira barreira de soldados do ponto de verificação, já tinha escrito *segurança absoluta!* O texto se escrevia por conta própria; o verdadeiro desafio seria

encontrar as imagens para justificá-lo. Afinal, o longo sítio à capital tinha retraçado o mapa da cidade. Escombros desviavam as rotas, obrigando-as a atravessar armazéns abandonados — certa vez vi um engarrafamento se formar dentro de uma fábrica —, e as vias que não sofreram desvios foram arrasadas pelo bombardeio. Uma fotografia da cidade atual equivaleria a uma baça de canhão desferida contra minha ilusão publicitária de um paraíso romântico para casais heterossexuais. Mas não encontrei fotos adequadas da Grózni anterior à guerra nos arquivos destruídos. No fim das contas, desisti totalmente das fotografias e, em vez delas, usei as ilustrações de janeiro, abril e agosto do calendário de 1984 do Museu de Arte Regional. Nas três paisagens do século XIX, andorinhas sobrevoam parreirais com uvas maduras e um pastor cuida de seu rebanho sob um crepúsculo; as imagens retratam uma terra intocada pela guerra ou pelo comunismo, e ao lado delas a minha descrição de uma Chechênia pitoresca não parecia totalmente descabida.

* * *

Volto para casa depois de deixar no Ministério do Interior a troica de autoridades chinesas da área do petróleo. Os meninos de rua desaparecem do saguão quando chego, mas abandonam ali os instrumentos de sua sobrevivência: um espeto de metal para assar pombos, um cinzel para desprender o cimento dos tijolos soltos, que vendem por um rublo cada às equipes de reconstrução.

Bato na porta do apartamento adjacente ao meu e anuncio meu nome. Nadya aparece, de óculos de sol e lenço na cabeça. Virando para mim seu lado livre de cicatrizes, ela me convida a entrar.

— Como foi a viagem inaugural?

— Sucesso absoluto — respondo. — Eles adormeceram antes de chegarmos aos locais mais destruídos.

Nadya sorri enquanto dá passos calculados até o fogão portátil Primus. Não precisa de sua bengala branca para chegar ao balcão. Esquadrinho o aposento à procura de obstáculos, mas está tudo em ordem. Nada no piso afora as trilhas de moedas de um copeque que nos primeiros meses da sua cegueira coleí para que seus pés descalços encontrassem o caminho do banheiro, da cozinha, da porta da frente. Ao final de uma dessas trilhas

fica a mesa sobre a qual se erguem pilhas ordenadas de fotografias em preto e branco, antigo tema de sua dissertação sobre a manipulação das imagens na era stalinista. Examino algumas delas enquanto ela põe a chaleira no fogo. Nadya assinalou um único rosto em cada uma. O mesmo rosto, ou melhor, a mesma pessoa aparece pintada no fundo de cada uma das imagens, representada desde a infância até a velhice: a assinatura do censor anônimo.

A chaleira apita na cozinha. Tomamos o chá em canecas descombinadas que levantam anéis de poeira do tampo da mesa. Ela se senta de maneira a que eu não possa ver o lado esquerdo do seu rosto.

— Os folhetos turísticos ficam prontos semana que vem — conto. — Preciso mandar um deles para os nossos camaradas de Pequim, se as imagens saírem nítidas. Tenho minhas dúvidas quanto às gráficas da Ossétia.

— Você usou três da sala de Zakharov?

— Isso mesmo, três Zakharovs.

Vi sua sombra na parede assentir. A sala de Zakharov, a mais ampla das galerias do museu, também havia sido a sua favorita. A primeira vez que a vi foi nessa galeria, em 1987, no seu primeiro dia como a restauradora recém-contratada pelo museu.

— Você precisa guardar um folheto para mim. Para quando eu voltar a enxergar.

Esta última frase fica pairando no ar por algum tempo antes da minha resposta.

— Trouxe um envelope com cinco mil rublos. Para a sua viagem. Vou deixar na sua mesa de cabeceira.

— Ruslan, por favor.

— São Petersburgo é uma cidade planejada para roubar o dinheiro dos turistas. Eu sei. Trabalho nessa indústria.

— Você não precisa tomar conta de mim. Vivo repetindo isso para você — prossegue ela, apertando meus dedos com firmeza e carinho. — Eu venho economizando a minha pensão por invalidez. Já tenho o suficiente para a passagem de ônibus e vou ficar na casa da prima de uma colega da faculdade.

— Não é para você. É para comprar filmes, videocassetes — respondo, um pouco depressa demais.

Comédias pastelão ou românticas tornaram-se meu gênero predileto nos últimos anos.

— Encontre uns filmes estrangeiros.

Ela olha diretamente para mim, ou para a minha voz, esquecendo-se por um momento da coisa em que seu rosto se transformou. Eu estava com ela quando foguetes transformaram três andares cheios de obras de arte num inferno em chamas das quais ela mal conseguiu escapar. As queimaduras de terceiro grau se consolidaram numa tela de tecido cicatricial que cobria todo o lado esquerdo do seu crânio. Ela conseguia sentir com os dedos o que tinha ocorrido ao rosto, mas não podia vê-lo, e nesse sentido a cegueira era uma dádiva concedida pelo incêndio para compensá-la por tudo que tomara. Seu olho esquerdo tinha sumido. Mesmo que o apontasse para o sol do meio-dia, para aquela órbita vazia ainda assim seria meia-noite. Mas seu lado direito tinha sido parcialmente poupado. Ali, o tecido cicatricial se abria em vales de pele lisa. No calor, as pálpebras do seu olho direito tinham-se fundido, protegendo o olho do pior das chamas. Nele, às vezes ela conseguia pressentir um breve fulgor, uma ligeira sugestão de movimento. Existe uma possibilidade, disse-lhe um oftalmologista, de restabelecer a visão de seu olho direito. Mas qualquer cirurgião de olhos com habilidade suficiente para realizar uma operação tão delicada teve o bom senso de abandonar Grózní muito tempo atrás. Nadya não conseguiu marcar consultas, mas tentaria ser recebida por meia dúzia de cirurgiões de olhos em Petersburgo na próxima semana. Se a operação vier a se concretizar, e se for bem-sucedida, ela diz que pretende mudar-se para a Suécia. Temo muito pelo futuro dela num país onde os cidadãos são obrigados a montar a própria mobília.

— Se acontecer, a cirurgia, se der certo, você não precisa ir embora do país.

— Eu preciso é dormir.

Quando volto ao meu apartamento, raspo os resíduos da *kasha* do café da manhã e a sirvo numa fatia de pão redondo. Os grânulos se encravam entre as cúspides dos meus molares, ásperos e ricos em ácido fólico, sugerindo o tipo de conteúdo substancial e fibroso que converte os intestinos de qualquer pessoa num tubo de despejo vertical. Lavo as mãos na pia e deixo a água continuar correndo mesmo depois de já estar com as mãos limpas. O encanamento foi restaurado seis meses atrás. Acima da porta há um adesivo com o desenho de um peixe e O QUE JC FARIA? inscrito

em seu corpo, lembrança enviada por uma igreja americana junto a um caixote de Bíblias em resposta aos nossos apelos por salvação.

Pego uma dúzia de telas chamuscadas no armário e as disponho no chão em duas fileiras de seis. Ficaram danificadas demais para a exposição da Galeria Tretyakov. Nenhuma delas é posterior a 1879, mas ainda assim parecem visões surreais produzidas por uma mente sob o efeito de psicotrópicos. A maioria está bem queimada e outras mal passam de cinzas presas a uma moldura, lembrando antes o tachismo destrutivo de Alberto Burri que o classicismo da Academia Imperial. Noutras, os óleos derretidos pelo calor converteram retratos de realismo fotográfico em dissolvidas paisagens de sonho.

Há uma última tela no meu armário, o Zakharov que resgatei. Eu o ponho na mesa de centro e examino suas pinceladas à luz de uma lâmpada nua. A gradação imperceptível da cor, as pinceladas quase invisíveis; um Zakharov clássico. Nem mesmo os três anos que passei escrevendo minha dissertação sobre Piotr Zakharov-Tchetchenets conseguiram diminuir meu fascínio por sua obra. Nascido em 1816, durante a Guerra do Cáucaso que Lérmontov, Tolstói e Púchkin mais tarde memorariam em trabalhos com o mesmo nome – *O prisioneiro do Cáucaso* –, tornou-se órfão devido à guerra antes de completar quatro anos. Ainda assim, seu brilho excedia em tanto suas circunstâncias que ingressou na Academia Imperial de Belas Artes em São Petersburgo e, embora sua origem étnica o tenha impedido de obter uma bolsa de estudos, emprego ou patrocínio, acabou se transformando em pintor da corte e membro da Academia. Eis o exemplo de um checheno que conseguiu ser bem-sucedido nos termos ditados pelos conquistadores, um homem não muito diferente do ministro do Interior, merecedor de admiração e piedade.

Uma campina, um pé de damasco, um muro de pedra em diagonal percorrendo a relva em curvas, o pasto que sobe uma encosta, um poço com tampa de madeira, uma casa. Em 1937, o censor que acabaria virando tema da dissertação de Nadya tinha pintado a figura do chefão do Partido em Grózni ao lado da *datcha*. Por mais de cinquenta anos o chefão do Partido havia ocupado o canto inferior esquerdo do quadro, como um monumento fora de lugar ao Realismo Socialista. O dogma soviético já tinha inundado a totalidade do presente, e ali estava uma lembrança de que mesmo o passado era sujeito a revisões, e não menos suscetível a alterações do que uma tela acabada. Em 1989, quando o Muro de Berlim

caiu e os Estados-satélites soviéticos começaram a desmoronar, quando os políticos e o aparato de segurança viram-se às voltas com preocupações mais urgentes do que paisagens do século XIX, eu pedira a Nadya que restaurasse o Zakharov. Ela tinha boa formação, bons instintos e a vocação artística de uma restauradora, e durante algumas semanas ela expurgara do quadro o chefão do Partido. Não tomamos as ruas; não derrubamos governos nem trocamos líderes; nossa insurreição ocorreu em dez centímetros de tela.

É uma das obras menos ambiciosas de Zakharov. Ele foi um artista que pintou os retratos do tsar Nicolau I, do general Alexei Yermolóv, da grã-duquesa Maria Nikolaevna, autor da famosa representação da rendição do imã Shamil, e o quadro que tenho nas mãos encarna tanto drama quanto seu título sugere: *Pasto vazio na tarde*.

Cresci nas terras altas do sul, a poucos quilômetros daquele lugar. Aldeões iletrados que não conheciam nada de arte declaravam orgulhosos que aquela faixa de solo tinha sido digna das pinceladas de Zakharov. Embora tecnicamente o terreno fizesse parte de uma fazenda do Estado, nada jamais fora plantado ali, e os rebanhos tinham sido banidos da pastagem porque ninguém gostava da ideia de carneiros se aliviando no pasto de Zakharov. Na escola secundária, minha turma fez uma excursão ao Museu de Arte Regional de Grózni e finalmente encontrei a tela que nas histórias dos aldeões vibrava com intensidade maior do que jamais poderia alcançar nas paredes de um museu.

Acima de qualquer outra coisa, foi esse quadro que me levou a estudar Belas Artes na universidade. Foi lá que conheci Liana e me casei com ela. Moramos com meus pais num apartamento apertado já com vinte e muitos anos e só tínhamos a privacidade de conversar abertamente em áreas públicas desertas: o telhado da escola da aldeia, a sala de espera da antiga clínica local, o pasto de Zakharov. Depois que consegui meu título de doutor e um cargo no museu, mudamo-nos para um apartamento em Grózni onde aprendemos a conversar entre os lençóis.

A URSS caiu. Tivemos um filho. Com a assistência do ministro do Interior, comprei a *datcha* do pasto de Zakharov durante a febre de privatizações dos anos pós-soviéticos anteriores à guerra. Quando a primeira guerra começou, fiquei em Grózni e fiz o que pude para proteger o museu dos avanços alternados de soldados estrangeiros e insurgentes locais. Minha mulher e meu filho viviam na *datcha*, longe da guerra.

Nas minhas pesquisas para o Escritório de Turismo, aprendi que a primeira e a segunda guerras da Chechênia transformaram a república numa das regiões mais densamente minadas de toda a história da humanidade. A ONU calcula que quinhentas mil minas tenham sido plantadas em seu território, mais ou menos uma para cada dois habitantes da Chechênia. Eu desconhecia este número quando fui até a *datcha* durante a primeira guerra, levando as provisões que pude reunir na capital em ruínas, algumas guloseimas pelas quais paguei bem caro, folhas de chá para a minha esposa, folhas de papel de desenho para o meu filho. Mas eu tinha informação suficiente para lhes recomendar que nunca se arriscassem a caminhar pelo pasto. Até maio de 1996, os dois acataram minha recomendação. Nunca soube como aconteceu, por que acabaram enveredando pelo pasto, se foram perseguidos, se fugiam de homens mascarados, se o campo minado lhes pareceu um refúgio em comparação com a violência de seus perseguidores, se sentiram medo, se gritaram por socorro, se chamaram meu nome. Essas perguntas se tornaram irrespondíveis no momento em que os dois abriram a porta dos fundos, desceram as escadas e atravessaram correndo a horta abandonada. Prefiro acreditar que o dia estava tão lindo que ambos não conseguiram ficar longe do topo da encosta, do céu aberto, daquela luz radiante. Prefiro acreditar que minha mulher sugeriu que fizessem um piquenique no alto do morro. Prefiro acreditar que os instantes que antecederam os derradeiros foram de extravagância, de encantamento, qualquer coisa que se contraponha às realidades mais prováveis que rondam minha imaginação. Com terror ou alegria, com humilhação ou deleite, continuaram a ser minha mulher e meu filho até o fim — e preciso lembrar-me disso porque, no mistério que engole os momentos finais, os dois se tornaram estranhos a mim. Eu estava em Grózní, no museu, e jamais escutei a explosão.

* * *

Ao longo das duas semanas que Nadya passa em Petersburgo, minhas noites ficam estagnadas. Dignitários russos, investidores em potencial, jornalistas aprovados pelo Estado e os onipresentes empresários da área do petróleo preenchem minhas manhãs e minhas tardes, mas toda vez que

retorno ao meu apartamento sou lembrado de que, no fim das contas, estou sozinho. Vou duas vezes ao apartamento de Nadya para limpar o armário do seu quarto, os cantos das estantes, atrás do vaso sanitário, os lugares mais difíceis que, mesmo com seu perfeccionismo, ela acaba deixando passar. Sinto algum desconforto com a carência disfarçada em minha decisão de me inserir na vida dela à guisa de preocupação. Não que eu não me preocupe, é claro. Há noites em que acordo de um pesadelo em que ela tropeça numa cadeira, num sapato ou num cabo de vassoura que eu podia ter tirado do seu caminho. Mas em raros momentos — como agora, enquanto tiro o mofo dos azulejos do seu banheiro — uma clareza emerge em meio ao caldo opaco da rotina e sei que me transformei deliberadamente numa muleta que ela não pode correr o risco de dispensar. O que não sei é se fiz isso por amor ou solidão, ou se nesse mundo de ponta-cabeça onde os telhados forram as ruas, as intenções perderam totalmente seu peso moral.

Numa quarta-feira, incomumente desperto levando em consideração a hora, contemplo o pasto de Zakharov. É a menos danificada das telas; manchada de cinzas e fuligem, mas ainda assim os estragos foram mínimos. O mais sério é um buraco queimado no centro, no alto da encosta, e embora tenha sido produzido pelo incêndio do museu, vejo nele a cratera deixada pela explosão da mina, o buraco que tragou tudo. Poucos anos atrás, Nadya poderia restaurá-lo em questão de dias.

Uma ideia. Volto ao apartamento de Nadya para pegar seus apetrechos de restauração. O estojo está em sua mesa, cercado pelas fotografias em preto e branco alteradas pelo mesmo funcionário de propaganda que pintou o chefão do Partido em Grózni no primeiro plano do Zakharov. Depois de expurgar tal figura do quadro, Nadya ficou fascinada com esse funcionário, especialmente ao descobrir que ele havia inserido um retrato da mesma pessoa, representada da infância à velhice, em centenas das imagens que tinha manipulado. Pondo-se as fotografias lado a lado, pode-se ver a vida inteira desse desconhecido desenrolar-se à nossa frente, ao fundo das imagens que elas mostram. Paro numa delas, em cujo verso se lê “Leningrado 1937” escrito a lápis. É só um menino, bochechudo e de olhos cinzentos abaixo de uma mecha rebelde, que mal se percebe no meio da multidão. Sinto que ele me olha com uma intensidade quase senciente e por um momento sou incapaz de me mover: seu olhar me trespassa e me imobiliza num espaço presente que compartilhamos. Como terá sido a sua

morte? Essa pergunta vem circulando dentro de mim num eterno looping pelos últimos cinco anos, mas nunca antes se referiu a um menino que não o meu filho.

De volta ao meu apartamento, disponho os apetrechos ao lado da tela de Zakharov. Frascos plásticos contendo emulsão de limpeza, neutralizador, verniz brilhante, condicionador e removedor de verniz. Uma latinha de massa de vidraceiro. Oito metros de tecido de tela. Um pacote quase vazio de palitos com ponta de algodão. Uma dúzia de luvas descartáveis de cloropreno. Eu havia cursado um ano da cadeira de restauração na universidade, mas minha formação mais efetiva se devia a Nadya, quando, nos meses posteriores à morte de minha família, descuidei cada vez mais das minhas obrigações como vice-diretor e passava a maioria das tardes em sua sala, vendo-a trabalhar.

Todas as noites da semana seguinte, eu calço as luvas de cloropreno e me ponho a limpar a superfície da tela com bolas de algodão impregnadas de neutralizador. A emulsão de limpeza cheira a melancia fermentada e eu a aplico com os palitos de ponta de algodão, descrevendo pequenos círculos até as pontas ficarem cinzentas e revelarem as cores inalteradas da paleta de Zakharov. Usando a massa de vidraceiro como selante, remendo o buraco queimado com um quadrado de tela limpa. Em seguida, pondo-me a enfrentar o verdadeiro desafio, começo a pintar.

O furo remendado tem metade do tamanho de uma carta de baralho e fica um pouco à direita do centro do quadro, perto do alto da encosta. A relva, que adquire um tom verde-esmeralda ao sol, precisa aparecer sem nenhum defeito, com a gradação impecável, e passo muitas horas testando diferentes misturas de óleos antes de cobrir o remendo de tela com pinceladas minuciosas. Enquanto trabalho, percebo que mesmo ao retratar um relvado distante, Zakharov é inimitável. Eu me inclino para trás e procuro no quadro duas figuras familiares, como faço há anos, mas dessa vez meu esforço é diferente. Nadya jamais me perdoaria se estivesse presente e pudesse me ver pintar, no remendo da encosta, uma mulher e um menino.

Com traços rápidos e firmes, desenho os dois como silhuetas. O menino tem os braços levantados, seu corpo se alonga ao chegar ao cume do morro com as mãos abertas. A mulher, um passo atrás dele, vem subindo também. Estão de costas para o observador. O sol varre a relva e damascos

maduros pesam, curvando seus galhos. Ninguém os persegue. Os dois não correm de nada.

* * *

Nadya voltou, o chá branco esfriou em nossas xícaras e ela ainda não me disse nada sobre os cirurgões de olhos de Petersburgo.

— Boa notícia — diz ela, e tateia o chão em busca de sua mala. E me entrega duas fitas VHS. — São os dois filmes que você queria, não são?

Examino as capas. Infelizmente, comédias soviéticas.

— Sim, exatamente os que eu queria.

— Fiquei com medo de ter sido enganada pelo vendedor de rua.

— O que os cirurgões disseram, Nadya?

A pausa foi suficiente para se descascar uma ameixa inteira. Ela me comunica a resposta, franzindo o rosto para o chão.

— Uma cirurgia reconstrutiva é possível.

Invoco à força todo o entusiasmo de que sou capaz para os parabéns que lhe dou, batendo na mesa com a mão espalmada enquanto minha coluna se curva. O que eu farei se Nadya não precisar mais de mim, se ela for para a Suécia montar suas estantes numa sala de estar que jamais conhecerei? Mas são boas notícias, claro que sim, embora o rosto de Nadya não esteja alegre.

— Qual é o problema? Você vai precisar esperar muito para fazer a operação?

— Não vou fazer.

— O quê? Por que não?

— É caro demais.

Ela continua encarando a cadeira vazia do outro lado da mesa, achando que ainda estou sentado nela.

— Custa 115 mil.

Cento e quinze mil rublos. Uma soma imensa, mas não impossível. Anos de economia, mas dentro do possível, como um mês de férias em Belarus. Já estou começando a arquitetar desfalques no Ministério do Interior quando ela diz:

— Dólares.

Meu coração entra em parafuso e desaba em algum ponto das minhas entranhas. A 33 rublos por dólar, a quantia é inatingível. Nadya estende a mão para a bolsa e pega um envelope.

— O que eu lhe devo pela viagem. Me ajude a contar quanto tem — diz ela.

Por um instante, a tendência que ela tem de confiar em qualquer um, mesmo em mim, me enfurece. A desconfiança não devia ser a condição natural dos cegos? Já não avisei a ela, já não lhe disse para que tomasse cuidado, para que não confiasse em ninguém? Mas por alguma perversão Nadya se tornara ainda mais disposta a confiar, a crer que as pessoas não são vigaristas e trapaceiras por natureza, motivo pelo qual, imagino, minha coleção de VHS agora ostenta o filme *Cavaleiro de sorte*.

— Não foi nada.

— Mas quero lhe pagar.

— Se você está planejando virar mártir, melhor ir se juntar a eles na floresta.

— Me ajude a contar o dinheiro — insiste ela, com a voz séria, severa e fria. — Ainda me resta algum dinheiro da pensão por invalidez. Não vivo de caridade.

Claro que não existe pensão nenhuma por invalidez. Claro que o governo não lhe envia um pagamento mensal, nem subsidia o apartamento ao lado do meu. O dinheiro fechado em envelopes do Ministério do Interior que eu lhe trago no dia primeiro de cada mês vem de mim, assim como o aluguel que ela paga.

— Estou esperando — diz ela.

Nós dois sabemos que se trata de uma farsa. Mas eu me sento ao lado dela. Faço meu papel na mentira que preserva a ilusão de que a nossa amizade, o nosso romance, seja o que for, baseia-se no afeto, e não na necessidade. Conto as notas que devolverei a ela num envelope do Ministério do Interior no primeiro dia do próximo mês, e quando termino trocamos um aperto de mão como se tivéssemos fechado um negócio e não devêssemos mais nada um ao outro, como se não houvesse mais dívida alguma a pagar, nenhuma obrigação a cumprir.

Na cama, corro meus dedos pelo que resta dos seus cabelos, pressiono sua face com a ponta dos dedos, esquadrinho lentamente suas feições como se fosse eu o cego entre nós dois, no esforço de decifrar o denso braile estampado em seu rosto. Deslizo minha mão pelo seu tronco, por

cima do volume de seu seio esquerdo, pelo quadril até as coxas tão lisas e sem marcas que só lhe pertencem na escuridão. Ela rola para o lado.

Deitado nesta cama, quase é possível esquecer os mísseis caindo, o museu desabando, o ar do céu claro incrivelmente distante, os blocos de concreto chacoalhando como pedras de gelo num copo de bebida. Você segurava o Zakharov quando a encontrou, o rosto queimado pela metade, os dentes batendo. Você quase se esquece de como ergueu o rosto dela para esfriá-lo com seu sopro, de como aqueles olhos despedaçados o procuravam enquanto você a abraçava.

Você quase esquece as tantas vezes que já a advertiu contra os monstros, como se fossem criaturas à parte: escondidos atrás da porta, prontos a se aproveitar dos cegos e vulneráveis. Quando ela se vira de costas para você, ajeitando os lençóis nos quadris, você quase se esquece de perguntar-se: “Em que monstro me transformei hoje?”

* * *

Pela manhã, volto ao meu apartamento e encontro as telas no chão, onde as deixei. A luz do dia acrescenta estranha beleza aos efeitos do fogo e da carbonização, como se o incêndio não tivesse destruído as obras de arte, mas transformado cada uma, através de uma revisão, na expressão de um presente brutal. Pego o quadro mais próximo, um retrato de família encomendado por um nobre como presente de casamento para o segundo filho. O terço superior do quadro foi incinerado, levando consigo a cabeça do nobre, a de sua mulher, a do primeiro filho e a do recém-casado, mas seus corpos permanecem, vestidos em culotes e saias manchados de fuligem, e a seus pés vê-se um *dachshund* sentado, tão gordo que as pernas mal encostam no chão, a única figura — numa tela encomendada para transmitir a honra imortal da família — a sobreviver intacta.

Penduro o quadro num prego torto cravado na parede e dou um passo para trás, maravilhado ao ver que aqui, pela primeira vez em minha carreira, pendurei uma obra de arte moderna. Depois de empurrar a mobília para a cozinha, penduro os quadros restantes pela sala, chegando finalmente ao Zakharov restaurado, que cogito devolver ao armário, guardando-o nas trevas onde só seguiria existindo para mim, mas meus instintos de curador acabam vencendo e o penduro na parede, onde sempre

deveria estar. Há muito tempo os meninos de rua roubaram o último dos letreiros da minha porta. Rabisco um novo num pedaço de papelão e prego na porta: *Museu de Arte Regional de Grózni*.

Agora vou em busca de guardas. Jogo escada abaixo uma nota de cem rublos amassada, sabendo que eles, como as trutas do rio Sunja, estarão famintos demais para passar indiferentes por um anzol com isca. Uma mãozinha aparece no canto e eu a agarro, puxando o bracinho magro e recolhendo o menino inteiro. Ele se debate loucamente, mordendo os meus punhos, então sacolejo seu corpo até conseguir controlá-lo para oferecer-lhe um emprego de segurança do museu.

Ele para de se debater, talvez por ter entrado em choque, e fecho sua mão em torno da nota de cem rublos. As unhas dos seus dedos parecem cobertas de ferrugem. Sua camisa tem a mesma densidade escassa de uma camada de fuligem.

— Os cartazes da minha porta estão sendo roubados por bandidos. Pago trezentos rublos por semana a você e a seus amigos para não deixarem isso acontecer.

Pelas semanas seguintes, faço todas as minhas excursões passarem pelo museu. Uma delegação da Cruz Vermelha. Mais funcionários chineses da área do petróleo. Um campeão de boxe peso-pesado. Um jornalista inglês. *Isto é tudo que resta*, gritam os quadros chamuscados. *Não se pode queimar cinza! Não se pode arrasar escombros!* Como único funcionário do museu além dos meninos de rua, eu me dou uma promoção há muito merecida. Não sou mais vice. A partir de hoje, sou o diretor do Museu de Arte Regional de Grózni.

* * *

O telefone recém-instalado toca certa manhã e a voz triste do Ministro do Interior me cumprimenta.

— Estamos totalmente fodidos.

— Que bom que o senhor me ligou, senhor ministro — respondo.

Ainda estou de pijama e, mesmo que seja para falar ao telefone, acho que meus trajes não estão apropriados.

— Os chineses estão fora. Venderam os direitos de perfuração para a Rosneft, em troca de algumas dezenas de aviões de combate russos.

Faço que sim com a cabeça. Está explicado por que a China não mandou seus representantes mais perspicazes ou sóbrios.

— Quer dizer que quem vai perfurar é a Rosneft?

— É, mas ainda não cheguei ao pior da história — diz ele, e arqueja. — É bem possível que eu seja rebaixado a vice-ministro.

— Fui vice por muitos anos. Não é tão ruim assim.

— Quando acontece alguma cagada no mundo, a merda sempre cai na cabeça do vice.

Isso eu não podia negar.

— E o que isto significa para o Escritório de Turismo?

— Você organiza mais uma excursão, depois pode-se dizer que vai precisar de um novo emprego. Oleg Voronov. Da Rosneft.

Levo alguns instantes para reconhecer o nome.

— O décimo quarto homem mais rico da Rússia?

— Já é o décimo terceiro.

— Com todo o respeito, senhor ministro, eu organizo excursões para ativistas de direitos humanos e jornalistas da mídia impressa, pessoas sem nenhum poder ou importância. Não estou qualificado para organizar uma excursão para um homem da importância dele. Por que ele quer fazer uma excursão, para começo de conversa?

— É exatamente o que eu queria saber! Parece que a mulher dele, Galina Sei-lá-o-quê-ova, que é atriz, ouviu dizer que voltamos a ter um museu. O que você andou aprontando?

— É uma longa história, senhor ministro.

— Você sabe que eu não gosto nada de histórias.

— Sei, senhor ministro.

— Bem, então mostre a ele a nossa famosa hospitalidade chechena. Não deixe de lhe oferecer um copo de água da bica sem ferver. Vamos deixar o décimo terceiro homem mais rico da Rússia com um parasita intestinal!

— Não se preocupe, senhor ministro. Eu dirijo uma limusine.

— E eu vou cair de pé, Ruslan. Não vá perder o sono preocupado com o meu futuro. Pode ser que eu ainda faça uma viagem à América. Eu gostaria de ver Muskegon enquanto ainda sou jovem e saudável para aproveitar plenamente a experiência.

Três semanas se passam e ei-lo aqui, Oleg Voronov sentado no banco de trás do Mercedes ao lado da mulher, a atriz Galina Ivanova. No banco dianteiro, sua assistente, uma loura desbotada freneticamente produtiva que toma notas mesmo quando ninguém diz nada. Por mais que eu tente, porém, não consigo odiar devidamente Voronov. Até aqui ele não falou muito, não prestou atenção, não demonstrou a menor curiosidade; em suma, um turista perfeito. Galina, por outro lado, leu *Origens da civilização chechena*, de Khassan Geshilov, e recita pormenores históricos que eu mesmo desconheço. As portas das salas de administradores mortos chacoalham sob as nossas rodas e ela me faz perguntas ponderadas, tratando-me não como um criado, nem mesmo um guia turístico, mas como um erudito. Menciono de passagem as minas terrestres, os meninos de rua, o estupro, a tortura e o sofrimento indiscriminado, mas tanto Voronov quanto a mulher balançam a cabeça, com empatia. Nada do que digo consegue transformá-los nas máscaras do mal que eu esperava que fossem.

A excursão se encerra no meu apartamento. Hesito em admitir um homem da estatura dele no pequeno mundo do museu, mas a mulher faz questão. Enquanto subimos a escada, Voronov consulta o relógio, um artigo barato de plástico, e nesse momento eu sei que jamais irei detestá-lo como ele mereceria.

— Eis o que restou do Museu de Arte Regional de Grózni — digo ao abrir a porta.

Voronov e sua assistente percorrem a sala. Olho para a pia da cozinha, mas um copo de água da bica sem ferver é um destino que não desejo nem mesmo para um oligarca russo.

Voronov e Galina passam pelas molduras queimadas e chegam ao quadro do pasto.

— É este? — pergunta ele a ela.

Galina faz que sim com a cabeça.

— Um Zakharov, não? — pergunta ele, passando o dedo na lapela enquanto se vira para mim. — Tivemos uma exposição dele na Galeria Tretyakov, se não me falha a memória.

Só agora consigo ver claramente que tipo de animais convidei a entrar em minha casa.

— O incêndio destruiu a maior parte da coleção original quando o museu foi bombardeado. Mandamos o que restou para a Galeria Tretyakov.

— Mas esse não?

— Esse não.

— Muita ousadia, o senhor não acha, deixar um tesouro desses na parede de um apartamento guardado apenas por meninos de rua?

— É uma obra menor.

— Acredite o senhor ou não, faz tempo que minha mulher vem procurando por este quadro. Tem um significado especial para ela. Eu sei, eu sei. Casei com uma sentimental.

— Posso lhe oferecer um copo d'água?

— Podia me oferecer o quadro.

Eu forço uma risada. Ele também ri. Estamos rindo. Rá-rá-rá! Rá-rá-rá! É tudo uma piada.

— O quadro não está à venda.

Ele para de rir.

— Está, se eu quiser comprar.

— Isto é um museu. O senhor não pode adquirir um quadro só porque quer. O diretor da Tretyakov nunca lhe venderia um quadro de suas paredes só porque o senhor pode pagar.

— O senhor não passa de um vice-diretor, e aqui não é a Galeria Tretyakov.

Sua voz vem carregada de uma compaixão genuína, enquanto ele observa brevemente as cinzas que se desprendem das telas, os pratos sujos empilhados na pia, e sim, agora, finalmente, começo a odiá-lo.

— Eu tenho uma galeria numa cobertura em Moscou. Com controles de temperatura e umidade. Segurança de primeira. Só Galina, eu e poucos hóspedes iremos ver o quadro. O senhor precisa entender que estou sendo mais do que razoável.

Em um tom de ameaça nem um pouco sutil, ele aponta com a cabeça para a rua onde seus três Golias armados estão postados ao lado da Land Rover.

— Quanto vale o quadro?

— Vale... — começo, mas como ir em frente?

Que preço posso arbitrar para o último Zakharov da Chechênia, para a última imagem existente do meu lar? Um número me vem à cabeça, mas me aterroriza. Não seria o pior de todos os resultados, perder tanto o Zakharov quanto Nadya numa única transação?

— Pode levar — respondo. — O senhor toma qualquer coisa que deseje, não é? Pode levar o quadro também.

Voronov se irrita.

— Não sou ladrão. Diga o quanto vale o quadro.

Meu olhar sai pairando e pousa no adesivo com as palavras O QUE JC FARIA? inscritas no corpo de um peixe. O que ele faria? Jim Carrey seria corajoso. No final, por maior que seja a dificuldade, Jim Carrey sempre faz a coisa certa. Fecho os olhos. Não quero falar.

— Cento e quinze mil dólares. Americanos.

— Cento e quinze?

Confirmo com a cabeça.

— Isso equivale a quê, três milhões e setecentos, três milhões e oitocentos rublos? Vamos arredondar para quatro — diz Voronov, batendo as mãos carnudas uma única vez.

Sua mulher ainda não desviou os olhos do quadro. Ele se vira para a assistente que o seguiu o tempo todo pela sala, tomando notas sem parar. Ela desprende do ombro uma bolsa gigantesca, puxa oito pilhas de notas de cinco mil rublos presas com elástico e as põe no chão.

— Nunca confie nos bancos — diz Voronov. — É um conselho que estou dando de graça. Foi um prazer.

Ele me dá um tapa nas costas, instrui a assistente que traga o quadro com ela e toma o rumo da porta.

E então vai embora. Galina continua parada diante do Zakharov. Mesmo agora, no momento em que estou perdendo meu quadro, sinto orgulho de que ele possa despertar tanta concentração.

Ela acena com a cabeça para as silhuetas delgadas da minha mulher e do meu filho, sorrindo enquanto enxuga os cantos dos olhos.

— O senhor não entenderia, mas uma pessoa que eu amei morreu nesse lugar.

Ela me dá um tapinha no ombro e caminha para a porta.

Então ela vai embora e fico sozinho com a assistente, cujo perfume adocicado cheira a querubins vaporizados. Fecho os olhos e tento imaginar uma escuridão que se expande até se tornar uma noite permanente, imaginar nossas vidas como sonhos que percorremos aos tropeços, mas não consigo, porque mesmo à noite sei que as manhãs sempre vêm, e mesmo com os meus olhos cerrados sei que tornarei a abri-los. O que Nadya irá ver quando abrir os dela? O que irá ver quando vir a mim?

— E o senhor precisa nos fornecer uma descrição curatorial — diz a assistente. — Alguma coisa que possa constar numa placa de metal.

Ela me passa o bloco e eu fico parado um bom tempo diante do meu quadro antes de começar. *Notem como as sombras da campina espelham as nuvens do céu, escrevo. Ou a maneira como as folhas do pé de damasco oscilam na mesma direção que as folhas de relva do lado oposto da campina. Para um mestre como Zakharov, não há exceções para a verossimilhança. Notem o muro de pedras brancas que atravessa enviesado a composição. Cria profundidade e ao mesmo tempo contrabalança a linha do horizonte. Do lado esquerdo da tela, correndo morro acima, podem-se ver linhas de solo revirado. Pode-se imaginar que sejam túmulos cavados recentemente ou minas terrestres enterradas há pouco, mas basta olhar mais de perto para ver que são os sulcos de uma horta plantada não faz muito tempo. Os primeiros brotos de alecrim já começam a surgir. Neste quadro, Zakharov retrata toda a paz e a tranquilidade de um dia de primavera. O sol brilha agradavelmente e ainda faltam horas para a noite cair. Quase chegando ao cume do morro, perto do horizonte, podem-se notar as figuras que parecem ser uma mulher e um menino. Não lhes deem importância, porque são apenas as tentativas fracassadas de um restaurador novato. Não são mais do que sombras. Nem sequer estão ali.*

O prisioneiro do Cáucaso

TERRAS ALTAS DA CHECHÊNIA, 2000

Ultrapassam a crista da montanha com um solavanco ruidoso e começam a percorrer um socalco verde quando o motor do Shishiga dá dois engasgos e morre. Danilo, soldado contratado, com um corpo que lembra um saco de farinha e um cérebro tão agitado quanto fogos de artifício baratos, amaldiçoa o caminhão, em seguida a mãe de Jesus, e depois arremata tudo disparando três vezes contra o bloco do motor e três contra as nuvens. A má sorte dos dois tinha começado anos antes de seu veículo enguiçar no meio do território controlado pelos rebeldes, mas não existe má sorte que Danilo não consiga piorar: chamas escapam serpenteando pelos buracos de bala do capô. Ainda assim, uma parte de Kolya fica aliviada por poder descer do caminhão, e essa parte é o estômago. A estrada pavimentada mais próxima ficou cinquenta quilômetros para trás, e o caminho semeado de pedregulhos por cujo ponto mais alto acabaram de passar fez o caminhão sacudir mais do que um barco em uma tempestade. Três mil metros acima do nível do oceano e Kolya com o corpo dobrado pelo enjoo.

— Você é a vergonha do seu povo! — grita Danilo enquanto despeja o cantil no bloco fumegante do motor. — É por causa de motores como esse, motores feitos de lata e titica de carneiro, que Putin só anda numa porra de um carro alemão.

E sai enumerando os malefícios teutônicos infligidos à civilização ocidental: Karl Marx, Adolf Hitler, Claudia Schiffer.

— O principal produto de exportação deles são péssimas ideias, mas ainda assim conseguem fabricar motores melhores que os nossos.

Dobrado ao meio em plena golfada quase seca, Kolya contempla a cena de cabeça para baixo por entre as pernas abertas. É a única maneira de ver o mundo que faz sentido para ele nos últimos dias. Danilo, filho de um mecânico, tem um histórico de relações abusivas com a maioria dos veículos da unidade, de maneira que Kolya não se surpreende quando ele começa a tentar levar na conversa o motor quebrado. Com um esforço

razoável, Kolya volta à posição ereta e olha a seu redor. Uma escada de largos socacos verdes sobe a encosta. Lá embaixo, uma linha quebrada de pedras brancas vai afinando até dar num fundo de galhos emaranhados. Estão na casa do caralho da Chechênia, numa operação que pode muito bem ser a mais idiota que Kolya jamais viu numa carreira que tem sido uma verdadeira antologia da insensatez humana. Para além daquelas paragens malditas há um coronel teimoso que está precisando de sacos para o transporte de cadáveres. O que nem é um pedido propriamente absurdo. Mas Kolya sabe que o coronel quer é construir uma *banya*, um banho a vapor, e, em termos de isolamento térmico, nada que deus, os homens e a Alemanha tenham inventado é capaz de conter o vapor melhor do que o pesado plástico negro dos sacos para cadáveres do Exército Federal russo.

Kolya volta para junto do caminhão. Danilo torna a se instalar ao volante. Dá a partida, pisa no acelerador várias vezes. O motor de arranque engasga. Danilo balança lentamente a cabeça para Kolya.

— Não quer pegar.

— Porque você atirou no motor — diz Kolya.

— E aonde você quer chegar?

— A lugar nenhum — diz Kolya, e suspira.

Às vezes, sua falecida fé na lógica racional ressuscita por tempo suficiente para que ele volte a acreditar que existe algum propósito. É um consolo tão grande quanto acreditar no Ded Moroz, o equivalente russo do Papai Noel, mas no fim das contas ele sempre acaba se sentindo um perfeito idiota quando pensa que qualquer dor que provoca ou suporta faz algum sentido, além do fato aleatório de simplesmente existir.

— Não quero chegar a lugar nenhum.

— Uma vez atiraram em mim enquanto estava batendo uma punheta, e sabe o que eu fiz?

— Depende de onde o tiro pegou.

Danilo olha fixo para ele, como se dissesse que não admite dúvidas.

— Eu tomei coragem e fui até o fim, Kolya. Nem foi difícil, com a foto da sua mãe naquele biquíni de leopardo.

Kolya dá-lhe uma cotovelada no rim.

— Não se preocupe — continua Danilo. — Eu dobrei a foto para esconder você e o seu irmão mais novo. E não deixei nem um pinga de sangue cair na foto.

— Não é o sangue que me preocupa.

— A questão é que eu fui em frente, até o fim. Ao contrário desse motor filho de uma puta.

Danilo dá um murro na coluna de direção e Kolya espera alguns instantes antes de sugerir que ponderem sobre suas opções.

Os dois descem do caminhão e desdobram um mapa na relva. Kolya o havia desenhado prendendo folhas de papel no monitor do computador do comando, decalcando imagens de antigos mapas da Chechênia e, em seguida, colando as folhas umas nas outras numa ordem que esperava ser a certa.

— Para que lado fica o norte? — pergunta Danilo.

Kolya tira uma bússola que sempre aponta para o norte, seja qual for a direção em que ele a alinhe.

— Que lado você prefere?

— A gente devia olhar o mapa — sugere Danilo.

Os dois examinam o mapa. Tendo se esquecido de incluir uma legenda nele, esquadrinham as folhas de papel, apertam os olhos na direção do horizonte, giram o papel 25 graus, franzem as sobrancelhas para o horizonte e repetem a operação mais meia dúzia de vezes sem identificar nada do mapa no terreno ou nada do terreno no mapa.

— Não sabemos onde fica o norte no mapa e nem onde fica o norte daqui. Estamos totalmente na merda — diz Kolya.

— O mapa é que é uma merda. A gente está bem.

Danilo esquadrinha o cume da montanha e volta a falar:

— Aquele velho escroto deve estar em algum lugar por aqui. Era para ser um dia de viagem, não é? E a gente andou quanto? Cinco horas? Dá um dia, não dá?

Kolya vem do lado errado do Círculo Ártico, de Kirovsk, onde um dia de inverno não passa de um clarão de 15 minutos no horizonte.

— Claro.

É evidente que vão precisar partir a pé. Eles têm um rádio, mas o aparelho deixou de funcionar anos atrás e continuam a carregá-lo mais como amuleto do que qualquer outra coisa; embora ele não funcione nem com esse propósito. Pegam o máximo de sacos para cadáveres que conseguem carregar, para provar que não são desertores caso uma patrulha os encontre. Com duas sacolas de paraquedas entupidas com os sacos e os

bolsos abarrotados com o que podiam carregar de provisões e munição extra, começam a caminhar.

E percorrem apenas cinquenta metros antes de Danilo deixar cair sua sacola.

— Espera aí — diz ele, e corre de volta até o Shishiga para descarregar o resto do seu pente no bloco do motor.

Os oito disparos secos se multiplicam ao encontrar as paredes do vale e se convertem num breve, mas ruidoso, aplauso para o golpe de misericórdia que o soldado desfere. Quando ele volta, tem um ar muito mais disposto.

— E precisava disso? — pergunta Kolya.

Devia estar furioso com Danilo pelo desperdício de munição e também, o que era mais sério, por anunciar a presença deles a qualquer rebelde num raio de dez quilômetros. A data é abril de 2000, e o Exército russo bloqueou o grosso dos insurgentes chechenos nos confins topográficos das montanhas do sul, uma área em que as ordens emitidas pelos generais produzem apenas o escarcéu vão dos gritos de um vigia do zoológico com o ocupante de uma jaula. Mas Kolya não consegue invocar a raiva que deveria sentir. Sejam quais forem os instintos de preservação com os quais a evolução o premiou, todos se tornaram embotados e foram convertidos, pela guerra, num desrespeito quase cômico por qualquer mortalidade, inclusive a sua própria.

— Não se preocupe — diz Danilo. — Sabemos duas coisas sobre o nosso querido coronel. Primeiro, que ele adora *banyas*. Segundo, que é um cachorro covarde com menos chance de participar de um combate do que a minha mão esquerda. Se ele estiver por perto, significa que esse lugar é tão seguro quanto o colo da minha avó.

Kolya jamais confiaria muito em qualquer pessoa envolvida na criação de Danilo. Mas pendura a sacola num ombro, a Kalashnikov no outro e segue Danilo vale adentro.

* * *

Passam a noite dentro de dois sacos para cadáveres. Na manhã seguinte, Kolya mata a sede em um regato de água mais limpa que a de qualquer torneira que já encontrou. Visto mais de perto, não é propriamente um

regato, mas um antigo canal de irrigação que continua a levar água para os socos um século depois de o solo ter sido arado pela última vez. Decidem marchar morro abaixo e Kolya aponta a bússola avariada na direção do vale para transformá-lo oficialmente na direção certa. Árvores erguem-se do fundo do vale e vão escasseando em meio à relva que chega até a cintura à medida que sobem uma nova encosta. Pedras brancas formam linhas verticais cortando as encostas verdes a intervalos irregulares. O incômodo nos tornozelos de Kolya é menos uma dor física do que uma condição que lhe é tão familiar quanto a cor dos próprios olhos.

Além do cume seguinte, uma campina verde como esmeraldas se desenrola aos poucos até terminar bruscamente ao pé de um arvoredo. Com o binóculo, Danilo esquadrinha o bosque que avança em linha reta pela campina. Caminham depressa e numa postura um tanto ridícula, os corpos dobrados num passo agachado, como se o campo aberto tivesse sido enrolado e formasse um túnel estreito. Kolya tem pequenas explosões de pânico cada vez que o vento agita a relva ou a sombra de uma ave corta o chão. Concentra-se em sua respiração para adiar a crise de ansiedade iminente. Ao longo dos últimos anos, desenvolveu uma desconfiança profunda em relação a espaços abertos e hoje não consegue atravessar nada mais largo do que uma porta sem se perguntar se não está entrando na mira de algum atirador de elite.

Quando alcançam as árvores, Danilo levanta o braço com os lábios franzidos de alarme.

Kolya congela.

Danilo solta um peido.

— Desgraçado — murmura Kolya, dando um soco no ombro de Danilo.

— Vai acabar me dando um ataque do coração antes mesmo dos rebeldes me pegarem.

— Ah, não — diz Danilo.

Seu rosto, cujas feições em diagonal lembram um demônio desenhado às pressas — sobranceiras inclinadas, lábios desenhados num sorriso desdenhoso, maçãs do rosto proeminentes — murcha por completo.

— Vai se foder.

— Não vai ser um ataque do coração.

Danilo indica a floresta com a cabeça, e Kolya enxerga uma dúzia de rebeldes em torno dos restos de uma fogueira. Seguram os fuzis na mão

direita e tigelas de *kasha* na esquerda, aparentemente alertados pela flatulência de Danilo. Doze canos miram Kolya, e o medo que tinha afrouxado a pegada em seu peito depois de cruzar a campina agora esmaga seu coração com ambas as mãos.

Deixam cair as sacolas e levantam os braços enquanto os rebeldes retiram suas armas, sua munição e suas botas. O homem que revista Kolya não encontra a fita cassete abotoada no bolso da sua camisa. Os rebeldes têm barba cerrada e cintura fina, e usam sandálias de plástico e couro salpicadas de lama. Um deles ostenta uma bandana verde fervilhando de letras árabes. O que está revistando as panturrilhas de Kolya à procura de armas escondidas tem os dentes mais retos e brancos que ele já viu. O garoto magro com os olhos amendoados ainda não ostenta a barba de um insurgente, mas Kolya sabe que, no fundo, trata-se de um rebelde, com o mesmo tipo de certeza que motivava seu temor de ser capaz de matar muito antes de jamais pegar numa arma.

— *Kontraktniki* — murmuram os rebeldes.

A julgar pelas tatuagens e camisas pretas sem mangas, Danilo e Kolya são obviamente soldados pagos e não recrutas convocados pelo serviço militar. Os rebeldes tratam os recrutas capturados, todos adolescentes apavorados e com pouco treinamento, com mais leniência do que os soldados contratados, que tendem a se comportar coletivamente como Rambos russos com uma pontaria ainda menos criteriosa.

Um homem alto e calado numa camiseta da Tesco derruba Kolya com um pontapé nas pernas e amarra seus punhos com arame atrás das costas. Ele fica estendido no chão próximo a Danilo. Atrás deles, insurgentes mais jovens examinam seus pertences. O mais alto não sai do lado deles. É hoje que vamos morrer, conclui Kolya, mas em vez de provocar horror ou surpresa, o pensamento lhe vem como um primeiro fôlego depois de um longo mergulho na água escura.

O homem alto abre dois sacos para cadáveres em frente de Kolya e Danilo.

— Entrem aí — ordena.

Danilo começa a protestar, mas uma rápida coronhada de fuzil na têmpora interrompe sua argumentação. Kolya vê dois rebeldes mais jovens enfiarem seu colega dobrado no saco plástico preto como fariam para colocar um terno mal cortado num cabide com capa. O segundo saco

continua aberto no chão e, com um suspiro, ele enfia primeiro as pernas e fecham o zíper com ele ainda de pé.

Ficam ali estendidos por um tempo indeterminado enquanto os rebeldes conversam em checheno. O saco para cadáveres mantém todo o calor de Kolya. O cheiro é igual ao do forro da sua bota. Há uma abertura de dois centímetros no zíper e ele encosta a boca nela como se fosse um mamilo e suga. Continua esperando pelo ruído de terra sendo deslocada, o tinido da pá contra uma pedra, e quando várias mãos fortes erguem os cantos do saco onde se encontra, sua garganta trava e ele pensa: é agora, é agora, é agora. Mas, em vez de cair, Kolya é erguido. Em vez de terra, sente debaixo de si o plástico corrugado de uma caçamba de caminhão.

A ignição vem à vida com um barulho monótono. Fabricação alemã, sem dúvida. O caminhão parte com um solavanco.

Os segundos se desenrolam e Kolya se pega pensando no que andarà fazendo a mulher de Danilo naquele momento. Onde estará, o que vestirá, que pensamentos sonharão cruzar sua mente. Só quatro homens da unidade são casados e suas mulheres se tornaram esposas coletivas. Nas pequenas cidades siberianas onde vivem, aquelas quatro mulheres jamais saberão que na Chechênia são polígamas, que soldados que elas jamais conheceram as desejam e acompanham passo a passo a sua vida. Há quem escreva longas cartas de amor nunca enviadas. Outros refazem o testamento para legar suas modestas posses — uma faca de caça, um cinto de munição — a mulheres que só conhecem na imaginação. A mulher de Danilo foi criada em Irkutsk, neta de um barbeiro famoso por ter certa vez aparado o bigode de Stálin. Na infância ela queria ser violinista, mas bastara ao professor de violino ver seus dedos curtos e grossos como charutos fumados para lhe dizer que faria melhor se tentasse o trombone, embora ela fosse menina. E o trombone bem pode ter salvado a sua vida quando a cidade foi assolada pela escassez de cereais: os figurões do Partido queriam que uma boa seção de metais ficasse à disposição para uma eventual fanfarra, caso chegasse alguma visita de Moscou, e por isso ela recebia rações reforçadas enquanto o professor de violino passava fome. Tem olhos verdes como a relva molhada, e um kit de refletores de discoteca da marca Prometheus. Por toda a infância, seu pai lhe disse que só as ratoeiras dão queijo de graça, mas ela já tinha ido embora de casa e não pôde repetir o provérbio quando ele decidiu investir tudo o que havia poupado em sua vida numa conta bancária que prometia um retorno anual

de 500%. Ela ainda sabe executar fanfarras patrióticas quando necessário, mas prefere o jazz das grandes orquestras, e quando toca “When the Saints Go Marching In” seu trombone, sozinho, soa como um naipe de doze instrumentistas. A partir do material bruto das histórias de Danilo, Kolya construiu toda uma vida para si ao lado dela. Acreditar no amor incondicional de uma mulher que nunca viu, jamais conheceu, é o mais próximo que ele jamais se sentiu da graça divina.

Ele rola para o lado e fala através da abertura de dois centímetros.

— Está aí?

Danilo também rola. Estão estendidos lado a lado, corpos ensacados quase encostados um no outro, compartilhando o mesmo ar através da diminuta abertura em seus zíperes, um inspirando o que o outro expirava. O caminhão que os transporta sacoleja.

— Acho que sim — responde Danilo.

Os dois sabem que é melhor nem especular sobre o que virá em seguida.

— Cantarole para mim aquela música dos santos marchando — sussurra Kolya.

Mas, se Danilo murmura alguma coisa, a melodia se perde no vento provocado pela velocidade do caminhão acelerando.

Não tornam a falar, mas aquele sepulcro pegajoso e sem luz fica menos opressivo para Kolya quando ele pensa que Danilo está sofrendo o mesmo. Minutos e horas tornam-se um borrão dentro do saco preto e Kolya não tem ideia de quanto tempo passou quando o caminhão para. Com um impulso, Kolya é carregado por trinta passos. “Um, dois, três”, conta uma voz em checheno, e então Kolya deixa de ter peso, levanta voo e começa a cair. Dois segundos mais tarde, o impacto expulsa o ar dos seus pulmões e seu ombro esquerdo da articulação. Sua respiração retorna momentos antes do ombro. Ele fica ali deitado dentro do saco, paralisado de dor, esperando que os primeiros torrões de terra sejam jogados por cima dele. Um grito descendente e uma pancada seca anunciam a chegada de Danilo. Kolya começa a tentar abrir o zíper com os dentes, e acaba conseguindo uma abertura suficiente para que sua cabeça passe.

— Onde estamos? — pergunta Danilo.

Dentro de um buraco que pode ter sido um poço mais largo em outros tempos. As paredes de pedra se erguem por seis ou sete metros até um estreito círculo de céu. É largo para um poço, mas não para uma prisão, dois metros e meio de largura, ele calcula. Ele se espreme para fora do

saco e abre o de Danilo. Sentados de costas um para o outro, desamarram os punhos.

* * *

As semanas se encolhem e, de sete dias, passam a ter cinco, contados primeiro na mão esquerda de Kolya e depois na direita, depois na esquerda de Danilo e finalmente em sua direita. A cada manhã, um par de mãos muito bronzeadas aparece na beirada do poço para baixar tigelas cheias de água que, ao meio-dia, se convertem em latrinas. Discos de pão caem do céu e pousam no fundo do poço com uma irregularidade que os deixa desorientados. Ao cabo de duas semanas, Kolya e Danilo ostentam barbas quase tão grandes quanto as dos rebeldes que os jogaram ali. Ao cabo de três, cai entre os dois um sabonete do tamanho de uma caixa de fósforos. É de um hotel saudita. Kolya mergulha o sabonete numa das tigelas de água, mas não consegue produzir uma bolha de espuma sequer com aquela merda. Danilo tira o sabonete das suas mãos e, removendo, a camisa, mostra a Kolya o buraco de bala em seu ombro esquerdo, a bala que o atingiu no meio de uma punheta. A cicatriz endurecida e cor-de-rosa tem o tamanho de uma moeda. Danilo tem seis outras espalhadas pelo tronco e pelas pernas, e em torno de cada há tatuagens caseiras de íris, pálpebras e cílios. Quando Danilo se inclina para tentar ensaboar os pés com aquela coisa seca, suas costas espiam Kolya.

Nas noites frias, Kolya entra em seu saco e puxa o zíper até o queixo. Embora os dois sacos sejam claramente idênticos, Kolya se apegou ao dele. Tentou personalizá-lo, abrir algum rasgo nas costuras seladas, escrever seu nome com lama nas alças de lona. Tais esforços simbólicos tinham como objetivo produzir mudanças suficientes em seu único bem para convencer-se de que estava realmente vivo, de que não se encontrava em algum cercado metafísico, porque poucos dias no fundo de um poço com Danilo lhe ensinaram tudo que precisava saber sobre a eternidade. Às vezes Kolya pensa em seu capitão, Feofan, um homem que estava sempre de uniforme, mesmo quando dormia. Pelas costas, os soldados zombavam dele, dizendo que desabaria no chão feito palha solta se não tivesse a farda para lhe dar alguma forma. O saco para cadáveres começou a ser visto por Kolya da mesma forma que Feofan devia encarar seu uniforme.

Depois que esgota todas as outras lembranças, Kolya pensa em sua terra natal. O lago de resíduos industriais rodeado de cascalho onde num verão ele se estendeu ao sol com a mãe e o irmão mais novo, fazendo de conta que passavam férias no mar Negro. As fornalhas de níquel cuspiendo infundáveis pontos de exclamação de fumaça. A poluição tão densa que se podia extrair níquel dos barrancos de neve acumulada. O tom cor-de-rosa de peixe cru e os vermelhos do crepúsculo, com nuvens de enxofre e paládio formando coágulos no céu. Aqui, a luz das estrelas é a cúpula do poço aberto. Kolya tinha dezoito anos quando viu as estrelas pela primeira vez. Foi em sua primeira noite na Chechênia.

Conservou a fita caseira que seu irmão tinha gravado para ele antes do seu primeiro turno completo de serviço. *Para Kolya. Em Caso de Emergência!!! Vol. 1.* Procurar um aparelho de som ali faz tanto sentido quanto esperar se deparar com uma tomada elétrica na lua, mas Kolya se aferra ao presente, imaginando o que seu irmão teria gravado em suas bobinas. É a única pergunta sua que algum dia talvez possa responder, seu lembrete de que deveria sobreviver o suficiente para apertar o play.

Um dia, as mãos que lembram couro aparecem no alto do poço, dessa vez segurando uma corda amarela com nós fazendo as vezes de apoios para as mãos. Durante o treinamento, Kolya conseguia subir por uma corda com o dobro daquele comprimento em trinta segundos. Nas condições em que se encontra, leva dois minutos para chegar à borda do poço. As duas mãos castanhas que, para Kolya, representavam tanto o cativo quanto o alimento pertencem a um velho atarracado com um bigode feroz. Numa das mãos, segura uma Makarov preta, a pistola preferida dos oficiais superiores do próprio Kolya. Na outra, dois pares de correntes para os tornozelos.

— Um presente de um dos seus generais — diz o velho, olhando com orgulho para a pistola.

Ele joga as correntes no chão entre os dois prisioneiros. Kolya fecha os olhos e se concentra no calor do sol que preenche todo o seu corpo. O fundo do poço recebe apenas meia hora de luz solar direta por dia, e Kolya tem a sensação de emergir de um longo inverno ártico diretamente no brilho quente de junho.

O velho os conduz para além de uma casa de pedra branca, passando por um barracão de ferramentas caindo aos pedaços, até chegar a um campo

inclinado. Descalços, o campo seria a melhor rota de fuga para ele e Danilo.

— Minas terrestres — explica o velho, ao farejar a vaga esperança de Kolya.

Há uma cratera na metade da encosta, produzida por uma explosão.

— Mas vocês podem tentar a sorte — completa o velho.

Ele os leva até um canteiro de ervas um pouco afastado, onde duas pás estão cravadas na terra.

— Podem começar — ordena ele.

É agora, pensa Kolya. Vamos cavar as nossas sepulturas. Deviam correr? Deviam tentar dominar o velho? Podiam golpeá-lo na cara antes que tivesse tempo de abater os dois a tiros. Ele tenta trocar um olhar com Danilo, mas seu colega não faz muita questão de permanecer vivo e, a bem da verdade, tampouco Kolya. A argola presa ao tornozelo dificulta imprimir força ao movimento da pá, mas ele consegue remover três montes de terra antes que o velho o mande parar.

— Russos — murmura o velho como se a língua, a cultura e o povo russos constituíssem uma praga.

Tira a pá das mãos de Kolya, enterra sua ponta com o pé e se ajoelha na terra para arrancar ervas daninhas do solo desprendido. Extrai os torrões verdes e depois revira a terra para remover as raízes brancas e cheias de veios. Quando acaba, pega algumas sementes no bolso da túnica e as espalha no buraco. Quando percebe que apenas sementes serão enterradas ali, Kolya dá um suspiro, alto o suficiente para que o velho levante os olhos e dê um sorriso.

Naquela noite, Kolya tem a primeira ereção em semanas.

— A sua mulher já mandou alguma foto? — pergunta Kolya a Danilo, apontando para a virilha com os dois indicadores.

Há manhãs em que Kolya imagina o bico dos mamilos da mulher de Danilo do tamanho das moedas que traz no bolso. Depois enfia a moeda de um ou de dois rublos entre os lábios, fechando os olhos e passando a língua na moeda que seus dentes da frente seguram na vertical enquanto se masturba, ouvindo a mulher de Danilo gemer, pedir-lhe que lamba mais depressa, que chupe com mais força. Kolya sempre obedece, porque é o mais perto que vai chegar da mulher que ele ama, e a ácida transpiração metálica da moeda é um sabor destinado a lembrar-lhe de quem ele é, de que é amado, é um sabor a degustar e preservar por mais tempo, abrindo

mão de comida e água pelo resto do dia. Kolya nunca viu a mulher de Danilo, mas o outro assegura que é tão bonita que podia fazer filmes pornô, o que na opinião de Kolya é o elogio supremo que se pode fazer a qualquer moradora de Irkutsk.

— Não, mas ainda tenho aquela foto da sua mãe com o biquíni de leopardo.

Kolya contempla a pirâmide que tem no colo. Seu pau lhe parece o mais denso de seus ossos carentes de cálcio. Faz tanto tempo que não vê uma mulher que qualquer uma serviria. Danilo lhe entrega a fotografia amarrotada, ainda dobrada para ocultar Kolya e seu irmão mais novo. Kolya sacode a cabeça. Se alguém lhe dissesse que um dia ele estaria morando no fundo de um poço, se masturbando diante de uma foto da própria mãe, bem, é provável que se dedicasse mais à escola. Na verdade, passaria em revista praticamente todas as escolhas que fez na vida se isso lhe garantisse acesso a uma cama limpa e imagens pornográficas aceitáveis.

— Não é vergonha nenhuma — diz Danilo, vendo Kolya hesitar. — Os antigos gregos viviam tentando comer a própria mãe. E foram esses malucos que inventaram a civilização.

Em determinado momento Kolya se sente tão perdido que até seria capaz. Mas ele está a duzentos quilômetros de qualquer lugar que possa ser definido como civilizado, e o momento passa. Dobra a fotografia e a enfia no bolso.

— Prefiro que você me conte alguma história da sua mulher.

— Não vou ficar falando da minha mulher para você bater punheta. A gente precisa estabelecer algum tipo limite.

— Mas pode ser alguma coisa legal. Como vocês se conheceram, por exemplo.

Danilo suspira e conta a história que Kolya já ouviu tantas vezes que se transformou numa canção que ele conhece de cor. Danilo já tinha largado a escola no último ano quando conheceu a jovem com quem um dia viria a se casar. Ela estava com um grupo de amigos, ele com outro, e os olhares rápidos que trocaram eram o convite para um encontro ao qual os dois estavam nervosos demais para comparecer. Depois que ela foi embora, Danilo descobriu que ela se mudara para Irkutsk vindo de algum canto ainda mais frio e remoto da Sibéria. Então voltou a aparecer na escola só para conversar com ela. Sempre a convidava para sair e ela sempre

respondia “Outra hora”, e ele continuava a frequentar a escola só para continuar insistindo. Danilo só queria um encontro, mas acabou tirando o diploma do curso secundário. E ela disse que sim logo antes da cerimônia de formatura. Kolya estava lá, debaixo da cúpula escura e desbotada do auditório. Kolya sobe ao palco atrás dela. O público aplaude. Ele sorri, responde com uma reverência e cai num sono sem sonhos.

* * *

Com o passar das semanas, Kolya e Danilo começam a viver na corda bamba entre as condições de cativos e hóspedes. As correntes que tiveram de prender aos tornozelos na primeira vez que saíram do poço continuam presas, mas ficaram mais folgadas graças ao peso que perderam e são tão quebradiças que poderiam ser partidas com uma única martelada. Mas o velho lhes concedeu uma liberdade maior. Passam as manhãs trabalhando na horta, removendo ervas daninhas, plantando, adubando, seguindo as instruções do captor. Semeiam a horta inteira, que se estende até a base da encosta minada. A única cratera que se vê nela, na metade da subida, é suficiente para sepultar qualquer fantasia de fuga. Às vezes Kolya puxa um torrão que ainda não foi devolvido ao solo e observa as minhocas e percevejos, um mundo subterrâneo e sem nome repleto de pequenos filhos da puta cegos que emergem da terra e desfiliam por sua palma nua. Kolya se vê transportado de volta ao tempo em que ainda tinha a possibilidade de se tornar outra pessoa e, por instantes, sente-se livre de quem é agora. Ao meio-dia o velho lhe traz um balde de água e um pão chato gorduroso. Às vezes eles conversam por alguns minutos, encontrando um terreno comum na incompetência institucional de seus dois respectivos Exércitos.

Às tardes, ele e Danilo cuidam da reconstrução do barracão despedaçado ou da cerca de pedras brancas. As noites são apenas deles. A fuga é uma benesse vaga e indefinível, e os dois falam sobre ela de maneira abstrata, como poderiam falar de Deus. Claro que dominariam facilmente o velho, mas e depois? Seriam só dois idiotas descalços perdidos nas montanhas. Com o velho vivo, eram ao menos prisioneiros de guerra. Danilo encontra alguns metros de linha de pesca em meio aos escombros do barracão e a amarra à ponta da corda amarela. Quando o velho puxa a corda a cada anoitecer, a linha de pesca pende dentro no poço como a corda que abre um paraquedas que só usariam em caso de emergência real.

Um dia, enquanto colhiam frutos silvestres de *kalina* para a dor de garganta do velho, avistam um Shishiga avançando penosamente pela floresta na direção da *datcha*. À medida que se aproxima, distinguem os furos de bala que Danilo tinha feito no capô. Os dois saem correndo rumo ao caminhão, o mais depressa que conseguem com as pernas acorrentadas. Quando o velho emerge da *datcha* com as mãos erguidas não em sinal de rendição, mas num cumprimento, a súbita esperança de Kolya vira um balão furado. Quando um soldado salta do caminhão e dá um abraço amistoso no velho, ele se esvazia por completo.

— Vova? — diz Danilo quando se aproximam o suficiente para reconhecer o soldado.

O soldado dá dois passos à frente, inclina a cabeça e franze a testa. Atrás dele, o velho despreocupado não para de mexer nas contas do seu rosário.

— Sou eu. Danilo.

Vova é o tipo do sujeito originário de Omsk cujos traços memoráveis são o queixo fraco, e quase nada além disso. Tinha começado seu serviço militar por convocação, mas se tornara soldado contratado seis meses antes, o que fazia dele o caçula da unidade, alvo de todas as zombarias de Danilo. Vova sorri.

— É você debaixo de toda essa barba, Danilo?

— O que está acontecendo aqui? Você veio nos resgatar, não foi? — pergunta Danilo.

— Não, não dessa vez — responde Vova com tamanho prazer que precisa se virar para a carroceria do caminhão a fim de escondê-lo. Ele pega um balde cheio de balas. — Não sabíamos o que tinha acontecido com você e Kolya. Encontramos o caminhão, mas nem sinal de vocês dois. Me dê uma mão aqui, está bem?

Kolya e Danilo carregam, cada um, dois baldes de munição solta até o barracão que tinham reformado nas semanas anteriores. Eram balas do Exército russo, fabricadas na Rússia, para onde haveriam de retornar um dia encapsuladas primeiro dentro do corpo morto de algum soldado russo, e depois num saco plástico preto.

Depois de vê-los carregar fuzis e bujões vermelhos de querosene para o barracão com um sorriso satisfeito, o velho entrega a Vova um envelope recheado de notas verdes. Vova as conta depressa.

— Algum recado para o capitão Feofan?

Danilo o encara, atônito.

— Diga a ele para vir nos tirar dessa porra!

Faz uma pausa, por um momento sem conseguir encontrar palavras capazes de libertar os dois deste impasse lógico que os aprisiona tanto quanto as tornozeleiras de ferro.

— O capitão não consegue nem cagar sem antes submeter uma papelada a Moscou. E é melhor você entrar em contato com a minha mulher também.

Enquanto Danilo escreve o endereço da mulher numa das notas novinhas de dólares americanos, Vova pergunta ao velho quanto quer pelo resgate. Ele se apoia em sua bengala e cofia os bigodes, pensativo. Olha para Kolya.

— Esse aqui trabalha muito bem na horta. É diligente e cuidadoso. Este ano vamos colher um alho excelente. Mil dólares americanos por ele. Quanto ao imbecil — diz ele, virando-se para Danilo —, pode levá-lo por um barril de óleo de cozinha.

Danilo ergue um indicador para objetar àquela disparidade de preços antes de pensar melhor e mudar de assunto.

— Pode nos emprestar o dinheiro, Vova? Para gente poder pagar logo o resgate?

O nativo de Omsk, com seu queixo fraco, dá um sorriso radiante. Parece não ter esquecido a noite em que Danilo o obrigou a usar o vestido de uma morta.

— O tráfico de escravos é ilegal — responde. — Como sou seu camarada, não posso permitir que você se envolva com esse tipo de ilegalidade.

* * *

— A gente nem perguntou a Vova se o coronel chegou a construir a *banya* — diz Kolya naquela noite no fundo do poço.

— Aposto que eles mandaram outros dois idiotas num caminhão carregado de sacos para cadáveres assim que nós não voltamos. A essa altura ele deve estar derretendo a gordura da bunda naquele banho de vapor.

— Por que você assinou o contrato? — pergunta Kolya, alguns minutos mais tarde.

Danilo franze a testa diante da pergunta. Com razão. Não se fazem perguntas sobre a vida antes da guerra a não ser que já se saiba a resposta, e é melhor que a resposta envolva alguma insensatez alcoólica ou sexo irresponsável.

— Da primeira vez foi para sair da prisão — responde Danilo, sem rodeios. — Dez anos de prisão ou dois aqui. Depois desses primeiros dois anos, minha mulher e eu nos casamos e fomos morar num conjugado mínimo. Eu queria ficar na rua até tarde, bebendo, e ela queria acordar cedo para estudar trombone. E não dá para conciliar essas duas coisas num conjugado. Então me ofereci para um segundo turno. Disse a ela que era pelo dinheiro, para poder pagar um apartamento de dois quartos, mas a verdade é que eu queria sossego. Não sei o que me deu para achar que ia encontrar isso logo na guerra. Nunca fui a bandeira mais colorida do desfile, nunca fui a pedra mais brilhante da coroa, como o meu pai gostava de dizer.

Danilo fecha os olhos e uma expressão de saudade silenciosa suaviza as rugas do seu rosto.

— Eu me dizia que, enquanto ela fizesse questão de tocar aquela geringonça antes do meio-dia, eu assinaria qualquer papel que esses filhos da puta com botões de metal pusessem na minha frente. É assim que o amor funciona.

— Você acha mesmo?

— Tenho certeza. Tem gente que precisa estar a pelo menos mil quilômetros de distância para continuar casado. Mas acho que não sou mais aquele marido. Viver no fundo de um poço muda nossa maneira de ver as coisas, sabe? Quer dizer, e pensar que o pior da minha vida era acordar ouvindo música.

Danilo parece não perceber que está chorando.

— Mas tudo vai dar certo se eu conseguir voltar. Mesmo que a gente vá viver num armário de vassouras e toda a Filarmônica de Irkutsk se enfie lá para ensaiar. Mas chega dessa história. E você, por que se alistou?

— Foi um sujeito do Exército. Me falou desse cara que ele conhecia e que tinha pisado numa mina terrestre. Perdeu as duas pernas, mas está bem, gosta de viver sentado, tem um belo divã e voltou para casa. Mas em

pouco tempo descobre que nenhuma mulher quer ficar com um aleijado, e mulher era o único talento dele. Uma tragédia.

— Grega, eu diria. Por falar nisso, você anda muito agarrado naquela foto da sua mãe. Tem certeza de que não tem sangue grego?

— De jeito nenhum — responde Kolya, tirando a foto do bolso e devolvendo-a a Danilo. — De qualquer maneira, esse cara do Exército me disse que tudo bem. Que o Exército compensava tudo que fazia você perder. Para os aleijados, pagam a visita de uma suplente do sexo.

— O que é isso?

— Foi o que eu perguntei. Ele me disse que é uma médica que você pode foder.

— Igual a um filme pornô? Você precisa tirar a temperatura dela e o único termômetro que tem é o seu pau?

— Não, o tipo de médica que fala latim.

Uma supernova de descrença ilumina os olhos de Danilo.

— Calma aí, calma aí. Médica, médica? Como um Doutor Jivago de saias?

— Isso. O cara fode um Doutor Jivago de saias.

— E você acreditou nele?

— O que eu posso dizer? Sou um romântico. Quem não gostaria de acreditar que existe por aí um aleijado comendo um Doutor Jivago de saias, tudo pago com dinheiro do Exército? Quem não prefere acreditar que o mundo pode ser justo e correto? Então eu vim parar aqui e me vi fodido de todas as maneiras possíveis, menos as que me levaram a me alistar.

Kolya não sabe ao certo se essa conversa de fato chegou a ocorrer ou se a loucura que rege sua vida atual é tão poderosa que conseguiu afetar o seu passado. Acende um dos cigarros que Vova deixou para os dois.

— Sabe de uma coisa? Ainda bem que fomos capturados. Quer dizer, a gente passa os dias cuidando de uma horta.

— Está maluco? Viramos escravos, Kolya.

— Qual é.

— Que palavra você prefere, então? Estamos acorrentados, fazendo trabalho braçal. Tanto faz se esse trabalho é cuidar de uma horta, a gente mora no fundo de um buraco.

É verdade, mas Kolya não se importa. Os últimos meses foram os mais sossegados de toda a sua vida adulta. A megalópole em sua cabeça se

aquietou e se converteu numa estradinha de terra. Ele faz o seu trabalho, come o seu pão e adormece pensando que seu dia não acrescentou nada à totalidade da miséria humana. Ao menos por enquanto é um tipo de paz que ele jamais se imaginou digno de usufruir.

— Aqui a gente não precisa atirar em ninguém — diz ele com simplicidade.

Danilo esbarra na linha de pesca, depois cospe uma semente de girassol na direção da cabeça de Kolya.

— Um sujeito como você? Você nasceu para matar. O Exército não faz você atirar a esmo. Faz você atirar nas pessoas certas.

Kolya tenta contar quantas pessoas já matou. Umas doze ou treze, talvez, mas quem vai saber? É uma falha moral que o mantém acordado mesmo que já tenha esquecido todos os rostos contidos naquela cifra. Começou com Lydia, ainda na Sibéria, mas ele tenta não pensar nisso. O soldo modesto e o escasso butim de guerra que havia acumulado, Kolya mandou de volta para sua terra natal a fim de subornar funcionários da universidade em favor do irmão mais novo. E agora ele está começando um curso de filologia. E nunca vai precisar manter a contagem de nada.

— Meu irmão leu uma história sobre nós um tempo atrás — diz ele. — Dois babacas na Chechênia. Foram capturados e jogados num poço.

— Existe quem saiba ler no seu clã, Kolya?

— Espantoso, não?

— E como a tal história acaba?

Na memória de Kolya, um dos dois homens foge e o outro fica para trás. Mas não é o tipo de história que pretende contar esta noite.

— Os dois arranjam suplentes do sexo.

Danilo ri.

— O tipo de ficção que eu gosto.

— Acho que foi escrita por Tolstói.

— Sim. E também Púchkin, Lérmontov, todos esses filhos da puta escreveram sobre os dois babacas no fundo do poço na Chechênia.

— Como é que você sabe?

— A gente leu essas histórias na escola — responde Danilo. — No meu último ano, na verdade. Quando voltei a ir à escola só para chamar minha mulher para sair. Na época ela não era minha mulher, mas eu sabia que acabaria sendo.

— Me conta alguma coisa nova sobre ela. Qual é o livro que ela mais gosta?

— Não — responde Danilo em voz baixa. — Hoje ela é só minha.

* * *

O verão coagula o ar, deixa-o tão sólido que é quase possível pegar o calor com uma colher. Em Kirovsk, os verões significavam 24 horas de luz com um frio de não tirar o suéter, e Kolya aprendeu a gostar dos julhos chechenos com sua lânguida paleta de verdes, os pássaros sem nome em russo, a umidade que pesa a ponto de afogar a pessoa que respirar mais fundo. Passa horas plantando suas sementes e cuidando dos pequenos talos verdes que brotam do solo. Não tem ideia do que seja qualquer um deles. Na sua infância, a comida chegava ao Ártico em latas transportadas por caminhões e barcaças quebra-gelo. Ainda não sabe dizer do que é feito um pão. Roça a terra com o ancinho, admirando sua frouxidão e calor. Na única vez que enterrou um corpo em sua terra natal, precisou esvaziar um pente de munição no solo gelado para que se quebrasse a ponto de poder começar a cavar. Quando a lâmina da pá de pedreiro de cabo azul se desprende, ele a atira na direção das árvores. Desse momento em diante passa a executar todo o trabalho de horticultura diretamente com as mãos e ao final do dia elas ficam tão pretas de terra que ele nem mais as reconhece como suas.

O verão é a estação dos combates, e rebeldes começam a aparecer a intervalos de poucas semanas para se reabastecer no estoque de munição deixado no barracão reformado por Vova. Quando avista os rebeldes ao longe, o velho se apressa em mandar Kolya e Danilo para o poço, suas pernas curtas e grossas milagrosamente curadas do mal, seja qual for, que torna sua bengala necessária. Espalha lama no rosto dos dois, bagunça seus cabelos e os manda descenderem pela corda amarela com instruções de manter as mãos atrás das costas, gemendo a intervalos.

— Por quê? — pergunta Kolya do fundo do poço.

— Russos — lamenta o velho, como se a origem étnica de seus prisioneiros fosse o aspecto mais deplorável da situação em que se encontram.

Ele então se debruça na beirada do poço, seu rosto uma mancha negra contornada pela luz do sol.

— Se eles pensarem que já estão apanhando, não vão achar necessário eles próprios darem uma surra em vocês.

Uma hora mais tarde, dois rebeldes surgem e olham para o fundo do poço. Adornados com bandanas e óculos de sol de armação grossa, parecem antes os integrantes de uma banda cover da última fase dos Beatles que soldados da *jihad*. Kolya e Danilo gemem e se contorcem assim que os percebem, e os dois assentem, satisfeitos.

Na manhã seguinte, o velho manda que Kolya entre na *datcha* para uma faxina. Restos da visita dos rebeldes — canecas manchadas de chá, cascas de pão, grãos secos de arroz, bandanas manchadas de lubrificante para armas de fogo, fusos de granadas de mão Khatabka improvisadas — estão espalhados, sugerindo que o velho não é alvo de muita reverência por parte dos insurgentes. Uma infinidade de tapeçarias cobre as paredes e o piso, tantas que num primeiro momento Kolya não consegue distinguir onde acaba o chão e onde começam as paredes. Alguns dos padrões dos arabescos lembram sabres, outras os delírios de uma mente meticulosamente tortuosa, mas todos refletem uma arte detalhista e tão antiquada quanto as tapeçarias propriamente ditas. Kolya passa os dedos pelo tapete aos seus pés, incapaz de se lembrar da última vez que tocara em algo tão delicado.

Estantes forram a parede oposta à porta. As lombadas rachadas de couro são de encadernações que parecem pertencer ao mesmo século em que foram confeccionadas as tapeçarias.

— Algum desses é bom? — pergunta Kolya.

— São todos do antigo morador — responde o velho.

Uma tristeza pesada ancora a palavra *antigo*. Com um suspiro, o homem se ergue do divã e pega um tomo marrom na prateleira de baixo. Suas páginas são orladas a ouro, como as de um livro sagrado.

O velho o abre no colo e aponta para a fotografia de uma pintura a óleo que se espalha por duas páginas de papel lustroso. É uma paisagem para a qual ninguém pensaria em olhar duas vezes da janela de um carro, o tipo de quadro de monumental inexpressividade que reforça a suspeita geral de Kolya de que os artistas estão sempre tentando enganá-lo.

— Não reconhece? — pergunta o velho.

E de fato é familiar. Mais um instante e a sensação de familiaridade é promovida a reconhecimento. O campo que sobe por dois terços da tela, o

barracão de ferramentas, o muro de pedra branca que Danilo está reforçando. É a paisagem que se estende lá fora.

— Onde está o nosso poço?

— Bem aqui — diz o velho, indicando satisfeito o poço pintado. — Está vendo que não tem balde nem roldana? O poço já devia ter secado e sido convertido em prisão quando o quadro foi pintado.

Ele dá uma baforada na lente dos óculos e a limpa com uma das pontas da túnica branca. Sem os óculos, seu rosto parece feito da pele solta que no passado, talvez, tenha pertencido a um homem maior. Quando foi a última vez que Kolya viu um velho? A expectativa média de vida para os homens em Kirovsk pairava em pouco menos de cinquenta anos e, embora homens idosos não sejam criaturas propriamente míticas, também não pertencem exatamente àquele mundo.

— Então o nosso trabalho é deixar a terra parecida com o que era quando esse quadro foi pintado?

O velho confirma com a cabeça, com perceptível admiração.

— Até que você não é cem por cento idiota — diz ele.

Kolya entende a frase como uma expressão de grande respeito.

— Esta propriedade tinha um ar tão pacífico, não é, antes de toda essa confusão? E vai voltar a ter. Este quadro é a planta.

Na pintura, a horta se estende até o meio do lado esquerdo da encosta, hoje minada e ostentando uma cratera de explosão. A horta que Kolya plantou e cultivava para muito antes de chegar a este ponto.

— A horta, nós não vamos plantá-la até o alto do morro, ou vamos?

— Não, não com todas essas minas enterradas.

O velho se cala e mergulha uma amêndoa num cinzeiro cheio de mel.

— Quem vivia aqui antes do senhor? — arrisca-se Kolya.

— Minha filha e meu neto.

— Sinto muito — diz Kolya ao final de um momento longo e desconfortável contemplando o cinzeiro de mel para evitar os olhos do velho.

E lhe ocorre que é a primeira vez que jamais disse essas duas palavras em relação à morte de alguém. E com aquelas ele nem tinha nada a ver.

* * *

Uma semana mais tarde, Kolya está cuidando da horta quando o resfolegar asmático do Shishiga anuncia o retorno de Vova. A suspensão quase cede ao peso do monte de Kalashnikovs, lança-foguetes e as granadas que lhes servem de munição, um arsenal tão volumoso que metade do teto do caminhão foi cortada para acomodar a carga inteira. Jorros de vapor escapam do capô furado de balas quando o veículo alcança o topo de um aclave irregular para chegar à *datcha*.

— Então? — pergunta Danilo.

Com uma solenidade cerimonial digna de um pronunciamento do papa, Vova desdobra um papel, acomoda um par de óculos de leitura em seu nariz extremamente curvo, respira fundo, pigarreja, respira fundo de novo e lê:

— Prezados Nikolai Kalugin e Danilo Beloglazov. Odeio vocês dois. Que o diabo os carregue. Cordialmente, Capitão Feofan Domachév.

Danilo emite um grunhido, mas nada vem em seguida. Vova dobra a carta, em seguida os óculos de leitura, e devolve os dois ao bolso da camisa.

— A construção da *banya* do coronel atrasou três semanas graças a essa pequena excursão de vocês dois — explica Vova. — O coronel reclamou para cacete nos ouvidos do capitão, que agora está reclamando nos ouvidos de vocês. Coisas da hierarquia.

— E a minha mulher? — pergunta Danilo. — Não conseguiu juntar o dinheiro do resgate?

— Danilo, meu camarada. Eu só trago más notícias — diz Vova com um sorriso.

E más notícias jamais foram transmitidas com maior felicidade.

— Eu precisei lembrar a ela quem você era.

— A memória dela não é muito boa — rebate Danilo.

— Irmão, ela nem *sabe* quem você é.

Danilo dá um salto à frente e Kolya barra instintivamente seu caminho com o braço, como o pai de um menino quando o carro freia de maneira brusca.

— Vova — diz Kolya. — Eu sei que você tem as suas diferenças com Danilo, mas vocês não vão acertar as contas nem aqui nem agora. O que a mulher dele realmente disse?

— Acredite no que quiser. Liguei para ela e ela achou que eu estava querendo pregar alguma peça. Precisou de alguns minutos para se lembrar

de um idiota chamado Danilo Beloglazov que vivia insistindo em chamá-la para sair no último ano da escola.

— É men... — A voz de Danilo falha. — É mentira dela.

— Ela me disse que está casada há cinco anos com um eletricista. Eles têm um filho de quatro anos.

Danilo segura as bochechas com as mãos grandes. Seus olhos vermelhos irradiam uma dor de substrato, um sofrimento tão profundo e inflexível que Kolya o acompanha como um fenômeno geológico. E Kolya está zozinho. Numa unidade mais abarrotada de mentirosos, patifes e vigaristas do que a Duma, ninguém jamais tinha duvidado da existência da mulher de Danilo. Meia dúzia de soldados sobreviveram à guerra graças a seus casamentos imaginários com ela. A esperança que ela trazia para a unidade era real e inequívoca, e nesse sentido ela era um gesto do tipo de generosidade que Kolya supunha extinta em toda a Chechênia. Kolya se lembra do quadro que o velho lhe mostrou, e fica desalentado diante de toda aquela veneração por algum sifilítico do século XIX, tão pouco ambicioso que se contentava em reproduzir a realidade, quando, no fundo do poço meticulosamente retratado em seu quadro, vivia um semianalfabeto meio lunático capaz de operar milagres. Enquanto isso, o milagreiro treme como alguma criatura anestesiada que aos poucos volta à vida.

— Leve a gente de volta com você — suplica Danilo numa voz reduzida a uma lamúria.

Kolya cogita estender os braços e acolher o amigo junto ao peito para balançá-lo de um lado para o outro, ninando-o como fazia com seu irmão mais novo quando este acordava de algum pesadelo com florestas escuras e intermináveis. Kolya não imaginava que Danilo ainda fosse capaz de entrar em choque, de decepcionar-se, e por isso sente inveja e compaixão em relação ao companheiro. O velho sai da *datcha* trazendo uma sacola de biscoitos de celofane azul abarrotada de dinheiro.

— Por favor — pede Danilo. — Agora. Um tiro no meio dos olhos dele e vamos embora.

— Não posso fazer isso — diz Vova. — São nossos parceiros comerciais.

— São nossos inimigos.

— São nossos adversários. Mas também tenho boas notícias. Vocês dois foram oficialmente dados como mortos.

— E por que isso é uma boa notícia? — pergunta Kolya.

— Porque significa que não estão na lista de desertores.

Kolya leva Vova para alguns metros de distância de um Danilo que se desfaz em lágrimas.

— Não conte nada aos outros sobre a mulher de Danilo — diz Kolya, sustentando o olhar de Vova até ter certeza de que será obedecido por aquele nativo de Omsk com seu queixo fraco.

— Está bem. E sinto muito — diz Vova, franzindo a testa ao olhar de Danilo para Kolya, sem saber ao certo a quem dirigir suas condolências.

— Sinto muito pela sua perda.

Kolya e Danilo, viúvos já há três minutos, abaixam a cabeça e encaram o chão.

* * *

Os rebeldes chegam um pouco depois, ainda naquela mesma tarde, para recolher o novo estoque de munição. Suas vozes, vindas da *datcha* no meio da noite, ainda são audíveis quando Danilo anuncia sua intenção de fugir.

— Tenho que voltar. Minha mulher precisa de mim.

Uma meia-lua está baixa num céu abotoado de estrelas. Uma dor percorre as vértebras de Kolya de cima para baixo, do pescoço até a base da coluna, quando ele, que estava deitado, se senta.

— A gente precisa se preparar. Um mapa. Provisões. Mais do que tudo, precisamos de botas — assinala Kolya.

Danilo responde com um olhar mortício.

— Vou fugir agora à noite.

Sem mais explicações, ele começa a encher com punhados de terra o saco para cadáveres onde dorme. Quando Danilo termina de produzir o corpo estreito feito de terra solta, levanta-se para avaliar sua obra.

— Dá para o gasto. E você devia fazer a mesma coisa, Kolya. Amanhã vão pensar que dormimos além da hora.

Kolya está com o zíper do saco fechado até a cintura. Apoia a cabeça na parede de pedra branca, desenha figuras sem nexos no chão de terra. Aquele poço, aquele buraco, transformou-se em sua toca. Ele avalia os possíveis finais que uma fuga traria — realistamento, morte, terra natal — e o resultado mais feliz que consegue imaginar é este: ser recapturado e ficar

exatamente onde está, mais uma vez condenado a lavrar um lote sossegado de terra. É o máximo a que ele consegue aspirar no momento. Já viveu mais do que jamais esperava, bem mais do que tinha direito de viver, e está cansado. Faltam três semanas para o seu vigésimo terceiro aniversário.

— Você vai precisar partir sozinho nessa missão — afirma.

Danilo analisa as feições do amigo por um bom tempo, depois tira do bolso a foto da mãe de Kolya de biquíni e a entrega. Kolya desdobra as duas asas marcadas pelos vincos onde se veem ele e o irmão de pé, os dois sem camisa e com a parte de baixo de um biquíni, os braços em torno da cintura pálida e carnuda da mãe. Não sabe dizer quem tirou aquela foto, ou quando, ou onde, ou por quê. Mal se lembra daquela pequena família, daquela república de três cidadãos enquadrada pela moldura branca da Polaroid. Se desabotoasse a calça agora, não sentiria a menor pontada de vergonha.

— Não vá usar esse retrato além da conta — diz Danilo.

Ele puxa a linha de pesca presa à corda com um gesto floreado e dramático e a corda amarela com seus nós aparece, levando até a borda do poço. Kolya dobra a fotografia no menor formato que pode e a joga para Danilo quando este chega ao alto.

— Envie para o meu irmão. Diga a ele que você é o filho da puta que conseguiu fugir.

A fita – *Para Kolya, Em Caso de Emergência!!! Vol. 1* – ele mantém dentro do bolso abotoado em seu peito.

Ainda vou ter tempo, comenta consigo mesmo, para ouvir o que ela tem a dizer.

* * *

Danilo apanha a foto dobrada, presta uma continência torta a Kolya e caminha com dificuldade pela noite de nanquim, a camisa enrolada em torno das correntes em suas pernas para abafar o tinido do metal. As possíveis rotas de fuga são limitadas. Pode tentar a montanha e o que houver do outro lado do cume, mas a encosta está minada. Pode tentar o caminho de pedra por onde chega o caminhão dos rebeldes, mas aquele seria o primeiro lugar onde o procurariam. A floresta, conclui ele, é sua

melhor escolha. Está quase nas árvores quando alguma coisa no chão ataca seu pé direito. A dor pulsa na base do pé, sobe pela perna acima chegando ao peito e sai por sua garganta num arquejo involuntário. Uma mina, pensa ele enquanto desaba na relva. Mas não há explosão alguma, não há fogo, só uma agonia silenciosa que toma conta de todo o pé. Ele morde o punho para controlar a respiração e examina a situação. O sangue jorra da ferida e escorre pela lâmina de uma pá de pedreiro profundamente cravada em sua sola. Ele segura a pá com as mãos. Com um solavanco terrível, puxa a lâmina do corte e o vazio é preenchido por uma agonia tão intensa que luzes brancas espocam atrás das pálpebras fechadas. Antes que passe o efeito da adrenalina, ele se arrasta até as árvores.

Abrigado atrás de uma cortina de folhas verdes pendentes, Danilo desmaia. Seu pé foi substituído por algum instrumento horrível cuja única finalidade é doer. Uma golfada de ar irrompe do fundo do peito e escapa dos seus lábios num grito agudo e inédito. Ele levanta as mãos para as árvores em sinal de rendição.

— Desisto — anuncia, sem se preocupar mais se vai ser ou não ouvido pelos rebeldes, sem se importar com mais nada.

Quando foi que começou a contar a todo mundo que havia se casado com sua paixão da escola secundária? Deve ter havido algum momento de mentira deliberada, mas sua mente vivia há tanto tempo em tamanho estado de confusão que agora ele já não sabe mais. Danilo se lembra tão nitidamente do casamento... Vestiu um terno de trinta mil rublos. Ela não conseguia parar de beijá-lo. Passaram a lua de mel em Moscou, posando para fotografias diante do Kremlin, da Catedral de São Basílio e da GUM. Até seu pai tinha emergido do lugar onde desaparecera dez anos antes para apertar a sua mão, dizendo: “Eu me enganei a seu respeito.”

A noite é um sonho febril pegajoso de suor. Sua mulher está de pé à frente da pia bem-esfregada, usando o avental com estampa *paisley* que ele comprou para ela num dia de primavera quatro meses e meio depois do Ano-novo e quatro meses e meio antes do aniversário dela, o dia do ano em que ficava mais distante de algum presente e, por isso, o dia que Danilo escolheu para presenteá-la. Usa o avental com estampa *paisley* que a fez corar de felicidade quando abriu o embrulho de papel cor-de-rosa. Não que o avental com estampa *paisley* fosse por si responsável pelo adorável rubor em suas bochechas – nunca um avental embrulhado em papel cor-de-rosa traz mais que decepção a quem o recebe; Danilo era o

responsável porque tinha contado quantos dias tinham se passado desde o Ano-novo e quantos ainda faltavam para o aniversário dela. Porque tinha sido ele a calcular o dia da órbita anual em que ela ficava mais distante de ganhar qualquer presente e a surpreendê-la com um avental com estampa *paisley* que no Ano-novo ou no aniversário dela teria sido uma decepção, mas que naquele dia em especial, naquele papel de embrulho cor-de-rosa em especial, a fez sentir-se incrivelmente amada. Ela está usando o avental com estampa *paisley* e está de pé diante da pia bem-esfregada de costas para ele, que não pode ver o rosto dela. Está de pé diante da pia em seu avental, removendo os olhos escuros de uma batata com uma faca de lâmina curta. E retira tantos deles que a batata restante é tão pouca que poderia caber numa colher de chá.

— Até as mais podres sempre têm uma parte boa — diz.

Então atira o miolo limpo na panela fervente, de pé diante da pia bem-esfregada, de costas para ele, que não consegue ver seu rosto, usando o tempo todo o avental com estampa *paisley*.

Um único tiro o desperta dos sonhos para a luz dura da manhã. Sua pulsação dispara com a velocidade de um felino feroz. Está um pouco além da linha das árvores, onde desmaiou à noite. Quando percebe que o disparo não foi feito contra ele, examina o pé ferido. O sangue coagulou, deixando um corte negro da base dos dedos ao meio do arco da sola. Mais uma rajada de tiros. Arrasta-se até conseguir enxergar meia dúzia de rebeldes ao pé da encosta minada. O magro e alto aponta o cano de sua Kalashnikov para o céu e dispara mais um tiro. A seu lado, o velho alisa seu bigode rebelde com uma das mãos e carrega um livro grande e incômodo com a outra. Isolado no meio da encosta, trinta metros acima dos demais, Kolya está ajoelhado.

Num primeiro momento, Danilo supõe que os rebeldes estejam atirando em Kolya, mas o atirador aponta seu fuzil para o sol da manhã e só atira para atizar Kolya, não para matá-lo. De joelhos, Kolya enterra os dedos no chão. Parece estar sendo orientado pelo velho, que usa o imenso livro de arte como um mapa. Estão obrigando Kolya a cavar à procura de minas, percebe Danilo. Mas não, também não é isso, porque o companheiro pega um punhado de alguma coisa no bolso — sementes de tomilho? — e a espalha no buraco que cavou antes de começar a repor a terra por cima.

Um peso denso como concreto se endurece no estômago de Danilo quando ele percebe que Kolya está sendo forçado a estender a horta

encosta minada acima. Castigo pela fuga de Danilo? Ele prefere não saber. Improvisa um curativo dobrando folhas verdes para proteger o pé ferido. Encoberto pelo som da rajada seguinte, bate com a ponta da pá de pedreiro nas correntes que prendem suas pernas. Enferrujadas, partem-se na terceira tentativa. Ele afasta uma perna da outra pela primeira vez em meses e um alívio extraordinário se espalha pelos ligamentos. As plantas rasteiras do bosque amortecem seu pé ferido, e ele sai mancando para longe o mais depressa que a dor lhe permite. Um cheiro de batatas fritas na manteiga se espalha pelo ar. Sua mulher está pondo a mesa para o almoço. Uma explosão ecoa da encosta minada e se espalha pela floresta, mas não é nada, é só um prato que caiu da mesa. Cacos de louça florida se espalham por toda parte. Sua mulher enfia o avental dentro da roupa e se apoia num dos joelhos. Abrindo os braços, recolhe todos eles.

INTERVALO

O tsar do amor e do techno

SÃO PETERSBURGO, 2010; KIROVSK, DÉCADA DE 1990

1

Galina ligou para dizer que tinha comprado para mim um bilhete de primeira classe até Moscou e em seguida me contou que meu irmão tinha morrido. Nem acreditei na minha sorte. Eu nunca tinha recebido qualquer correspondência de primeira classe desde que os correios tinham criado o serviço seis anos antes, muito menos viajado num compartimento assim classificado. Quanto a Kolya, bem, já fazia anos que ele estava morto.

Ela vivia numa cobertura com uma vista de tirar o fôlego, forrada de grossos tapetes brancos que bem poderiam ser pelagens de urso-polar. A riqueza se anuncia em coisas fáceis de quebrar e impossíveis de limpar. Todas as cadeiras da casa eram obras de arte curvilíneas que transformavam o ato de sentar-se num exercício de ioga. Aromas de jasmim e ameixa perfumavam o ar. Um tenor emocionado se desdobrava em histrionismos no aparelho de som Bose. Sonolentos budas de bronze meditavam nas estantes. Eu me perguntava se o pessoal mais metido a entender de arte no Tibete teria por acaso um fetiche por crucifixos quando Galina apareceu, seu quimono mal fechado abrindo lacunas em seu peito e nos joelhos.

— Meu. Deus. *Quem* corta o seu cabelo? — perguntou ela.

Na verdade, eu nunca tinha encontrado um corte de cabelo que ficasse bem em mim. Onegin Caolho costumava passar a máquina na minha cabeça, mas a percepção de profundidade não é seu forte. Além disso, tenho a impressão de que ele usava a mesma máquina para raspar os próprios pentelhos.

— Ninguém.

— Mas seja quem for, continue com ele. É totalmente vanguardista.

Se até um relógio parado está certo duas vezes ao dia, um corte de cabelo pavoroso vira o corte certo duas vezes a cada década.

E fazia mais tempo do que isso que eu não encontrava Galina, desde que o meu irmão partira para seu primeiro turno de serviço e ela se transformara numa celebridade e os dois nunca mais se viram. É fácil esquecer a verdadeira aparência de alguém quando você vê essa pessoa por toda parte. Nos cartazes, o rosto dela aparece retocado, liso e lustroso como a superfície de um órgão interno e ela apresenta uma relação busto-quadril-cintura que, na natureza, só pode ser encontrada na mente de algum Dr. Frankenstein com conhecimentos de Photoshop. Mas a Galina ali postada na luz do sol de meio-dia, maquiada e de unhas feitas, trajando um elegante quimono pelo qual dez milhões de bichos-da-seda deram a vida, parecia mais uma pessoa de verdade que a Galina dos cartazes, dos tabloides ou das telas.

— A manhã de hoje foi brutal, Alexei — disse ela.

As pessoas que têm uma vida fácil vivem falando sobre como ela é difícil.

— Você estava acompanhando as notícias sobre o terremoto na Indonésia?

— O quê? Não, alguma vadia da Royal Shakespeare Company conseguiu o papel da espiã-sedutora russa no novo *007*. Deve ter dado até para o leão da MGM para conseguir o papel.

— Bem, tenho certeza de que você ganharia o papel se alguém em Hollywood tivesse visto *Teia de mentiras* — disse eu, encorajando-a.

Seu olhar mergulhou para o piso. É simplesmente impossível consolar algumas pessoas.

— Eu sei que deveria ter em mente a quantidade de bênçãos que recebi, mas meu contador faz isso por mim.

— Deve ser estranho ser você.

— É muito estranho, Alexei. Quando éramos adolescentes, eu nunca imaginei que moraria numa cobertura, com chofer, cozinheiro e mordomo. Mas agora que tenho tudo isso, vejo que não significa nada. Sou uma pessoa horrível por dizer isso?

— Só um pouco.

— A vida é mesmo um pouco horrível, infelizmente. Criaturas lamentáveis girando numa pedra sem sentido em torno de um sol agonizante num cosmos frio e indiferente, e *nem assim* me dão um papel

no filme de James Bond. Aquela coisa de brigar por fósforos enquanto o mundo pega fogo, sabe?

— É verdade — concordei.

Mas estava tentando decidir se seria ou não falta de educação pegar um quinto *konfeti* quando ela ainda não tinha comido nenhum. Não, claro que não.

— E como vai você? Não continua na universidade, continua?

— Continuo — respondi radiante.

Graças à minha tenacidade e a meu esforço incansável, tinha conseguido esticar um curso de filologia de cinco anos até o décimo ano. Era um milagre comparável ao dos pães e peixes. O universo pode ser um lugar frio, escuro e indiferente, mas na universidade você tem acesso a drogas recreativas toda a noite e depois pode dormir o dia inteiro.

— Estou trabalhando na minha tese. Sobre os *Contos de Odessa*. O título vai ser “Balbucios de Babel”, mas isso é tudo que escrevi até agora.

— E o livro é bom?

— Nunca li. Não quero que o texto influencie a minha interpretação.

O sexto doce em minha boca se dissolveu numa pasta que absorveu toda a saliva. Ficamos calados por algum tempo.

— Você ficou sabendo sobre a Lydia? — perguntei finalmente.

Nem todo o blush de sua caixa de maquiagem poderia ter corado as bochechas de Galina.

— Fiquei.

Seus olhos se fixaram num ponto seguro e vazio da parede, por cima do meu ombro esquerdo, e então ela continuou:

— Alina me contou o que houve com Lydia e a mãe, e me falou do seu irmão, é claro. Depois Olga me contou também. Depois Lara. Depois Darya. Depois Zlata. E Tamara deve ter me contado a história mais de dez vezes.

O bando de seis mulheres se banqueteava com as migalhas caídas da mesa posta pela celebridade de Galina; Lydia tinha sido a sétima.

— Nem sei como descobriram meu telefone. Eu mudo de número de poucos em poucos meses, principalmente para evitar as ligações delas, mas elas acabam descobrindo de algum jeito. Os americanos deviam contratar essas mulheres para localizar a Al-Qaeda. Dez minutos ao telefone com Tamara bastam para qualquer pessoa renegar tudo que considera sagrado.

Galina acendeu um bastão de incenso que cheirava a flores de lavanda banhadas de sol.

— Mas, seja como for, Lydia... Vamos falar francamente, ela nunca foi muito esperta, certo? Não estou dizendo que devia ter tomado o cuidado de não confiar nas outras. Mas, convenhamos, até um megafone teria guardado melhor o segredo. Tentei fazer um filme baseado no assassinato dela, mas é mais fácil obrigar um rato a se enfiar na boca de um gato do que conseguir produzir um filme a partir de um bom roteiro.

— Foi uma tragédia — falei. — Para Lydia, para Vera, para Kolya, para...

— Nem me fale. É uma vergonha nacional, na verdade, a indústria cinematográfica russa. Se existe vida após a morte, o círculo do inferno logo abaixo de toda aquela merda envolvendo Satã, Judas e Brutus deve estar reservado aos nossos produtores executivos. Quer dizer...

— Por que você me chamou aqui?

Eu me encolho um pouco sob a mira de seus olhos apertados. Ela não estava acostumada a ser interrompida.

— Boa pergunta, Rabanetinho. Ela nos leva ao cerne da questão... mas nunca vou saber por que as pessoas que têm mais tempo de sobra são as que acham que não podem perder nem um minuto.

Empurrou sua cadeira para o meu lado da mesa. Com ela, até *arrastar uma cadeira* se transformava num gesto erótico. Eu tinha certeza de que ela me queria como seu amante. Fico muito lisonjeado, eu responderia, mas não posso fazer uma coisa dessas com Kolya, meu irmão, mesmo ele estando morto. Ela se acabaria num pranto inconsolável, dizendo que se não podia ser minha não tinha mais razão de viver. Coragem, seria a minha resposta. E daria um beijo em sua boca — *de língua* — e ela, obviamente, cairia desmaiada. Em seguida eu iria embora sem olhar para trás.

— Então, escute — disse ela, fazendo a mão deslizar pelo tampo da mesa até a distância entre os dedos dela e os meus se reduzir à espessura de uma asa de borboleta. — Estive na Chechênia alguns anos atrás. Com Oleg. Ele tinha algum negócio a fechar por lá, meter a perfuratriz na terra atrás de petróleo e meter na assistente. Aquela cretina. Enquanto ele cuidava disso, percorri alguns hospitais e bases militares. Eu achava que ter feito o papel principal numa Grande Produção sobre a Guerra Patriótica tinha sido suficiente, mas não, meu assessor de imprensa *fez questão* de que eu conhecesse os pobres coitados. Só faltou um par de coturnos para

que ele próprio se transformasse num combatente. De qualquer maneira, perguntei pelo seu irmão a um oficial do Exército.

— Perguntei por Kolya a todos os oficiais de todos os departamentos do Exército com endereço e número na lista telefônica. E ninguém sabe de nada.

— Você é mesmo uma gracinha, não é?

Os olhos dela congelaram.

— Quando se é uma pessoa importante, até os burocratas do Exército respondem as suas perguntas.

Estendeu o braço até o outro lado da mesa e segurou meus dedos no aperto de sua mão quente. Eu captava sua pulsação em meu punho como uma mensagem telegráfica cifrada enviada pelo seu coração. Minhas terminações nervosas estremeceram.

— Fui informada de que ele foi capturado e morreu nesse lugar.

Disse isso e indicou com a cabeça a parede onde uma moldura de montinhos dourados e arabescos adornava um quadro com a imagem simples de um pasto.

— Que é um lugar conhecido na região porque foi o tema deste quadro pintado por algum artista do século XIX. Um lugar bem sem graça, se for *esta* a melhor vista possível. Mas o quadro ficava num museu, então deve ser importante. Eu o comprei.

Deixei um rastro de pegadas no tapete branco felpudo ao me aproximar do quadro. Não havia muito a ser visto, o que é mais ou menos o máximo que se pode fazer diante de qualquer quadro. Um pasto vazio subindo por uma encosta. Uma casinha. Uma horta. Um muro de pedras brancas que devia ir até mais ou menos a altura dos quadris de um homem, serpenteando na diagonal. Entretanto, num trecho de tela remendada do tamanho de metade de uma carta de baralho, duas sombras esguias corriam morro acima. Uma era uma cabeça e meia mais alta que a outra. Uma faixa estreita de relva verde se avistava entre as mãos escuras das duas figuras, e eu não soube dizer se estavam a caminho de dar-se as mãos ou se tinham acabado de desprender-se.

— Foi aí que Kolya morreu? Nesse morro?

— Foi o que me disse o oficial do Exército.

Olhei de novo para o quadro, para as duas figurinhas simplificadas correndo morro acima, pernas e braços estendidos.

— E esses, quem são?

— Na verdade, não sei. Devia ter perguntado ao dono anterior quando ele me ligou no ano passado, pedindo o quadro emprestado para uma retrospectiva de Zakharov. Mais ou menos na sua área, aliás. A Galeria Teplov, em Petersburgo? E indiquei exatamente onde ele podia enfiar o pedido, e pode acreditar que não era na caixa de correio. Que cara de pau! Um dia ele vende um quadro, aí pede que você doe de volta no dia seguinte. São umas cobras venenosas, esses estudiosos!

Havia uma placa ao lado do quadro. As últimas linhas diziam: *Não lhes deem importância, porque são apenas as tentativas fracassadas de um restaurador novato. Não são mais do que sombras. Nem mesmo estão ali.*

As palmas das minhas mãos ficam molhadas quando volto para a mesa.

— Você se lembra da fita que nós dois fizemos para Kolya, antes da primeira vez que ele foi para a Chechênia?

Não sei o que me levou a perguntar isso, mas frequentemente me vejo pensando naquela fita. Galina deu um sorriso muito largo. Era o primeiro sentimento autêntico que manifestava naquele dia.

— Diabo, eu tinha esquecido. Mas a verdade é que eu tento me esquecer de tudo que tenha a ver com Kirovsk. Eu era tão confusa naquele tempo, não era?

Ela esperava que eu dissesse *não*, então respondi:

— Era mesmo.

— Vamos torcer para que não exista mais nenhuma cópia. Se isso cair na internet, não sei se consigo sobreviver. Poderia causar tanto estrago quanto um vídeo de sexo explícito.

Nada desmistifica tanto o glamour de uma celebridade quanto ouvi-la falar. Pus um oitavo doce no meu pires.

— Ele me disse que adiaria ao máximo ouvir a fita. Que ia esperar até chegar ao ponto de aquilo ser realmente necessário, como se fosse um último gole de água do cantil. Você acha que ele chegou a ouvir antes de... você sabe?

Eu esperava que ela dissesse *sim*, então ela respondeu:

— Não.

— É, provavelmente você tem razão.

Os doces números nove e dez pousaram no pires com pequenas erupções de açúcar de confeitiro. Juro que só estava tentando evitar que fossem desperdiçados.

— Ah, e mais uma coisa — disse ela, atravessando a sala até uma escrivaninha com aspecto de antiguidade e um zilhão de gavetinhas incapazes de conter qualquer coisa maior que selos ou clipes de papel.

Volto com uma Polaroid dobrada que eu tinha dado a Kolya antes de ele partir para o seu primeiro turno de serviço. E eu não me arriscaria a desdobrá-la na frente dela.

— O oficial em Grózni me entregou essa foto.

— Por que você esperou tanto tempo para me contar tudo isso?

Ela contemplou seu reflexo vago na superfície do chá e então o desfez bruscamente com um giro da colher.

— Não chamei você aqui para conversar sobre o seu irmão. A questão é que... o meu marido quer o divórcio. Certas pessoas acham que fui um pouco franca demais nos meus comentários públicos sobre o estado em que estão as coisas na Rússia de hoje, em entrevistas recentes. Você começa criticando a escolha de elenco por um certo diretor e acaba dizendo que Putin é ainda pior do que Voldemort. Vá saber como essas coisas acontecem!

— E o que isso tem a ver comigo?

— O quadro, idiota. O Zakharov. Os advogados que Oleg contratou, esses sanguessugas de terno. Eles me tirariam os dedos dos pés, se não estivessem pregados ao resto.

Continuei sem entender.

Ela me encarou com ar de desalento.

— Estou dando a você o quadro. Prefiro entregar a você que aos advogados.

Então eu entendi.

Embrulhei o quadro numa quantidade suficiente de plástico-bolha para mumificar um mastim. Ela veio comigo até o corredor. Eu a faria se apaixonar perdidamente por mim e simplesmente fugiríamos dali. Esqueça a filha dela, que dormia no quarto ao lado. Os tabloides diriam que eu não tenho coração, mas não posso criar como minha a filha de outro homem. Comprariamos uma mansão na Riviera e eu aprenderia a fazer tudo que fazem os típicos novos-ricos, como comprar abotoaduras e desdenhar da ética de trabalho dos menos afortunados. Eu a abandonaria em Marselha com o coração partido. E ela jamais conseguiria se recuperar. Os tabloides me chamariam de cafajeste, mas nem assim eu me curvaria às regras da sociedade. Tudo em minha vida seria diferente. Bastaria beijá-la.

Apertei-lhe a mão.

— Foi bom ver você, Alexei — disse ela quando fechou a porta, e sei que estava sendo sincera. Ela não é boa atriz.

2

Um paraquedas de fumaça amarela, ligado às chaminés por densas nuvens, paira o tempo todo sobre Kirovsk. As doze chaminés, as construções mais altas num raio de quinhentos quilômetros, são conhecidas localmente como os Doze Apóstolos. Rodeiam o lago Mercúrio, um lago artificial de resíduos industriais cujas águas prateadas são tão impregnadas de substâncias químicas exóticas que suas ondas lambem as margens de cascalho o ano todo e não congelam nem em fevereiro. Por trás da fumaça que lembra as dobras do cérebro, a lua é um fantasma embaçado. Kirovsk trava uma competição anual com Linfen, na China, pelo título de cidade mais poluída do planeta. A queima do níquel produz uma fuligem sulfúrica tão densa que mancha todo o solo, depositando-se numa concentração tão elevada que seria possível minerar as pilhas de neve acumulada. Nos arredores de Kirovsk ergue-se a Floresta Branca. Construída a pedido da mulher do chefe local do Partido para se contrapor à má fama de Kirovsk como um esgoto gélido, a floresta aparece muito bem nas fotografias que circulam entre os departamentos de engenharia em Moscou e Leningrado para iludir seus alunos mais promissores e convencê-los a aceitar os empregos oferecidos pela aliança do níquel. Em pessoa, porém, qualquer um constata que se trata de uma floresta estranha. As árvores conservam as folhas no inverno. Não crescem nem morrem. Nenhum bicho hiberna em seus troncos. Triunfando sobre a realidade, a cidade encomendou toda uma floresta de árvores falsas. Com o tempo, o vento arrancou boa parte da folhagem de plástico dos ramos de aço, e hoje a Floresta Branca é um campo de antenas enferrujadas, abrigando o verdadeiro lixão da cidade sob seus galhos nus. É na Floresta Branca, onde a história de Lydia termina, que a minha começa.

Eu devia ter dez anos e Kolya treze, na tarde em que vimos dois homens matar um terceiro. Mas voltarei a isso mais adiante. Acordamos no quarto que dividíamos com os gritos do nosso pai duelando com a chaleira. Kolya

desceu da cama. Seu cabelo era um erro tipográfico que alguém tinha tentado rasurar. Ele me deu uma porrada, como fazia quase todas as manhãs, para me deixar mais resistente, o que era para o meu bem, mas é difícil invocar muita gratidão fraterna na hora em que você leva um tapa na cara. Deslizamos pelas tábuas do assoalho até a cozinha em nossas meias de lã.

Meu pai havia começado a emprestar os suéteres dele para Kolya. À medida que Kolya crescia, o pescoço e os ombros dos suéteres iam esticando aos poucos; assim, quando meu pai voltava a usá-los, tinha a aparência de um homem em vias de desaparecer. Mas naquela manhã meu pai parecia anos mais jovem, mais alto e mais forte. Seus olhos vermelhos reluziam de inspiração. Ele andava de um lado para o outro diante do fogão coberto de fuligem.

— É agora, meninos! A exposição que vai condenar o Museu de Cosmonáutica de Moscou à lata de lixo da história dos museus.

Meu pai era um fanático pelo espaço sideral numa cidade coberta por uma poluição tão espessa que ele precisaria dirigir cem quilômetros para ver o brilho das estrelas. Alguns anos antes, no que tinha sido um momento de coragem ou colapso nervoso, ele tinha abandonado sua confortável posição de operador de fornalha para perseguir o sonho de abrir um museu de cosmonáutica. Sua paixão só podia ser comparada a sua inépcia, e era assim que presidia o Museu do Espaço Interior e Exterior de Kirovsk, na qualidade de fundador, diretor, guia especializado, arquivista, secretário de imprensa, bilheteiro e zelador. Abrigado num depósito abandonado adjunto a uma das fundições da cidade, o museu era não só o reino da ambição frustrada do meu pai como também o pátio onde eu brincava, minha sala de aula e, no apartamento sem paredes divisórias do segundo piso, o meu lar.

Se você nunca tiver visto o museu, basta dizer que é um dos museus científicos mais peculiares do mundo, e deixar o assunto de lado. Se você já viu, mil perdões. Seria possível dizer que meu pai construiu uma estação espacial semelhante ao couraçado Potemkin, que forjou cada um dos itens expostos, que cultivava uma intensa rivalidade unilateral com o Museu de Cosmonáutica de Moscou. E ainda seria possível dizer que, comparada com as monumentais desumanidades da nossa cidade natal, a má conduta do meu pai é tão trivial que chega a parecer uma virtude.

— Do que ele está falando? — perguntou Kolya à minha mãe, a bilíngue da família, única capaz de traduzir os delírios do meu pai.

Ela estava de pé junto à pia. Um cartão-postal do mar Negro tinha sido colado pouco acima da torneira. À medida que a água descorada ia amolecendo a ponta dos seus dedos, ela contemplava aquelas ondas quebrando numa faixa de areia. Talvez percorresse a passarela de madeira pintada de branco com uma correia fina enrolada no pulso, uma dama com um cachorrinho. Talvez imaginasse um romance de verão, a emoção de ser tocada por mãos desconhecidas, o calor inédito do sol em seus ombros, a respiração da água do mar a seus pés. Contido pelas bordas gastas do cartão-postal havia um mundo ensolarado onde minha mãe se partia em mil existências imaginadas, nenhuma das quais respondeu à pergunta de Kolya.

— O fim! — declarou meu pai.

E pontuou a declaração com um murro no tampo da mesa que espalhou os talheres.

— O fim do quê?

— O fim de tudo. Uma exposição sobre todos os fins, desde o fim de um dia até o fim de uma vida, de uma civilização, de um planeta, de um universo. Com ela, vamos incluir o museu em todos os guias turísticos!

O museu tinha sido inaugurado no ano anterior: meu pai tinha batizado a porta da frente quebrando contra ela uma garrafa da adocicada champanhe soviética. O líquido congelou numa poça vítrea que resultaria na fratura do quadril de nosso terceiro visitante. Meu pai apoiou-se num dos joelhos e cravou as mãos em nossos ombros. Enquanto estávamos ali juntos, unidos em seus braços, a corrente de seu fervor circulava pelos nossos músculos.

— Vão até floresta, vejam se encontram alguma coisa que a gente possa usar.

Lixo e restos vinham se acumulando no chão da Floresta Branca ao longo das décadas desde sua construção. Com o passar dos anos, Kolya e eu havíamos encontrado lá uma coleção de portas de geladeira, uma dúzia de barris furados de lixo tóxico, um arquivo vertical cheio de documentos sigilosos, facas e cartuchos de pistola em sacos para provas da polícia, um gato preso numa gaiola de canil, um motorista embriagado soluçando ao volante do carro que de alguma forma tinha atirado contra um tronco de metal e um aquecedor elétrico em perfeito estado. A maior parte dos

objetos expostos no Salão dos Fenômenos Inexplicáveis vinha desses detritos.

A última casa por onde passávamos antes de atravessar um vasto campo para chegar à entrada da floresta pertencia à família de Lydia, que, àquela altura, tinha a mesma idade que Kolya, uns doze ou treze anos. Os esqueletos de metal ainda exibiam a neve do final da primavera. Largas folhas de plástico murchavam em alguns ramos de arame. Como o céu, a neve e o interior dos nossos pulmões, elas também tinham um tom amarelado. Pendiam sobre nossa cabeça como as peles desossadas de criaturas nucleares.

— O que estamos procurando? — perguntei.

Além de algumas poucas seringas que usamos para espetar um ao outro, não tínhamos achado nada que valesse a pena recolher.

— Isso é burrice. A gente nem sabe para onde está indo — completei.

— Vamos saber o que estamos procurando na hora em que encontrarmos — respondeu Kolya em voz alta e lenta, como se eu fosse surdo e retardado.

Uma nota de incômodo pulsava por baixo da equanimidade da sua lógica. Eu tinha medo de decepcioná-lo. Vocês podem estar pensando que sou apenas um núcleo denso e desidratado de masculinidade, uma ameixa seca de testosterona, por assim dizer, mas quando menino eu era uma ameixa lisa e succulenta. Meu apelido de família era Rabanetinho: no diminutivo porque mesmo comparado à raiz de uma planta, jamais adquiri a estatura da grandeza. Eu tinha pânico de quase tudo, da guerra nuclear aos umbigos alheios, e, mais do que tudo, temia desagradar Kolya. Quando ele se aborrecia, olhava por cima da minha cabeça ao falar comigo. Isso me fazia sentir ainda mais baixinho do que já era e injetava na conversa uma expectativa que eu jamais conseguiria satisfazer, a menos que subisse num par de pernas de pau. Seguimos em frente. Dez minutos depois, ouvimos vozes.

— Você por acaso está com medo?

A pergunta em voz rouca vinha carregada dos fantasmas de dez mil cigarros.

— Tenho medo de tubarões — respondeu uma segunda voz, essa mais jovem.

Pelas aberturas entre as árvores, vimos os dois homens de pé, uns doze metros à frente. Agachamo-nos para ver melhor. O primeiro dos dois devia

ter uns trinta e poucos anos e usava os óculos redondos e a calça vincada de um acadêmico cujo destino certo era um gulag. Uma covinha profunda fazia seu queixo lembrar os testículos de um cachorrinho. O outro homem nem era propriamente um homem, tinha uns quinze ou dezesseis anos e vestia um agasalho esportivo, o cabelo untado para formar um penteado em camadas aerodinâmicas, o lábio superior emplumado com um bigode tão inútil quanto uma escova sem metade das cerdas, os dentes pequenos engolidos pelos arcos das gengivas.

— Tubarões? — perguntou o homem mais velho.

O jovem estremeceu só de ouvir a palavra.

— Esses filhos da puta ficam nadando pelos mares devorando crianças, cortando a cabeça das tartarugas com uma dentada só, lutando com lulas gigantes e o caralho a quatro. O mais escroto é que eles não podem parar de nadar, lutar com as lulas e comer crianças. Não carregam balões de ar quente no rabo, como os peixes normais.

— Ainda bem que você nasceu mamífero terrestre — disse o mais velho.

— A única coisa boa que aconteceu na minha vida — concordou o rapaz, chutando uma pilha de roupas caída a seus pés.

A pilha de roupas soltou um gemido. E em seguida começou a se mover. Havia um homem ali, a boca tapada por um pedaço de fita isolante, as mãos presas atrás das costas por dentro do sobretudo abotoado. Quando ele se debatia, as mangas vazias do casaco surravam o chão numa dança infeliz. Eu quis correr, mas Kolya me segurou pelos ombros.

— Se a gente se mexer, se fizermos qualquer som, eles pegam a gente também — sussurrou Kolya.

Seus olhos se fixaram nos meus pela primeira vez naquele dia. Esse reconhecimento singelo da minha existência aquietou o pavor que se debatia em meu peito como um gatinho preso dentro de uma mala.

Os dois homens continuavam a discutir sobre os perigos dos tubarões. O mais novo perguntou se o filme de Spielberg era um documentário.

Kolya me encerrou num forte abraço; a um irmão menor, aquilo teria transmitido um falso conforto, mas ali eu senti que Kolya reafirmava uma obrigação moral de posse: *você vai ser salvo porque me pertence*. Séries diárias de flexões e abdominais tinham reforçado a musculatura de seus braços antes magros, e ele os cerrou à minha volta, apertando-me com força sem me largar.

— Shh, Rabanetinho — sussurrou.

Ele não tremia nem estava abalado, não contraía um músculo por inquietação. Sua calma mental fora do comum espalhava-se por seu corpo e assumia a forma de um segundo esqueleto. Tudo nele sugeria uma impenetrabilidade psicossomática tão densa que chegava a ser à prova de balas.

A doze metros dali, o sobretudo continuava agitando as mangas num código angustiado. Os dois homens, sentindo algum desconforto, desviaram o olhar.

— Uma vez eu vi o mar aberto num filme — disse o mais velho.

Ele então tirou uma pistola da cintura e a passou para o mais novo. Com um *tcha-tchunk* lubrificado e nauseante, o jovem encaixou uma bala na câmara. O ruído soou suave demais, deslizante demais, com uma facilidade e uma eficiência impróprias para o objetivo brutal que tinha a cumprir.

O rapaz fechou os olhos e apontou a arma para o homem estendido a seus pés. O prisioneiro virou um pouco a cabeça e, através do V invertido das pernas do homem mais velho, seus olhos encontraram os meus.

— Ele está olhando para mim — sussurrei.

— Quem?

— O sujeito caído.

Kolya olhou naquela direção. Os olhos do condenado se arregalaram. Estava furioso. Nossa presença talvez fosse uma transgressão maior ainda que sua execução iminente ou quem sabe fôssemos apenas uma indignidade a mais, além da conta, a única que ele tinha a oportunidade de combater antes de partir. A faixa de fita isolante em sua boca parecia inflar a cada grito que silenciava.

— Ele está tentando avisar aos outros dois — murmurou Kolya em tom surpreso. — Está tentando nos entregar para as pessoas que estão prestes a matá-lo.

Mas nenhum dos assassinos percebeu que a raiva de seu prisioneiro tinha em mira uma clareira a alguns metros dali. O mais jovem apertou os lábios, mas quando puxou o gatilho só se ouviu um estalo oco.

— Você nunca acerta, não é? — perguntou às nuvens o sujeito mais velho.

Os dois ficaram olhando para a arma, acionando o gatilho, batendo com sua coronha num galho corroído, inspecionando a escuridão besuntada de

óleo de seu mecanismo interno. Desmontaram a pistola e tornaram a montá-la. Eu me imaginei abotoado naquele sobretudo, me debatendo para escapar da mira do cano, meus pulmões se esforçando para conseguir que o ar transpusesse vias respiratórias entupidas de muco, entregue a dois palhaços imbecis demais para conseguir puxar um gatilho do jeito certo. Nunca imaginei que uma coisa tão solene e definitiva como a morte pudesse ser tão idiota. Foi o buraco de fechadura por onde vi pela primeira vez a insensatez da vida: as instituições em que acreditamos estão destinadas a nos corromper, as pessoas que amamos estão destinadas a nos deixar na mão e a morte é um piano que cai dos céus.

— Talvez fosse melhor perguntar para ele — sugeriu o homem mais jovem, apontando com o queixo para o chão. — Geralmente é ele que atira nas pessoas.

O sujeito mais velho refletiu por alguns instantes e se debruçou para arrancar a fita isolante que fechava a boca do condenado. A fita arrancou tufos de sua barba castanha produzindo um som abafado, como cordas de uma pequena harpa. Seus olhos não se afastavam dos meus.

— Por favor — formei as palavras com a boca.

Minhas vértebras tinham-se soldado num único osso inflexível. Os olhos do homem continuavam cravados nos meus. Eu tinha a certeza de que ele ia me entregar para os outros. Mas ele fez um único gesto assentindo com a cabeça e, sem dizer nada, ergueu os olhos para seus captores. Foi um gesto derradeiro de misericórdia numa vida que imagino totalmente impiedosa. Qualquer que tenha sido a quantidade de sofrimento que ele provocou no mundo, eu o perdooi, em nome de todos nós, por tudo.

Em tom baixo e resignado, o condenado explicou a maneira certa de ajustar o pente de balas na arma.

— Agora vire a pistola apontada para você — recomendou ao rapaz. — Olhe bem para dentro do cano, para ver se não está obstruído por alguma coisa. E aí aperte o gatilho para ter certeza de que não tem nada entupindo a câmara.

O jovem apontou a arma para o próprio rosto, tentando enxergar pelo telescópio cego do cano da arma, mas antes que pudesse puxar o gatilho o mais velho agarrou o seu braço.

— Não, não, não — disse o homem mais velho. — Ele está tentando fazer você atirar na sua própria cara.

Os ombros do mais jovem desabaram ao peso daquela traição.

— É mesmo?

O condenado sorriu e fechou os olhos. O cano devolvia o olhar, sem piscar.

Click click. Click click.

— Essa merda ainda...

Eu me encolhi nos braços de Kolya. O som do disparo ecoou muito alto na floresta antes que o silêncio retornasse. Existem mais maneiras de se recordar de uma pessoa do que o total de pessoas que existem no planeta. Independentemente de tudo o que Kolya viria a fazer, eu me lembro dele como aquela mão na minha nuca, aquele ombro em que encostei o rosto, aquela voz em meu ouvido prometendo segurança.

Os matadores se viraram e pisaram nas mangas do sobretudo. O que antes era um crânio tinha virado uma tigela transbordante de *borscht*. Salpicos escarlates chegavam à altura das coxas da calça azul do agasalho esportivo do mais jovem. O mais velho deu uns tapinhas em seu pupilo para encorajá-lo. Tinha um pescoço murcho de galinha, lábios virados para baixo e meias-luas escuras sob os olhos. Todos os seus traços pareciam um pouco baixos demais, como se, enterrado em seu crânio, um guincho afrouxasse, mal conseguindo manter seu rosto no lugar.

Kolya me deu um empurrão quando percebeu que os dois passariam por nós.

— Finge de morto — murmurou.

A terra fria penetrou nos meus ossos. Estendemo-nos no chão, paralisados. Nossos dedos se transformaram em raízes enterradas no solo sem vida, até ouvirmos os últimos passos. O mais velho dos homens se chamava Pavel e logo viria a se transformar numa das principais figuras do crime organizado em Kirovsk. Dali a oito anos, meu irmão começaria a trabalhar para ele.

Kolya me ajudou a ficar de pé.

— Você está indo na direção errada — exclamei, quando ele se aproximou do corpo.

O homem tinha morrido com as pernas abertas na calça frouxa, os punhos amarrados atrás das costas, o torso retorcido, com o ombro esquerdo cravado no gelo e o direito apontando para cima.

— O que você está fazendo?

— Esperando até eles terem ido embora.

Kolya indicou com a cabeça as elipses de passos que se afastavam do corpo. Apoiou-se num joelho e fez o cadáver rolar até assumir uma posição mais confortável. Endireitou as pernas do homem, desprendeu seus punhos e devolveu seus braços, finalmente, às mangas do sobretudo. Para um homem que tivera a cabeça estourada por dois incompetentes, ele exibia uma expressão espantosamente serena.

Som de passos leves na outra extremidade da clareira. Dois olhos, da cor de fluido para lavar para-brisas, fitaram os meus.

— Kolya — chamei.

Ele tinha encontrado um lençol sujo com o qual estava cobrindo o corpo.

— Kolya — repeti.

Ele se virou quando o lobo trotava para dentro da clareira. Uma cicatriz cortava o vale entre suas orelhas levantadas. O pelo ia escurecendo até a ponta do focinho, o branco se tornando cada vez mais cinza até chegar ao fim no ponto negro do focinho.

— Calma — disse Kolya, afastando-se do corpo. — Não corre.

— Você sempre diz a mesma coisa. Está sempre me dizendo para eu ficar calmo e a gente está sempre prestes a morrer.

Atraído pelo tiro ou pelo cheiro de sangue, o lobo avançou direto para o corpo. Sua boca se abriu e ele enterrou uma fileira de incisivos amarelados no pescoço do morto, desfazendo o trabalho funerário de Kolya. Ficamos parados a poucos metros. O medo tinha paralisado nossos pés. O lobo cravou os dentes no sobretudo e rasgou a lã com um violento arranco da cabeça. Nem era muito grande, para um lobo, parecendo mais o esqueleto de um labrador dentro da pele de um lobo.

Quando começamos a nos mover muito lentamente, dando passos cautelosos para trás, o animal virou a cabeça em nossa direção. Seu focinho farejava ritmicamente, um movimento que lembrava o de um molusco. Estendi a mão em sinal de paz, como teria feito com um cachorro. Só quando ele abriu a boca e seus imensos caninos brilharam ao sol eu compreendi que oferecia à fera sua próxima refeição. A língua projetou-se de seus lábios negros que pareciam de borracha e cobriu meus dedos de saliva ensanguentada. Meu medo foi tamanho que não consegui puxar a mão. Ficamos um instante ali, enquanto o lobo lambuzava cada centímetro da minha mão com os restos mastigados do homem morto. Quando ele acabou, ergueu a perna e um jorro amarelado respingou nos

meus sapatos, encharcando minhas meias. Então começou a abanar o rabo. E depois latiu.

Kolya mordeu o punho para conter o riso, depois me pegou pelo ombro e me levou de volta para casa.

* * *

Nós nos sentamos entre as nossas camas, em cadeiras sem pernas apoiadas em caixotes de livros (nosso pai tinha usado os parafusos que prendiam os pés aos assentos para montar um relógio). Tapetes pendurados encobriam o papel de parede. Às vezes se soltavam de seus pregos no meio da noite, caindo em cima de nós enquanto dormíamos, como uma nova e sufocante coberta. Um cartaz da tabela periódica ficava preso na parede entre as camas. Eu tinha trocado de meias e lavado os pés. Eu me sentia feito de purê por dentro.

Kolya sentou-se debruçado para a frente, os cotovelos cravados nos joelhos e a boca franzida numa expressão de intensa concentração. Sempre que pensava profundamente, parecia estar sofrendo de prisão de ventre.

— Como será estar morto quando todo mundo continua vivo? — perguntei.

— Igual a continuar vivo quando todo mundo tiver morrido — respondeu Kolya.

Ele endireitou as costas. Levantou-se de um salto.

— É isso! — exclamou. — Uma das vitrines do museu pode falar da última pessoa viva no planeta. Lembra quando papai contou que tinha descoberto a maneira de driblar o plano americano de jogar uma bomba atômica em Kirovsk? Era só parte da história.

Apoiou um joelho no chão ao meu lado.

— Conta o resto — pedi.

Kolya se inclinou para trás e afundou os ombros no colchão cheio de calombos.

— Papai não te contou qual era o Plano B. O último recurso. Qual era a resposta para a pergunta “e se o mundo acabasse hoje?”.

— Ele contou a você?

— Claro. Eu sou o filho predileto. É o seguinte: depois que os americanos tomaram a lua, Khrushchev veio falar com papai e disse:

“Escuta aqui, papai, estamos fodidos. Os americanos estão jogando beisebol e construindo shopping centers na lua. O que a gente faz?” E papai contou a ele o plano que tinha.

— Conta — implorei.

— A ideia do papai era construir uma cápsula capaz de manter um homem vivo por vinte anos. Os americanos podiam matar toda a vida na terra com uma guerra nuclear, mas o último homem vivo ainda seria um cidadão soviético, viajando no espaço. Khrushchev tinha uma dessas almas russas expansivas sobre as quais nossos escritores vivem falando. E adorou a ideia. Mas Brejnev veio e internou Khrushchev num asilo antes que ele tivesse tempo de autorizar o papai a construir essa coisa. Agora, nós dois é que temos de cuidar disso.

Corremos até a bilheteria para dar a notícia ao nosso pai.

— Meus herdeiros legítimos — disse ele. — Cientistas de nascença. Vocês vão longe.

Quando o museu fechou para a faxina naquele domingo, meu pai entrou no depósito rebocando o esqueleto enferrujado de uma cabine de caminhão.

— A cápsula! — declarou ele.

Eu a examinei de vários ângulos. Não parecia uma cabine de caminhão, muito menos uma cápsula espacial. Lembrava antes a cabeça decepada de uma baleia que tivesse passado muitos anos no fundo do mar servindo primeiro de alimento, e depois de abrigo, para uma família completa de enguias.

— Precisa de alguns retoques — admitiu meu pai, mas suas bochechas continuavam rubras de entusiasmo e dermatite.

Usando papel-alumínio, transformamos a cabine de caminhão numa cápsula. Kolya colou a ponta solta de um rolo no capô, enfiou o rolo num cabo de vassoura e saiu dando voltas em torno da cabine enquanto desenrolava o papel-alumínio atrás de si. Foram necessários dezesseis rolos e centenas de rotações. Kolya orbitou até a cabine se transformar com todos os méritos numa cápsula espacial. Com graxa de sapato preta, desenhemos cuidadosamente as letras *URSS* em sua proa. Uma cadeira de dentista de estofamento castanho-avermelhado transformou-se no assento do piloto. Usamos um aquário redondo para fazer a escotilha dianteira, um ventilador de mesa enferrujado como filtro de ar, um rádio quebrado para

responder pelas telecomunicações e um gravador de cassetes para tocar as últimas mensagens.

O verão era uma tarde de 24 horas. Por três meses, as águas do rio descongelavam o suficiente para permitir a passagem de navios, e novos enlatados e guloseimas açucaradas lembrando biscoitos reabasteciam as prateleiras do *produkti*. O tempo esquentou a ponto de permitir que saíssemos de casa só com um casaco pesado, cachecol, luvas e um gorro de peles, esquentou tanto que os motoristas só precisavam segurar as tochas encharcadas de alcatrão embaixo dos carros por meros dois minutos antes de descongelar o combustível. Ah, o verão!

Brincávamos no museu quando não havia visitantes, ou seja, mais ou menos o tempo todo. O sol entrava no prédio pelas janelas sujas do segundo piso.

— Cosmonauta Kolya — eu murmurava, empenhado em manter a voz no timbre mais grave possível. — Chegou o momento que mais temíamos. Reagan declarou na TV americana que prefere destruir o planeta inteiro a se render. Estava olhando para a câmera errada. Não sabemos se estava em seu perfeito juízo.

E Kolya assumia a posição de sentido, estalando a língua ao bater os silenciosos calcanhares de borracha.

— Camarada Alexei, estou preparado para me lançar na vastidão, levando os ensinamentos de Lênin a toda vida alienígena.

Ele marchava até a cápsula e prestava uma continência muito compenetrada a uma bandeira invisível antes de instalar-se encolhido em seu interior. Eu o amarrava à cadeira de dentista com correias cortadas de uma mochila e punha um capacete de motociclista em sua cabeça.

— Uma última coisa, Cosmonauta — eu dizia, baixando o visor do capacete.

E lhe entregava uma fita cassete, ou um caderno, ou uma pasta contendo instruções quanto a peripécias futuras no espaço sideral.

— Só abra isso aqui em caso de emergência.

E iniciava uma contagem regressiva a partir de dez enquanto Kolya entoava o hino nacional com a boca fechada. Às vezes ele levava minha mão ao seu peito e no momento em que eu sentia a sua pulsação em minha palma aquilo parecia menos um exercício de faz de conta que o ensaio efetivo de um adeus derradeiro.

— O último pensamento humano vai ser seu — sussurrei.

- E vou estar pensando em você.
- A última palavra vai ser sua.
- E vai ser o seu nome.

Quando a contagem chegava a zero, os motores do foguete disparavam. Um calor azul consumia o oxigênio do ar. Imensas labaredas instantâneas engolfavam os dois quilômetros quadrados de terra à nossa volta, abrindo uma cratera no pavimento da base. O fogo incinerava meus nervos antes que pudessem transmitir a dor ao meu cérebro. Num milissegundo, eu me convertia no eco de um grito em meio à fumaça. Por todos os lados ogivas americanas eram despejadas das rampas dos bombardeiros. O céu ardia em chamas. É agora. É o fim. Os propulsores entravam em ação, impelindo a cápsula para além dos cogumelos de fumaça que brotavam por toda a terra. Cataratas de luz transportavam Kolya para fora desse mundo. Pela escotilha da cabine, ele vigiava enquanto o horizonte dizimado se convertia na Terra, e depois em nada.

3

No trem noturno de volta, dividi um compartimento com um pai que levava a filha a Petersburgo para uma consulta ortodôntica.

— Ela deixou metade dos dentistas de Moscou sem ação — explicou o pai com um deleite evidente.

O holofote do amor paterno é irregular e fraco, mas quando recai sobre o filho em voltagem máxima, queima como um sol muito próximo.

— Minha pequena prodígio.

Troncos de árvore se sucediam como fotogramas na janela da cabine. Queria eu ser amado como os dentes tortos daquela filha.

— Anda, mostra para ele — ordenou o pai.

A menina deu um bocejo imenso. Sua boca aberta era uma caverna dolomítica. Só uma intervenção divina ou um pacto com o diabo poderia salvá-la.

— São um pouco desalinhados — comentei, antes de abrir minha boca e dizer *ahh*. — Os meus também são um pouco tortos.

— Os meus estão num livro didático de ortodontia — declarou ela.

É, ela ganhou essa. A menina não podia ter mais de doze anos, mas já tinha chegado bem mais longe na vida do que eu, a desgraçada. Puxei da carteira a Polaroid que Galina me entregara.

Marcas brancas de dobras sulcavam a superfície fotográfica que perdera o lustro décadas atrás. Mas lá estávamos nós, Kolya e eu, usando nossas partes de baixo de biquíni com estampa de leopardo, ladeando a nossa mãe. Nenhum dos três jamais tinha posto uma roupa de banho na vida. Ao fundo, os Doze Apóstolos soltavam fumaça. O lago Mercúrio lambia nossos pés. Gotas de seu líquido deslocadas pelos nossos tornozelos formavam pontos de luz derretida. Mostrei a Polaroid à menina e ao pai dela.

— Meu irmão e minha mãe. E aqui sou eu, quando tinha a sua idade — esclareci.

Sentia uma urgência de dividir aquilo com eles, de fazer com que ambos soubessem que, mesmo não tendo dentes tão desfigurados, eu merecia fazer parte da família. Os lábios da menina não se separaram quando ela sorriu. Em seguida, o pai ordenou que ela se aprontasse para dormir. Dobrei cuidadosamente a Polaroid e a guardei de volta na carteira.

Na manhã seguinte, desceríamos juntos do trem e eles teriam ficado tão encantados com a minha conversa que me convidariam a ir ao dentista com eles. E consertariam a mim também, a começar pelos dentes. A menina passaria a me ver como um irmão muito mais velho. Seu pai passaria a me ver como um irmão muito mais novo. E me convidariam a ir morar com eles na mansão colossal onde residiam em Moscou. Eu precisaria refletir sobre a oferta. Aquilo iria prejudicar meu estilo de vida livre e boêmio, mas eles insistiriam muito, ofereceriam grandes somas. Eu recusaria o dinheiro. Não estou à venda. Mas aceitaria o convite para entrar para a família, em deferência ao pedido deles, claro. Sou um bom samaritano. Ensinará à menina como é crescer e ensinará ao pai divorciado como esquecer o primeiro casamento e encontrar um novo. Ficaria apenas uns poucos meses, porque não consigo me prender por muito tempo. E por muitos anos se lembrariam de mim num tom de reverência.

Na manhã seguinte, o atendente da cabine me tirou de um sono profundo com um puxão de orelha. O que era de se esperar, visto que a única experiência requerida para ser admitido para qualquer cargo nas Ferrovias Russas é possuir um histórico de crises de raiva. O pai e a filha

já tinham desembarcado. Devem ter se esquecido de deixar seus nomes e o telefone. É bem provável que viessem a se arrepender daquilo pelo resto da vida.

4

Em julho de 1990, quando o mês mais quente dos 53 anos da história de Kirovsk coincidiu com o colapso da autoridade soviética, os idosos da cidade começaram a mergulhar no lago Mercúrio. De manhã cedo, reuniam-se no cascalho das margens com seus cabelos brancos protegidos por gorros de pele e ficavam só com a roupa de baixo. Quando levantavam os braços, seus tríceps flácidos pendiam dos ossos. Um homem fitando as águas do lago dava tapinhas afetuosos na própria barriga proeminente. É possível que tivesse passado os últimos cinquenta anos se perguntando se ela poderia servir-lhe como boia, e agora, finalmente, saberia a resposta. Nada se compara à visão de duas dúzias de octogenários seminus. Ingressamos no palco da vida como bonecos e saímos de cena como gárgulas.

— Por que vieram mergulhar aqui? — perguntei a uma das mulheres.

Ela estava bem ao lado de uma placa enferrujada banindo os banhistas. Tinha mais ou menos a mesma altura que eu, o que não quer dizer que eu era muito baixo, apenas baixo para um bípede. Seus olhos castanho-escuros abrigavam meu reflexo embaçado. Sua geração tinha atravessado o inferno para que a minha pudesse crescer no purgatório.

Ela lançou um olhar à placa oxidada. Nela, a figura de um homem, com uma cabeça de grapefruit e o corpo todo feito de ângulos de 45 graus, caía nas mandíbulas abertas de um tubarão. Quem sabe, antes de ter sido presa e condenada a cumprir pena em Kirovsk, talvez esta senhora tivesse crescido à beira de outro lago, onde o pai a teria ensinado a boiar colocando a mão sob sua coluna arqueada para dar-lhe sustentação e a segurança de que não afundaria, de que ele estaria ali, até chegar o dia em que ela finalmente se deitara na superfície calma, as costas descrevendo uma parábola, os braços abertos como um crucifixo na água, os cabelos castanhos recolhendo algas, lançando um olhar rápido ao pai antes de erguer as mãos como se os seus olhos fossem uma arma carregada, e por

um segundo ela afundou, em pânico de submergir até o fundo do lago sem que ele a segurasse, mas em seguida acalmou os braços, engoliu bastante ar e conseguiu, sozinha: boiava. Talvez ela quisesse me contar que tinha sobrevivido a Stálin, ao Muro de Berlim e ao Império Soviético, e não era um pouco de água poluída que iria matá-la. Em vez disso, ela se limitou a olhar para a placa.

— Já fritei peixes mais ferozes usando apenas um dedinho de manteiga.

Reuniu-se às outras avós. Vestindo apenas roupas de baixo desbotadas, elas mancavam em direção ao cascalho da margem. Por todos os lados a fumaça era despejada interminavelmente das chaminés das fundições. Uma mulher com uma cicatriz em forma de laço entrou na água com bengala de madeira e tudo. Os outros foram entrando atrás e, todos juntos, caminharam água adentro. Ao fim de uma abstinência de meio século, ainda se lembravam de como era nadar.

Um casal, marido e mulher, nadava de costas, a água reluzindo em seus ombros, as pernas batendo em unísono. Uma corda, amarrada em torno de sua cintura, os unia, caso um dos dois começasse a afundar.

Um homem de uma perna só avançava graças a impulsos ritmados dos braços. Tanto a perna real quanto a fantasma sem peso algum debaixo da água.

Um homem com um bigode tão largo quanto a própria cintura, que todos tinham apelidado de Morsa, deu as primeiras braçadas hesitantes, admirando-se da sensação fria contra a pele, da liberdade de movimentos, e começou a chorar ali mesmo dentro d'água pelas vezes incontáveis que tinha abandonado a esperança, as vezes incontáveis que tinha rezado pedindo por sua própria morte nas minas, no campo de prisioneiros, e, agora, agora a gratidão lhe invadia e ele agradecia a Deus por ter ignorado as suas preces, por tê-lo mantido vivo até poder aprender a nadar.

E, bem no meio do lago, a mulher com quem eu tinha falado boiava de costas, de olhos fechados, como se nada jamais tivesse dado errado em seus muitos anos de vida.

* * *

Agosto foi ainda mais quente. Os padrões meteorológicos claramente se insurgiam contra o planejamento centralizado. Para surpresa geral, as

babushkas banhistas não acordaram verdes no dia seguinte, nem criaram uma terceira orelha; no máximo, aquela mistura química lhes restaurou uma vitalidade havia muito dissipada. Em pouco tempo, avós na casa dos sessenta se juntaram aos nadadores geriátricos, seguidos por gente na casa dos cinquenta, depois dos quarenta e assim por diante, até que mesmo os caçulas das famílias mais jovens vieram mergulhar os dedinhos de seus pés de bebê na água. Ninguém acreditava na propaganda patrocinada pelo Estado: *A filosofia do marxismo-leninismo é capaz de prever os contornos inevitáveis da história, o indivíduo só tem importância em sua submissão ao coletivo, as substâncias diluídas na água dão câncer*. Nossa revolução era um mergulho aos domingos.

Tudo que minha mãe, como eu já havia dito, queria da vida era uma tarde no mar Negro. Naquele agosto, um dia meu pai chegou em casa com três biquínis de estampa de leopardo.

— Para que isso serve? — perguntou Kolya, encarando as duas peças.

— É uma roupa de banho. Vou dar uma chance para você adivinhar.

— É um biquíni.

Meu pai arrancou a parte de cima da peça das mãos de Kolya e a jogou no lixo.

— Agora é uma sunga.

Naquele verão o lago Mercúrio, no seguinte o mar Negro, prometeu meu pai. Contrariando os planos dele, porém, no verão seguinte as dores que minha mãe sentia no peito já a tinham levado ao médico, depois ao hospital, depois ao crematório e finalmente à estante da sala, onde suas cinzas ainda repousam e provavelmente haverão de passar a eternidade, num pote de pickles entre uma lata de botões sortidos e dois catálogos telefônicos, apesar das promessas do meu pai de algum dia espalhá-las nas águas ao largo de Sochi.

Mas, antes que isso tudo acontecesse, a família reunida foi tomar banho no lago Mercúrio, minha mãe com seu biquíni de estampa de leopardo, meu irmão e eu em nossas partes de baixo de biquínis com estampa de leopardo, e mergulhamos, enchendo a boca com aquela água diferente, meus olhos abertos ardendo enquanto eu acompanhava os membros agitados de nadadores decapitados e, ao final do dia, quando todos já estávamos embriagados de tanto sol, ou de tanto ponche, ou simplesmente bêbados, àquela hora dos dias de verão em que se cruzam as curvas da inibição em baixa e da permissividade em alta, meu pai perseguiu minha

mãe pela praia de cascalho. A grandes saltos, pulou sobre ela em seu biquíni com estampa de leopardo, dizendo que era um entomologista de leopárdópteros, que iria espetá-la num quadro com um alfinete para análise, e meu irmão e eu corremos atrás deles, dois filhotes protegendo nossa mãe leopardo. Mostramos os dentes e rosnamos, grunhimos e usamos as garras, éramos feras selvagens, nada nos importava, e meu pai não parava de perseguir e minha mãe de fugir, o som do seu riso preservado pela cobertura de fumaça que se erguia dos Doze Apóstolos, eu nunca a tinha visto tão feliz, nunca tão amada, tão desejada, nunca a tinha visto como uma criatura sexual, como uma presa almejada, como mais que uma figura taciturna e insatisfeita à beira da pia da cozinha que às vezes me batia com uma concha de sopa na cabeça; e embora meu pai não prestasse muita atenção à metáfora, ou à biologia felina, ou aos banhistas estendidos ao sol que ultrapassava aos saltos, embora ele fosse o meu pai e ela, a minha mãe, e estivéssemos todos a poucos passos do abismo, eu me recordo desse momento, daquela tarde, tomado de saudade, e penso: *Todos deveríamos ter a sorte de levar da vida ao menos a lembrança de um dia ensolarado mergulhando num lago de resíduos químicos.*

Naquela mesma tarde, meu pai pegou uma câmera Polaroid emprestada e nos fez posar à margem do Mercúrio. Eu nunca tinha visto uma Polaroid na vida, nunca tinha visto uma câmera superior à série E das Zenit. À luz sulfurosa da tarde, o peito de Kolya parecia tão pálido quanto as ovas de um anfíbio. Postamo-nos ladeando nossa mãe e ficamos esperando com sorriso fixo enquanto meu pai enquadrava a foto. As coxas nuas de minha mãe estavam arrepiadas; nunca antes tinham sido expostas à luz direta do sol. Nunca havíamos sido tão livres.

A câmera deu um estalido e o momento foi tragado por um clarão. Guardei essa fotografia por anos. E a dei a Kolya no dia em que partiu para a guerra.

E foi naquele mesmo dia em meio às chaminés fumegantes, pouco depois de meu pai finalmente capturar minha mãe, imobilizar seus cotovelos no chão lamacento e plantar um beijo meloso em seus lábios, que ela começaria a tossir sangue. Uma galáxia de respingos escarlates se espalhou pelo cascalho. Ela corou e começou a gaguejar, envergonhada por interromper aquele momento de improvável magia. E passamos semanas fingindo que não tinha sido nada. Minha mãe insistia em dizer que era uma gripe de verão e nós acreditávamos nela, ou fingíamos

acreditar, porque a quimioterapia, a radioterapia e as toracotomias eram luxos reservados apenas às pessoas com contatos políticos, e só tínhamos como pagar para ela um frasco de xarope para tosse com sabor de água sanitária. Os dias foram se encurtando com o passar dos meses. No inverno, quando ela já estava reduzida a dois terços do seu tamanho original, o aríete da realidade finalmente arrombou a fortaleza do meu pai. E o médico ratificou o que já sabíamos:

— Uma de cada duas pessoas de Kirovsk morre de câncer de pulmão.

Até seu último dia de vida, minha mãe insistia em lavar a louça.

— Claro que não. Não diga uma besteira dessas — opunha-se meu pai.

Mas ela fazia questão da tarefa, exigindo-a com uma voz que cortava o ar como uma coisa frágil e era como se nos atirássemos ao chão para impedir que se quebrasse. A água quente era inconstante, o sabão em barra produzia queimaduras químicas; poucas tarefas domésticas prometiam sofrimento maior que lavar a louça. Mesmo assim a minha mãe, masoquista ou não, achava que postar-se de pé junto à pia, diante do cartão-postal do mar Negro, era um dos momentos mais tranquilos do seu dia e não admitia que a doença lhe roubasse esse privilégio. A fim de facilitar as coisas para ela, meu pai, meu irmão e eu comíamos do mesmo prato, usando o mesmo copo, o mesmo garfo, a mesma colher, a mesma faca e a mesma tigela. Nos revezávamos nas refeições, cada um se sentando sozinho à mesa da cozinha posta para uma só pessoa.

Naquele inverno, durante os quinze minutos de luz do dia, Kolya e eu subíamos ao telhado do depósito e mergulhávamos na neve. Nevascas de cinco metros de altura forravam a entrada do museu. Do telhado do depósito, a cinco andares de altura, a neve lembrava as ondas de um mar congelado. Eu nunca havia mergulhado na neve. Tinha medo de atravessá-la e me esborrachar no asfalto, de onde meus restos, achatados como uma panqueca, precisariam ser removidos com uma espátula na primavera seguinte.

— Ivan quebrou as duas pernas e um para-brisas no ano passado — disse Kolya.

Blocos de concreto formavam ameias que rodeavam o telhado. Olhamos da beirada.

— A regra mais importante de mergulhar na neve é saber onde estão os carros.

— Então por que vamos mergulhar do lado que dá para a rua? — perguntei.

As pilhas de neve eram tão altas que poderiam encobrir um avião.

— Você já viu algum carro estacionado na porta do museu?

Não, mas nem por isso a ideia deixava de ser insensata.

— Podemos conferir, se você quiser.

— Eu acho que...

Antes que eu pudesse terminar a frase, as mãos de Kolya se plantaram na base das minhas costas e me impeliram por cima do beiral de blocos de concreto, e comecei a cair, me debatendo, um fragmento de poeira aspirado pela terrível inalação da terra, o sonho branco-amarelado revolvendo à minha volta, e eu soube que ia morrer, meu coração já sem as válvulas, o ar subindo ao meu encontro, um momento de glória. Uma luva macia de neve me aparou. Se tivesse caído na água, teria doído mais. Abri meus olhos e não enxergava nada. Antes era ar a toda a volta. Agora tudo tinha desaparecido. Adejei na neve como uma borboleta. Agitei os braços freneticamente. Por uma fenda na neve compactada um raio enviesado de luz do sol penetrava. Saltei em sua direção.

Não enxergava o rosto de Kolya com clareza suficiente para distinguir sua expressão. Na explosão de suas risadas, captei alívio.

— Algum carro? — gritou ele do telhado.

— Venha ver!

Ele se agachou e explodiu num grande impulso à frente, as pernas esticadas e os braços muito abertos, dobrando-se ao meio na altura da cintura e caindo num mortal lento e deliberado para trás. Lembro-me de Kolya na cápsula espacial, livrando-se do puxão violento da gravidade, levantando voo para sempre, e lembro-me dele descrevendo aquele arco, submergindo e reaparecendo num borrito de neve. Ele nadou até a superfície, com o rosto muito vermelho e respirando com dificuldade. Voltamos correndo para o telhado.

O sistema de ventilação do apartamento que ocupávamos no andar de cima do museu era compartilhado com a fundição de níquel adjacente e tudo, até as trutas enlatadas, fedia a enxofre. O que meu pai mais temia no mundo era uma corrente de ar, mas até ele escancarava os três painéis de vidro da janela da cozinha para deixar entrar a noite polar.

— Para arejar a casa — repetia como justificativa, admoestação, ameaça.

Usávamos sempre nossos sobretudos, cachecóis e *ushankas*, enquanto minha mãe jazia em seu leito, imobilizada sob o peso de uma dúzia de cobertores. Um dia, entrei no apartamento e encontrei meu pai na cama com ela. Ele a sustentava sentada, com as costas eretas, e a cabeça dela deixava-se cair no ombro dele enquanto ele a embalava em seus braços. Ele dava tapinhas em suas costas, ajudando-a a arrotar, e ao ver aquilo lembrei-me do quanto costumavam brincar entre si, de como eram sensuais, de como não tinham pudor pelo magnetismo que o corpo do outro exercia. Ventos glaciais cortavam o quarto quando ele a recostou numa pirâmide de travesseiros. Um centímetro de neve cobria o chão da cozinha. Ela perdia a consciência e a recobrava por instantes. Um dos travesseiros escorregou e caiu em seu rosto e o sobressalto a tirou de seu devaneio.

— Não é nada — disse ele, tentando acalmá-la.

— Eu sei que não é nada — respondeu ela, como se aquilo fosse a fonte de sua irritação, e não uma tentativa de aplacá-la.

E ele continuou a murmurar em seu ouvido, baixo demais para que eu pudesse escutar, e ela estava em tal estado que sabe-se lá o que ainda compreendia àquela altura, ou o que qualquer um de nós compreendia; num momento ela estava ali conosco, no seguinte já tinha partido, atravessando sem alarde a linha escura e plana de que todos iremos fazer parte um dia, e meu pai nem se deu conta, continuou a sussurrar em seu ouvido, pressionando os lábios contra a pele dela como se tentasse invocar o câncer, sugá-lo como um veneno, pois se um de cada dois habitantes de nossa cidade estava condenado a morrer de câncer do pulmão, que fosse ele entre os dois.

O enterro foi numa terça-feira. Em seguida, nossos vizinhos e amigos chegaram carregados de travessas, panelas e bandejas. Minha mãe sempre tivera medo de ser enterrada viva — uma fobia nem propriamente injustificada, em vista do histórico da nossa cidade — e demonstrava repulsa generalizada por cemitérios, porões e subsolos, de modo que, depois de ter sido cremada no crematório de Kirovsk inaugurado pouco antes, o pote de pickles contendo suas cinzas foi parar em nossa estante. Por trás dele, pusemos o cartão-postal do mar Negro. Ela poderia usufruir daquela vista por toda a vida após a morte. Um primo distante, bêbado, confundiu um vaso de *pot-pourri* com chips de batata e mascarou flocos de lavanda até o fundo do jarro exhibir o reflexo rachado do seu rosto.

Técnicos das fundições, de folga, atravessavam a sala a partir de uma mesa repleta de peixes, beterrabas, sanduíches abertos de salame e salada de batatas e vinham manifestar seus pêsames numa voz cautelosa cujo desconforto só aumentava diante do meu sofrimento. Uma palavra rápida de consolo, uma pausa constrangida e voltavam para a comida com o dever cumprido, guardando talvez a lembrança daquele instante como o único momento infeliz de uma festa que, de resto, estava excelente. Apertar as mãos de cada um me dava a impressão de segurar arenques vivos que se debatiam e, embora tenha me esquecido daquele dia quase por completo, jamais esquecerei aqueles dedos que me pareciam tentáculos, untuosos da gordura do salame, tão bem lubrificados quanto as máquinas que antes manipulavam.

Na manhã seguinte, meu pai se deteve diante dos pratos sujos que se erguiam em torres por toda a cozinha. Nossa pia não via mais que a louça e os talheres de uma única pessoa desde que minha mãe tinha feito questão de lavar tudo ela própria depois do jantar. Agora, porém, os pratos ameaçavam transbordar, espalhavam-se por todo o balcão, acumulavam-se em pilhas estreitas em cima do tampo do fogão, depois desciam uma escada de gavetas abertas até o chão da cozinha onde tigelas, pratos e copos cobriam todo o piso. Um tumor de cerâmica crescera em nossa casa. Meu pai estendeu a mão para uma travessa de louça branca, que ele examinou com ar curioso. Uma gordura alaranjada pingava da borda. Ainda tentou encaixar a travessa debaixo da torneira, mas a pia estava cheia demais. Começou a limpar a travessa com uma esponja antes de deixar cair o braço. Baixou os olhos para a pia. Um grito curto e forte irrompeu de dentro dele. Geralmente meu pai era um homem muito calado. Eu não sabia que tinha uma voz com todo aquele volume. Kolya veio correndo do quarto e perguntou:

— Qual é o problema?

Nosso pai se virou. Ficamos ali parados os três, de pijama. Ele levantou a travessa. Amebas oleosas respingaram no chão.

— Não sei o que eu faço com isso.

Nossa pequena família podia ter acabado bem ali, na medida em que nosso desamparo, nossa incapacidade coletiva, crescia e tomava o triângulo irregular que formávamos. Mas Kolya tirou a travessa da mão do meu pai e abriu a janela.

— Para arejar a casa — disse ele, e atirou calmamente a travessa pela janela.

Meu pai se virou para Kolya como se fosse bater nele, mas ao ouvir a travessa espatifar-se na rua, seu rosto relaxou.

— Sabe, acho que era da mulher do Boris — resmungou. — Uma pessoa que a sua mãe sempre detestou.

— E essa aqui também é dela — disse Kolya, jogando uma travessa imensa pela janela.

— E mais esse — acrescentei, atirando um copo.

— E isso aqui? — perguntou Kolya, arremessando uma sopeira antes que alguém pudesse responder.

Uma jarra de vidro cheia explodiu na rua, espalhando os talheres que continha. Meu pai levantou uns doze pratos empilhados e os deixou cair calmamente do beiral da janela. Jogamos açucareiros, saleiros, pires, xícaras de chá, travessas maiores e menores, sopeiras e tigelas de mingau. Jogamos cada prato trazido pelos vizinhos, amigos e outros participantes do velório, e em seguida pilhamos os armários, atirando pela janela panelas e talheres, tábuas de cortar pão e grelhas de metal. Foi um exorcismo. Demos cabo de todos os pratos, utensílios e canecas da cozinha, até não restar mais nada que pudesse precisar ser lavado um dia. Era a manhã do dia seguinte ao funeral da minha mãe e lá estávamos os três, rindo sem parar. Continuamos até não restar nada além de um prato para cada um. Quando o último prato excedente se espatifou na rua, meu pai finalmente fechou a janela.

5

Por várias semanas, deixei o quadro asfixiado em plástico-bolha debaixo do meu divã. Estou dizendo divã, mas na verdade não passa de um pedaço de alumínio com uma almofada pouco generosa, fabricada mais para durar do que para proporcionar algum conforto, como uma dessas coisas que se encontram em um abrigo antinuclear. *Posso dormir depois de morrer*, digo sempre ao meu amigo Yakov. E na verdade nem tenho escolha. Às vezes encontro invólucros vazios de camisinha entre as almofadas. Todas minhas, definitivamente. O apartamento pertence a uma mascate viúva

que seria capaz de me vender como escravo durante o meu sono, se alguma vez eu dormisse. Seus dois filhos adultos também moram aqui. Achrom que são durões só porque já foram presos, porque fazem parte de uma gangue, sobreviveram a facadas. Mas há coisas que eu sei, e eles não. *Criticar as decisões dos outros requer menos coragem que defender as suas próprias*, por exemplo. Um bom conselho. É uma frase de Átila, o Huno, e ele pilhou metade da Europa! Mas para algumas pessoas a ignorância é uma máscara para dormir que elas usam pensando se tratar de óculos de grau. Alguém ainda vai citar essa minha frase.

Os dois filhos fumam como se vivessem uma urgência desesperada de suicidar-se, mas exclusivamente por enfisema. A mãe só os deixa fumar no banheiro, que eles equiparam com uma televisão preto e branco, um aparelho portátil de som quebrado, uma dúzia de cinzeiros e um sofá serrado ao meio. O lugar parece ser uma mistura de uma discoteca fora de moda e o escritório de um produtor decadente de pornô. Quando perguntei, na minha primeira manhã, se podiam sair para eu usar o banheiro, os olhos de ambos se converteram em raios da morte. O banheiro era uma pátria estrangeira cuja cultura e tradição eu desconhecia por completo. Saí recuando com as mãos para cima e os olhos baixos. Passava a maior parte do meu tempo em São Petersburgo, a cidade mais linda do planeta, à procura de um banheiro disponível.

Um dos melhores que encontrei nas minhas excursões ficava num café a três quarteirões da Galeria Teplov, onde Galina dissera que parte da obra de Zakharov fora exposta um ou dois anos antes. Yakov me acompanhou por boa parte do passeio. É um ouvinte de primeira. Como a maioria dos gatos. Com exceção dos siameses, que são sacanas e tagarelas. Eu tenho amigos humanos, é óbvio. Mas com um gato tudo é mais fácil. Ele só pede um pouquinho de sopa de peixe num pires e um afago ocasional na cabeça. Eu me apego ao delírio de que um animal criado para trocar afeto por comida é capaz de compreender as inquietações da minha alma.

Yakov tinha se desviado para investigar uma lata de lixo quando cheguei à Galeria Teplov. A maçaneta da porta era um colchete prateado. O *foyer* de mármore, uma imitação barata de algum palácio imperial de verão. Nenhuma das obras de arte penduradas na parede estava acima do nível dos olhos, mas a altura do teto atingia a camada inferior da estratosfera. Até o ar parecia importado de algum país com altos índices de qualidade de vida.

Atrás do guichê da bilheteria, havia um homem de pé, magro como um poodle encharcado. Usava uma camisa com um quadriculado imenso e um rabo de cavalo louro que, a não ser que se destinasse a algum paciente de quimioterapia, devia ser cortado rente agora mesmo, enterrado numa cova rasa e esquecido para sempre. A condição de *hipster* é uma corda bamba atravessando o desfiladeiro da mais absoluta babaquice. Ele estava a centímetros de se desequilibrar.

Algumas moedas de um rublo reluziam no chão em frente à bilheteria. Seriam simples moedas ou parte de alguma instalação? Os modernistas arruinaram a realidade para os leigos.

Eu me aproximei da bilheteria. A temperatura ambiente tinha sido regulada para um frigorífico abarrotado de carne. Um casal de turistas consultava um guia de viagem do tamanho de um tijolo. A gozação é o melhor meio de conquistar as boas graças de um desconhecido e eu fui com tudo.

— Rapunzel, Rapunzel, joga os teus cabelos!

— Perdão? — perguntou o bilheteiro.

— Preciso de um favor — expliquei, apoiando-me no balcão. — Pouco tempo atrás, houve aqui uma exposição de um pintor checheno, e eu queria o telefone da curadora. Sei que ela vive em Grózní.

— Vai se foder.

— Obrigado, mas não, eu só queria mesmo o telefone dela.

Tivesse eu vivido uma existência bem irrigada de afeto, talvez não tivesse murchado sob a secura daquele olhar. Mas antes que tivesse tempo de armar uma defesa mais estruturada, eu estava diante da expressão severa de um orc trajado de segurança. Nossos átomos devem ter sido polarizados como ímãs que se repelem, porque a cada passo que ele dava em minha direção eu recuava contra a minha vontade na direção da porta. Aquele museu tinha tanto a ver com a alta cultura quanto com uma sala de musculação de presídio.

A porta se fechou logo que passei. O problema da rejeição é que ela nos parece imposta mesmo quando é merecida. Foi o que eu disse a Yakov. Ele estava aboletado num Citroën amarelo. Saltou para o chão, correu para mim e esfregou seu narizinho áspero nos meus sapatos. Os pequenos prazeres da vida são o consolo dos pobres. Mas o focinho de Yakov em meu sapato, seu ronronar cálido junto à perna da minha calça, bem, a gente aceita os triunfos que aparecem.

Eu devia ter ido à aula, mas não tinha comparecido a nenhuma naquele semestre e não queria deixar meu professor confuso com a minha presença. Se eu dedicasse a terminar o meu curso a mesma energia mental que aplicava para prolongá-lo, é provável que a essa altura eu já tivesse um prêmio Nobel. Eu havia me transformado num desses prisioneiros que saem nos jornais, esses que passam tanto tempo trancafiados que quando são soltos fazem de tudo para voltar para a prisão. Quem em seu perfeito juízo preferiria deixar aquele mundo?

Yakov me acompanhou quando atravessassei a rua e por mais oito quarteirões da mesma monotonia do início da tarde.

Um homem de olhar vazio estudava o horário dos bondes num cartaz protegido por uma folha de acrílico, mas estava claro que mapa nenhum poderia lhe indicar um destino.

Senhoras idosas que não sorriam desde os tempos em que Gorbachev era secretário-geral formavam uma fila em frente à agência dos correios. Usavam sobretudo em pleno verão, descrentes de qualquer forma de autoridade, até do calendário.

Mais à frente, uma supermodelo magra e pontiaguda como um estilete olhou diretamente para mim. Devia fazer parte de algum golpe sofisticado ao estilo de *Onze homens e um segredo*. Ela estava me avaliando e logo iria concluir que eu era perfeito para o papel do palhaço melancólico em torno do qual todo o bando se reuniria quando George Clooney acabasse absorvido por suas obras filantrópicas. Roubaríamos todo o tesouro de um dos Emirados Árabes. Eu doaria a minha parte para os órfãos famintos, porque não faço essas coisas por dinheiro, mas pela emoção. Ela se separaria de George Clooney e nós dois viveríamos para sempre na linda paisagem isolada de uma praia da Malásia. Tomar *mai tais* no café da manhã nunca perderia a graça. Sobem os letreiros.

— Sua braguilha está aberta — falou ao passar por mim.

A obstinação, eu me repito, é a verdadeira medida da existência.

Chegando em casa, desenterrei o quadro de seu envoltório de plástico-bolha pela primeira vez desde que voltei de Moscou. A tela propriamente dita era pouco maior que uma folha de papel ofício. Foi nesse lugar em que Kolya morreu. Eu já sabia disso, é claro, havia semanas, mas olhar diretamente para o local me fez recuar. Pousei a tela na prateleira entre os dois potes de pickles contendo as cinzas dos meus pais. Meio sinistro, mas é isso mesmo que acontece nas reuniões de família. Eu tinha 28 anos,

velho demais para me definir como órfão, mas jovem demais para me ver como o único sobrevivente do clã dos Kalugin. Deus do céu, era provável que coubesse a mim perpetuar o nome da família. Nunca tanta gente esperava tanto de alguém que possuía tão pouco.

Por trás do pote da minha mãe via-se o cartão-postal do mar Negro. Fazia anos que eu dizia a ela que um dia ainda espalharia suas cinzas naquelas águas.

Essa história me deixou nervoso e liguei para Galina.

— Sim? — disse ela.

— Sou eu, Alexei.

— Quem?

— Alexei Kalugin. O irmão de Kolya.

— *Quem* deu esse telefone para você? —

— Você.

Um suspiro de desânimo.

— É realmente verdade que eu sou a minha pior inimiga. O que você quer?

Tudo, agora mesmo, sem precisar trabalhar, esperar ou fazer nada.

— Só conversar. Estou olhando para o Zakharov. Coloquei em cima da estante ao lado dos potes onde eu guardo as cinzas dos meus pais.

— Você devia procurar o meu marido. Na verdade, agora ex-marido. Ele está sempre procurando mais psicopatas para recrutar para a sua equipe.

— O divórcio já foi concluído?

— Já.

— Sinto muito.

— Ah, foi só uma formalidade legal. Em nosso coração já vivíamos em fusos horários diferentes fazia anos. Vou voltar para Kirovsk.

— No seu coração?

— Não, imbecil, num avião mesmo.

— Por quê?

— Que escolha eu tenho?

Galina deixa escapar um leve suspiro resignado.

— Falando francamente, ninguém mais me cogita para papel nenhum há muitos anos e, agora que perdi meus privilégios políticos, vai ser uma sorte se *Teia de mentiras* ainda vender alguma cópia pirata. Além disso, vai ser bom para Natasya crescer fora de Moscou. Kirovsk nem é um lugar tão ruim, é?

É uma paragem dos infernos, venenosa e pós-apocalíptica.

— É um ótimo lugar para criar uma família.

— Você acha mesmo?

— Eu nunca minto para ninguém.

Exceto para meu interlocutor neste momento.

— Você pode ficar no museu, se precisar. Desde que Kolya foi embora, ninguém mais mora lá.

Ela abafou um riso tão alto que tive medo de que fosse engasgar.

— Você é uma gracinha, mas não, obrigada. Os advogados de Oleg ainda não conseguiram tirar a minha dignidade, embora eu esteja convencida de que é a próxima coisa que vão tentar.

— Eu fui até a Galeria Teplov — comecei a contar, me arriscando em águas desconhecidas. — Tentei conseguir o telefone da pessoa de quem vocês compraram o quadro em Grózni.

— Para quê?

— Tive vontade de conversar com ela. Sobre onde Kolya morreu.

— Uma imagem vale o quê, mil palavras? Mais que isso, a julgar pelas resmas e resmas de papel que os tabloides gastam publicando fotos das partes íntimas da Lindsay Lohan. Além disso, eu *dei* o quadro a você para que pudesse *ver* o lugar onde ele... Bem, você sabe.

— Eu sei, mas é que...

E a marreta da epifania começou a se dirigir para o meu crânio.

— Eu estava pensando em ir até lá.

— Deixe de ser idiota.

Tarde demais. Tarde demais.

— Estava pensando em ir até lá — continuei —, até a encosta onde Kolya morreu, no último lugar onde ele esteve. Vou até lá. Vou pisar no último lugar que ele pisou, e ter a última visão que ele teve. É isso o que vou fazer.

— Mas para quê? — tornou a perguntar.

Olhei para os dois potes de pickles. Eu nunca tinha recebido os restos de Kolya. E disse a ela que queria ir até lá, ao local onde ele tinha morrido, e encher de terra um pote de pickles.

— Bem, talvez valha mesmo a pena — disse ela.

— É mesmo? — Eu nem me lembrava da última vez que tinha realmente agido de acordo com algum dos meus devaneios.

— O que você quer?

— Que pergunta é essa?

— Estou falando sério, Alexei. A expectativa de vida de um homem de Kirovsk é de quantos anos mesmo? Quarenta ou cinquenta? Você já passou da metade. O que você quer do resto da sua vida?

— Quero ser digno de ser citado.

— O quê?

O rubor do meu rosto foi tão quente que quase derreteu o fone encostado ao meu ouvido.

— Eu estudo filologia e nem gosto de ler. Pelo menos não livros. Quer dizer, para que ler um livro se você pode resumir em uma linha tudo o que ele diz? Eu gosto de ditados, máximas, das frases que vêm nos biscoitos da sorte, pequenas doses individuais de sabedoria. Mas você precisa ser famoso, chegar ao pico do Everest ou coisa assim, para as pessoas levarem a sério os seus aforismos.

— Você quer ser um aforista profissional?

— Acho que sim.

— Meu Deus, Alexei. Você sempre foi um doce de garoto, mas não é mais criança. Vá logo para a Chechênia. Vá para algum lugar. Vá fazer alguma coisa.

Transformar *eu queria ser* em *eu fui* é a gramática do crescimento.

6

A história de Kolya colidiu com a de Galina no dia em que ele entrou no ginásio/sala das caldeiras do colégio para uma sessão de orientação com o diretor, um homem corpulento com um pescoço que lembrava o de um leão-marinho. Canos de ferro fundido cruzavam-se num labirinto por cima de colchões, criando uma pista vanguardista de ginástica composta de barras verticais e traves tortas. Nenhum dos membros das equipes masculina ou feminina de ginástica jamais chegou às Olimpíadas, não por falta de talento, mas porque se apresentavam como solistas de free jazz num esporte em que todo juiz é um defensor do classicismo. O diretor pontuava sua preleção com investidas enfadonhas do dedo indicador. Se as pessoas tivessem suas carreiras escolhidas de acordo com suas disposições, ele seria o líder supremo de uma república insular vulcânica

desprovida de recursos naturais. Sentados nos bancos duros que antes povoavam a cantina do gulag, os meninos e meninas de quatorze anos ali reunidos deixavam o corpo cair para a frente ou para trás, envelhecidos pelo tédio a ponto de se tornarem idênticos, ao menos na postura, aos avós que haviam lustrado aqueles mesmos assentos com os respectivos traseiros.

Quando terminou de falar, o diretor deixou o recinto marchando em passo de ganso, ao som de uma fanfarra que tocava apenas em sua cabeça. Os ginastas das turmas mais adiantadas já tinham começado a dar saltos mortais por cima dos canos de água quente. As várias dezenas de meninos e meninas do primeiro ano tinham começado a se alongar e se movimentar, mas Kolya continuou sentado. Não era comum ele sentir-se nervoso ou encabulado, mas era novo naquela escola. Tinha sido expulso da anterior e não conhecia ninguém da sua nova turma. Os segundos iam passando e Kolya sabia que precisava fazer alguma coisa corajosa ou sagaz, algo que assegurasse sua condição social, porque toda escola precisa ter seus excluídos e seus esquisitões, e eu sei por experiência própria que as únicas maneiras de escapar dessa casta de intocáveis são o suicídio ou uma nova matrícula. Kolya percorreu sua alma congelada à procura de alguma parcela da coragem e do carisma que fluíam com tamanha abundância em minha presença. O tempo estava quase esgotado. Seus colegas de turma já tinham se aglomerado em núcleos de conversa que dali a pouco se fechariam definitivamente para quem não pertencesse ao círculo das piadas internas. Mas bem ali, a poucos bancos de distância, uma menina magra de cílios densos também estava sentada sozinha.

O olhar de Kolya subiu pelas pernas dela. Quando chegou a seus olhos, ela já o tinha visto.

— Eu sou Kolya — conseguiu dizer.

— Galina — respondeu ela. Seus lábios se achataram e descreveram uma curva nas pontas, como alguma coisa molhada que não tivesse terminado de secar. Era um sorriso. O zíper do peito de Kolya se abriu.

* * *

Ela se sentou ao lado de Kolya na sala mal iluminada onde eram dadas as aulas de história. Construída durante os expurgos de Stálin, nossa escola

tinha sido originalmente uma prisão, e as grades nas janelas da sala lançavam sombras que traçavam dentes nas tábuas irregulares do piso. Galina não conseguia ficar sentada sem se mexer. Uma chama invisível ardia debaixo do assento de sua carteira, fraca demais para incendiar a madeira, mas forte a ponto de lhe chamuscar a pele se ficasse muito tempo sentada na mesma posição. Ela girava o lápis entre os dedos, mas sua coordenação olho-mão equiparava-se à sua coordenação olho-pé, e o lápis, como era inevitável, acabou caindo do lado da carteira que ela não alcançava. Kolya recolheu o lápis.

— Obrigada — murmurou ela.

— Por nada.

Uma intimidade peculiar se desenvolveu a partir daquela transação diária de lápis perdidos. A coisa se transformou num jogo. O lápis saltava dos dedos finos de Galina, enquanto Kolya assistia à queda com uma pulsação que ia se acelerando na base da garganta. A frente da sala, onde o professor se estendia em considerações quanto às conquistas de finados impérios europeus, ficava tão distante quanto os próprios campos de batalha medievais. Kolya cobria as impressões digitais dela com as suas, tornando-se cúmplice voluntário de qualquer crime em que aquele lápis pudesse ser usado. Entregava-lhe o lápis segurando pela ponta, e ela o aceitava pela borracha arredondada, deixando toda a extensão amarela do objeto entre as pontas dos dedos dela e dele. À medida que o lápis ia sendo apontado e encurtava, os dedos de Kolya se aproximavam mais e mais dos dela, até o esplêndido dia em que finalmente se tocaram. Nesse dia, Kolya perguntou a Galina se ela queria dar um passeio.

Os ventos de novembro pressionavam jornais soltos contra mastros tortos, jogavam terra nos para-brisas, criavam desenhos na aura de fumaça expelida pelas fundições cujas fornalhas eram a única razão de ser de nossa vida no Ártico. Abrigada em muitas camadas de roupas pesadas, Galina parecia ter o dobro de sua largura real. Eles se dirigiram para o centro dos Doze Apóstolos trilhando o caminho de cascalho que cercava as ondas prateadas do lago Mercúrio. O cascalho tinha se condensado numa única massa congelada. Kolya fixava os olhos nessa direção a fim de evitar o rosto da jovem, tão próxima que o calor que ela emanava era como um fantasma do sol da primavera.

Ela lhe contou como odiava o balé, como dançava mal, e Kolya pegou a mão enluvada dela. Apoiou a mão direita na base das costas dela,

pressionando contra as camadas de roupa até ela se deixar cair na direção dele, nele. E ele contornou com os dedos os espaços entre suas vértebras.

— *BUM BA-DA-DA DUM BUM, DUM DUM DUM* — trombeteou ele.

E ela precisou de algum tempo para distinguir, naquela euforia atonal, a melodia da marcha inicial de *O Quebra-Nozes*. Quando reconheceu a música, já estava saltitando, abrindo crateras no piso gelado.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

A dança era uma coisa coreografada, ensaiada e esterilizada até que suas imperfeições mais triviais tivessem sido apagadas junto a qualquer vestígio de alegria, até que finalmente seria apresentada a plateias silenciosas e exigentes. Não era uma coisa espontânea. Nunca era divertida.

— Essa música é uma marcha — gaguejou ela. — E ninguém dança valsa ao som de uma marcha.

— Eu nem sei o que é uma valsa — arquejou Kolya.

Ele interrompeu sua interpretação *a cappella* por tempo suficiente para fazer Galina descrever pequenos círculos e baixou o corpo dela até varrer o cascalho com seus cabelos. Ela sentiu vontade de chorar, mas riu. E começou a cantar com Kolya quando ele retomou a melodia da marcha. Essa sensação de que tudo estava certo, de que era ali que deviam estar, não era uma ideia ou uma palavra, mas uma ausência de ideias e palavras, uma leveza que deixava apenas ar onde antes havia sangue e ossos, uma leveza que a tomava até a ponta de seus dedos sem peso, bem seguros entre os dele caso ela saísse flutuando.

Os Doze Apóstolos emanavam pilares dourados. As sombras se alastravam em meio a tiras de luz elétrica.

Kolya chegou ao refrão como se dentro dele morasse uma orquestra de bêbados ensandecidos, berrando a melodia para o amarelo aveludado, para o lago enevoadado, para as substâncias cancerígenas que nenhuma canção conseguiria desalojar de seus capilares sanguíneos, e, naquele anfiteatro da indústria dizimada, naquele palco de gelo e aço, ensinou a neta de uma primeira-bailarina a dançar.

* * *

Por volta da mesma época, passei a sentir um amor diferente. Começou quando nosso pai nos mandou até o outro lado da cidade para cuidar de um assunto para ele num depósito. Sim, podia ser crime, mas certamente não era organizado. Além disso, em Kirovsk a divisa entre criminalidade e negócios é tão fina quanto o antebraço de um órfão.

Minha respiração gelada brotava e desaparecia como um chifre de unicórnio continuamente removido do meu rosto.

Avançamos lentamente por uma cidade crepuscular coberta por uma camada tão alta de neve que o terceiro andar dos prédios parecia ser o térreo. Não havia placas ou endereços assinalando aquela parte da cidade — uma artimanha, afirmava Kolya, para confundir um exército invasor ianque — e andamos pelo que nos pareceram horas até começar a escutar a música: tambores trovejantes, melodias trêmulas, um baixo em volume tão alto que seria capaz de devolver a pulsação a um coração parado. Dobrando a esquina, havia BMWs com motores ligados encostados ao meio-fio, lânguidas belezas nórdicas com seus pescoços flexíveis esticados, cigarros de luxo entre os lábios, sapatos de couro de crocodilo, correntes de ouro, camisas masculinas adornadas pelas luzes das sirenes, pupilas dilatadíssimas, narizes vivendo os dias de glória entre a cirurgia plástica e a destruição pela cocaína, ninfas usando diamantes tão grandes que poderiam financiar guerras inteiras no Terceiro Mundo, letreiros elegantes de neon murmurando acima da entrada: *DANCE PARTY PLACE!*

Uma fila se estendia por meio quarteirão, mas Kolya colocou o braço ao redor do meu pescoço e fomos abrindo caminho até o começo dela. O segurança da boate tinha o rosto achatado e marcado de cicatrizes como uma bigorna muito usada. Olhou com pouca admiração para os nossos sapatos enlameados. Mas Kolya era capaz de levar até um surdo na conversa, e em instantes o segurança já tinha deixado que entrássemos. Como descrever o paraíso que havia ali dentro? Numa palavra, mulheres. A pista de dança estava inundada de saltos com ponta de aço, botas de couro envolvendo panturrilhas reluzentes de suor, saias tão curtas que caberiam num envelope. Cílios, unhas e seios postiços que, em conjunto, amplificavam a realidade a fim de naturalizar suas dimensões obscenas. Camadas e mais camadas de maquiagem. Pele nua brilhando sob as luzes estroboscópicas com a iridescência glabra de invertebrados do mar profundo. Nosso Virgílio de cara achatada nos conduzia por aquele mar

agitado de corpos, mas eu queria me afogar, morrer, viver para sempre, não faz diferença, no meio daquele som e das lantejoulas.

Numa sala mergulhada em sombras atrás da cabine do DJ, Kolya se dirigiu a um homem da altura de uma escada cujo paletó vermelho-vivo lhe caía dos ombros como se ainda pendesse de um cabide. Seu cabelo louro era seboso, como se besuntado de manteiga, e impunha-se. Pela maneira como segurava o cigarro dava para dizer que o sujeito era capaz de matar um homem a caminho do jantar e ainda lhe sobriaria apetite para a sobremesa.

Ele nos entregou uma pasta marrom e nos dispensou com um gesto curto do cigarro. Saímos bamboleando como patinhos atrás do segurança em direção à saída.

— Pode me apresentar a uma mulher? — perguntei a ele.

— Qual?

Falando francamente: não fazia diferença. O desejo por calor que vicejava em meu coração vindo das partes baixas era indiscriminado em sua meta. Bastaria qualquer mulher reconhecer a minha existência para que se transformasse no amor da minha vida. Eu tinha doze anos.

— Ela.

Apontei vagamente para a multidão.

Ele se dobrou de tanto rir. Precisou se apoiar no meu ombro para não cair. Eu não passava de um servo a quem fora permitido um vislumbre do salão de baile do Palácio de Inverno antes de ser jogado de volta aos braços abertos da noite ordinária. Mas, no fundo, o segurança possuía uma alma sensível e cheia de empatia. Antes de nos escoltar até a saída nos segurando pelos cotovelos, ele pegou uma fita cassete preta na cabine do DJ e a enfiou no bolso aberto do meu casaco.

Na manhã seguinte, despertei com um aroma pungente de vinagre — meu pai era amador na produção doméstica de pickles — e me perguntei se a noite anterior não teria sido uma miragem produzida pela sonolência. Mas ali, bem ao meu lado, na mesinha de cabeceira bamba, estava a fita cassete, mergulhada numa poça de luz da manhã cor de mel.

Kolya ainda dormia. Enfiei-me debaixo da sua cama e percorri sua biblioteca sexual: revistas lustrosas para toda e qualquer perversão, livros de bolso eróticos, corpos vestidos apenas pelas caixas de VHS sem nome, estalagmites de lenços de papel usados, cartas de amor que ele nunca chegou a mandar para Galina e, flutuando naquele mar de sordidez, uma

garrafa em miniatura de vodca contendo parte das cinzas da minha mãe, que ele tinha roubado do pote-urna logo depois do funeral para preservar alguma parte dela quando o restante fosse lançado ao mar Negro. Comecei a escavar e fui lançando tudo às minhas costas até achar o gravador de fitas.

Por tê-lo acordado naquela hora absurda, ele me acertou com a bota, o primeiro de um bando migratório de projéteis que atiraria em mim no decorrer dos minutos seguintes. Fiquei sentado na cama, de frente para a parede, o cobertor por cima de mim como uma tenda, encapsulado pelo som estereofônico, sem dar atenção à tempestade que se desencadeava às minhas costas.

Pelo resto da minha adolescência, as visões prometidas naquele DANCE PARTY PLACE! e em outras boates seriam o banco no qual depositaria cada trocado dos meus sonhos. Os fones de ouvido, no volume máximo,, formavam um casulo que nada poderia penetrar: nem a violência de Kolya, nem a depressão cada vez mais profunda do meu pai, nem mesmo a memória da minha mãe, que às vezes se intensificava à visão da espuma de sabão e me deixava empalado de dor. Como se eu pudesse simplesmente morrer durante a reprodução de uma das faixas, me entregar a um doce esquecimento que fazia meu coração descansar enquanto o som do baixo cuidava da circulação do sangue. Eu me entreguei à Ditadura da Dança, ao Soviete Supremo do Som.

Improvisei a junção de dois gramofones antigos em toca-discos dos quais flocos verdes de esmalte se desprendiam à cadência dos tambores. Fitas e LPS de Moscou, Petersburgo e Minsk me chegavam aos montes pelo correio e, sozinho no meu quarto, eu estudava as *tracklists* como uma Tatyana Larina apaixonada por música *techno*. Devido à minha falta de status e ao excesso de acne, eu não tinha esperança de passar pelo controle da entrada de lugares como o DANCE PARTY PLACE!, então comecei a tentar entrar em boates mais vagabundas, *raves* em porões, festivais de verão ao ar livre, lugares duvidosos e mais que duvidosos, lugares tão pequenos que era inevitável ficar doidão inalando as drogas alheias, lugares onde você se sentia bem mais líquido do que sólido, aonde você chegava uma alma livre e de onde saía oito horas depois tendo trocado os cadarços e sua memória de curto prazo por hematomas inexplicáveis nos joelhos, cotovelos e barriga. Eu ficava na porta dos lugares mais legais, filando cigarros dos DJs e dos frequentadores que saíam para tomar ar. Cigarros eram tudo que

eu pedia, mas sempre me davam bem mais: algum trocado (às vezes me tomavam por um morador de rua), os últimos goles do gargalo babado de uma garrafa comunal de vodka, o número do celular de algum traficante de drogas ou ladrãozinho qualquer, conversas que alimentavam a ilusão de que eu pertencia àquele cosmos como uma estrela periférica.

Em algum momento dessa época, comecei a gravar minhas próprias compilações de música em cassete.

7

Eu me despedi de Galina, desliguei o telefone e tornei a embrulhar o Zakharov em plástico-bolha antes que a urgência que me esfaqueava pelas costas perdesse o sentido. Guardei o quadro na sacola de viagem junto a meia dúzia de fitas com compilações variadas, meu walkman e artigos de toalete. Pensando melhor, acrescentei um par de meias, minhas cuecas azuis da sorte e uma sunga Speedo de segunda mão.

Os rublos que eu tinha no bolso não eram suficientes nem para três barras de Babaevsky, então me esgueirei até o corredor para ver o que poderia roubar. O volume do som fazia chacoalhar as dobradiças da porta fechada do banheiro. Um fino fio de fumaça vinha pelo buraco da fechadura. Passei pela porta muito devagar, um centímetro de cada vez. Uma carteira de couro usada estava largada em cima da mesa de cabeceira no quarto que os dois irmãos dividiam quando não ocupavam conjuntamente o banheiro. Havia tanto dinheiro ali dentro que mal coube no meu bolso dianteiro. Eu sei que é errado roubar, mas também é errado proibir um inquilino de usar o banheiro, e todo mundo sabe que um erro anula o outro. É por isso que é chamada aritmética moral.

De volta ao meu quarto, passei em revista meus modestos pertences. Garrafas cheias apenas da luz do crepúsculo se enfileiravam num canto. A carcaça em longo estado de putrefação da minha carreira acadêmica estendida na escrivaninha. Alguns folhetos de *raves* distantes no passado amassados num canto. A cena deveria me deixar realmente deprimido. Tudo que eu estava deixando para trás era um caos que outra pessoa teria de arrumar. Não era de fato um legado. Ali estava eu, com a mesma estatura de Napoleão, mas incapaz de conquistar sequer o banheiro do

apartamento em que morava. Enfiar os dois potes de picles na sacola, a Polaroid no bolso, e em seguida me esgueirei porta afora.

Preferi o aeroporto à estação de trem. Os trens têm paradas demais, oportunidades demais para desistir. Peguei um táxi pirata para ir até o Pulkovo e, pela primeira vez na vida, aceitei a tarifa cobrada sem protestar. Meu sangue parecia duas vezes mais fino e meu coração duas vezes mais forte quando me apoiei no balcão e comprei uma passagem no voo da manhã para Grózní. Passei a noite no terminal entre um marido e uma mulher que tinham parado de se falar.

Na manhã seguinte, eu estava esperando ao lado do portão quando o embarque começou. A crueza das luzes fluorescentes deixava todos com a aparência de quem acaba de doar um litro de plasma. Os homens, chechenos em sua maioria, ignoravam as instruções cada vez mais frustradas do agente postado no portão de embarque. Ainda assim se afastaram até que todas as mulheres tivessem embarcado para embarcarem eles próprios, embora ainda observando uma ordem de idade. Bando de loucos. Quem pode ter decidido travar uma guerra contra um povo tão zeloso da própria independência que se rebelava até mesmo contra os procedimentos de embarque de uma companhia aérea? Eu me instalei entre uma criança que confundiu a manga da minha camisa com um lenço e um homem que me chamou de colaboracionista por ter obedecido ao aviso de apertar o cinto. Minha sacola estava a salvo no compartimento para bagagens de mão, acima das nossas cabeças.

Os motores emitiram um assobio rouco.

O aeroporto transformou-se numa mancha cinzenta pela janela embaçada.

A pista, depois a cidade, depois a terra foram sumindo.

Decolamos.

8

Kolya e Galina se encontravam nos fins de semana e depois das aulas, usando tarefas do dia a dia, clubes, treinos esportivos e organizações da juventude para justificar suas ausências. Os amigos acreditavam que estavam profundamente envolvidos na vida de suas famílias, e as famílias

acreditavam que estavam profundamente envolvidos com os amigos, mas só estavam envolvidos um com o outro. Protegiam a paixão que sentiam como um segredo que corria o risco de evaporar se exposto ao escrutínio ultravioleta de seus pares. Enfiavam-se em becos, trocavam beijos roubados debaixo de escadas, reduziram o avanço de seu namoro a um ritmo de cautela prudente que não se via desde o tempo dos fraques. Cada encontro clandestino era uma nova descoberta. A nebulosa que formavam quando estavam juntos era cambiante e mudava sempre de aspecto. Quando Galina descobriu ser capaz de fazer Kolya rir a ponto de ter ataques de soluço violentos, curados apenas bebendo água da borda oposta do copo, sentiu que tinha caído pelo cano de um microscópio até chegar a uma intimidade invisível a olho nu. Ele se debruçava sobre o copo entre seus joelhos e sorvia a água enquanto ela lhe dava tapinhas nas costas. E quando ele descobriu que ela se preparava para ir para a cama como se dormir fosse um esporte que exige equipamento de proteção — cabelos trançados, máscara de ervas no rosto, protetor dental velhíssimo na boca, ouvidos tapados — zombou dela impiedosamente, e ela cobriu o rosto de vergonha com o lençol, mas nem assim ele parou, e ela riu tanto que o lençol ficou úmido de lágrimas, e aí ele teve uma crise de soluços.

Numa noite de verão em que o crepúsculo banhava o Ártico com uma brancura fosca, conseguiram uma carona para o sul a bordo de uma balsa que cruzava o rio. Uma zona morta biológica, com uns sessenta quilômetros de diâmetro, cercava os Doze Apóstolos, mas assim que ultrapassaram o limiar desse círculo, a terra nua deu lugar a uma relva ressecada que se curvava ao vento. Desembarcaram num longo cais de madeira. Espiaram pelas brechas criadas no intervalo das tábuas apodrecidas e encontraram fragmentos de seus rostos nas águas do rio, dispersados e novamente reunidos pelas ondulações. Atravessaram a margem e subiram uma ladeira ladeada pelos esquálidos esqueletos de arbustos sem vida. Do outro lado, a terra formava um platô emendando num campo em que flores silvestres espreitavam em meio à tundra degelada.

— Eu amo Galina! — berrou Kolya.

Sem prédios, muros ou elevações topográficas para ecoar seu grito, as palavras passaram voando por cima das flores azuis e desapareceram no horizonte.

Por reflexo, ela olhou para trás, temendo que alguém, qualquer pessoa, pudesse ter ouvido a declaração de Kolya. Galina tinha crescido numa cidade onde a história não existia, onde tudo que era real tinha de ser mantido em segredo para não ser apagado. Mas não havia ninguém atrás deles.

Quando ingressaram no último ano da escola secundária, Galina fez uma lista de possíveis carreiras: professora, operadora de caixa, secretária. Vencedora de concurso de beleza não estava na lista. *Bonita* nem era um adjetivo que achasse aplicável a si mesma. É verdade que era alta e magra, isso ela admitia, mas tinha pés que caberiam em sapatos de palhaço e sobancelhas grossas que formavam um ângulo obtuso como as de um personagem decepcionado numa história em quadrinhos. Havia dias em que seu rosto parecia ser a caricatura de outra pessoa. Tirava autorretratos com uma Zenit com anéis de ferrugem alugada por hora do proprietário do único laboratório fotográfico da cidade. O temporizador da câmera dava dez segundos a Galina para chegar ao outro lado da sala e estender-se com gestos líquidos no divã. O desejo de posar em diversos ângulos e iluminações não era fruto de vaidade, mas do vácuo que havia onde a vaidade deveria estar. Ela se deitava de costas e o obturador disparava. Ficava de pé, os malarres proeminentes, os lábios num biquinho, e o obturador disparava. Ela seduzia o diafragma, mas ao analisar as fotos reveladas não conseguia seduzir-se a si mesma. As imagens confirmavam o que ela já achava: tudo o que tinha de admirável se situava entre o pescoço e os tornozelos.

Kolya tentava convencê-la do contrário. Toda manhã de sábado, subia os seis andares de escadas manchadas de cinza até o apartamento dela. Aquelas poucas horas matinais, enquanto o pai dela trabalhava, eram as únicas da semana que passavam juntos a sós num apartamento com uma cama. Ela deixava a porta da frente destrancada para ele, que a abria com suavidade. Miniaturas de navios de combate abarrotavam as estantes da sala. Ele atravessava o tapete gasto com a estampa de flores desbotadas. Galina estava de pé diante da pia da cozinha, os cabelos presos num coque improvisado, seus dedos como dez gravetos de calor no ar gélido. A luz da janela banhava sua pele, transformando-a numa tela em branco em que mais tarde ela aplicaria traços com delineador e batom. Kolya se postava de pé atrás dela e sentia todo o seu ser se enrodilhar em torno do tremor daquela voz. Galina tinha espuma de sabão até os punhos. Ele corria as

mãos pelos seus antebraços, pelas bolhas cintilantes, encontrando as dela na água cinzenta em que lavava a louça. Minutos inteiros se passavam numa suave vertigem.

Então, mais tarde, no quarto dela. Velhas tapeçarias pendiam das paredes para reforçar o isolamento térmico. O chão tinha forro duplo: um de tapetes e outro de suas roupas espalhadas. Kolya beijava suas sobranceiras largas, seu pescoço, cada centímetro quadrado do seu nariz. As partes que ela amputava mentalmente eram as que ele mais adorava. Debaixo dos lençóis, ficavam pálidos e nus e agasalhavam as mãos no calor entre os seus ventres. Colavam seus corpos com um desejo que nunca se satisfazia; mesmo colidindo com toda a força não é possível trocar átomos com alguém. Nossos corações podem se fundir no ar, mas nossa substância permanece fixa. E por mais que desejemos formar uma nuvem conjunta e inseparável com a pessoa amada, não somos feitos de gás. Nada menos que isso teria deixado Kolya satisfeito, nada menos do que se apagar nela seria suficiente.

Raramente usavam preservativos. Galina estava com dois meses de gravidez quando um cartão-postal branco cortado por uma diagonal vermelha e peremptória chegou para Kolya. Até onde eu saiba, foi a primeira correspondência que jamais lhe foi enviada na vida. Trazia a ordem de se apresentar ao Departamento de Convocação de Novos Recrutados para um exame médico, dali a três dias.

O que se seguiu nos dias que antecederam sua incorporação: conversas que, como um carrossel, giravam infinitamente sem chegar a lugar algum; juras de fidelidade; a autocomiseração preenchendo cada vazio que encontrava; o tipo de garantia que prometia tudo e por isso mesmo não significava nada. Numa tarde, Kolya pediu Galina em casamento na ala de legumes do *produkti*. Apoiou-se num dos joelhos, tirou um elástico do bolso e o amarrou em torno do dedo anular da namorada. Ela respondeu que sim, não porque ela quisesse, mas porque ele estava de joelhos, suplicando.

Meia hora na sala do cartório era tudo o que era necessário; naquele tempo, o casamento e o divórcio não custavam muito tempo nem esforço. Mas eles adiaram essa decisão até não lhes restar mais tempo. Ele passou a manhã de sábado no apartamento dela antes de se apresentar. Os lençóis se aninharam aos pés deles. Projetaram hipóteses que foram se

consolidando e se transformando em realidade na mente de Kolya nos meses seguintes: uma família, um futuro juntos.

— São só dois anos, e depois eu volto — disse Kolya, olhando para as rachaduras na pintura do teto. — E dois anos não são nada. Se você tiver gêmeos, a minha baixa é automática.

— Falando assim você parece um avô.

— Como assim?

Ele rolou para o lado e cobriu os dois com o lençol até a cabeça para ficarem deitados na penumbra, as sardas do nariz quase se tocando. Se simplesmente pudessem ficar assim, isolados do mundo por baixo de um lençol de algodão cor-de-rosa. Se pudessem apertar o botão PAUSE e se encasular naquele momento. Compartilhando o mesmo ar, um sopro que se intensificava com um inspirando o que o outro expirava.

— Quero dizer que, se tivéssemos sessenta ou setenta anos, dois anos não seriam nada. Mas você tem dezoito. Dois anos são uma eternidade. Se nos casarmos, tivermos um filho, e nos divorciarmos assim que ele nascer, pode ser que você consiga baixa.

— Mas você pode ter gêmeos. Aí nem precisamos nos divorciar.

— De qualquer maneira, haveria uma criança.

— O que você está tentando dizer?

Ela suspirou.

— Você está escutando o que eu digo, mesmo sem entender.

— São só dois giros em torno do sol e aí estou de volta — disse ele, uma doçura trêmula na voz. — E a pessoinha vai ter um ano e meio. Então a gente acha um apartamento. Para nós três. Eu, você e a criança. Eu arrumo um emprego na fundição e você pode dar aulas de balé.

Ela entrelaçou os dedos nos dele. A mentira de Galina continha tanta ternura, tanta compaixão, que Kolya a tomou por verdade.

— Claro. É assim que vai ser — disse ela.

Naquela época, eu ainda gravava fitas com compilações de música. Os cassetes que eu preferia usar eram os Assafoto MK-60, porque estavam disponíveis em tons desagradáveis de cor-de-rosa ou laranja; e você se sentia como James Bond, porque eram tão mal feitos que se desintegravam depois de escutados uma única vez. Conselho gratuito: quando for comprar um toca-fitas ou um amplificador, *prefira* um aparelho falsificado, e não se esqueça de levar uma faca. Você vai precisar remover o fundo da parte traseira e raspar a tinta preta e as letras cirílicas estampadas nos

supercondutores. Se aparecerem letras asiáticas por baixo, você deu sorte. Os japoneses são os melhores, mas coreanos, até mesmo chineses, já servem. Se não encontrar letras estrangeiras, o toca-fitas é genuinamente de fabricação russa, portanto é mais provável que você acabe fritando seus entes queridos num incêndio elétrico do que consiga escutar até o fim da faixa *Clear*, do Cybertron.

Mas meu bem mais valioso era um cassete Maxell XLII-S de noventa minutos, ainda envolto no celofane dourado original. Levei um tempão para juntar os trocados suficientes para poder comprá-lo — pelo menos cinco semanas — e o segurei como Michelangelo faria com um pedaço de mármore de Carrara. Fiquei sem usá-lo por muito tempo, sem sequer abrir a embalagem por medo de desperdiçar de algum modo o potencial contido naquela caixinha de plástico.

Apareci na casa de Galina um dia de tarde. O pai dela atendeu a porta, com os dedos besuntados da tinta que usava para pintar suas miniaturas. Galina emergiu de seu quarto um momento mais tarde com um suéter grande demais e os cabelos arrepiados de estática, ainda incredivelmente inconsciente da celebridade em que iria se transformar.

— Quero fazer uma fita para Kolya levar com ele. Preciso da sua ajuda — falei e mostrei-lhe a minha fita Maxell.

Pusemos mãos à obra.

Eu dei a fita a Kolya no dia em que foi embora. Estávamos de pé na calçada oposta à do comissariado militar. Ele e Galina tinham se despedido na noite anterior. Ele segurava a fita com as mãos, lendo o título. *Para Kolya. Em Caso de Emergência!!! Vol. 1*. Minha visão insistia em ficar borrada por um glaucoma de lágrimas

— Eu não tenho toca-fitas — disse ele.

— Não tem problema — respondi.

— Não tem problema — repetiu ele.

— Volte para casa — mal consegui dizer.

Ele me puxou para junto de si. Cravei meus dedos na base de sua coluna e o apertei com força suficiente para estampar na pele um hematoma com o contorno dos seus ossos.

— O mundo está acabando — disse ele.

— Não morra — pedi.

— A vanguarda imperialista vai chegar a qualquer momento.

— A última palavra vai ser sua.

— E vai ser o seu nome.

Ele bateu na minha testa com a fita e voltou a falar:

— E quando chegar a minha hora, quando estiver bem distante no espaço, estarei ouvindo isso aqui.

9

Cheguei. O terminal de Grózní era cinzento, novo e reluzente. A lojinha do aeroporto vendia facas. Mulheres que tinham deixado os cabelos descobertos durante o voo agora envolviam a cabeça em lenços sedosos, de cores vivas. A área para retirada da bagagem era um armário em que os passageiros entravam um a um. A julgar pelo funcionário bem-armado postado à porta, não me parecia muito plausível que fossem reemergir de lá. Fazia mais ou menos dez milhões de graus do lado de fora, e minha cueca tinha se transformado numa tanga encharcada de suor. Diretamente do outro lado do asfalto, o sol do meio-dia derramava-se sobre as cúpulas douradas de uma mesquita.

A estrada que se estendia ao longo do aeroporto estava deserta. Os homens que carregavam as malas usavam todos o solidéu com uma borla pendendo, típico da Chechênia, e calças frouxas que pareciam de pijama. Qualquer um deles podia fazer o papel do vilão em um daqueles vídeos pixelados mostrando os reféns. E as facas vendidas como lembrancinhas na loja do aeroporto bem podiam ter como propósito ser usadas contra os turistas de chegada. Andei de um lado para o outro até que um homem magro e barbeado, mais ou menos da minha idade, surgiu pela porta do desembarque. Seus braços compridos emergiam das mangas de um terno justo ao estilo *mod* dos anos 1960, oscilando entre a vanguarda da moda e o fundo do abismo das peças ultrapassadas. Como regra geral, uma pessoa de terno tem mais probabilidade de se aproveitar de você que uma pessoa de pijama, mas a Chechênia obriga qualquer um a reavaliar suas premissas mais arraigadas.

— Você está indo para a cidade? — perguntei.

Ele me respondeu inclinando a cabeça como quem pensa *e-agora-o-que-temos-aqui*. Seu cabelo lambido para trás formava um capacete lustroso.

— Talvez. Você é não é daqui, né?

Eu nem sabia que estava tão na cara.

— Olha só, eu preciso apenas de uma carona. Achei que aqui tinha metrô ou pelo menos um ônibus, ou táxis, alguma coisa. Pode me levar até a cidade?

— Você é da FSB? — perguntou ele, mas depois examinou meu corte de cabelo e obteve suas respostas. — Claro que não. A FSB jamais iria contratar alguém com o nome raspado no cabelo.

— Estou deixando crescer de novo. Então, pode me levar?

Ele deu de ombros, o que queria dizer que para ele não fazia diferença. Eu o acompanhei até o seu Lada. Comecei o movimento de prender meu cinto de segurança.

— Estamos na Chechênia — disse ele, em tom de espanto, piedade e talvez até alguma admiração. — Ninguém usa cinto de segurança.

— Você também está vindo de Petersburgo? — perguntei.

Sabia que não corria um risco real de ser sequestrado. E sabia também que era importante estabelecer algum tipo de relação com o meu captor.

— Só fiz a conexão lá. Eu vivo em Londres.

— Londres?

— É, estou fazendo mestrado na LSE.

— LSE é o aeroporto de Londres?

Ele sorriu.

— A London School of Economics. — De uma hora para outra, eu tinha virado o caipira que ainda cavalgava iaques na República do Fodidostão, e ele era, bem, o tipo de pessoa que eu queria ser.

— Eu me chamo Alexei, aliás.

— Akim.

— E em Londres, você já viu a rainha?

— Só na minha carteira.

A estrada avançava em zigue-zague, como se a empreiteira responsável pelo asfaltamento cobrasse por metro e tivesse dívidas imensas. Os outros motoristas encaravam as faixas que demarcavam as pistas como sugestões bem-intencionadas, mas obviamente equivocadas, e portanto se davam a liberdade de ignorá-las. Não sei como conseguimos a) sair vivos, e b) chegar à cidade tão depressa, tendo em vista que o tráfego que encontramos era quase todo de motoristas que, mesmo vindo pelo sentido oposto, queriam usar a mesma pista em que estávamos.

Um homem que lembrava uma coruja caminhava junto à rua com os olhos fechados e seu bico coriáceo virado para o sol. Seu sorriso de dentes pontiagudos era uma miniatura rosada da fatia de melancia meio comida em sua mão. A velocidade refrescava o ar que entrava pela janela rachada, provocando uma sensação maravilhosa no meu rosto.

Passamos por um cartaz imenso, nele um Vladimir Putin sério e de peito estufado estava de pé ao lado de um sujeito mais jovem com a barba aparada. Os dois envoltos num manto de patriotismo branco, azul e vermelho que esmaecia em direção ao plano de fundo.

— Achei que não ia dar com ele aqui — falei, indicando Putin.

— Ao vencedor, a publicidade.

— É o que parece. Mas não faço ideia do que esse cartaz está tentando vender. Determinação ferrenha?

— Aqui, você não consegue sair para tomar um sorvete sem passar por uns vinte cartazes de Putin — disse ele como se realmente estivesse contabilizando. — Até aqueles sorvetes com ouro comestível estragam sob o olhar vidrado de um ditador. É ridículo mesmo. Imagine chegar a Bagdá e ver a cara de fuinha do George Bush em cada esquina.

O sujeito ao lado de Putin era o Ryan Gosling de um universo paralelo no qual, em vez de se tornar um ator famoso, havia fumado maconha demais, comesse batata frita no café da manhã e vestisse roupas escolhidas pela avó.

— Quem é o outro cara?

— Pelo que estou vendo, você não é jornalista? — perguntou ele.

Mas não entendi se ele queria de fato uma resposta. Um ponto de interrogação pode transformar qualquer frase inocente em acusação.

— Tecnicamente, sou estudante universitário.

— Aquele é o presidente Kadyrov. Muito popular. Teve 102 por cento dos votos na última eleição.

— Nunca fui bom em matemática.

— Então pode ter um futuro como fiscal de apuração eleitoral.

Ele desviou o carro dos imensos faróis altos de um caminhão vindo em sentido contrário.

— Você nunca viu o Instagram dele?

— É daí que estou reconhecendo! É o cara daquelas fotos todas com filhotes de tigre, patinhos e gatinhos!

As sobrancelhas do meu companheiro de viagem se franziram por cima de suas íris cor de cobre sujo. Nunca vi reação tão pouco animada a filhotinhos. Talvez acariciar um patinho seja o tabu supremo por essas bandas.

— Você também não é daqui, certo? — perguntei.

Um trator rebocando toneladas de espigas de milho em seus envoltórios verdes avançava aos solavancos pelo acostamento.

— Sou e não sou.

O botão de volume em sua garganta tinha reduzido o som a um sussurro de quem está no cinema.

— Nasci bem perto de Grózni. Mas em 1944, ainda menino, fui mandado para a Holanda como refugiado. O tipo de coisa que só acontece quando muitos copos de chá foram adoçados por muitos cubos de açúcar. Meus pais só tinham dinheiro para mandar um dos filhos, e eu era o mais novo. Morei muito tempo lá e até hoje ainda falo holandês bem melhor que checheno.

— E vai continuar em Londres depois de se formar ou vai voltar para a Holanda?

Um vento mais baixo removeu uma faixa fina como gaze da barriga de uma nuvem.

— Claro que volto para cá.

Quinze minutos mais tarde, ele me indicou um terreno vazio com a cabeça. Escombros de concreto se erguiam onde deveria haver grama.

— Era aqui que eu morava — disse ele.

— Onde?

— Exatamente.

Mais alguns minutos se passaram, e ele disse:

— Só estou querendo dizer que não se deve confiar em ninguém que poste fotos brincando com cachorrinhos e gatinhos na internet. É bem provável que essa pessoa seja um sociopata. Sabe quem adorava filhotes?

— Você quer que eu dê exemplos?

— O maldito Adolf Hitler — interrompeu ele. — O cara era até vegetariano! E olha só a cagada que ele fez.

Branco e laranja se alternavam no topo de uma torre de queima de gás.

Um melro atravessou a tela azul do céu como um cursor.

Anotei mentalmente para ter mais cuidado ao selecionar as fotos do meu perfil do Facebook.

* * *

Grózni era a cidade mais limpa que eu já tinha visto. Suas paredes não tinham idade suficiente para terem sido alvo das latas de tinta de algum vagabundo. O rejunte dos tijolos ainda era branco. As ruas deviam ser varridas de hora em hora. Calçadas sombreados por árvores em crescimento desdobravam-se por largos bulevares. Um sushi bar japonês chamado Máfia anunciava almoço *x-ecutivo* composto de *pho*, curry verde tailandês e um biscoito da sorte. Em 1995, quando Kolya foi convocado pela primeira vez, e depois em 2000, quando foi novamente como soldado contratado, eu lia todos os artigos sobre a guerra nos jornais e revistas que me caíam nas mãos. A Grózni daquelas fotos lembrava a Dresden de 1944. A Grózni que eu via agora pelo para-brisa era uma Dubai. No centro da cidade, cinco arranha-céus de vidro se agrupavam lado a lado.

— Eu não achava que fosse ter esse ar tão, sei lá, cosmopolita — comentei.

— O que você esperava? — perguntou Akim.

Antes que eu pudesse responder, indicou com a cabeça um prédio cinzento e atarracado que parecia vagamente ter surgido para servir ao mundo dos negócios.

— O museu de arte fica no primeiro andar — explicou.

No caminho de vinda, eu tinha contado a Akim a história do meu irmão e do quadro, alterando só um pouco os detalhes (na minha versão, Kolya trabalhava para uma organização de defesa dos direitos humanos). Uma decisão arriscada, talvez, mas eu não tinha pensado a fundo cada detalhe da viagem, e ele parecia o sujeito mais confiável que eu podia esperar encontrar. Limitou-se a assentir com a indiferença vidrada de alguém submetido à narração detalhada de um sonho alheio. Imagino que nossas vidas sejam todas sonhos — tão reais para nós quanto insignificantes para qualquer outra pessoa. E ele disse que me ajudaria, pelo menos até as quatro da tarde.

Estacionamos e entramos no museu. Estava abarrotado de quadros e vazio de frequentadores. O rosto da guia estava banhado pelo brilho de seu volumoso celular Nokia. Seus olhos castanhos e estreitos fitaram os nossos quando entramos. Isso me fez lembrar as longas tardes de inverno

na bilheteria do Museu de Cosmonáutica de Kirovsk, quando a aparição súbita de um visitante era sempre motivo de celebração e alarme.

— Pois não? — A voz dela se elevou meia oitava no rumo da desconfiança.

Não podia ter mais de dezoito ou dezenove anos. Seus cabelos estavam cobertos por um lenço rosa-shocking que, embora cumprisse a letra da lei, também afrontava seu propósito.

— Eu vim devolver uma coisa — disse eu, tirando a tela da sacola.

Ela inspirou com força pela boca. Olhava para mim, depois para a tela e então novamente para mim como se eu e a pintura fôssemos duas peças desencontradas de um quebra-cabeça que ela não tinha como montar.

— Você já tinha visto este quadro? — perguntei.

Seu Nokia zumbiu na mesa, num universo muito distante de nós. Ela assentiu.

Apontei para a *datcha* que aparece no quadro.

— Você sabe onde fica esse lugar?

— O dono disso aqui é quem mora lá agora.

Enquanto ela mostrava o caminho a Akim num mapa Yandex, eu dava uma volta pelo museu. A data mais antiga que encontrei impressa nas placas de identificação era 2003. A maioria das telas eram retratos da família Kadyrov. Em vários deles, o presidente acarinhava gatinhos de três cores.

* * *

Os pneus traseiros do Lada projetavam arcos de poeira, mas o carro se recusava a sair do lugar. Chequei meu celular. Nem uma barra de sinal. Quando você ultrapassa a área de cobertura do serviço de celular da MegaFon, significa que chegou bem além do alcance de Deus. As estradas tinham se fragmentado, desintegrado e desaparecido à medida que nos afastávamos de Grózni. Aqui, em algum ponto das terras altas do sul, o que se chamava de “estrada” era na verdade um “deslizamento de terra iminente”. O amplo vale verde se estendia abaixo da serra. Akim pisou fundo no acelerador. O motor respondeu, mas a gravidade retinha o carro com mais força que a do motor.

— Acho que daqui a gente não passa — disse Akim.

Um brilho claro de transpiração produzia um bigode sobre seu lábio superior. Ele ainda não tinha afrouxado a gravata listrada de cinza e azul-marinho.

— Nem acredito que chegamos tão longe.

E eu realmente não acreditava. Tendo em vista o estado do carro, estava surpreso de que não tivesse explodido num *grand finale* digno dos filmes de Michael Bay a cada vez que Akim pisava no acelerador.

— Isto aqui — e Akim estava olhando para a linha de pedras brancas que subia pela encosta —, seja o que for, não aparece no mapa. Mas imagino que a gente deva estar a uns quatro ou cinco quilômetros do lugar. Se você começar a andar agora, deve chegar lá daqui a algumas horas.

— Obrigado. E obrigado por me trazer até aqui especialmente hoje, o dia em que está voltando para casa.

— Não foi nada. A verdade é que foi bom. Nunca tinha sido recebido no aeroporto.

— É claro que foi alguma coisa. Tenho certeza de que você é ocupado e tem uma família para encontrar, e tudo o mais.

Ele desviou o olhar. Sua voz estava inalterada e sem inflexão.

— O terreno por onde passamos e onde eu disse que tinha crescido? Foi o último lugar em que eu vi alguém da minha família.

Ele empurrou o Ray-Ban mais para o alto do nariz. Eu devia ter anotado o número do telefone dele, ou seu e-mail, ou pelo menos perguntado seu sobrenome para poder procurá-lo no Facebook ou no vk. Devia ter contado a ele que também perdi minha família. Mas tive medo. Embora Kolya tivesse morrido, não tinha sido uma vítima, e eu tampouco era uma. Não exatamente. Fez-se uma pausa, cinco segundos em que senti que ele me olhava como Kolya nos raros momentos em que conseguíamos deixar de lado o nosso faz de conta. Eu poderia ter descrito a solidão de viver longe de casa, entre pessoas desconhecidas. Poderia ter mostrado a ele os potes contendo as cinzas dos meus pais, e ele teria compreendido perfeitamente. E talvez nos tornássemos amigos para a vida inteira. Talvez ele fosse a pessoa que eu tinha vindo à Chechênia para conhecer. Nunca vou saber. Só tornei a agradecer, desci do carro e o vi começar a percorrer de volta, de marcha a ré, a estrada longa e desfeita.

Em seu primeiro turno de serviço, entre 1995 e 1997, Kolya foi enviado para um posto avançado remoto, perto da fronteira entre a Chechênia e o Daguestão, onde mesmo em tempos de paz as linhas telefônicas e a entrega dos correios não funcionavam. Por toda a duração do seu turno, nem uma única das cartas que Galina ou eu lhe escrevemos foi entregue. O mundo que ele tinha deixado em Kirovsk congelou em sua mente. Na falta de notícias, ele imaginava a nossa vida, inventava dramas cotidianos, pequenos triunfos, atribuindo-nos uma paz que para ele não existia. Não tinha como saber do concurso de Miss Sibéria ou de Oleg Voronov. Não tinha como saber que ela havia tomado a decisão difícil, mas prudente, de pôr fim à gravidez.

No intervalo entre a batalha e a recarga de munição, entre se atirar no chão e adormecer, Kolya imaginava Galina transformando em berço uma gaveta vazia da cômoda do quarto. Imaginava as comidas estranhas que a gravidez a faria desejar. Construiu e povoou um universo alternativo que era feito de memória e de futuro almejado, um lugar que, dia após dia, ele chegava mais perto de alcançar. A criança do reino imaginário de Kolya era um menino, nascido no dia 3 de setembro de 1995, sete meses depois do dia em que Galina lhe anunciou que estava grávida de dois meses, pesando robustos 3,250kg e chamado Arkady. Ele anunciou o nascimento ao seu pelotão e, apesar de saberem que aquilo não poderia ser verdade, todos lhe deram parabéns com apertos de mão e tapas nas costas. Um ano mais tarde, ele comemorou o primeiro aniversário do filho cravando um palito de fósforo num biscoito velho.

Galina e eu entregamos inúmeros pedidos por escrito ao centro de recrutamento, mas um funcionário com menos empatia que a banqueta de alumínio em que se empoleirava regularmente destinava nossos requerimentos à cesta de lixo. Ninguém sabia dizer quando, ou mesmo se, Kolya retornaria, de modo que não havia ninguém à sua espera no porto no dia em que, finalmente, voltou para casa.

O porto do rio, coberto com a lama da neve meio derretida, não tinha sombras sob o sol de meio-dia. Entre os passageiros que desembarcaram, sua alma, cabeça e bagagens pesadas, estava Kolya. Ele vasculhou a multidão que esperava o barco, à procura de um rosto familiar, e

finalmente encontrou: era o de Galina, em posição bem alta, num cartaz que anunciava o filme *Teia de mentiras*. O que estaria fazendo ali? Devia haver outra Galina idêntica à dele, mas aquela não podia ser sua Galina porque ela estaria em casa, cuidando do filho deles. A mente de Kolya estava tão aferrada à ideia fixa do que haveria à sua espera que não deixara qualquer espaço para imaginar o que ele de fato encontrou. Pôs sua sacola de lona no ombro e manteve os olhos fixos na calçada salpicada de lama, recusando-se a reconhecer o rosto que ele tinha esperado dois anos para rever.

Mas Galina estava em toda parte. Nos outdoors, nos pontos de ônibus, na capa dos tabloides, em propagandas de todo tipo, de creme facial a água mineral. O rosto que ele tanto tinha procurado nas nuvens que se viam do Cáucaso surgia agora ampliado em cada quiosque. Os lábios que só faziam sentido quando pressionados contra os dele agora se expunham para a cidade inteira. O pesadelo de encontrar em toda parte um rosto do qual se tem tanta saudade não é menos horrível que o de não encontrá-lo em lugar nenhum. Kolya se viu de volta a uma cidade natal não menos surreal ou estrangeira que a aldeia chechena que ele deixara para trás.

A maioria dos cinemas tinha ido à falência, mas ainda assim as filas para assistir a *Teia de mentiras* davam a volta no quarteirão. Ele parou para perguntar o nome da atriz principal a um homem usando calças com vincos em todas as direções menos a certa. O homem franziu o rosto, perplexo, e então respondeu:

— Galina Ivanova, é claro.

— E o senhor sabe se ela está com alguém?

— Oleg Voronov. Eles estão noivos.

Kolya assentiu como se fosse perfeitamente natural voltar para casa ao cabo de dois anos e descobrir que sua noiva está não apenas comprometida com outro homem, mas que esse homem é o décimo quarto mais rico da Rússia, o dono de tudo que havia em Kirovsk, um sujeito que podia ter qualquer mulher no mundo e que por isso, é claro, tinha decidido tomar a única que Kolya amava. Ele quis se dissolver na poça de água cinzenta que impregnava aos poucos o couro de suas botas.

— E ela tem filhos? — perguntou ele em voz baixa, mas a essa altura já sabia a resposta.

O homem balançou a cabeça, menos em resposta à pergunta do que pela ideia de que alguma pessoa viva ainda não soubesse dos pormenores mais

íntimos da vida de Galina. O homem puxou uma bandana manchada de óleo do bolso de trás e assoou o nariz com um som de apito de navio.

— Ainda não, mas imagino o bebê que esses dois vão ter. Não acredito que você nunca tenha ouvido falar na nossa Galina. Todo mundo sabe quem ela é.

Quando Kolya chegou ao museu, eu quis gritar, pular, proclamar, mas bastou olhar sua expressão para ver que não haveria comemoração. Ele era uma sombra da pessoa que tinha sido. Sempre tive medo dele — da sua força, da sua censura —, mas ao ver sua silhueta curvada e emagrecida emoldurada por uma porta que de repente se alargara tanto, percebi que nunca antes tivera medo de magoá-lo. À mesa da cozinha, ele me interrogou sobre Galina e tentei dar-lhe as notícias com a maior gentileza possível, mas não existe um modo delicado de deixar a vida de alguém em frangalhos.

— Não foi de propósito — falei.

Até parece que isso servia de consolo.

— Ela tentou escrever para você. Nós tentamos. Papai praticamente foi à falência comprando selos, esperando que pelos menos uma das cartas chegasse a você. Nem sabíamos se você estava vivo, Kolya.

Ele brincava com um botão claro do seu casaco, talvez tudo que ainda o mantinha preso a este mundo.

— E onde está papai? — perguntou.

E tudo que eu consegui foi indicar com a cabeça a prateleira que já abrigava um segundo pote de pickles havia mais de seis meses.

No dia seguinte Kolya foi ver Pavel Petrúkin, que estava para o tráfico de drogas na cidade como Oleg Voronov estava para a nossa economia do níquel. A experiência no Exército tinha preparado bem Kolya para uma carreira de mercenário profissional, e Pavel se apressou em contratá-lo. Eu só viria a saber disso mais tarde, quando meu irmão me comunicou que eu iria para a universidade em Petersburgo depois de me formar no secundário. O suborno a um funcionário responsável pelas admissões à universidade significava que eu já tinha sido aceito antes mesmo de me candidatar. Quando ouvi falar do caso de Lydia, Kolya já tinha sumido novamente na Chechênia, dessa vez como soldado contratado. Na ocasião, fazia menos de um ano que eu estava em Petersburgo. Ele nem me ligou para se despedir.

— Seja alguém.

Estas foram suas palavras na última vez que o vi, quando ele me despachou para Petersburgo. A sacola de viagem meio vazia pendia, encostada na minha canela. A água oleosa do cais insistia em inundar os píeres. O ano letivo começaria em dez dias. Eu nunca tinha estado abaixo do Circulo Ártico. Ele me deu uma chave de pescoço bem frouxa e beijou minha orelha direita.

— Seja alguém — repetiu.

11

Minhas pernas viraram borracha. Pedais de bumbo percutem minhas têmporas a cada batida do coração. É como chegar ao pico do Everest, mas sem xerpas para carregá-lo. A crista da serra desce mas depois sobe de novo, para baixo e para cima, uma piada ruim que a Mãe Natureza insiste em repetir muito mais vezes do que devia. O ar é mais frio e seco a essa altitude profana. A trilha de pedras é uma cicatriz aberta na relva curta. Eu trocaria minha alma imortal por uma carona em um teleférico. Mas persisto. As subidas se encurtam, os declives se acentuam, e logo chego a um vale com encostas baixas muito verdes e terra cultivável. Algumas ovelhas ainda por tosquiar se espalham pela relva. Aceno para elas. Elas não acenam de volta.

Uso a tela de Zakharov como mapa, segurando-a contra o horizonte para verificar se os contornos topográficos por acaso coincidem. Em certos momentos tenho a impressão de ter quase chegado, mas não, ainda falta. É tudo um desperdício titânico de tempo. Vou me perder e bandidos rebeldes cortarão minha cabeça e doarão meus órgãos a entidades filantrópicas sauditas.

Eu talvez devesse dar meia-volta.

Acho que devia.

Mas ali, à minha frente. Um pé de damasco. Um poço com tampa de madeira. Uma cerca de pedra branca. Uma horta de ervas aromáticas. Uma casa. Comparo a paisagem real com a da pintura. As duas não deveriam corresponder tão exatamente, não ao cabo de dois séculos, mas correspondem.

Na encosta, um adulto e uma criança aparecem como silhuetas contra um crepúsculo laranja quase dissolvido. Exatamente como o pé de damasco, a cerca de pedra e a horta de temperos, as duas figuras cujas silhuetas se veem na encosta correspondem exatamente às que aparecem no quadro.

Aceno para elas.

Torno a acenar.

Aceno uma terceira vez.

Elas acenam de volta.

LADO B

O lobo da Floresta Branca

KIROVSK, 1999

Ninguém sabia explicar por que os lobos tinham voltado nos primeiros anos da recém-constituída Federação Russa. Biólogos chegavam com seus títulos e suas pastas de plástico, e iam embora deixando contas de hotel e conclusões tão disparatadas que era um espanto concordarem que os lobos tinham quatro patas, dois olhos e um focinho. Alguns culpavam um ciclo irregular de crescimento e declínio populacional. Outros, o aquecimento global e a exploração madeireira intensiva das florestas a sudoeste. A maioria punha a culpa em suas mães, por um motivo ou outro. Vera tinha sua própria teoria, mas ninguém pensou em perguntar a ela.

Os lobos uivavam na Floresta Branca do lado oposto da campina diante da casa de Vera. De pé à frente do fogão, fervia água numa caçarola entortada dezesseis anos antes, quando a atirou num telefone que tocava depois de ela já ter desligado. A chaleira, presente de sua sogra, descendente direta de Gêngis Khan, fora vendida com um jogo de facas cegas e o que restava das roupas de sua filha. A caçarola fervia água tão bem quanto a chaleira, as facas não tinham gume nem para cortar uma barra de manteiga, e as roupas de sua filha, bem, Lydia se mudara para o lado certo do mundo, e os tempos eram difíceis. Ela coou o *Ivanchai* em duas xícaras.

— Eu não sabia que você tomava um chá tão fraco — comentou Yelena, na sala, com um sorrisinho falso costurado entre as bochechas redondas. Suas sobancelhas, duas foices castanhas, eram bem-aparadas.

A cada dois meses ela voava para Moscou em classe executiva — sempre trazendo “de lembrança” para Vera, na volta, uma pilha de guardanapos da companhia aérea — para retocar a tintura dos cabelos, refazer aplicações na pele e ter as toxinas removidas do corpo por um curandeiro tibetano. Não devia ser grande coisa, o tal curandeiro tibetano, pensava Vera. Se removesse de fato todas as toxinas de Yelena, não restaria nada.

— Prefiro uma infusão mais sutil no fim do dia — disse Vera.

Eram duas da tarde. Fosse um pouco mais sutil, as duas tomariam água quente.

— Caso contrário, fico acordada a noite inteira.

Yelena abrigou os braços nas mangas do casaco com um ligeiro tremor, que Vera percebeu não ser nem fingido. Mas não havia outro lugar onde preferisse estar. Quantas vezes quando jovem, com frio, com fome e sem dinheiro, tinha procurado Vera? Quantas vezes Vera não a sujeitara a audiências não menos humilhantes do que aquela? Inquisidores-gerais tratavam os hereges com mais clemência que Vera demonstrara à melhor amiga. De maneira que, sim, Yelena tinha todo o direito de usufruir daqueles momentos. E conseguiria conjurar mais simpatia pelas atuais dificuldades de Vera, caso não fossem as mesmas que ela própria havia enfrentado no passado.

Furiosa, a fonalha encarava Vera do canto da sala preferido de seu finado marido. Mesmo quebrada, não era tão inútil quanto ele havia sido — pelo menos, podia pendurar as meias molhadas à sua frente —, mas já fazia duas semanas que o calor emanado era o mesmo que o do corpo de um gato vira-lata.

— Você sabe que tudo anda mais difícil — começou Vera.

Estendeu os dedos a fim de capturar e guardar algum vestígio da dignidade que parecia se esvair.

— Se os preços continuarem a aumentar nesse ritmo, daqui a pouco as etiquetas vão ter tantos algarismos quanto os códigos postais. A mesma quantia que antigamente comprava pão para um mês, hoje compra meia broa. Minha pensão continua igual, e mesmo ela, metade das vezes, eles não pagam.

— A terapia de choque econômica atingiu em cheio os membros mais fracos da sociedade — assinalou Yelena. — Não é só você. Foi o mesmo com os enfermos e os alcoólatras.

O contorno das obras completas de Górkí estava gravado a pó nas prateleiras vazias. A coleção encadernada em couro lhe tinha rendido menos que a chaleira.

— Por favor, Yelena. Será que seu filho pode me ajudar?

— Pavel?

Yelena só tinha um filho.

— Prefiro não incomodar Pavel com uma questão dessas. Você sabe como ele é ocupado.

As duas sabiam que, no final, ela ajudaria Vera. No final, elas sempre se ajudavam. Yelena cedeu.

— Vou jantar na casa dele domingo que vem. Se o assunto surgir, eu pergunto se ele tem trabalho.

— Obrigada.

Vera proferiu o agradecimento da maneira mais agradável que conseguia, mas o frio condensou sua gratidão num xingamento. Depois que Yelena foi embora, ela se lavou. Tinha nascido naquela mesma casa, 63 anos antes, e era lá que pretendia morrer: era uma das metas de vida que ela ainda tinha a possibilidade de atingir. Havia coerência em sair pela mesma porta pela qual tinha entrado, encerrando com a devida simetria aquela existência de inquietações sem sentido.

Na cama, ela rogou por essa misericórdia. Uma noite, ainda menina, encolhida naquela mesma cama com os pais para aproveitar o calor de seus corpos, tinha visto os dois inclinarem a cabeça e conversar numa linguagem formal cujas vogais amplificadas bocejavam desejo. Achavam que ela dormia. Meio século tinha se passado — levando com ele a União Soviética, o marxismo-leninismo, todas as premissas infalíveis do comunismo que tinham calçado a sua fé —, e agora ela se descobria cidadã de uma nação politicamente enfraquecida e espiritualmente perdida a ponto de permitir que fossem feitos pedidos a uma autoridade mais onipotente que o governo. Mas como trocar de deuses tão tarde na vida? Seis décadas de língua soviética tinham abarrotado seu vocabulário de chavões e palavras de ordem. Não tinha prática quase nenhuma em articular as complexidades do desejo individual.

Vera fechou os olhos e imaginou que o som de lobos a conduzia ao sono. Antes de existir o gulag, a mina, a cidade, já havia os lobos. Uma das primeiras expedições científicas na área tinha relatado vários encontros com uma alcateia errante que nunca antes tinha deparado com presas tão apetitosas e pusilânimes quanto tais acadêmicos. Dez dos 32 geólogos que descobriram o primeiro veio de níquel na área tinham sido mortos por lobos em 1928. No final da década de 1930, quando um grupo de engenheiros construiu às pressas um gulag em torno da mina de níquel, o Exército Vermelho tinha caçado os lobos até quase a extinção. Ficou estabelecido, nos departamentos de biologia das universidades, que os

lobos eram capitalistas, os imperialistas do reino animal, e por isso o Exército se esforçou em aniquilá-los. Mas eles tinham voltado durante a Grande Guerra Patriótica, quando todas as unidades do Exército Vermelho foram enviadas ao sudoeste para enfrentar as divisões Panzer do invasor. Os salários eram pagos em pedaços de pão, contabilizados até o último grama. Vera tinha visto seus pais e vizinhos catando restos para sobreviver. Depois da guerra, recomeçaram a matar os lobos e Kirovsk retornara ao silêncio.

Agora, encolhida debaixo de pesadas cobertas, Vera se lembrava de quando o uivo dos lobos assinalava a chegada da fome.

* * *

O ano da invasão alemã tinha sido o ponto alto da vida de Vera. Naquele ano, tinha sido louvada nas escolas, nos jornais e nas transmissões radiofônicas de Minsk a Vladivostok. Segundo a versão oficial, Vera tinha visto sua mãe invadir a cantina do comissariado, jurar lealdade a Trótski e depois bater em retirada levando cem quilos de farinha e doze frangos vivos enfiados num saco. O *Pravda* elogiava Vera por ter denunciado de imediato a traição da mãe a um comissário.

— Minha mãe é uma inimiga do Estado e inimiga do povo — disse ela.

O comissário respondeu:

— Embora o Estado e o povo sejam uma coisa só, você é uma heroína para os dois.

Na realidade, o roubo tinha sido só de uma sacola de ovos em pó, um punhado de farinha e um cubo de manteiga. E por dedicação não ao inimigo fascista, mas à própria Vera, que tinha mirrado até se converter numa criaturinha ossuda feita de pernas de banqueta e tacos de bilhar. Embora tivesse jurado segredo, Vera tinha se gabado a Yelena a respeito da tortinha que sua mãe tinha preparado para o seu aniversário. Não levava açúcar, mas nada em sua curta vida jamais lhe parecera mais doce. Yelena tinha contado a história a outra menina, e logo foi espalhada por toda a turma, depois por toda a escola, depois por toda a cidade, um rumor que crescia em virulência a cada novo ouvinte que contagiava. Kirovsk tinha uma única caixa de correio para a correspondência regular, mas várias centenas de caixas de correio para denúncias. Para mandar uma carta, a

pessoa precisava se dirigir à agência central dos correios e esperar praticamente a manhã inteira numa fila; para enviar uma denúncia, nem precisava sair de sua fábrica, de sua escola ou do edifício onde morava.

Quando a história chegou ao comissário da cidade, parecia perfeitamente plausível que uma mulher faminta carregasse cem quilos de farinha e doze galinhas vivas que nunca existiram, ao mesmo tempo que recitava trechos literais de discursos de Trótski. O comissário, claro, sabia que essa história era uma completa loucura, mas só tinha chegado àquela posição acolhendo a loucura que o mundo benevolmente lhe oferecia.

— Você acredita mesmo que usei cem quilos de farinha numa única torta? — perguntou a mãe de Vera em sua defesa durante o julgamento.

— O desperdício — respondeu o comissário — é uma característica dos fascistas.

Cinco anos mais tarde, quando o próprio comissário perdeu sua posição e foi condenado ao trabalho nas minas, ele aprenderia em primeira mão que um corpo malnutrido é incapaz de carregar cem quilos de qualquer coisa, ainda que seja do alimento do qual carece. Certa quantidade de farinha tinha de fato sumido das reservas do gulag ao longo dos meses anteriores; se Vera tivesse investigado os arquivos da cidade durante a glasnost, descobriria que tudo tinha ido para a mulher do comissário. Os arquivos não contêm indícios de frangos em Kirovsk, vivos ou mortos, no verão de 1941.

A mãe de Vera escrevia cartas de sua cela, que acabaria virando uma sala de aula de história onde a curiosidade e o assombro infantil de várias gerações de alunos primários de Kirovsk seriam sufocados no ar pesado. As cartas, enviadas através do gabinete do comissário, levavam mais de uma semana para cruzar os trezentos metros até a casa de Vera. Cada uma delas chegava dobrada em forma de triângulo e deixava entrar o ar frio da rua quando passava pela fenda para cartas que havia na porta. O marcador do censor cobria com faixas vários trechos da caligrafia tortuosa de sua mãe. Ordenar o conteúdo das poucas palavras não censuradas acabou virando uma lição exaustiva que mostrava quão pouco ela conhecia a mãe.

No dia 21 de outubro de 1941, soldados tão jovens que ainda examinavam o próprio rosto todo dia de manhã à procura de espinhas conduziram sua mãe até a mata, e lá executaram sua sentença pelo cano de uma arma.

O pai de Vera, um carcereiro rebaixado a zelador depois da prisão da mulher, levou a menina até a área que se tornaria a Floresta Branca. Não era um homem cruel nem vingativo — mais tarde seria louvado por exprisioneiros como um carcereiro cuja bondade salvara dezenas de vidas —, mas sentia ter alguma responsabilidade, como pai e viúvo enlutado, por mostrar à filha as consequências de suas palavras impensadas. Caminharam por duas horas sem dizer nada. Ele já tinha quase desistido e dado meia-volta quando suas mãos desabaram ao lado de seu corpo. Lá estava ela, sua mulher, sua amada. Guimbas se espalhavam em meio às marcas de patas na neve. Lobos já tinham encontrado o corpo. Vera se escondeu diante da cena, encolhendo-se toda em seus ossos, enquanto seu pai enterrava os restos. Quando ele acabou, apanhou todas as guimbas. Elas o assombrariam mais que os fragmentos de vísceras, as quais tinha recolhido por um raio de até cinquenta metros de distância do local da execução e enterrado numa cova sem identificação. Ele nunca mais fumaria.

A fenda de entrada da correspondência tornou a ranger uma semana depois, e Vera encontrou uma carta. Por um breve e esplêndido momento, conseguiu acreditar que sua mãe ainda estava presa, que a sentença não tinha sido executada, que aquele corpo rodeado de pegadas de lobo pertencia à mãe de outra pessoa. A carta era de dez dias antes. Nela, sua mãe tinha escrito: *Fui condenada a — anos sem — e a correspondência — a última — recebi —. Dez anos — e quando — você — velha, uma mulher — filhos e —.*

Vários jornalistas procuraram Vera ao longo dos anos, e ela repetia frases feitas, como um papagaio discorrendo sobre o dever, o sacrifício e o patriotismo. Recebeu homenagens dos Jovens Pioneiros, do Komsomol, dos sindicatos dos eletricitas e dos metalúrgicos, achando todas desprezíveis, mas não recusando nenhuma.

— O mundo vai lhe dar titica de porco — dissera-lhe sua mãe uma vez.
— O segredo de uma vida feliz é aprender a recebê-la como se fosse língua.

Por conta do seu heroísmo na defesa do povo, Vera passou a receber rações de comissário e seu pai foi reconduzido à posição anterior. Por muitos anos, ela não precisou se preocupar com a fome.

* * *

O filho de Yelena arranhou trabalho para Vera. Uma vez por semana, os homens de Pavel chegavam com duas sacolas de lona e Vera saía para passar o dia fora. Era só isso, sair para passar o dia fora e não fazer perguntas. Ela imaginava a chegada de um bando de capangas cobertos de joias, mas os subordinados de Pavel eram magros e pareciam meninos à deriva dentro da enormidade dos mares que eram as camisas amassadas dos pais. Somando-se todos, possuíam um vocabulário de cerca de duas dúzias de palavras não escatológicas. Vera aproveitava essas ocasiões para resolver pendências do dia a dia: ia à farmácia do centro comprar remédios para a artrite, à agência do correio para mandar cartas para a filha na América, ao quiosque da Leninski Prospekt para comprar barras de chocolate tão aeradas que poderiam ser usadas como plástico-bolha. Com a chegada do inverno, sentiu-se atraída para a Floresta Branca do outro lado da campina que dava em sua casa.

Feixes de folhas de plástico pendiam dos galhos de metal, dando a impressão de que, apesar do frio intenso, ela se encontrava na entrada de um reino onde tudo se derretia. Ela acompanhou a linha das árvores por um quilômetro. Quando seus joelhos doeram, estendeu um xale no chão e se sentou para compor o rascunho de uma carta a Lydia. Dizia as frases em voz alta para ver, em sua exalação condensada, as formas das palavras se dissipando. Se cada uma fosse perfeita, ela poderia levar uma vida mais próspera na imaginação da filha do que de fato era possível na nova Rússia. São tantas as possibilidades de autossatisfação quando a pessoa está disposta a se iludir. Para tanto, ela inventava histórias, transformava boatos correntes na cidade em verdades sólidas. Escreveu que sua pensão aumentava a cada mês para acompanhar o ritmo da inflação, deixando em seu orçamento uma sobra suficiente para a compra de uma televisão coreana. Escreveu sobre as compensações, sobre as reparações pagas às vítimas do terror promovido pelo Estado, e disse que, enfim, seria compensada pela perda que ela, inadvertidamente, causara a si própria. A justiça haveria de prevalecer na fértil terra de fantasia da mente de sua filha americanizada. A luz do dia se comprimia em tons de vinho no horizonte.

Havia sempre farinha branca enfiada em todos os interstícios e cantos da mesa da cozinha onde um envelope de dinheiro esperava por Vera quando ela voltava. Os homens de Pavel deviam ser padeiros, fazendo bom uso de sua cozinha espaçosa. Alguns dias mais tarde, encontrou fórmula infantil e quinino embaixo da pia. Sim, ela tinha uma ideia do que ocorria lá quando estava ausente, mas era melhor não pensar nessas coisas. Um dia, ela chegou e encontrou um homem ainda sentado à sua mesa.

— Desculpe — disse ela, sofrendo por ter de se desculpar por entrar sem aviso em sua própria casa. — Cheguei antes da hora?

— Não, já estou indo — respondeu o homem.

Na verdade, era um menino, embora, naqueles dias, qualquer um que não tivesse vivido a era de Stálin lhe parecesse uma criança. Vinte e poucos anos, a mesma idade de sua filha, a camisa fina de trabalho cinza e o cabelo mal cortado de alguém recém-liberado de alguma sombria instituição estatal. O almíscar de cigarros apagados impregnava o ar denso. Ele estava sentado numa postura desabada de cansaço.

— Fique para uma xícara de chá — sugeriu Vera.

Ele fez um ar tão surpreso por receber o convite quanto ela por tê-lo feito. Conviver com figuras de má reputação, na idade dela! Mas ela reconhecia certo ar de abandono no rapaz, uma exaustão de pálpebras pesadas que refletia a dela.

— Está na minha hora.

Ele se levantou, alongando os braços flexíveis.

— Fique. Tome um chá. Eu tenho bolo.

O homem olhou para a porta da frente como se estivesse torcendo que alguma variação momentânea da pressão atmosférica o sugasse para a noite lá fora, e em seguida sentou-se. Ele nunca saberia por que aquela mulher de olhos grandes demais para a cabeça e canetas despontando dos bolsos decidira lhe oferecer aquela gentileza insistente, ainda que pautada por interesse próprio, naquela tarde fria de outono. E Vera jamais saberia que, onze horas antes, aquele homem tinha assistido a *Teia de mentiras* pela centésima quinquagésima oitava vez. Já sabia de cor todos os diálogos e cortes de cena, e era capaz de replicar o filme quadro a quadro em sua mente: era menos um espectador que uma segunda tela onde o filme continuava a passar depois dos créditos finais. Sentia falta do irmão, mais do que sentira por qualquer outra pessoa, mesmo daquelas com quem havia trocado fluidos. Tinha subornado um funcionário e garantido uma

vaga para o irmão na Universidade Estatal de São Petersburgo, salvado o rapaz do serviço militar obrigatório e de todos os problemas na Chechênia. Mas ao avançar pela sopa de neve naquela manhã, pensava em seu irmão, nos seus pais, na ex-noiva. Cada um tinha saído da sua vida a seu modo, e ele não podia ser responsabilizado por nenhuma das perdas. Ainda assim, não conseguia se livrar da sensação de ser o arquiteto de uma cidade toda feita de rampas de saída, todas conduzindo para longe de si.

Vera encarapitou-se na banquetta em que seu pai tinha subido e da qual pulara, cerca de 37 anos antes, com um laço de corda em volta do pescoço. Vasculhou o armário, um ato que possuía mais valor simbólico que qualquer outra coisa, pois o bolo estava claramente visível na prateleira que não continha mais nada, porém ela queria que o homem achasse a despensa tão próspera que seria possível perder até mesmo um bolo nela. O bolo era um fino pedestal sobre o qual se erguia um monumento de chocolate com adornos cor-de-rosa.

Ela cortou duas fatias com uma colher. Ele aceitou aquela extravagância cor-de-rosa com alguma hesitação.

— Bom, não é? Quer mais um pedaço?

Ela ainda obedecia a seu gosto compulsivo por doces — que só poupava seu canino direito, o único de seus 32 dentes naturais que não tinha cárie —, desenvolvido antes mesmo de ter sido promovida às rações de comissário.

Ele agradeceu quando ela despejou uma nova fatia volumosa em seu prato. Ela queria perguntar como ele se chamava. Era indecoroso oferecer chá e bolo a um homem sem saber seu nome. Por outro lado, estava cedendo o uso de sua casa a traficantes de drogas, mas já fazia algum tempo que aprendera a ignorar os maiores defeitos morais, concentrando-se em respeitar até mesmo as menores regras do decoro.

— Você tem filhos?

— Não.

— Bichos de estimação?

— Um irmão.

— E qual é a história dele?

— A história dele, bem, é toda feita de começos — respondeu o homem, baixando os olhos. — Ainda está procurando um caminho. A senhora tem bichos de estimação?

— Tenho uma filha. Ela mora na América. Casada com um homem chamado Gilbert. Em Glendale, na Califórnia. Ele é *pi-a*...

Nesse ponto, depois da segunda sílaba, ela normalmente se desviava da realidade, mas na conversa com um criminoso comum sentiu-se liberada da necessidade de mentir:

— Afinador de piano.

O homem assobiou de inveja — e despertar a inveja alheia era o mais perto que ela conseguia chegar de sentir-se orgulhosa de Lydia. Quando lhe pediam notícias da filha, Vera acrescentava aposentos ao modesto apartamento de Gilbert e zeros às somas que ele ganhava. Falava da vida que a filha tinha na América da mesma forma como escrevia a respeito de sua própria vida nas cartas construídas cuidadosamente e enviadas da agência postal da cidade todo mês — meias verdades grandiosas, pequenas mentiras que lhe escapavam ao controle. Mas não temia o julgamento daquele homem sentado à sua frente, lambendo glacê rosa das costas da colher.

— Ela foi noiva por encomenda — contou Vera.

— Dasquelas escolhidas por catálogo?

— Por catálogo. Em várias páginas na internet. Posou de biquíni para fotografias. Uma coisa vergonhosa.

— E ela come *cheeseburgers* e assiste a jogos de basquete?

— Não sei — admitiu Vera.

Os americanos solitários que haviam lido o perfil de Lydia na internet tinham mais acesso que ela à vida íntima de sua filha.

— Ela não me conta muita coisa. Só me mandou seis cartas no último ano. Falando principalmente do clima. Sabe quantos tipos de nuvem existem em Glendale? Três. E ela me descreveu cada um.

— A América fica longe, e o único carteiro que eu conheço não seria capaz de encontrar nem os próprios pés olhando um mapa. Muitas cartas devem ter se perdido no caminho.

— Já tinha pensado nisso.

— E o marido? Que tipo de homem é?

Vera meneou a cabeça.

— Que tipo de homem procura uma mulher num catálogo da internet e ainda se considera um homem de verdade?

— Um pioneiro, um inovador. Em alguns anos todos nós estaremos passando vergonha na internet.

— Você deve ter mais ou menos a mesma idade que ela. Não a conheceu?

— De passagem — admitiu o homem. — Eu namorava uma das amigas dela. Galina Ivanova.

Vera, como todo mundo, tinha acompanhado a ascensão de Galina ao estrelato. E podia ser a única alma em Kirovsk a compadecer-se da boa sorte de Galina.

— E você tem esposa?

— Só um irmão.

Quando o homem deixou a casa naquela noite, acendeu um cigarro. Fazia horas que ele estava com vontade de fumar. Dias antes, tinha arrancado a murros os dentes de ouro de um jogador azarado, mas persistente, que não dispunha de outro meio de pagamento, e ainda assim não tivera a coragem de pedir um cinzeiro a Vera. As pilhas de neve escureciam na sombra. A ponta acesa do cigarro foi a coisa mais próxima a alguma iluminação de rua com que contou por oito quarteirões. Atrás da casa de Vera, erguia-se a Floresta Branca. Uma década tinha se passado desde que a atravessara a pé pela última vez. Era um menino naquele tempo, mas quando tinha coberto os olhos do irmão mais novo para que ele não visse a execução com que esbarraram por acaso, sentiu-se como um pai pela primeira vez em sua vida, mas não seria a última. Seu nome era Kolya e fazia pouco tempo que retornara da Chechênia. E dali a menos de um ano estaria de volta àquelas paragens, onde passaria seus últimos momentos plantando sementes de endro numa encosta minada.

* * *

Toda semana, Kolya chegava à casa de Vera tão mudo e com a cara tão amarrada quanto seus comparsas. Mas quando ela voltava, oito horas mais tarde, encontrava sua nova chaleira emitindo vapor, duas xícaras de chá na mesa da cozinha e Kolya cantarolando baixinho para si mesmo enquanto cortava grossas fatias de bolo no balcão. Ele contou para ela as histórias do irmão, as brincadeiras que faziam, os mergulhos do telhado na neve acumulada, o museu espacial que o pai deles tinha inventado e que Vera admitiu ter visitado várias vezes ao longo dos anos. Descrevia o comércio de heroína com os termos de um analista de mercado, disfarçando o

negócio brutal com as virtudes imprecisas do capitalismo liberal. O cultivo de campos de papoulas no Afeganistão, o refino do ópio e o transporte por terra até o Tadjiquistão, todo o caminho untado de corrupção pelo qual a heroína deslizava rumo ao norte, de Kandahar ao Ártico. As aves equatorianas que o filho de Yelena criava em seu aviário particular. O dinheiro pago para obter proteção policial. Quando Vera lhe perguntou, com o máximo de cuidado, por que um jovem tão inteligente e cordial tinha entrado naquele negócio, ele sorriu e disse que poderia perguntar a mesma coisa a ela. Independentemente do que poderiam dizer os políticos do alto de suas coberturas, não havia nenhum descuido na lógica de Kolya: as escolas só o tinham ensinado a trapacear; os militares o haviam treinado em balística, subordinação e intimidação; ele voltara para uma região mineradora onde os empregos tinham sido eliminados pela automação, transformando o comércio de narcóticos na única indústria próspera capaz de empregar os talentos que ele possuía. Para alguém na posição dele, o tráfico de drogas era a única via possível para o progresso econômico. Vera lhe perguntou se ele tivera alguma mulher depois de Galina, e ele respondeu que não, ninguém que merecesse ser mencionado, e desviou o olhar.

Ela lhe falou do marido, que tinha morrido de um ataque cardíaco dez anos antes, pouco depois de escovar os dentes. Tinha bochechas largas e um nariz que ficara torto depois que um enxame de abelhas de criadouro o perseguiu até ele dar de cara num muro. Tinha achado que as abelhas eram demônios. Foi a única vez na vida que viu um inseto alado voando em Kirovsk. Ela admitiu que teve vontade de ir para a América com Lydia, mas que Gilbert não tinha gostado da ideia. Admitiu ter escrito cartas que davam uma falsa impressão à filha, na intenção de atraí-la de volta para casa. Envelhecer, ver o seu próprio corpo perder as formas como um boneco de neve ao sol, sem família para culpar, ou de quem receber algum apoio, ou contra quem resmungar — não era justo. De tempos em tempos, quando se lembrava da própria mãe, sentia-se no limiar de uma injustiça ainda mais sombria, mas disso não falava com Kolya.

— Ouvi histórias sobre você quando era menina — comentou ele um dia.

— Todo mundo tem suas histórias de meninice. Você mesmo me conta uma dúzia delas por dia.

A primeira nevasca mais forte tinha chegado tarde naquele ano, e do outro lado da campina o gelo se concentrara em volta dos ramos corroídos da Floresta Branca. Kolya sentou-se à mesa da cozinha e bateu a cinza do cigarro em um cinzeiro de plástico.

— Nenhuma das minhas histórias saiu na primeira página do *Pravda*.

— Não quero falar sobre isso — disse ela.

Kolya foi até a sala e percorreu os vários canais do aparelho japonês de televisão, o qual tinha trazido na semana anterior. Ultimamente, vinha passando cada vez mais tempo com Vera, tornando a encher a chaleira até a noite e aparecendo para jantar nos dias de folga. As poucas amizades que ele tinha giravam em torno do álcool, da flatulência e da prática alegre da violência e, nesse sentido, Vera não era sua amiga. Era calorosa e terna demais para que ele a visse como uma figura materna. Era simplesmente Vera, uma figura vaga, mas benévola. Kolya queria obter a aprovação e o afeto dela tanto quanto ela queria oferecê-los.

Vera estava de pé ao lado da fornalha, fritando pedaços de frango numa frigideira ainda engordurada dos ovos daquela manhã, quando chegou a correspondência. Um labirinto de carimbos pretos cercava o preço da postagem internacional. As beiradas do envelope estavam gastas, mas o lacre permanecia intacto. Doze anos antes, uma carta da América nunca chegaria a ela sem ter sido lida e copiada por vários homens invisíveis em gabinetes distantes.

— O que é? — perguntou Kolya, percebendo que ela ficara inquieta.

A carta, enviada por via terrestre, não trazia nenhum sinal de urgência, mas jazia na mesinha da sala como o centro de gravidade em torno do qual o resto do aposento girava lentamente. Todo o universo do medo, da dor e dos remorsos de Vera era delgado a ponto de caber dobrado naquele envelope. Com o lado reto da chave de casa, ela abriu o envelope e aproximou muito a carta do rosto. O afinador de piano de Glendale se divorciara da sua filha e a trocara por uma mulher de Minsk, e o pedido de um visto condicional de residência permanente apresentado por Lydia tinha sido negado. Ela estaria de volta dali a um mês.

Naquela noite, antes de se deitar, Vera pegou uma caixa de sapato que guardava debaixo da cama. Continha o dinheiro que Kolya lhe deixava a cada semana, os recortes de jornal louvando sua denúncia, cartas que sua filha lhe escrevera da América e as que sua mãe lhe escrevera da cela na prisão. Ela folheou os recortes quebradiços, porque mesmo os elogios à

sua traição eram uma lembrança de que havia sido jovem e amada, de que não passara a vida inteira velha, sozinha e ignorada. Cinco décadas haviam reduzido seu remorso a fragmentos de culpa com dimensões mais possíveis de enfrentar — ela era só uma criança, tinha sido manipulada, era inocente aos olhos de todos, menos aos seus próprios —, e, enquanto folheava os recortes, não conseguia livrar-se da decepção que sentia por ter tido um resto de existência tão ordinário. Sua vida chegara ao apogeu antes de completar oito anos.

A caixa de sapato ficou aberta no chão a seu lado enquanto ela repetia as preces de sua mãe. Não rezava mais pedindo por milagres que mudassem sua vida (saúde, perdão, joelhos novos); depositava suas esperanças em milagres de dimensões mais cotidianas (uma boa noite de sono, descontos inesperados na confeitaria, uma crise de acne adolescente tomando de assalto as bochechas de Yelena). Quando acabou, passou o dedo pela aba rasgada da última carta de sua filha e a guardou na caixa de sapato junto das demais. Tudo cujas dimensões são suficientes para merecer o amor de uma pessoa acaba por decepcioná-la, depois traí-la e finalmente esquecê-la. Mas as coisas pequenas a ponto de caberem numa caixa de sapato, essas nunca se alteram.

* * *

Lydia chegou depois de cinco dias de viagem, voos de Los Angeles a Nova York, a Londres, a Petersburgo e a Novosibirsk, depois o avanço mais para o norte de trem, barca e ônibus até Kirovsk. Voltou trazendo a mesma mala e a mesma bolsa de imitação de couro que tinha levado na ida. Perdera dois suéteres, uma fotografia emoldurada dos pais, toda a fé em relacionamentos que começam na internet e o contato com suas amigas, substituindo tudo isso por um imenso conhecimento dos cardápios de lanchonetes *drive-thru*, algumas etiquetas na bagagem e um leve problema com álcool. Sua mãe foi recebê-la na rodoviária da cidade, um pouco mais baixa e mais larga do que Lydia lembrava. A neve caía sobre as duas.

Vera abraçou Lydia à luz azul do quiosque onde um vendedor oferecia fitas VHS de Sylvester Stallone, cigarros ucranianos e bilhetes da Gosloto. Um isqueiro preso por um barbante à viga superior do quiosque balançava

ao vento. Mesmo escondido pelo sobretudo forrado, Vera sentiu como o corpo de sua filha estava magro.

— Você está me esmagando — gemeu Lydia.

— Eu sei.

A cidade passava pela janela do ônibus, suja de fuligem. Você pode dizer o que quiser do sul da Califórnia, mas ao menos é um lugar cheio de cor. Cactos de um verde quase militar ao lado de gramados irrigados. Os letreiros incandescentes de *bodegas* e lojas de vigaristas que trocam cheques por dinheiro. Vistos do céu acima do LAX, os blocos de bangalôs formam tabelas periódicas entrelaçadas em tons pastel. Em Nova York, ela se despedira do verde. Em Londres, do vermelho. Quando chegou a Kirovsk, tudo tinha sido raspado da paleta, menos os cinzas e os amarelos que tingiam as nuvens, as ruas, a neve e até a palidez carente de vitaminas que se revelava acima do colarinho do casaco de sua mãe.

Lydia se despiu em seu quarto. Um gorro de tricô, um cachecol comprado num *outlet* e luvas de lã com um buraco para o dedão e um segundo, maior, para os outros dedos. Um casaco de inverno com um capuz destacável preso pela metade dos seus botões. Um blusão de moletom em um tom de cor-de-rosa forte, a figura exagerada de um olmo impresso em *silk-screen*. Sua lingerie, aos olhos de Vera, era pequena demais atrás e transparente demais na frente. Vera havia segurado aquele corpo nos braços tão logo chegara ao mundo, o tinha banhado, alimentado e vestido, e em seus melhores dias não podia olhar para a filha sem sentir-se inflada de admiração por si mesma, por ter dado à luz uma pessoa que merecia tanto ser amada. Agora aquele corpo tinha crescido e deixado a sua proteção. Embora raramente figurasse no vocabulário emocional de Vera, não lhe ocorria uma palavra melhor do que *maravilhada* para descrever a espantosa proximidade de simplesmente estar ali, de pé, ao lado da filha. As más escolhas de Lydia não importavam. Tampouco seus demônios, que Vera mal conseguia imaginar. O simples fato de Lydia estar viva dava à sua mãe a fé de ter acertado pelo menos naquilo.

— Onde estão as minhas roupas?

— Na sua mala, eu acho — disse Vera.

— Não, as roupas que eu deixei aqui.

Vera andava tão preocupada com essa conversa quanto com a possibilidade de que nunca precisassem tê-la. O armário aberto exibia apenas cabides de arame vazios.

— Achei que você não fosse voltar.

Lydia recolheu do chão o blusão de moletom com o olmo estampado e o jeans *skinny* e tornou a vesti-los com um desânimo que, sabia, magoaria sua mãe mais do que qualquer palavra. Vinha usando aquelas roupas havia cinco dias e cerca de dezessete mil quilômetros, podia usá-las mais um pouco.

— Escove os cabelos — disse Vera. — Vamos receber uma visita depois do jantar.

* * *

Kolya bateu quatro vezes na porta da frente. As primeiras duas, mais tímidas e ocas, o tipo de batida que anuncia um mensageiro e não um gângster em ascensão; as duas batidas adicionais foram mais fortes para compensar. Na outra mão, trazia um buquê colorido de rosas artificiais bem embrulhadas em papel laminado verde.

Depois de serem apresentados, Kolya entregou as flores de plástico a Lydia. Reconheceu-a como uma das seis ou sete garotas que mantinham uma fixação pouco saudável em Galina nos tempos da escola. Galina nunca tinha gostado muito delas, e ele gostava da ideia de dormir com uma delas, como um gesto de autoafirmação potente, embora sem sentido. Ela usava um blusão de moletom, jeans e nenhuma maquiagem. Nem sequer se dava conta de que estava tendo um encontro.

— O que são? — perguntou ela, como se nunca tivesse visto uma rosa.

— São de plástico — respondeu orgulhoso Kolya. — Muito mais seguras que as rosas de verdade. E não morrem nunca.

Ainda assim, Vera as acomodou num vaso com água que pousou na mesinha de centro da sala. Disse aos dois que se sentassem onde quisessem, depois cuidou para que Kolya se instalasse ao lado de Lydia. Tinha grandes esperanças para aquela noite. É bem verdade que Kolya andava envolvido em negócios desagradáveis, mas era um sinal de ambição, não era? Além disso, Lydia só teria a lucrar se convivesse com um jovem que gostava de Vera.

— Que tal estar de volta a Kirovsk? — perguntou Kolya depois de terem brindado à saúde de todos.

— Está sendo exatamente como eu imaginei — respondeu Lydia, e então olhou para Vera. — Você me disse em uma das suas cartas que tinham começado a pagar compensações.

Vera assentiu. O correio funcionava em uma direção, ao menos. Tentou se lembrar do que teria escrito. Fosse o que fosse, não tinha sido uma mentira deslavada, mas uma afirmação situada nas distantes paragens fronteiriças à verdade. Vera tinha assistido a uma espécie de documentário na televisão sobre reparações. Talvez tivesse a ver com a Grande Guerra Patriótica. Talvez fosse a Alemanha que estivesse pagando reparações à Bélgica, e não a Rússia aos seus cidadãos. Como lembrar a essa altura? Vera deu de ombros.

— De Moscou a Kirovsk são milhares de quilômetros — explicou Vera. — E a cada quilômetro do caminho alguma coisa é tirada do pote. Quando ele chega aqui, já está vazio.

Kolya enxugou o pescoço macio com batidinhas do guardanapo. Dava a impressão de ter feito a barba com uma guilhotina.

— Por falar em cartas, sua mãe não recebeu muitas cartas suas. Eu disse a ela que a correspondência que vem do estrangeiro muitas vezes se perde.

— Pois é. Eu escrevia a cada duas semanas.

— Nunca duvidei disso — comentou Vera.

Que os dois acreditassem que podiam enganá-la. Enquanto isso, ela os induziria ao engano de se apaixonarem.

À medida que a noite avançava, porém, Lydia foi ficando embriagada. Tomou duas doses para cada uma de Kolya e se aborreceu quando Vera tentou tirar a garrafa das suas mãos.

Na hora de Kolya se despedir, Lydia tropeçou até a porta para dar-lhe um beijo de boa-noite. E derramou seu copo nele ao inclinar-se para a frente. Ele pôs as mãos em seus ombros e a empurrou com firmeza para trás. Um olhar para o rosto dele bastou para Vera saber que jamais se tornaria seu genro, que nunca fariam parte da mesma família, e aquilo lhe doeu.

Mais tarde, Vera acordou com um barulho de água. No banheiro, deparou com a filha ajoelhada diante da privada, segurando os cabelos atrás da cabeça.

— Garota idiota — reclamou Vera, apoiando-se num joelho ao lado dela.

A cabeça de Lydia balançou acima do assento da privada.

— Sua garota idiota. O que você fez?

— Não sei — resmungou Lydia, soltando os cabelos que prendia na mão fechada.

Vera teve o impulso de gritar, mas estendeu a filha no piso e improvisou um travesseiro para ela com a toalha de banho. As mães consolam, as mães limpam. As mães sempre dão o que qualquer pessoa razoável negaria. A vida podia acrescentar muitos rótulos em Vera — russa, pensionista, viúva, filha —, mas quando olhou para seu reflexo desbotado no espelho do banheiro, viu apenas a mãe de Lydia.

* * *

Dezembro se aproximava e os dias se encurtavam. A cada quarta-feira, com ou sem ressaca, Lydia saía de casa com a mãe quando os homens chegavam. Kolya lhes fazia um breve cumprimento de cabeça. Aquele camponês devia ficar intimidado demais diante de uma mulher viajada como ela para dirigir-lhe a palavra. E aquelas flores de plástico ridículas — o mais provável é que ele nunca tivesse cheirado uma flor de verdade na vida, enquanto ela já tinha vivido numa cidade onde as rosas eram tão abundantes que davam nome a um estádio.

No dia em que Vera encontrou sua filha na orla da floresta, Lydia estava pensando nas ferramentas de afinação de piano de Gilbert. A maleta de couro marrom onde ele as guardava continha uma chave torta de afinação, martelos de níquel e abafadores de borracha. Diapasões que produziam tinidos calorosos e redondos quando ela lhes dava um piparote. Um manual sobre o qual Gilbert tinha parado de falar anos antes, cheio de termos como *temperamento equivalente*, *frequência fundamental* e *harmônicos coincidentes*. A primeira vez que ela chegara ao LAX, não tinha certeza se devia beijar seu noivo ou lhe dar um aperto de mão. A pele dele tinha a cor e a textura de uma batata cozida além do ponto, e ele usava uma camisa florida para contrabalançar a triunfal neutralidade que emanava de tudo o mais em seu ser. Quando começou a acompanhá-lo nas visitas às casas dos subúrbios, cada uma do tamanho de uma fábrica, ela leu o manual de cabo a rabo. Não encontrou os termos técnicos em seu dicionário de bolso russo-inglês, e Gilbert fez o possível para explicá-los de maneira simplificada. Ele teria se saído bem melhor como professor

primário do que como marido. Um amigo de Gilbert conseguiu um emprego para Lydia como cuidadora na Casa de Repouso Glendale Sunrise, recebendo salário mínimo. Ela não entendia por que tantos de seus residentes achavam que lugares como aquele pareciam depósitos onde filhos e filhas aprisionavam pais velhos em retribuição por traumas de infância mal resolvidos. Comparados com o tratamento dispensado aos idosos na Rússia, eram um primor de cordialidade e compaixão. Quando viu a primeira rampa para cadeiras de rodas no aeroporto de Los Angeles, Lydia confundiu-a com algum tipo estranho de monumento público. Quando soube do que se tratava, quando descobriu que a presença dessas rampas era obrigatória por lei, sentiu uma onda irresistível de patriotismo por aquele país no qual só vivia havia poucas horas. De todas as invenções magníficas e terríveis do século, o que poderia ser mais humano, mais elegante, mais generoso que uma rampa para cadeiras de rodas? O dia mais feliz de sua vida ainda estava muitas décadas à frente, achava ela: quando fosse uma viúva idosa numa cadeira de rodas, empurrada rampa acima até ser entregue aos cuidados da casa de repouso. Tinha apenas vinte anos e já sabia onde queria morrer. Numa tarde de sexta-feira, Gilbert emergiu de uma rara chuvarada de outono, pousou no chão sua maleta com as ferramentas de afinador e contou a ela que tinha conhecido uma mulher de Belarus pela internet.

Lydia continuou caminhando pela orla da floresta enferrujada. Uma alcateia — ou seria o vento? — uivava ao longe, por entre a ramagem de metal. Mas ela já não se incomodava com aquilo havia muito. Uma figura apareceu à sua frente, destacada contra o sol fraco. Sua mãe.

— Em dezembro faz frio — disse Vera.

A presença de sua filha atrapalhava seus poderes de observação, e Vera se tornava incapaz de manter com Lydia uma conversa que fosse muito além da constatação dos fatos mais óbvios.

Lydia deu um sorriso inesperado.

— Você ficou mais sábia com a idade.

— Estou ficando senil.

— Na casa de repouso, eu trabalhava só com os mais confusos e mentalmente perturbados.

— E o meu caso é muito avançado?

— Nós duas já cruzamos essa fronteira faz algum tempo.

— E você vai cuidar de mim quando eu ficar velha? — perguntou Vera, mais a sério do que pretendia inicialmente.

— Mamãe, você já está velha.

Vera olhou para o outro lado da campina, vendo os pequenos quadrados de luz elétrica encerrados por trás da vidraça tripla da janela de sua cozinha.

— Daqui a pouco podemos voltar.

— Você sabe o que estão fazendo lá, não sabe?

Vera desviou o olhar. Trazia uma caneta esferográfica presa pelo clipe da tampa a uma folha de papel dobrada em seu bolso. Vinha escrevendo uma carta para Lydia como se a filha ainda vivesse na América. Nela, descrevia Kolya, como era bonito e cortês, como ele e Lydia poderiam formar um casal deslumbrante e lhe dar os netos mais lindos. Contava como tudo em sua vida estava a ponto de dar certo e como, aos 63 anos, nunca tinha se sentido mais abençoada.

— Temos comida na mesa e dinheiro no pote. Não basta? Que diferença faz de onde vem? Não estamos fazendo nada errado. Não estamos fazendo absolutamente nada.

— Você vive num outro mundo, mamãe. Criminosos estão embalando drogas na mesa da nossa cozinha e você acha isso motivo de orgulho.

— Fique quieta — ordenou Vera.

Não ia aceitar que uma noiva por encomenda viesse lhe dar lições de amor-próprio.

— Não abra a boca.

Vera se virou na direção da casa. Lydia alinhou-se atrás dela e as duas percorreram os quinhentos metros em silêncio. Em casa, os homens guardavam vidrinhos embrulhados numa sacola de lona. Vera desviou o olhar.

— Já estamos de saída — anunciou Kolya.

Ele nem sequer olhou para Lydia. Não ficava mais na casa depois do trabalho. A mesa da cozinha só tinha duas cadeiras.

Os homens foram embora. Lydia esticou as pernas compridas no divã, bebeu e bebeu, depois saiu também. Vera procurava explicações para a infelicidade da filha. Lydia tinha crescido no Partido, vivido a infância nos anos plácidos de Brejnev, a adolescência à luz de Gorbachev. Nunca havia passado fome. Tivera a melhor criação que Vera podia lhe proporcionar. Num mundo mais piedoso, aquele melhor possível teria bastado.

Lydia voltou algumas horas mais tarde, tão bêbada que não foi capaz de acertar a chave na fechadura. Tinha ido a uma festa oferecida por uma de suas amigas de infância. As meninas, agora mulheres, mães elas próprias de meninas, tinham trocado fofocas sobre Galina e o oligarca até Lydia deixar escapar que o ex-namorado de Galina trabalhava em sua casa. Um silêncio recaiu sobre as outras cinco mulheres. Todas insistiram, garantiram que não contariam nada para ninguém. Nunca tinham mostrado tanto interesse, tanta preocupação com o bem-estar de Vera. Mas, a essa altura, Lydia já estava alcoolizada demais para que isso fizesse alguma diferença. Ela descreveu Kolya, seus comparsas, as drogas, a cumplicidade de sua mãe. As amigas lhe sussurravam promessas de confidencialidade que não enganaram ninguém. Tinham dedicado a vida à narração da história de Galina, e aquele arremate trágico ao enredo de seu primeiro amor era a melhor notícia que lhes chegava em muitos e muitos anos.

Vera deparou-se com a filha na porta, tentando destrancar a fenda de entrada de cartas com a chave de casa. Resmungava alguma coisa sobre camponeses, traficantes e afinadores de piano.

— Fique calada. Você não pode falar dessas coisas — advertiu Vera, mas Lydia não lhe deu ouvidos.

* * *

Os homens não apareceram na semana seguinte. Vera esperou uma hora antes de sair para ver Yelena. Às duas da tarde, o sol já se pusera.

Yelena abriu a porta, assentindo. Estava à espera dela. O samovar ainda se encontrava quente na cozinha.

Vera sentou-se curvada na beira do sofá de couro, que Yelena jamais deixava de lembrar ter sido importado da Itália. Batia o pé, dobrava e desdobrava as mãos. Toda a energia nervosa havia sido drenada para as extremidades. Via-se um maço de Benson and Hedges aberto ao lado de um cinzeiro de prata.

— Açúcar? — ofereceu Yelena, empurrando a xícara na direção de Vera.

— Eles não foram hoje.

Yelena dissolveu três cubos de açúcar em cada uma das xícaras. E mexeu o chá lentamente. Tinha um filho que encheria de orgulho qualquer mãe.

— Acabou — disse ela.

— Mas por quê? — perguntou Vera.

— A sua filha. Ela fala.

Sem pedir, Vera tirou um dos cigarros finos do maço. Por isso que os lobos tinham voltado? Para a condenação de sua própria filha? De si mesma? Uma ideia ridícula, ela sabia, mas num mundo em que tudo estava tão de pernas para o ar, a superstição era o único sistema racional de crença. Deu uma tragada no cigarro, o primeiro que fumava em 23 anos, e conteve a irritação na garganta.

— O que vai acontecer comigo?

A prisão, imaginava, seria a melhor saída possível. Esperava coisa muito pior.

— Vou ser presa?

Você está vivendo na década errada, pensou Yelena. *A polícia não entra nessa história*. Yelena viu quando as mãos trêmulas da velha amiga deixaram a cinza cair em seu tapete. Não, *amiga* não era a palavra exata. O que as unia era mais duradouro que a amizade. Na escola, o professor das duas aplaudira Vera por sua coragem, pelo sacrifício que se dispusera a fazer em nome do povo; e mesmo durante a fome de 1947, quando Yelena se viu reduzida a um graveto subnutrido e enterrou seus dois irmãos, Vera sempre tinha o que comer. E agora Yelena usava sapatos cujo preço, mesmo em liquidação, ultrapassava o valor líquido de todo o patrimônio de Vera. No fim das contas, o mundo é justo e verdadeiro. As pessoas sempre recebem o que merecem.

— O que vai acontecer comigo? — perguntou Vera.

— Com você?

Yelena balançou a cabeça.

— Com você não vai acontecer nada.

* * *

Vera voltou para casa e encontrou a porta da frente destrancada. Havia uma garrafa destampada ao lado do divã, apenas três dedos do líquido consumidos. Uma trilha de pegadas partia da porta dos fundos, em linha pontilhada, atravessando a campina nevada até a Floresta Branca. Seus

joelhos doíam enquanto ela seguia a pista até as árvores. Não parou para contar quantos eram os conjuntos de pegadas. Reconhecia as menores.

Um crescente de luz da lua dissolvia-se em fiapos de nuvem. A neve encharcava o forro das suas botas. Fazia décadas que não corria, mas começou a fazê-lo naquele momento, acrescentando suas pegadas a todas as outras que entravam na floresta. Na escuridão, logo perdeu o rastro. Encontrou pneus furados, papéis úmidos e mofados, folhas plásticas amareladas, mas nenhuma pegada. Girou o corpo, vasculhou o lixo, à procura de um sinal, de uma voz, de uma pista, de uma resposta, de uma razão. E nunca saberia que 52 minutos antes e a 116 metros dali, sua filha erguera os olhos para o mesmo céu. E mesmo em seu terror e confusão, as árvores da Floresta Branca lembraram a Lydia a floresta de sequoias a que Gilbert a tinha levado uma semana depois de sua chegada à América, quando ainda falava apenas uma dúzia de palavras em inglês, quando ainda custava a acreditar na sua sorte.

Quatro homens caminham com ela: um de cada lado, e dois à frente. Ela está sem sapatos, e seus pés são blocos de madeira presos aos tornozelos. Fios de cobre desencapado prendem seus punhos atrás das costas, elos de dor. Concentra-se em seus punhos, no sinal de infinito enrolado em torno deles, sua pele como um lago congelado no qual um patinador inscreve infinitamente um número oito. Ao lado dela, a jaqueta de couro do homem faz barulho. Ele pega um frasquinho de óleo no bolso, passa um pouco debaixo do braço e a jaqueta se cala. Mais à frente, um buraco. Escavado em formato oval. Todas as partículas contidas em Lydia entram em alerta. Ela tem uma coisa a dizer. Ela precisa articular a monstruosidade daquele buraco, a impossibilidade de ser levada a entrar ali. Se pelo menos aqueles homens pudessem sentir o que ela sente, se ao menos ela conseguisse invocar as palavras certas na ordem certa, eles entenderiam. Uma lamúria é tudo o que consegue conjurar quando a força a cair de joelhos. A lua é uma testemunha remota e indiferente. Nuvens silenciosas colidem entre si. O rosto abatido de Kolya surge ao lado do dela. Ele não quer fazer isso. Fazer uma coisa dessas não é o desejo de ninguém. Aquela é a sua vida. É tudo que ela tem. E Lydia tem tanto a consertar. Tanto que ainda precisa fazer. Não pode morrer agora, não com tão pouco a perder. Ela tenta explicar a situação, mas Kolya franze o cenho como se ela falasse uma língua que ele houvesse estudado por algum tempo, mas não lembrasse mais. Ela tenta negociar. Vai deixar Kirovsk para sempre, vai parar de

beber, vai entrar para a universidade, vai arranjar um emprego, vai ter filhos que também terão filhos, vai ter uma vida longa, feliz e proveitosa, vai mudar totalmente de rumo, nunca se sentiu tão forte, tão capacitada, tão consciente do potencial de sua vida se simplesmente lhe for restituída. Kolya estende a mão e, com delicadeza, segura as mãos dela.

— Agora feche os olhos — diz ele. — Quando abrir de novo, vai estar em casa.

Ele solta a mão de Lydia, mas sua voz continua presente para ela.

— Estou aqui. Já está quase acabado.

O que é uma boa coisa, pensa ela. Isso vai me mudar. Vai me transformar numa pessoa melhor. Vou ser a pessoa que sempre quis ser. Tudo vai ser diferente. Era disso que eu estava precisando.

No clarão não há pensamento final, nenhuma última reflexão, só o ar arrancado do seu corpo pela bala.

* * *

Naquela noite, Kolya voltou para seu apartamento no andar de cima do museu espacial, fechado desde que seu pai tinha falecido um ano antes. O mingau de aveia continuava em cima da mesa desde a manhã. Levou a tigela até a pia e estendeu a mão para apoiar a ponta dos dedos no retângulo de papel de parede menos desbotado, onde antes ficava o cartão-postal da sua mãe.

Dizer que se sentia culpado seria atribuir a si mesmo limites éticos, algo como demarcar fronteiras no mapa de um país hoje inexistente. Era o que ele dizia a si mesmo, pelo menos. Melhor negar a existência da moralidade objetiva do que viver à sua sombra. Melhor convencer-se de que o mundo do certo e do errado não é o mundo a que você pertence. No espelho do banheiro, viu o rosto de um homem que ele, aos dezessete anos, teria desprezado, imerso na vaidade de alguém ainda inconsciente dos muitos meios que o mundo tem de quebrar uma pessoa.

Ligou o videocassete. Estava passando *Teia de mentiras*. Galina pulava em sua motocicleta, percorria em alta velocidade um estreito corredor numa avenida larga, desviava-se de quiosques e bancas de venda de *pirozhki*, conduzindo a moto com seus belos quadris. Sua voz sussurrada lembrava realmente a de Galina, mas o sentimento transmitido jamais

poderia ter brotado naturalmente do coração dela. Na prateleira, estava a Polaroid de sua família com os biquínis de estampa de leopardo e, em cima dela, a fita que seu irmão e Galina tinham gravado para ele. Ocorreu-lhe que aquela fita, seja lá o que contivesse, era a única pergunta que ele ainda tinha esperanças de um dia ser respondida. Todo o resto era uma vida póstuma que compartilhava com a criança cujo primeiro aniversário ele havia comemorado com um palito de fósforo enfiado num biscoito velho.

Acomodou a fita no bolso da camisa, com a Polaroid, e ficou acordado ao brilho azul da televisão até o horário de abertura do escritório de recrutamento na manhã seguinte.

* * *

Não houve funeral, nenhum corpo foi encontrado para lavar e consagrar. Vera ainda ia à igreja. Não acreditava em Deus porque não havia indícios de que existisse, e agora tampouco restavam vestígios da existência de Lydia. Vera estava de pé na frente da igreja, diante de um ícone da Virgem com seu filho. O grande deus dourado parecia indefeso nos braços da mãe. Embora ela o segurasse contra o peito, olhava para a frente, e não para o filho.

No caminho de volta para casa, Vera passou por uma jovem com uma prancheta na mão. Já tinha visto aquela moça antes, matando o tempo em alguma esquina à espera de emboscar algum pedestre inocente com um pedido de assinaturas. A jovem ainda era ingênua a ponto de crer em alguma ideia grandiosa contida naquela prancheta.

— A senhora gostaria de assinar? — perguntou a jovem, enfiando a prancheta nas mãos de Vera. — Estamos fazendo uma petição para o prefeito transformar a Floresta Branca numa reserva natural.

Vera não conseguiu acreditar.

— Você é de fora, não é? Já estive na floresta?

A jovem corou.

— As árvores são feitas de metal. As folhas são de plástico. Foi construída quarenta anos atrás para fazer as pessoas esquecerem que vivem num lugar impróprio para a vida humana.

A jovem não se deixou perturbar.

— Qualquer que seja a origem da floresta, um ecossistema rico e ativo se formou ali. Cães e gatos revertidos à vida selvagem, sim, mas também coelhos e raposas do Ártico, e até lobos. E essa biodiversidade, por mais improvável que possa parecer, precisa da proteção do Estado.

— Proteção — repetiu lentamente Vera, lembrando-se de Kolya em sua mesa da cozinha, uma fatia grossa de bolo num pratinho à sua frente, explicando por que seu chefe não tinha medo da polícia.

A prancheta fez barulho ao cair na calçada. A faixa de concreto, com uma crosta de gelo acinzentado, estendia-se até o ponto de intersecção com outra calçada, que por sua vez fazia mais e mais intersecções, circunscrevendo os limites da sua vida. Quantas vezes ela os tinha percorrido em silêncio? Quantas vezes havia censurado seus pensamentos, seus julgamentos, suas crenças, seus desejos, transferindo-os a alguma região de sua alma onde não poderiam traí-la?

— Proteção — murmurou ela, tão baixo que a jovem se inclinou para a frente, tentando escutar.

Tinha sido homenageada pelos Jovens Pioneiros, pelo Komsomol, pelo sindicato dos metalúrgicos, tinha sido ungida como o futuro do socialismo pelo *Pravda*, e só agora, nessa ocasião tardia, descobria uma denúncia que vinha crescendo dentro dela ao longo de seus 36 anos de vida. Denunciaria Kolya, Yelena, o filho de Yelena, os gângsteres e bandidos que governavam a cidade com uma brutalidade nada menor que a dos antigos carcereiros. O comissário, cuja mão Vera havia apertado e cujas congratulações recebera dias depois de ter condenado a própria mãe. Sua professora primária, que tinha tanto medo de Vera que dava apenas notas dez à menina, mesmo quando metade das questões estava em branco. Seu marido, que julgava a cunilíngua um ato antirrevolucionário e vivia tão distante dela que trancara a porta do banheiro para ter seu ataque cardíaco lá dentro. Ninguém era inocente, ninguém estava isento de conexões, ninguém escapava de ser cúmplice. Os adjetivos mais fortes e mais depreciativos ela reservaria a seus próprios silêncios, se ainda conseguisse erguer a voz. Mas nunca foi capaz de nada além de um sussurro. Não sabia por onde começar.

— Proteção — repetiu muitas e muitas vezes enquanto a jovem se debruçava para recolher a prancheta.

A reação de Vera não surpreendeu a jovem, que pouco antes tinha visto a própria avó submergir na demência. A avó da jovem amaldiçoava as

nuvens, as fábricas, os familiares cujo rosto não mais reconhecia. E ali, naquele momento, aquela *babushka* amaldiçoava uma reserva natural. Era preciso demonstrar paciência e compaixão para com os idosos, pensou a jovem, enquanto tomava a mão de Vera e lhe dava palmadinhas de consolo. Eram pessoas de outro tempo.

— Respire. Está tudo bem, vovó. Está tudo certo.

Vera se agarrou àquelas mãos lisas que tinham surgido nas suas. E teria caído se não tivesse se apoiado no ombro daquela jovem. Até aquele momento, ainda não se dera conta de que jamais teria netos.

* * *

Uma semana depois, uma batida na porta. Vera se aproximou. Pelo olho mágico, Kolya lhe pareceu uma gárgula de bico comprido. Ela levou as mãos à boca.

— Eu sei que você está aí — disse ele. — Estou vendo a sua sombra no vidro.

Ela encostou o corpo na parede descascada, desejando que cada átomo seu penetrasse na madeira e que seu corpo se dissolvesse por completo.

— Eu me alistei no Exército outra vez. Como soldado contratado. Vou voltar para a Chechênia. Você não precisa se preocupar com a possibilidade de voltar a se encontrar comigo.

A aba da fresta para a correspondência se ergueu, depois se fechou com força enquanto um envelope de papel pardo caiu no chão. O estômago de Vera revirou. Ela sabia o que o envelope continha. Precisava ser verdade. Já havia acontecido antes. Uma carta final de Lydia, suas últimas palavras transcritas por Kolya debaixo dos galhos gelados. Ela sentiu o peito inflar com o coração acelerado, tão cheio de esperança que poderia ter perdoado Kolya ali mesmo por matar sua filha, se ele lhe tivesse trazido uma última mensagem para ela guardar na caixa de sapato, ao lado da última carta da sua mãe, uma última mensagem em que Lydia contasse a única mentira que Vera teria dado a alma para transformar em verdade: que tinha morrido sabendo que era amada. Vera revirou o envelope nas mãos. Era grande demais, grosso demais, pesado demais para uma carta. Continha dez maços de notas de mil rublos presos por elásticos: a compensação.

Vera abriu a porta, disposta a jogar as notas em Kolya, porque daquela vez seu silêncio não estava à venda. Mas ele já estava a meio quarteirão de distância. Ela apertou o envelope com mais força, com medo de deixá-lo cair. O inverno ainda duraria mais alguns meses. A conta do gás estava atrasada. As prateleiras da despensa, quase vazias. Era o fim da tarde, o fim do século. Tarde demais para virar outra pessoa.

Em seu quarto, tirou a caixa de sapato de debaixo da cama. O envelope de papel pardo não cabia ali dentro, não junto aos outros envelopes. Retirou as várias cartas e recortes de jornal, espalhou-os na cama e começou a acomodar os maços de notas na caixa de sapato. Terminada a tarefa, ajoelhou-se ao lado da cama e rezou pela filha, pela mãe e, finalmente, por si mesma.

O Palácio do Povo

SÃO PETERSBURGO, 2001

— Você tem mais, Sergei Vladimirovitch? — perguntou meu pai no dia em que recebi minha convocação para o serviço militar.

Sua barriga preenchia metade da largura da porta. Na tira de papel presa entre suas unhas orladas de mostarda, ele segurava meio grama de heroína. Minhas escápulas iam *craq-craq-craquelando* a casca de tinta à medida que eu escorregava parede abaixo até o chão do banheiro, erguendo então os olhos quase totalmente feitos de pupila, como os de um gatinho inocente de desenho animado.

— Você tem mais?

Os fantasmas de duzentos mil cigarros e de um *pirozhki* comprado na rua assombravam seu hálito.

— Você tem mais?

Ele apoiou sua silhueta ofegante na moldura da porta. Já era um velho acabado quando eu ainda era menino. Agora tinha sido promovido a antiguidade. E eu não havia respondido sua pergunta.

Com a força recobrada, meu pai invadiu meu quarto e puxou as gavetas da cômoda, mergulhou no cesto de roupa suja até a altura dos ombros, espalhou CDs, esmagou caixas de fitas VHS com os pés, deixou o colchão apoiado como que bêbado contra a parede, os lençóis pendendo da cabeceira, empregando toda a sua considerável massa em rasgar e quebrar, espalhar e pisotear, até ficar claro que o que procurava, fosse o que fosse, era mais difícil de encontrar que o meio grama dobrado num recibo reaproveitado a seus pés. Depois que todo o conteúdo das prateleiras, dos cabideiros ou de qualquer outro espaço tinha sido espalhado pelo chão, ele desabou na cadeira de balanço e deu a última tragada no cigarro que eu deixara queimando no cinzeiro.

— Você tem mais? — perguntou.

Um ano antes de ele ir para a prisão, quando eu tinha oito anos, ele me ensinara a não dizer nada quando fosse interrogado. Plantou um dos

brincos da minha mãe no bolso do meu casaco, não me deixou ir para a escola e me questionou na cozinha com as janelas fechadas, o forno ligado, as luzes todas acesas. Nuvens frias e algodoadas se arrastavam pelo céu, mas naquela cozinha eu assava como um pedaço de carne trespassado pelo espeto giratório de um forno elétrico marrom por causa da gordura. No final, eu teria confessado o assassinato de Kirov. Abri minha boca, pronto a admitir toda e qualquer coisa, mas antes que pudesse murmurar a primeira sílaba, senti a ira de Deus nas costas da mão do meu pai.

— Você tem mais?

A voz dele se rendeu ao meu silêncio. Ele sabia que eu jamais iria confessar. Sabia que tinha me ensinado bem.

— Mais do quê? — perguntei finalmente, quando a pergunta que ele repetia tinha sido abafada e reduzida a murmúrios.

Meu pai limitou-se a olhar para mim, como se eu tivesse convidado toda a equipe nacional de bilhar para praticar as primeiras tacadas usando as bolas dele.

— Você fala? Abre o bico, além de ser viciado? Mais disso aqui.

Ele desdobrou o papel. Uma linda paisagem invernal se espalhava por seus vincos.

— É só açúcar. Para o chá.

— Açúcar, sei. E você põe esse açúcar no seu chá com uma seringa?

Quando você não tem mais como negar a lógica, a solução é começar a negar todo o resto.

— Você pegou o vírus? — perguntou ele.

Sua raiva tinha se consumido. Só lhe restava um triste resíduo de preocupação paternal.

— Claro que não.

Eu só compartilhava agulhas com meus três amigos mais chegados.

Meu pai se levantou e foi rolando até a porta.

— Serioja — disse ele, sem se virar —, até se apresentar para o Exército, você vai passar os seus dias trabalhando.

— Senão...?

— Senão eu te dou um tiro.

— Aí você estaria violando a sua condicional.

— Sempre posso alegar legítima defesa. “Queria comunicar ao tribunal que só estava tentando *salvar* meu filho do viciado louco que foi morar no

seu quarto e começou a usar as roupas dele.” Nenhum juiz no céu, no inferno ou em qualquer tribunal do país seria capaz de me condenar.

A luz da manhã seguinte foi a prova nada bem-vinda de que o mundo não tinha acabado de um dia para o outro. Segui meu pai até o último andar do edifício em que morávamos. Um rasgo escuro deixava entrar a luz do corredor pela porta do último apartamento à esquerda.

— Está vendo aquilo ali? — perguntou ele, apontando para a porta, o cenho franzido de indignação.

O que faltava a meu pai em matéria de educação, ele compensava com fartas opiniões. Em silêncio, me preparei para hibernar enquanto durasse o longo inverno de sua preleção.

— As portas novas são feitas com latas de peixe recicladas e basta um abridor de lata para qualquer arrombador abrir uma delas. Têm merda na cabeça, esses...

A porta de lata se abriu, graças à misericórdia divina. Do outro lado, estava sentado o homem sem pernas. Quase trinta anos, barbeado, a cabeça com o brilho oleoso de um rolamento de esferas, cheirando a fumo barato ucraniano e gordura vegetal queimada. Ocupava uma cadeira de rodas. Duas tiras de couro de porco e lona esticadas entre duas rodas de borracha — provavelmente o meio de transporte mais avançado que qualquer um dos moradores daquele prédio possuía.

— Este é o meu filho, Sergei Vladimirovitch, mas você pode chamá-lo só de “babaca” — anunciou meu pai, e em seguida gesticulou para indicar o homem sem pernas. — E este é Kirill Andreiévitch.

— Segundo-sargento Kirill Andreiévitch — corrigiu o homem sem pernas.

Apenas seu olhar desprovido de admiração acolheu minha mão estendida.

Saí fuçando pelo apartamento enquanto meu pai conversava com Kirill na cozinha. Eu esperava encontrar um caos, uma desordem, mas as únicas coisas sobre o chão da sala de visitas eram as pernas de cadeiras e mesa. Um corredor de louça se via acomodado ao lado da banheira. Um resto do mingau de aveia daquela manhã ainda circundava o ralo. Grandes jarras de água se enfileiravam ao longo do rodapé do banheiro com uma ferrugem avermelhada turvando o centímetro de líquido acima do fundo. Será que Kirill sabia de alguma coisa que nós não sabíamos? Minha garganta estava seca e minha boca tinha gosto de lata de lixo, mas nunca é

boa ideia beber água de jarras encontradas no chão do banheiro de um desconhecido.

Livros aprovados pelo Partido se alinhavam nas prateleiras: manuais de campo do Exército Vermelho, edições censuradas de romances oitocentistas, odes pétreas à indústria pesada — o tipo de quinquilharia *kitsch* vendida a turistas ocidentais junto às portas ou ao cais do Palácio de Inverno. Peguei um exemplar de *Assim foi temperado o aço*. Tivesse eu nascido algumas décadas antes, teria sido obrigado a ler uma obra como aquela no último ano do colegial, saberia exatamente do que tratava sem tê-la lido e tiraria dez em qualquer exame de literatura a que submetessem os estudantes antes da adoção dos exames de graduação padronizados. Mas como nasci em 1983, me mandaram ler *O mestre e Margarida* — um longo percurso levando a lugar nenhum, não admira que Stálin fosse admirador de Bulgákov — e acabei tirando dois na prova. Nenhuma universidade me aceitou. Mas o Exército, sim.

Havia uma pistola preta na mesa de centro. Peguei a arma e acariciei com o polegar sua superfície polida. Mais pesada do que parecia nos filmes. Segurar aquela arma me fez sentir mais alto e mais bem-dotado. Em algum lugar da Chechênia, um muçulmano de dezoito anos estaria segurando uma pistola pela primeira vez e sentindo o mesmo influxo de poder?

— Largue a arma.

Kirill entrou deslizando pela porta, com meu pai logo atrás.

— Você sabe o que Tchékhov dizia sobre armas carregadas — respondi.

Kirill não sorriu. Provavelmente também não tinha passado no exame padronizado. Apaguei minhas impressões digitais do metal, mais uma lição que meu pai me ensinara na infância, e pousei a arma na mesa.

— Você está empregado — disse meu pai, radiante.

— Por quem?

— Por Kirill Andreiévitch.

— Segundo-sargento Kirill Andreiévitch — corrigiu o homem sem pernas.

— Isso, você vai trabalhar para o segundo-sargento.

O futuro me parecia mais sombrio que o armário de um agente funerário.

— Você está de brincadeira — respondi.

Meu pai não brincava nunca.

— Amanhã de manhã você começa — disse ele, muito satisfeito consigo mesmo. — O galo que acorda mais cedo é que mete primeiro na galinha mais gorda.

E seu sorriso deixava pouca dúvida quanto à qual das duas aves era eu.

— E Serioja — arrematou meu pai. — Lembre-se de uma coisa: eu não tenho nenhum medo de violar minha condicional.

* * *

O adiamento da incorporação ao serviço militar só era concedido a estudantes universitários, pais e prisioneiros. Eu e meus amigos tínhamos esperança de, num futuro próximo, nos tornarmos no máximo a última das opções. A prisão seria nosso curso profissionalizante, o único que nos admitiria, o único que nos traria as habilidades necessárias para expandir nosso leque de possibilidades quanto ao futuro. Devíamos ter ido cursar o secundário numa escola técnica assim que acabamos o nono ano, mas nossa turma foi contemplada com uma safra recorde de péssimos alunos, o que tornava a única escola profissionalizante do nosso bairro decadente mais inacessível do que Cambridge. Mas tanto fazia; se o seu negócio era o crime, o curso profissionalizante ideal era a prisão.

Durante a primavera do nosso último ano como estudantes secundários, quando já estávamos bem perto de nos tornarmos as pessoas que seríamos pelo resto da vida, matávamos aula para tomar Baltikas 7 e assobiar para as mulheres que passavam nos Jardins do Palácio Tauride. Olhos negros de sujeira congelada emergiam em meio à neve. Uma dupla de eremitas com uns dez mil anos jogava xadrez rápido sentados em lados opostos de uma mesa congelada. Nós nos agrupávamos bem próximos uns aos outros, de pé, trêmulos.

— Meu avô, na guerra, foi lutando de Stalingrado até o *bunker* de Hitler, e sabe o que fizeram com ele depois que ele voltou? Mandaram para a porra de um gulag — declarou Valeriy.

Ele catava umas coisas brancas nos cabelos. Caspa ou fiapos de algodão, não dava para ver.

— Tenho vergonha de ser neto desse otário.

— Duzentos caras apanharam até a morte no ano passado, antes mesmo de chegarem à Chechênia. E se eles falam de duzentos, a lista verdadeira

deve ser do tamanho de um número de telefone internacional. *Dedovshchina* é foda.

— Dois anos só podendo meter num cantil, *isso* sim é foda.

— É por isso que estou dizendo que na cadeia é mais tranquilo.

— Cadê o Tony com as cervejas?

Nossos nomes, Aleksandr Kharlmov, Valeriy Lebedev, Ivan Vladim e Sergei Markin, combinavam conosco, mas não com o lugar onde teríamos preferido viver, por isso nos rebatizamos: Tony Montana, Joe Pesci, Don Corleone e Tupac. Nossos totens pertenciam todos ao gênero Bandido Americano Tragicamente Abatido no Apogeu. Nossos pais aprenderam inglês com os Beatles, mas nós aprendíamos com Biggie.

Outra tarde, outro parque, a mesma conversa.

— O truque é ficar na cadeia só até acabar a revolta.

— E como a gente vai conseguir isso?

— Moleza — eu me gabei, porque ter confiança em si é o segredo do bom vigarista. — Você prevê quanto tempo a guerra vai durar, quanto tempo precisa ficar na cadeia e aí encontra um crime que tenha esse tempo de pena.

Crime e Castigo. Não sabíamos nada de História — o mais provável era que três de nós quatro nem sequer soubesse dizer o ano em que Jesus nasceu —, mas apostávamos nosso futuro fazendo previsões dos seus desdobramentos. Trocamos palpites: a guerra terminaria dali a um ano, dois, cinco. Folheando jornais antigos e procurando a transcrição de julgamentos no Yandex, encontramos penas que se encaixavam em todas as previsões. Um ano para agressão a algum membro de uma minoria étnica. Dois a cinco para roubo à mão armada. Três a sete para contrabando de narcóticos.

Queríamos virar gângsteres, mas quem tomaríamos como exemplo? Onde estavam os nossos heróis? Nossos pais dirigiam táxis piratas, lavavam pratos e trabalhavam como frentistas, carregando nas veias um sangue tão esquivo que nem uma guilhotina os faria sangrar. Tinham saudade dos velhos tempos, não porque suas vidas fossem melhores, mas porque na época havia uma igualdade na desgraça. Mas nós éramos os filhos deles e queríamos mais.

A temporada de recrutamento começava na primavera. Os canais de esgoto das cidades haviam dissolvido o Neva. Uma fila de idosos deleitava-se sob o sol à beira da face da muralha da Fortaleza de Pedro e

Paulo que dava para a praia. Os bêbados diurnos faziam hora extra. O inverno ártico se desdobrava em tons pastéis: pêssego, lavanda, ameixa. Nossos cartões-postais do comissariado militar chegaram no mesmo dia e levamos todos para o parque. O meu tinha sido a primeira correspondência que eu recebia desde as cartas que meu pai me mandava da prisão.

Comparamos nossos cartões-postais de faixa vermelha. Eram idênticos em tudo, menos nos nomes. Pela lei, o comissariado podia nos encaminhar a uma base militar para exames no dia seguinte à nossa formatura, mas sabe-se lá por quê, agora nos davam até agosto. Se todos morrêssemos na Chechênia, nossas famílias receberiam cartões-postais padronizados, idênticos menos nos nomes, ou o Exército honraria nosso sacrifício com uma carta-padrão?

— Eu vou arrombar uma loja de artigos eletrônicos — anunciou Aleksandr.

Ele terminou o cigarro em cinco tragadas colossais. Tinha os pulmões de uma baleia azul.

— Três anos, deve dar conta — concluiu.

— Tempo demais, Tony — disse Ivan. — Uma hora dessas Putin vai tirar a camisa, pular nas costas de um urso pardo, ir montado nele sem sela até Grózní e acabar com todos os barbudos sozinho. Seis meses, no máximo. Vou assaltar um turista.

— Quatro anos — replicou Valeriy, ainda catando os flocos brancos como arroz, que na verdade eram piolhos. — Vou roubar um carro de polícia.

Todos explodimos em risadas.

— Podem rir — disse ele —, mas vocês sabem que nenhum policial vai dar muita importância a um assalto a uma loja de eletrônicos ou a um turista. Afinal, essa porra de assaltar turistas é o que *eles* fazem todo dia. Agora, se você rouba uma viatura, pega quatro anos fácil.

Viraram para mim.

— Ainda não decidi quantos — falei, demorando um pouco demais. — Mas não se preocupem. Estou dentro. Totalmente dentro.

Socamos os punhos uns dos outros, depois seguimos na direção de Ploshchad Lena para buscar uma conta de mil rublos, chamada assim porque era heroína embalada em papel de recibo. Arco-íris oleosos desenhavam-se na superfície reluzente do rio, cujo nível havia subido. Turistas se aglomeravam nos pontões, todos *ooh* e *aah*, apanhando suas

câmeras às pressas como se as mansões imperiais que ladeavam as margens do rio fossem um bando de aves raras. Eu não entendia a afobação. Aquelas construções rosadas e sem brilho não iam sair voando dali. Viramos na Arsenalnaya, depois na Komsomola. À distância, com seus muros de tijolo, seus pináculos e suas cúpulas, seria compreensível se um turista confundisse o Kresty com um palácio. Nas aulas de História, aprendíamos que eram falsas as provas que tinham causado tanto prejuízo nos julgamentos-espetáculo de 1937. Nas aulas de literatura, líamos um poema de Akhmátova sobre a prisão. Seu filho tinha passado dezessete meses preso. Junto a centenas de outras mulheres, ela ficava esperando do lado de fora daqueles muros altos de tijolo por notícias sobre a acusação, o veredicto, a sentença.

“Você é capaz de descrever isso?”, sussurrou uma mulher de lábios azulados. E Akhmátova respondeu:

“Sim, eu sou.”

Agora, do lado de fora dos muros altos de tijolo, eram as netas delas que esperavam, algumas engolidas por sobretudos grandes demais, as mulheres, namoradas, mães e filhas de prisioneiros aguardando julgamento. Assobiamos. Uivamos. Perguntamos se queriam sair dali para se divertir. Caso se encontrassem ali setenta anos antes, seu sofrimento seria digno das palavras de uma grande poetisa. Mas quem lê poesia nos dias de hoje?

— Não estou com medo — afirmei, e Valeriy, Ivan e Aleksandr reafirmaram todos que também não tinham medo.

Eu não sabia se falávamos do Kresty ou da Chechênia. Mais à frente, uma estátua de Lênin, adornada com uma peruca de cocô de pombo, discursava pomposa e silenciosamente para as massas. Recolhi as notas amolecidas pelo suor dos meus amigos e subi ao terceiro andar de um conjunto habitacional em ruínas para ir buscar nossa conta de mil rublos.

* * *

O emprego não tinha nada a ver com os que se encontram nos classificados dos jornais locais e nos fóruns da internet, onde os anúncios pedem homens políglotas formados em administração e solteiras atraentes para trabalhar como dançarinas em casas de *striptease* na Europa. Nenhum

glamour, nenhum encanto especial, nenhum status que me permitisse passar direto pelo controle dos seguranças de boates como a Jakata ou a Decadence, sujeitos mais difíceis de subornar do que São Pedro nos portões celestiais. No primeiro dia, tive que sair da cama às quatro da manhã para ajudar Kirill a se vestir. Sua camisa, suas calças e seus lençóis eram cortados do mesmo quadrado de uma lona burocraticamente azul.

— Como diabo você se veste quando eu não estou aqui? — perguntei.

Ele estava sentado na beira da cama com um sorriso de dez mil watts. No fundo, estava *gostando* daquilo! A felicidade é um jogo de soma zero, e quanto mais pontos eu perdia, mais ele ganhava. A qualquer momento, a pontuação dele atingiria o teto.

— Eu consigo me vestir sozinho — disse ele.

Seu sorriso revelava dentes da cor de óleo de cozinha.

— Só leva mais tempo.

— A gente tem o dia inteiro.

— Você é respondão demais para alguém que ainda é virgem.

Merda! Quem teria contado a ele? E, o que era mais importante, será que ele tinha contado para mais alguém? Aquilo eu nunca conseguiria superar. Talvez conseguisse vender meus rins em troca da identidade de algum pastor de renas na península de Yamal. Um lugar cujo nome significasse “Fim do Mundo” na língua local talvez ficasse a uma boa distância. Na minha cabeça, eu já tinha construído um iglu e me casado com um boi-almiscarado quando Kirill me interrompeu.

— Olhe só para você, já tomei pratos de *borscht* menos vermelhos que a sua cara.

Ele fechou os olhos com a serenidade de um homem cujos desejos são tão modestos que podem ser realizados.

— Ainda me lembro de quando perdi o cabaço. Foi no dia que fiz treze anos.

Aos dezoito, eu ainda era virgem. Um virgem velho.

— Meu pai me levou na prostituta favorita dele para comemorar o fato de que eu estava virando um homem — continuou Kirill. — E ficou de pé ao lado da cama enquanto eu transava. Não perto demais a ponto de ficar esquisito, veja bem. Ele só queria ter certeza de que eu iria até o final. Terminei uns cinco segundos depois de começar, e ele me aplaudiu. Meu velho nunca sentiu tanto orgulho de mim.

Seus olhos se cravaram nos meus.

— Mas você... Se acha homem demais para vestir as calças num amputado e ainda nem molhou o biscoito. Vergonhoso.

Subi as calças dele até seus quadris protuberantes. Com a bainha feita no meio das coxas, pareciam mais shorts de voleibol. Ele apontou para um rolo de fita isolante prateada cercada por balas de goma espalhadas no chão.

— Você precisa cobrir os cotos com a fita.

— De jeito nenhum.

— Mas precisa aprender como se faz — insistiu ele.

— Você perdeu as pernas, não as mãos. Por que não faz isso você mesmo?

— Anda logo, cabaço — ordenou ele.

Depois que contornei os cotos algumas vezes com a fita, Kirill untou seu cabelo com gordura vegetal, passando o pente umas doze vezes antes de se dar por satisfeito com o repartido.

— Eles podem colocar essa merda num pote com um nome em francês e cobrar dez vezes mais caro — explicou. — Mas a mim eles não enganam.

O último toque foi um esguicho rápido de uma água de colônia que cheirava a fluido de embalsamar. Acomodei Kirill em sua cadeira de rodas e empurrei-o na direção da entrada.

— Eu desço sozinho — disse ele quando chegamos à escada.

Acomodando um pedaço de papelão debaixo do corpo e segurando o corrimão com as mãos enluvadas, ele desceu os degraus como se escorregasse por um tobogã. Sete andares de escadas sem problema nenhum, mas vestir as calças tinha sido uma dificuldade que só eu podia transpor. Merdinha metido.

— Espere — disse ele.

A porta da frente do prédio fechou ruidosamente atrás de nós. Aquelas ferramentas medievais usadas no cerco dos castelos não seriam capazes de derrubar a coisa.

— Preciso respirar um pouco.

— Você está numa cadeira de rodas. Respirar é basicamente tudo que você pode fazer.

Ele balançou a cabeça, acendeu um cigarro e falou como se eu é que fosse uma pessoa irracional.

— Cheio de pressa para tudo, esse aí, menos para perder a virgindade.

Seguindo seu exemplo, também acendi um cigarro. As Noites Brancas sempre desembocavam no beco sem saída das Manhãs Cinzentas. As nuvens cochilavam no céu, absolutamente indiferentes a tudo. Preguiçosas de merda. Do outro lado do Neva, a chaminé esquisita se erguia mais alta que qualquer obelisco imperial. Se as eras são lembradas por seus maiores monumentos, a nossa será lembrada pelos outdoors anunciando os planos de celular da Beeline. Do outro lado da rua, uma matilha de cães ferozes perseguia um sem-teto por um terreno baldio. Nossos livros didáticos diziam que cerca de mil servos tinham morrido durante a construção de Petersburgo. Nosso professor disse que o número devia estar mais perto de cem mil. Mas o sujeito era capaz de dizer qualquer coisa para dormir com os alunos. O chefe da matilha abocanhrou num salto a bunda do mendigo, e assim que este começou a cair, um Rottweiler que era um verdadeiro búfalo investiu contra suas costas. Depois de dar três passos difíceis, o homem desabou. Não tenho certeza de que a cidade valesse sequer a sua morte.

— Achei que você queria começar logo.

— O café da manhã é a refeição mais importante do dia — respondeu Kirill, segurando seu cigarro. — É importante saboreá-lo com a devida calma.

As cúpulas brancas em forma de cebola do Convento Smolny foram desaparecendo atrás de nós à medida que eu empurrava Kirill pela rua Shpalernaya. Dobramos à esquerda na Prospekt Chernyshevskogo. As cores de um cassino pareciam brilhar como pirulitos erguidos contra a luz. Restaurantes de sushi e pubs irlandeses por toda parte. As janelas escurecidas dos sedãs tinham o mesmo negro de obsidiana das lentes dos óculos escuros de seus motoristas. O fogo se contorcia através das grades das lixeiras enferrujadas. É estranho ver como as chamas estremecem, como se fossem elas que sentissem frio. Esperamos uma brecha no trânsito.

— Você precisa me carregar por cima da catraca — disse Kirill quando chegamos à entrada da estação de metrô de Chernyshevskaya.

Enfiei duas fichas de metal na catraca e o ergui pelas axilas. Pesado, para meio homem.

Vendedores de jornais alardeavam as manchetes enquanto eu desarmava a cadeira de rodas. *Mega resort será inaugurado em Sochi ano que vem.*

Sydney se prepara para as Olimpíadas de Verão. A Prisão de Kresty será transformada num complexo hoteleiro e de entretenimento.

— A escada rolante do metrô Chernyshevskaya tem 137 metros de comprimento. Você sabe o que isso quer dizer? — perguntou Kirill.

— Que é o suficiente para medir o meu membro do Partido.

— Se é o que você diz, virgem — respondeu ele. — Cento e trinta e sete metros fazem dela a maior escada rolante do mundo. Um recorde mundial, bem aqui na nossa casa, e 99 por cento das pessoas que passam por aqui nem sabem disso.

— E por que eles construíram túneis tão profundos?

— Para que fossem usados como abrigo se os americanos nos jogassem a bomba atômica. Você é novo demais e não se lembra, mas na minha juventude, nos anos oitenta, ainda tínhamos medo de que os americanos despejassem ogivas nucleares em nós.

— Será que já houve casos de pessoas atingidas por bombas atômicas que tenham perdido só as pernas?

— Não sei. — Ele franziu o cenho para os seus cotos. — Nunca me acertaram com uma bomba atômica.

A plataforma do metrô, revestida de mármore, era quadriculada de preto e branco. Kirill calçou suas luvas de couro, plantou a palma das mãos no mármore e ficou equilibrando o corpo entre os braços. Para ele, o mundo era feito de barras paralelas. Eu empurrava a cadeira vazia atrás dele.

— Como eu estou? — perguntou.

Trajando uniforme militar completo, do chapéu oficial às calças com as bainhas encurtadas, exibia um ar solene demais para ser levado a sério.

— Baixo.

Um sopro cilíndrico de ar mofado, tão longo e veloz quanto o trem que o sucedia, varreu a plataforma. Kirill dava instruções. Aquilo não era novidade para ele. Ninguém podia andar mais de três paradas de metrô sem dar de cara com algum veterano mutilado pela guerra na Chechênia. Cantavam músicas folclóricas, ficavam sentados em plataformas de madeira com rodinhas, recitavam Púchkin, exibiam pernas e braços sem vida entrecruzados como pretzels, ostentavam cartazes de papelão anunciando os seus males. Outros se limitavam a se embriagar e murmurar histórias tão depravadas que jamais poderiam ser verdadeiras.

O trem exalou uma tosse congestionada de passageiros. Kirill usava as mãos para se deslocar em meio às pernas dos transeuntes, e eu seguia logo

atrás com a cadeira de rodas. Jovens ofereciam seus lugares às mulheres e aos velhos com um decoro que raramente se encontra na superfície. As portas se fecharam, as rodas zumbiram nos trilhos e Kirill começou. Não cantou o hino nacional, não exibiu uma bandeja cheia de bugigangas a dez rublos tirada da sacola presa em sua cadeira de rodas, nem contou alguma história de horror do seu passado. Limitava-se a se deslocar entre os passageiros sobre os punhos cerrados, a cabeça erguida, os olhos devolvendo cada olhar. Eu me limitava a empurrar a cadeira de rodas atrás dele e acompanhar os rublos que eram despejados na cesta de vime.

— Dê uns rublos para ele, Masha — sussurrou uma *babushka* com um lenço de cabeça à sua amiga. — Pobre alma.

— Você é um herói — observou um senhor de idade com óculos de armação de tartaruga. — Antes perder as pernas do que a honra.

Enquanto durou a viagem de metrô, Kirill não disse nada. Nem pedia nem agradecia as esmolas que continuavam a cair das carteiras e das bolsas dos passageiros que viajavam de metrô toda manhã. Deslocava um punho após o outro, com o chapéu oficial inclinado, seus tocos flácidos arrastados atrás de si, não uma caricatura, não uma apresentação num show de horrores, mas um homem corajoso que atravessava daquele modo um campo de batalha que se conflagrava em sua cabeça. Quase cheguei a abrir minha própria carteira.

Ele faturou 240 rublos nos dois minutos até Ploshchad Vosstaniya. Eu não acreditava na quantidade de moedas e notas amassadas reunidas na cesta. Era mais do que meu pai ganhava em três horas de trabalho.

— Você não quer que eles achem que está ganhando dinheiro — sussurrou ele enquanto guardava tudo nos bolsos.

Em Ploshchad Vosstaniya, entramos no vagão seguinte.

Viajamos pelas linhas um e dois até o começo da tarde. Mil e duzentos rublos até cerca das dez da manhã. Dois mil e trezentos ao meio-dia. Quem diria que meus concidadãos eram tão patriotas e generosos? Na hora do almoço, emergimos na Baltiyskaya e compramos *shawarma* e *kwass* de uma velha vendedora de rua com os cabelos pintados de roxo. Fiquei olhando as saias curtas que passavam à luz da tarde que se arrastava.

— Meu assistente aqui tem um caso incurável de virgindade — disse Kirill a uma jovem realmente bonita cuja franja castanho-escuro formava um toldo sobre as páginas de *Harry Potter*. — Não inspira a sua piedade?

Pensei em dar um murro em Kirill nessa hora. Eu tinha lido aquele livro do Harry Potter três vezes, um segredo que levaria comigo à sepultura. Mas poderia ter contado a ela. A garota já tinha recolhido seu livro e se afastava a passos rápidos.

— Estão planejando construir 41 novas estações nos próximos dez anos — anunciou Kirill entre mordidas criteriosas na carne de cordeiro chamuscada.

Eu queria ter ido atrás da garota de cabelos castanhos, mas aí me converteria no Virgem Perseguidor Que Anda Com Um Sujeito Sem Pernas. Àquela altura, eu era apenas o Virgem Que Anda Com Um Sujeito Sem Pernas. Certas formas de dignidade só se conquistam por comparação.

— Quarenta e uma novas estações, sabe o que isso quer dizer? — perguntou Kirill.

— Que só três vão ficar prontas.

— Mais gente andando de metrô a cada dia. E mais gente quer dizer mais dinheiro.

— Você já está ganhando bastante. Os pedintes não deviam faturar mais do que as pessoas que estão dando a esmola.

— Nós trabalhamos mais, pode acreditar.

Kirill sorriu para um bando de crianças de uma escola que corriam para aproveitar o sinal fechado. Talvez se possa pensar que um homem sem pernas deva ser trágico. Mas este homem sem pernas parecia viver como se contemplasse permanentemente um campo de girassóis.

— Estou economizando para comprar uma *datcha* — explicou ele. — Com acesso para cadeira de rodas. E onde eu possa lavar a louça na pia.

Era difícil levá-lo a sério. Só bandidos, oligarcas e políticos — muitas vezes, reunidos na mesma pessoa — tinham dinheiro para comprar *datchas*. Homens que andavam com as próprias pernas, que nunca tinham ido à Chechênia, cujos filhos nunca seriam mandados para lá. E Kirill, logo ele, achava que podia ser um deles. O sujeito podia ter perdido as pernas, mas, certamente, não as bolas.

— Bastante desonesto — falei.

— É uma arte.

— Tirar dinheiro das pessoas?

Ele me encarou semicerrando os olhos.

— Ninguém está me dando nada. Sou um homem de negócios.

— E você vende o quê?

— Essas pessoas todas que abrem a bolsa no metrô, quando veem um veterano sem pernas, sentem vergonha e talvez um pouco de piedade. Mas quando me veem andando apoiado nas mãos num vagão do metrô, veem uma pessoa desafiadora, calada, que não está *pedindo* nada, e aí o que sentem é orgulho. Elas então me pagam pelo privilégio de fazê-las sentir orgulho quando deviam se sentir infelizes.

Quando voltei para casa aquela noite, meu pai estava esparramado no divã, de cueca. Comia peixe enlatado direto da lata e deixava o gato lambar o óleo dos seus dedos entre um bocado e outro.

— Venha aqui — ordenou, e examinou minhas pupilas à luz da televisão.

O gato enrolou a cauda em torno do antebraço do meu pai e ronronou carinhosamente. Um demônio peludo, aquele gato.

— Conte o que você aprendeu hoje — pediu meu pai.

— A escada rolante da Chernyshevskaya tem 137 metros de comprimento.

— Mais alguma coisa?

— Descobri que Kirill ganha mais dinheiro que você.

— E quanto desse dinheiro ele te deu?

— Nada. Mas me pagou uma *shawarma*.

— Então não é só ele; eu também ganhei mais que você.

Satisfeito com o meu silêncio, ele voltou a atenção para a TV. Todos os personagens, inclusive o da voluptuosa *femme fatale*, eram dublados com a voz monótona de um cidadão de Vladivostok que fumava sem parar e tinha sofrido uma lobotomia. Um ator de mandíbula marcada sobrevivia à explosão de uma bomba ao subir numa geladeira. Eu esperava que a tecnologia da refrigeração tivesse chegado à Chechênia.

— Kresty vai ser transformada em hotel — falei.

— De novo? Quando?

— O jornal disse que vai ser assim que a nova prisão fora da cidade ficar pronta.

— Já falavam nisso antes mesmo de eu ser preso. Bem que eu queria que fosse um hotel. Mas não era.

Eu lhe dei as costas, mas não consegui me livrar da imagem dele — uns cinquenta retratos do meu pai pendiam em molduras pretas finas das paredes da sala de estar. Uma para cada ano de sua vida, começando aos

cinco anos e indo até os 69, exceto por seus anos na prisão. A mãe dele o levava ao fotógrafo uma vez por ano, uma precaução para o caso de ela ser presa e ele ser mandado para algum orfanato do Estado. O pai dele tinha sido um inimigo do povo, e por isso ela precisava se preocupar com esse tipo de coisa. A cada aniversário, ele vestia suas melhores roupas e ia ao estúdio de um fotógrafo, voltando para casa com um novo retrato para pendurar na parede. Eu achava uma coisa meio insana, para falar a verdade. Mesmo que em algum lugar do mundo houvesse uma garota que topasse vir comigo para a minha casa, eu não poderia trazê-la para cá.

Atravessei a sala de estar e fiquei fitando o retrato de 1983. Como todos os outros, parecia uma foto de passaporte ampliada. Era o ano do meu nascimento. Meu pai tinha um ar bem sombrio.

— Sabe, eu nunca quis ter mulher nem filhos — disse ele, voltando a se dirigir a mim. — Eu tinha cinquenta anos e achava que tinha vencido essa batalha. Então conheci a sua mãe. E ela engravidou. Aí eu não podia simplesmente ir embora, não é?

— Certas histórias são melhores quando não contadas, papai.

— Bobagem. Se você não sabe de onde veio, nunca saberá onde vai acabar. Todo mundo precisa de uma história sobre as próprias origens.

Fechei meus olhos e fiz o possível para atender ao que ele queria.

— Então, por favor, conte.

— A sua origem, meu rapaz, foi uma camisinha rasgada.

O patricídio realmente devia ser descriminalizado. Enveredei pelo corredor quando percebi um retrato novo pendurado acima da poltrona manchada de chá.

— Quando foi seu aniversário? — perguntei.

— Umas semanas atrás. Não me olhe desse jeito. Essas fotos são todas para você.

— Você percebe o quanto isso parece loucura, não percebe? Você tem mais de cinquenta fotos suas na parede. Não tem fotos minhas nem da mamãe, só suas. É como se você tivesse visto como era a sala de estar de Kim Jong-il e estivesse tentando reproduzir o estilo dele.

Ele coçou a ponte entre as orelhas do gato. Já havíamos tido essa mesma conversa mais de um bilhão de vezes.

— Eu não tenho fotos do meu pai. Essas fotos existiam, mas minha mãe precisou destruir cada uma delas. Ela chegou a mostrá-las para mim

quando eu era pequeno, mas agora todas se perderam e não consigo me lembrar do rosto dele. Não sei quem ele foi. Não sei de onde vim, Serioja.

Ele desviou os olhos para os retratos, e depois para mim.

— Essas fotos são para você. Para você saber. Para você não esquecer quem eu fui.

* * *

Antes de ser levada pelo câncer, minha mãe trabalhava na caixa registradora de um *produkti* que, pela escassez de estoque, parecia mais um empório de prateleiras do que uma mercearia. Quinze minutos depois que ela saía de casa, meu pai dava início ao seu dia. Ele tinha um celular do tamanho de uma bota e atendia ligações como se estivesse numa trincheira, recebendo e transmitindo ordens num jargão entrecortado. Usava luvas de borracha e uma máscara cirúrgica quando ensacava aquele pó branco na mesa da cozinha. Passei muito tempo achando que fosse médico.

— Isto aqui é muito ruim para você — dizia ele quando me deixava vê-lo trabalhar na volta da escola.

Ele usava as colheres de medida da minha mãe para separar o pó em pequenos invólucros de papel dobrado.

— Você nunca deve comer isso aqui, entendeu?

— O que você está fazendo?

— Nosso ganha-pão — respondia ele.

No verão, ele me confiava algumas entregas diurnas. Nada de muito importante, só uns poucos envelopes para universitários e prostitutas, infrações tão leves que são ilegais por mera technicalidade. Antes de eu sair, ele sempre me dava uma série de instruções.

— Você precisa contar o dinheiro antes de entregar o produto.

“Você nunca deve olhar nos olhos de um policial.

“Você precisa obedecer a todas as leis, menos a que estiver violando.

“Você não deve parar para falar com ninguém.

“Você precisa fazer de conta de que já é homem porque é assim que se vira homem.”

Eu comprava fichas para o metrô em vez de pular a catraca e esperava para atravessar quando o sinal de pedestres se abrisse. Eu era mais baixo

que o olho mágico e precisava passar horas batendo nas portas antes que as pessoas as abrissem. As prostitutas às vezes me convidavam para entrar e tomar chá e comer um chocolate Alenka. Alguns anos mais tarde, comecei a me sentir como o tsar Estupidov II quando percebi que tinha entrado na casa de algumas das mulheres mais lindas e menos virtuosas de Petersburgo, mas só tinha comido doces. Hoje sinto certa pena das coisas que aconteciam naqueles quartos, suportáveis apenas sob o efeito de drogas.

Heroína na mesa da cozinha e neve no parapeito da janela; a tatuagem de um lobo solitário correndo antebraço acima; a máscara cirúrgica cobrindo seu rosto; mãos enluvadas encarregadas de uma operação delicada: este era o meu pai. Um capitalista, um homem feito para a Nova Rússia, alguém que eu julgava ser digno de eterna admiração.

Minha mãe sabia de tudo, é claro, embora fingisse que não. Mas pôs um fim a toda aquela história quando descobriu que eu fazia entregas para o meu pai.

— Onde você estava? — perguntou ela quando entrei pela porta da frente numa tarde de agosto, os dedos ainda grudentos dos pingos de sorvete derretido. Ela havia voltado mais cedo do trabalho.

— Entregando o ganha-pão — respondi em tom orgulhoso.

Ela me esbofeteou com a mão direita e me abraçou com a esquerda.

— Criminosos por toda parte — disse ela. — Na TV. Nas ruas. No Kremlin. Agora na minha casa. Não vou viver com dois criminosos.

Ela chamou a polícia. Naquela tarde, meu pai foi preso na porta do nosso edifício.

* * *

Agora que empurrava a cadeira de Kirill de um lado para o outro, eu me via obrigado a evitar meus amigos. Não respondia a seus telefonemas e não ia mais aos parques, pátios escolares e porões de edifícios em que costumávamos desmaiar no fim das contas. Nossos caminhos só se cruzaram uma vez, no final de junho, na plataforma do metrô Gostiny Dvor, enquanto Kirill discorria interminavelmente sobre a história dos dormentes da linha férrea. Os olhos de zumbi de Valeriy se cravaram nos

meus. Ele coçava a virilha. Os piolhos da cabeça deviam ter migrado para o sul em busca de calor.

— Tupac! Por onde tem andado? — perguntou ele.

Logo atrás vinha Ivan, vestindo jeans largo que caía da cintura e uma camiseta XXXL, grande suficiente para vestir uma família de quatro pessoas.

Indiquei Kirill com a cabeça.

— Trabalhando.

Valeriy esboçou um sorriso de desdém.

— Amigo novo?

— Meu pai que me obriga.

Eu tentava falar baixo para Kirill não escutar.

— Você soube do Tony? Arrombou uma loja de computadores na semana passada — disse Ivan. — Deixou os documentos dele no balcão, mas nem assim conseguiu ser preso. Precisou ir até a delegacia por conta própria e insistir que era um criminoso. Situação constrangedora, de verdade.

— Ele está no Kresty? — perguntei.

Valeriy fez que sim.

— Pelo menos até o julgamento. Pelo jeito parece que nem é tão ruim. Sem falta d'água. A eletricidade é de graça. Aposto que ele está fazendo *muitos* contatos profissionais. No fim de semana também vamos ser mandados para lá.

— Pelo quê?

— Vamos roubar um carro de polícia — respondeu Ivan, suspendendo o jeans que já tinha descido quase até os joelhos.

Kirill fingia que não estava ouvindo e olhava para o outro lado.

— Quer vir também? — perguntou Ivan.

— Prometi ao meu pai que ia ajudar a transportar uns móveis nesse fim de semana. Mas eu vejo vocês lá.

— Você garante? — perguntou Ivan.

— Claro, sem dúvida.

— É a sua vida em jogo — disse Valeriy, antes de se afastar. — Quem sabe na prisão não tirem ela de você.

Kirill só falou quando Ivan e Valeriy tinham desaparecido no túnel para pedestres forrado de cerâmica branca que levava à estação Nevsky Prospekt. Um vendedor cigano passou com uma bandeja de artigos avulsos

normalmente vendidos em pacotes: barbeadores descartáveis, camisinhas, chocolates Twix.

— Você vai mesmo fazer o que disse a eles? — perguntou Kirill.

Não havia nenhum desdém na sua voz, nada que parecesse algum tipo de censura.

— Não sei.

— No meu tempo, a dispensa por doença mental era a maneira mais popular de fugir do serviço militar, além da universidade. Bastava subornar um psiquiatra para declarar que você era louco. O problema foi que tantos novos-ricos tiveram dispensa por doença mental que não sobrou nenhuma para os malucos de verdade. Minha unidade tinha dois esquizofrênicos, um punhado de maníacos-depressivos e um sujeito que recebia visitas regulares de anjos. A insanidade da guerra, né?

— Por quanto saía uma dispensa?

— Mais do que você pode pagar — respondeu.

O vento de um trem que chegava agitou o meu cabelo, mas o de Kirill, pesado de tanta gordura vegetal, não ficou com um fio sequer fora do lugar.

* * *

As semanas se passaram. Eu não tocava em heroína desde a noite em que meu pai tinha descoberto as sobras daquela minha conta de quinhentos rublos. Eu vivia esperando ser tomado pela síndrome de abstinência — não poderiam me mandar para a Chechênia se eu estivesse trancafiado num quarto de paredes acolchoadas —, mas acho que ninguém sofre muitas crises de abstinência depois de usar quatro vezes em cinco meses. Eu não servia nem para virar um viciado. Todo dia eu acordava às quatro e meia da manhã e ajudava Kirill a se vestir. Nosso café da manhã eram cigarros Java Gold, e trabalhávamos nos vagões do metrô até o meio-dia. Um dia, compramos o almoço de um velho georgiano cuja osteoporose parecia uma espécie de buraco negro que ia sugando aos poucos todo o seu corpo na direção do estômago. Kirill discorria de novo sobre o sistema metroviário da cidade.

— É o décimo terceiro mais movimentado do mundo — disse ele entre um pedaço e outro de linguiça.

Era feriado, a Festa de Pedro e Paulo, e a umidade emanava dos poros da cidade.

— Embora Petersburgo seja apenas a quadragésima quinta maior cidade do planeta. Você pode deduzir o quê a partir disso?

— Que somos pobres demais para comprar carros?

— Idiota. Isso mostra que o nosso metrô é motivo de orgulho. Nova York, Londres, você acha que os metrôs de lá têm candelabros de cristal, pisos de mármore e estátuas de bronze?

— Claro que sim.

— Pois não têm — insistiu ele. — Têm as paredes grafitadas e caindo aos pedaços e bandidos que empurram os viajantes decentes na frente dos trens em movimento. Não têm nenhuma beleza. Não são o Palácio do Povo.

— Palácio do Povo... É um programa de televisão, não é? — perguntei.

Finalmente, um interesse em comum.

— Não estou falando de programa de TV nenhum! Estou falando do metrô. O Palácio do Povo, era assim que era chamado por Lênin, Stálin e Khrushchev. Um palácio não para tsares e príncipes, mas para você e eu.

— Então vamos para o seu palácio, camarada — sugeri, e empurrei sua cadeira até a entrada da estação Púchkinskaya.

— Você não devia trabalhar no dia 20 de abril — disse ele enquanto eu o erguia para passar por cima da catraca. — Os *skinheads* sempre aprontam as piores no dia do aniversário de Hitler.

Ainda era verão. Não vi como aquele conselho podia se aplicar a mim.

— O que você faria se... — falei, indicando com a cabeça seus tocos quando chegamos à plataforma.

— Se ainda tivesse as pernas?

— É.

— Eu iria criar um serviço de asfixia autoerótica — respondeu sem hesitar.

— O quê?

— Asfixia autoerótica. Não vai me dizer que nunca ouviu falar disso?

— Algum programa novo de TV?

O queixo dele caiu, ele não conseguia acreditar.

— É um passatempo. Você devia experimentar. É muito bom.

— E como é?

— Você amarra um cinto em volta do pescoço e bate uma punheta.

— Não me parece tão bom assim — comentei. — Na verdade, parece bem ruim.

— Além de virgem, puritano. Quando crescer, você vai virar freira!

O que ele tinha perdido em membros, havia ganhado em audácia.

— E como seria esse serviço? — perguntei. — Porque o assunto me parece bem particular.

— Quando você amarra um cinto em volta do pescoço e chega perto de se estrangular, sempre corre certo risco. A experiência pode mudar a vida do sujeito, mas também pode acabar com ela. É como um salto em queda livre. Meu serviço garantiria o paraquedas, por assim dizer. Digamos que você quisesse se asfixiar durante a masturbação. Você me avisaria um pouco antes. Eu já teria uma chave sobressalente do seu apartamento. Se você não ligasse de novo em, digamos, uma hora, eu iria até a sua casa verificar como você estava. E, a essa altura, o mais provável é que tivesse morrido. Então eu suspenderia as suas calças para que a sua família tivesse o conforto de acreditar que você morreu em um suicídio comum.

— E se a pessoa não morrer, você continua com a chave do apartamento dela, para poder roubar tudo.

— Você ainda tem esperança, *molokosos*.

Ficamos esperando na plataforma, e não sei por que aquilo me ocorreu, mas acabou acontecendo. Perguntei a Kirill por que ele nunca contava como tinha perdido as pernas, por que ficava sempre calado com ar de desafio quando queria conseguir a caridade alheia.

Ele franziu a testa, desgostoso com a guinada brusca da conversa rumo à seriedade. Um trem chegando à plataforma oposta quase espalhou suas palavras.

— A pessoa sempre pode viver da culpa dos outros — disse ele. — Mas, quando você quer uma *datcha*, também precisa que elas sintam orgulho.

O ar soprou do túnel, trazendo o guincho dos freios do trem.

— Mas como você *perdeu* as pernas?

Fazendo a pergunta em voz alta, ouvindo o tremor na minha voz, reconheci o que já suspeitava havia muito: eu era um covarde.

— Não foi como você pensa.

Ele balançou a cabeça e sorriu para si mesmo. A muralha de ar desabou sobre nós.

— Só vou contar a história para você porque logo mais você vai ser mandado para o sul, para a zona de combate. Não foi uma mina terrestre.

Não foi sequer na Chechênia. Eu estava completamente bêbado uma noite, alguns anos atrás, e desmaiei no trilho do bonde aqui mesmo em Petersburgo.

Na noite depois dessa conversa, encontrei um uniforme militar muito surrado estendido na mesinha de centro da sala de estar da minha casa. Exibia o azul-acinzentado das nuvens de chuva. Desdobrei as calças e as segurei na altura da cintura. As pernas ultrapassavam meus tornozelos e alcançavam o chão.

— Seu avô era alto — disse meu pai da porta.

O gato dos infernos me observava por baixo das suas pernas.

— Você vai parecer tão adulto usando uma com a bainha feita...

Ouvi-lo dizer essas palavras acabou comigo.

— Eu não quero — falei ao gato.

O pequeno sádico entortou a cabeça, depois empertigou o rabo e saiu da sala. Meu pai segurou meu queixo com o dedo e ergueu meu rosto na direção do seu.

— Se a gente tivesse escolha, ninguém nunca decidiria vestir calças compridas.

Seu cigarro fumado até a metade fez meus olhos lacrimejarem. Ele deixou cair a ponta numa xícara de chá e apagou com os polegares as lágrimas que desciam pelo meu rosto.

— Ah, Serioja, às vezes queria que você enxergasse o que eu vejo quando olho para você.

O rosto dele era como um sol claro. Precisei desviar o olhar. Tentei encontrar algum ponto neutro para fixar a atenção, mas seus retratos emoldurados abarrotavam as paredes. Não dava para escapar dele. Ele estava em toda parte, olhando por mim.

— O que você vê?

Minha voz falhou pela primeira vez em dois anos. Eu teria trocado o resto dos meus dias por um Manto da Invisibilidade. E eu partiria para a Chechênia, para o Kresty, para qualquer lugar fora do alcance dos olhos do meu pai.

— Eu vejo um rapaz inteligente, talvez inteligente demais para o seu próprio bem. Vejo uma pessoa gentil e de bom coração, num mundo que não estimula nem recompensa nenhuma dessas duas coisas. Vejo um filho diferente de mim de todas as maneiras que eu esperava que fosse.

— Não acredito.

— Você vai ter uma vida feliz. Você vai ver.

E nessa hora eu desejei, mais do que jamais tinha desejado, acreditar no meu pai.

— Olhe só para você — disse ele, e se inclinou para plantar um beijo na minha testa. — Meu Serioja. Meu santo idiotazinho. Você passou os últimos anos se esforçando tanto para virar um babaca. Mas, apesar de todos os esforços, em vez disso está virando um homem. E embora eu saiba que você quer se tornar um babaca tão grande e memorável que mesmo daqui a séculos as pessoas continuem a usar seu nome como sinônimo de escroto, você não é um babaca. Você é meu filho. Assim, quando estiver pensando em desgrçar a sua vida, lembre-se, meu pequeno, de que você é todo o orgulho do seu pai.

* * *

Na manhã seguinte, tanto minha cabeça quanto os céus acordaram enevoados. Ignorei as aulas de História de Kirill enquanto o empurrava até a estação Chernyshevskaya. Minha apresentação ao Exército estava marcada para dali a quatro dias.

Passei várias horas quase sem falar. Kirill andava pelos vagões do metrô apoiado nos punhos, e eu empurrava a cadeira de rodas atrás dele. Rublos caíam na cesta de vime, e ele recolhia tudo a cada parada.

— Vamos descansar um pouco — falei quando chegamos a Ploshchad Lenina.

— Ainda são onze horas.

— Preciso de ar.

Kirill suspirou, mas acabou aceitando. Na escada rolante, contou os ganhos da manhã, satisfeito com o total.

— Você precisa guardar o dinheiro no bolso da frente — comentou. — Os ladrões ficam com medo dos cotos e nem chegam perto deles.

— Essa sua mania de ficar falando “você” — sussurrei.

Foi um momento tranquilo de compreensão.

— Mas eu estou falando com você. O que eu iria dizer?

— É que você fica me dando instruções. Como se estivesse me treinando. “Você precisa fazer assim e assado para ser um bom mendigo.”

— Estou generalizando — começou ele, mas eu já tinha parado de prestar atenção.

O verão inteiro ao lado dele e eu não tinha percebido. Eu não era o assistente de Kirill: era seu aprendiz.

Não me lembro da expressão que fizeram os passantes, quem gritou o quê quando deixei a cadeira de rodas dobrada cair escada abaixo, o que Kirill teria dito ou mesmo se chegou a dizer alguma coisa. Só me lembro de ter agarrado o colarinho azul bem-passado de Kirill e de empurrá-lo contra a parede da escada rolante que avançava lentamente. Se ele quisesse, poderia ter me forçado a parar. Todos os dias aqueles braços carregavam o peso do corpo por três quilômetros pelos vagões do metrô e ainda lhes sobrava energia para levantar pesos à noite. Mas ele não resistiu, não lutou, entregou-se antes que eu desse o primeiro soco e, quando eu o agarrei pelo pescoço, quando seu chapéu caiu e a parede da escada rolante desmanchou o repartido impecável do seu cabelo, juro que um sorriso apareceu em seus lábios, e, abaixo de suas sobrancelhas franzidas, seu rosto não exibia qualquer sinal de medo. Ele tinha apostado, com seu ceticismo de olhos indiferentes, que eu era tão covarde a ponto de sequer ser capaz de cometer tal covardia. Eu lhe dei um soco para provar que podia e depois continuei a esmurrá-lo porque fiquei com medo de parar. Os nós dos meus dedos se transformaram em quatro framboesas esmagadas, e, em seguida, peguei-o pelo cabelo ensebado e bati seu rosto no degrau da escada rolante. Finalmente, Kirill perdeu os sentidos. Enfiei a mão em seu bolso da frente, recolhi as notas e as moedas, e subi correndo os degraus que faltavam. Meio quarteirão distante, vi a escada rolante depositar Kirill ao nível da rua. Ficou ali deitado, inerte, enquanto os degraus que não paravam de subir insistiam em raspar seus cotos. Os viajantes mais apressados desviavam dele.

Só então a percepção do que eu tinha feito me atingiu em cheio. *Matei um homem*. E não era um homem qualquer, mas um aleijado, um herói de guerra. Eu nunca iria para a Chechênia, porque passaria o resto da minha vida na prisão. Eu estava de joelhos, contendo ânsias de vômito, quando escutei seus gritos.

Ele ainda estava estendido no patamar final da escada rolante. Seu nariz apontava para o lado errado, seu rosto jorrava sangue, mas ele abriu os braços e cerrou os punhos.

— Estou vivo! — berrou. — Estou vivo! Não vou morrer!

Fugi até uma galeria subterrânea de drogados num subúrbio distante, onde aluguei uma seringa por dois rublos a picada. Mesmo no torpor do narcótico, não conseguia me esquecer da proclamação de imortalidade de Kirill.

* * *

A Prisão de Kresty tinha sido originalmente construída para guardar os vinhos imperiais, armazenando uma quantidade de bebida suficiente para manter a família real e todos os membros da corte de porre por longos invernos. Depois da emancipação dos servos, quando o Estado herdou dos donos da terra a responsabilidade de encarcerar os recém-alforriados, o Kresty transformou-se numa prisão. Por todo um século, segundo meu professor de Civilização Russa, tinha sido o maior presídio da Europa. Depois da Revolução, era lá que os homens da NKVD obtinham a murros as confissões de comunistas e traidores. Depois do Colapso, era onde os acusados por crimes relacionados ao tráfico e uso de drogas aguardavam julgamento. Tinha sido projetada para abrigar apenas uns mil prisioneiros, mas quando meu pai tinha sido admitido, pelo portão da rua Komsomola, sua população era dez vezes maior.

Eu o visitei uma única vez, subornando um carcereiro com algumas centenas de rublos que tinha roubado da minha mãe. Mais tarde, contando a história aos meus amigos, procurei dar a impressão de que tinha sido igual à cena da prisão em *Os bons companheiros*, que meu pai era o chefe do lugar, preocupado basicamente com a receita do molho de tomate. Mas o único cheiro de alho que pairava naqueles corredores vinha do hálito do carcereiro. Segui seus passos por um corredor comprido até a ala das celas. Homens com os braços finos como gravetos e olhos afundados em cavernas escuras apoiavam-se nas barras. A cela que meu pai dividia com dezenove presos tinha sido projetada para o confinamento de apenas um. Naquela manhã tinha chovido.

O ar em torno do meu pai tinha gosto de suor, amônia e cloro. Ele parecia um homem nascido num planeta sem vegetais nem luz direta do sol.

— Tem um cigarro? — perguntou.

Eu tinha nove anos.

Ele foi solto quatro anos mais tarde. Minha mãe tinha morrido pouco antes da primeira audiência da sua condicional, e os orfanatos do Estado eram ainda mais abarrotados do que as celas do Kresty. Mas o juiz da condicional tinha demonstrado uma obediência surpreendente à lei, além de possuir um espírito humanitário, provavelmente o único juiz de todo o sistema cujo coração não tinha sido removido cirurgicamente e substituído por uma pedra de carvão. Deixou meu pai sair tendo cumprido apenas um terço da sentença. Depois de sua soltura, meu pai passou a levar uma vida de civil. Trabalhando como motorista de um táxi pirata, parava em todo sinal amarelo. Eu gostaria de acreditar que tinha começado a viver honestamente por minha causa, mas era por ele mesmo. Tinha mais medo do Kresty do que das decepções de uma vida nos moldes da lei.

Alguns meses depois de sua soltura, tomei uma surra de uns meninos mais velhos. Cheguei em casa com hematomas nos olhos e um corte na testa. Meu pai me examinou da cabeça aos pés.

— Quem fez isso?

— Foi... — comecei, mas ele estendeu a mão antes que eu pudesse terminar a frase e apertou um dedo contra o corte da minha testa.

— Meu filho, delator? — perguntou ele.

Comecei a gritar, mas ele cobriu minha boca com a palma da mão e ficou me olhando com aqueles olhos vazios e traídos.

— Por causa de todas essas fotos minhas nas paredes, você acha que eu sou algum narcisista, eu sei — disse ele.

Eu tinha desabado na mesa da cozinha. O corte na testa não era fundo, mas eu sentia o meu crânio empalado por aquele dedo.

— Eu não me lembro da cara do meu pai porque meu tio obrigou minha mãe a raspar o rosto dele de todas as fotografias com uma moeda.

Esperneeí. Corri a palma das mãos pelo tampo da mesa à procura de uma faca para cortá-lo, um garfo para espetar nele. Meus lábios estavam esmagados pelo aperto da sua mão. Seu dedo ainda estava no corte.

— Alguns anos mais tarde, perguntei à minha mãe o que tinha acontecido com o meu pai e ela disse que aquele homem que tinha vindo ao nosso apartamento, que tinha contado para mim um lindo conto de fadas sobre um tsar e seus pintores da corte, aquele homem, o meu tio, estava envolvido nos problemas dele. Talvez ele mesmo tivesse denunciado meu pai, ela não sabia, mas sabia que ele não teria vindo até o nosso apartamento para nos avisar se não tivesse alguma parcela de culpa

no caso. No dia seguinte, na escola, procurei meu professor e inventei uma história, disse que meu tio era subversivo, que eu tinha visto ele combinar alguma coisa com uns estrangeiros. Queria me vingar. Alguém precisava pagar por aquilo. Eu nem conhecia o homem que denunciei. Só tinha estado alguns minutos com ele certa manhã.

Havia uma ternura explícita em seu rosto.

— Você pode me odiar, desde que não se transforme em mim. Está me entendendo?

Eu mal conseguia respirar.

— Estou tentando ensinar você a ser um homem melhor.

Ele me soltou. Limpou o sangue do meu rosto com as mangas da camisa, mas não enxugou o próprio rosto. Abriu a janela, pegou três pedacinhos de gelo e os moeu, pressionando-os contra a faca de açougueiro. Enfiou aquilo numa sacola de plástico e a pressionou contra o meu rosto. Eu tremia enquanto ele lavava a sujeira dos meus ferimentos.

— Seja corajoso — exigiu ele, segurando meu rosto machucado.

E me deu um copo cheio de vodca antes de mergulhar uma toalha de rosto na bebida.

— Quem anda com medo só faz rastejar. E merece todo o sofrimento do mundo.

— Eu não vou merecer — prometi.

Embora meu rosto estivesse grudento de muco e lágrimas, meu pai me olhava radiante de orgulho.

* * *

Perdi duas noites, a minha virgindade e todo o dinheiro de Kirill. Na minha cabeça, um ferreiro muito trabalhador não parava de malhar uma bigorna. No meu estômago, furacões surgiam. Em algum lugar uma diva cantava, e eu seria incapaz de distinguir o vibrato da sua voz do zumbido em minhas veias. No canto, uma lâmpada nua estava ligada a uma tomada no prédio ao lado por um fio de extensão que também servia para pendurar roupas molhadas no beco. Do nada, um homem de muletas apareceu. Seus pés eram do tamanho e da cor de pãoes pretos redondos. Não havia sapatos humanos que coubessem neles. Tirou um saco de pó branco do bolso, espalhou-o numa bandeja e o misturou a outro pó branco com uma gilete.

No canto, um menino desenhava seios imensos na parede. O homem pediu emprestada a ele uma caneta marcadora e começou a fazer desenhos nos meus braços. Ia dizendo os nomes em latim das veias e artérias, uma demonstração impressionante de quanto estudo ele devotava à ciência da autodestruição. Na manhã seguinte, acordei ao lado de uma mulher com fios grisalhos que eram como teias de aranha sobre sua cabeça. Tinha olhos castanhos muito fundos que mal refletiam a luz.

— É a primeira vez que você acorda homem — disse ela.

Eu nem sabia do que ela estava falando.

— Trezentos rublos — cobrou, então eu entendi. — Quer uma escova de dentes?

Respondi que não precisava, e ela retrucou:

— Precisa sim, meu rapaz. Precisa manter os dentes limpos. Com a dentadura em bom estado, não há limite para o que você possa vir a ser.

Comprei a escova de dentes e tornei a me aplicar, perfurando o barquinho vermelho que alguém tinha desenhado sobre o afluyente azul de uma veia. Não conseguia distinguir claramente meus dedos. Que deus lunático decidira me dar tantos dedos? Flocos de tinta branca se desprendiam do teto. Eu esperava que aquilo tudo desabasse de uma hora para outra. Quantos anos eu pegaria por quase ter matado Kirill? E a prisão, seria pior que o serviço militar na Chechênia?

Estava na expectativa de deparar com carros de polícia à minha espera ao voltar para casa, mas não havia nada além dos mesmos quadros de bicicletas enferrujados, acorrentados a um poste e despojados de todas as partes móveis. A mesma poeira cobria as mesmas escadas, e subi até o último andar. Não para pedir desculpas, mas simplesmente porque eu não sabia mais aonde ir. Não podia dar de cara com o meu pai.

A porta de Kirill estava destrancada. Ele estava sentado na cadeira de rodas, pressionando uma bolsa de gelo na bochecha e com a pistola na mesa a seu lado. Comparados com seu rosto, seus cotos de pernas pareciam mutilações menores. Ele não pegou o telefone nem gritou por ajuda. Só estendeu a mão para a arma e a acomodou entre as pernas cobertas de fita.

Olhou para mim com a expressão que eu reservava para pessoas como ele.

— Você precisa descer — disse ele, com calma.

— Eu vou para a prisão? Você contou para a polícia?

Ele ficou ofendido com as minhas perguntas e respondeu simplesmente:
— Eu era segundo-sargento.

Seu queixo entrava e saía de uma sombra. Os dentes que lhe restavam pareciam pinos muito separados na pista de boliche da sua boca. Ele não tinha medo nenhum de mim, e isso me deixou com ódio.

— Desça as escadas, Serioja. Você não vai para a cadeia.

Mas eu dei um passo à frente. Levantei as mãos. O primeiro passo se transformou no segundo e no terceiro. Um estalido para desarmar a trava de segurança, outro para engatilhar a arma que ele firmava entre os seus dois cotos. Meu joelho estava a dois metros do cano quando ele entendeu o que eu lhe pedia. Assentiu, com uma dor lenta provocada pela compreensão, e precisei me esforçar para não começar a chorar de alívio. Cogitei agradecer, mas o tiro engoliu minha gratidão. O chão sob meus pés desapareceu. A bala atravessou meu joelho. Não sei quanto tempo fiquei estendido ali antes de me arrastar até ele, que me levantou em seus braços e murmurou:

— Você está vivo. Você está vivo. Você está vivo.

Uma exposição temporária

SÃO PETERSBURGO, 2011-2013

Vladimir

— Alô, estou falando com a Sra. Jonanne McGlinchy, moradora no número um oito nove oito da Calvert Road, em Ohio? Sim, e a sua data de nascimento é 12 de outubro de 1942? Meu nome é John Smith, da Receita Federal. Sim, senhora. Sinto informar que as suas declarações de renda vão ser todas auditadas se a senhora não fornecer algumas informações. Primeiro, preciso do número de Seguro Social da senhora e os dados da sua conta bancária. E mais o sobrenome de solteira da sua mãe. Para me certificar da sua identidade, exatamente. Aqui levamos o crime de falsidade ideológica muito a sério.

Olha só como ele manda bem! Uma coisa incrível, na verdade. Sentar à sombra do Chernyshevskaya Cybercafé e ficar vendo esse rapaz trabalhar. É um prodígio, o garoto do Vladimir. Opondo genética a fatores ambientais, Vladimir dava todo o seu apoio à parte queixosa. A essência dos sonhos dos defensores da eugenia corria pelas veias de Sergei.

Mas não vá ficar convencido, Vladimir. A responsabilidade paterna não deixa de existir quando o pai vai para a cadeia. Você devia ir à biblioteca ver como eram os pais de outros *wunderkinds*: Mozart, Púchkin etc. Eles também, ausentes nos anos de formação dos filhos? E essa ausência tinha forçado os filhos a crescerem mais cedo, acelerando sua maturidade emocional, criativa e artística?

— Rá! Muito engraçado — continuou Sergei, duas cadeiras adiante, falando um inglês capenga num microfone acoplado a fones de ouvido, ignorando o burburinho do café. — Eu garanto que a KGB e a Receita não trocam informações.

Havia animação demais em sua voz para soar convincente como um burocrata. Amor demais pelo trabalho. Só se pode confiar em funcionários do governo cuja personalidade seja tão escassa e pisoteada quanto um cartão de ponto. Mas quem é Vladímir para questionar o Mestre?

— Não tem a menor pressa, Sra. McGlinchy — disse Sergei. — Às vezes é muito difícil mesmo encontrar uma caderneta.

Vladímir não tinha ido às formaturas nem aos torneios de xadrez por conta do seu tempo de cadeia. Nunca tinha visto o filho apresentar-se para ele. Será que todo aquele orgulho vibrante vinha se acumulando nele esse tempo todo, concentrando-se em seu organismo como um esplendoroso envenenamento por mercúrio?

Não podia deixar Sergei esquecer-se desses últimos anos, em que ficara fabulosamente rico. Não podia deixá-lo se esquecer do dia em que tinha voltado do hospital. Gesso branco e ataduras envolviam sua perna. O pobre rapaz olhava para a beirada da banheira, que antes ficava na altura dos seus joelhos, como se fosse o Everest.

— Não quero tomar banho. Não estou sujo — declarou.

— Tudo bem, tudo bem — respondeu Vladímir.

Só que não estava tudo bem. Nem um pouco. Ele nunca tinha dado um banho em seu filho. Por onde começar? Tirando as meias de Sergei? A camisa? Abrindo a água primeiro? Será que entrava na banheira junto com ele? Que devia desviar os olhos?

— Não quero. Não estou sujo.

Sentir o odor que ele emanava bastaria para despertar um paciente em coma.

Vladímir envolveu a perna engessada em sacos de plástico e vedou com elásticos de borracha. Instalou uma banqueta dentro da banheira. Vestiu seu calção de banho. Pôs o filho sentado na banqueta. Cuspiu o sabor ferruginoso da água que saía pela mangueira do chuveiro. Quente demais. Ensaboou o cabelo e os ombros do filho. Fria demais. As axilas, os quadris, o umbigo. Partes estranhas que ele tinha visto pela última vez despidas quando seu filho nem sabia escrever o próprio nome. Aquele homem crescido ainda cabia nos braços do pai. Perfeitamente.

— Está tudo bem? — perguntou Vladímir.

Sergei respondeu com um soluço truncado, o calor compacto de sua respiração atingindo a pele de Vladímir como o sopro de um secador de cabelo. Se fosse possível trocar de lugar. Mas não era. Se houvesse algum

modo de fazer com que tudo ficasse bem, mas não havia. Se pudéssemos, mas não podíamos. Por que os filhos estão condenados a permanecer lindos aos olhos dos pais, mesmo quando em sua própria opinião ficaram tão feios?

— Não é justo — disse o filho.

— Não é mesmo — concordou Vladímir.

E continuou a ensaboar os dedos e axilas de Sergei. Que outra pessoa alguém pode ser, senão o peito no qual filho se recosta para gritar? O ombro no qual se equilibra? As mãos que o lavam? O chuveiro despejava faixas cinzentas emanando vapor. Uma toalha pendia da porta fechada do banheiro. Havia tanto que Vladímir desejava consertar.

Seis meses depois, tinha matriculado Sergei num curso de inglês em que o professor era um australiano com dentes dignos de um britânico. Citações de Al Pacino e letras de Tupac valiam como conhecimento básico da língua, e Sergei pôde pular o curso introdutório. Em dois anos, já falava o suficiente para se matricular no Inglês Comercial I e II, em que usavam como livro didático a autobiografia de Donald Trump. Num solo tão ricamente adubado, a semente mal precisou da luz do sol para crescer.

— Muito bem, Sra. McGlinchy. Os últimos quatro números são dois nove dois um? Vou corrigir o erro em nosso sistema e com isso evitamos a malha fina. É verdade, originalmente vim da Rússia. Agora vivo na Flórida. Tomo suco de laranja e fico na praia a maior parte do meu tempo.

O maior cultivador de vigarices do mundo se concentra no mercado mais insaciável de seu produto e, para isso, basta-lhe apenas uma linha telefônica. Se aquilo era o capitalismo, não admira que o comunismo tenha fracassado.

Sergei desejou um ótimo dia à Sra. McGlinchy e desligou.

— E então, o que você achou?

O que Vladímir tinha achado? Seu filho era um matador de gigantes, era o que ele pensava.

— Não entendi o que você disse, mas o tom estava perfeito.

Sergei deu um sorriso tímido.

Vladimir queria pegar seu garoto nos braços e dizer: *Está vendo? Eu disse que você seria feliz. Viu só?*

Em vez disso, perguntou:

— E como esses americanos idiotas acreditam em você?

— Quando comecei, eles não acreditavam — admitiu Sergei. — Eu ligava para números escolhidos aleatoriamente na lista e dizia: “Alô, o senhor ou a senhora foi premiado num sorteio, pode me dar o número da sua conta no banco?”

— E alguém acreditava?

Sergei balançou a cabeça.

— Precisei de muito tempo para entender como funciona a cabeça dos americanos. O medo que eles têm do governo, cruel e cheio de caprichos, é fonte de preocupação constante. Estão mais propensos a acreditar que vão perder tudo do que a acreditar que vão ganhar alguma coisa. Então concluí que era melhor ser fiscal da Receita do que funcionário da loteria. Só que nem assim dava certo. Ainda encontrava céticos por todo lado. Foi quando me lembrei de uma coisa que você me disse.

Vladimir se aproximou do filho.

— Da lista da qual você e sua mãe faziam parte. Porque seu pai era um inimigo do povo. Imaginei que em algum lugar da internet pudesse haver uma lista dos americanos que acreditam em qualquer coisa, por mais que a coisa pareça implausível ou um insulto à inteligência deles.

— E essa lista existe?

Sergei girou a espuma branca em seu copo.

— A página dos fãs de Tom Hanks no Facebook.

Vladimir não fazia a menor ideia do que seu filho estava falando.

— Você se lembra daquela almofada bordada da minha mãe? Quando ela ficava chateada, gritava dentro da almofada para ninguém ouvir. O Facebook é mais ou menos assim. E *Forrest Gump*, você deve ter assistido a *Forrest Gump*.

— É um documentário sobre a natureza?

— Não, não. É um filme clássico. E mostra que, na verdade, todas as conquistas da sociedade americana nos últimos cinquenta anos se devem à pura sorte de um homem com deficiência mental.

— É um filme de propaganda soviética?

— Não, é uma superprodução de Hollywood! Lá, eles passam esse filme para as crianças nas aulas de história.

Sergei deu um gole final na espuma de sua Baltika 7 antes de continuar:

— A partir daí, eu cruzo as referências dos nomes e datas de nascimento recolhidos entre os fãs de Tom Hanks com a lista telefônica. E você poderia se perguntar: por que essas pessoas declaram abertamente a data

de nascimento na internet, se essa é uma das três informações de que alguém precisa para roubar a identidade delas? Para que estranhos possam desejar feliz aniversário! É difícil de acreditar, eu sei. Quando liguei para a Sra. McGlinchy, eu tinha o nome, o endereço e a data de nascimento dela, disse que era da Receita Federal e pedi que ela me fornecesse as outras informações necessárias para confirmar a sua identidade. O segredo é fazer o americano achar que precisa convencer você da identidade dele, e não o contrário. E a probabilidade de um fã do Tom Hanks cair nesse golpe é cerca de dez vezes maior que a do americano médio.

— Eles têm algum tipo de problema?

— Eu não diria que chega a tanto — advertiu Sergei. — Mas diria que as pessoas que admiram as atuações desse ator tendem a desconhecer a natureza humana.

E o êxito de Sergei não era a realização dos desejos de qualquer pai? Tentar garantir que o filho tenha a confiança e o apoio necessários para aproveitar as oportunidades e ser bem-sucedido onde eles próprios fracassaram? O filho dele, um grande empreendedor. Sentiu um estranho arroubo de patriotismo, uma gratidão pela lucidez dos seus líderes. Aqui, na Nova Rússia, ninguém vivia preso ao passado. Neto de um inimigo do povo, filho de um ex-presidiário: seu garoto, um próspero homem de negócios.

Sergei explicou que, mesmo de posse dos números da conta bancária da Sra. McGlinchy, não tocaria num centavo sequer do dinheiro dela. É claro que não. O garoto de Vladímir era honesto e levava em consideração os sentimentos alheios, algo que seus professores do primário sempre ensinaram. O que Sergei iria fazer era pedir algumas dezenas de cartões de crédito em nome dela, usá-los em contas forjadas do PayPal, e transferir milhares de dólares para a sua conta pessoal no Sberbank.

— Mesmo que ela não tenha muito crédito na praça, isso pode render uns três ou quatro mil dólares. E não tiramos nada da Sra. McGlinchy pessoalmente. Só das operadoras de cartões de crédito.

Que linda palavra, *nós*. Ser acolhido na intimidade de um pronome pessoal. Avante, meu filho, mas me leve com você.

— E acho que o que eu faço nem é propriamente ilegal. Sabe o MMM, e os outros esquemas de pirâmide? Ninguém foi preso. Os banqueiros ocidentais que abriram um rombo na economia mundial? Nenhum deles na cadeia. É assim que funciona o livre mercado.

— Só terroristas vão para a cadeia por causa do que dizem ao telefone — observou Vladímir.

Irrigar aquela semente de ambição com muito amor e estímulo.

— Não peça desculpas pelo seu sucesso. Nenhum leigo entende a complexidade das altas finanças.

— Estou tentando dar certo.

— Meu Serioja, meu pequeno oligarca. Você está indo muito bem.

Sergei foi mancando até o banheiro, seu passo animado o bastante para quase dar a impressão de que andava ereto.

Vladímir se instalou na cadeira de Sergei. O computador o encarava, tentando intimidá-lo. Nada além de uma televisão conectada a uma máquina de escrever por fios de telefone em espiral. Tentou o fone de ouvido. Nada.

Um meio ovo de plástico aparecia pousado num quadrado de espuma azul. O receptor? Levou aquilo ao ouvido.

— Está aí, Gógol? Estou procurando uma pessoa.

O monitor nem piscou.

— Alô? Gógol?

A garçonete deu-lhe um tapinha no ombro. Trazia um sorriso largo estampado entre os lábios carnudos. Seus cílios eram mais grossos do que uma linha traçada por uma caneta-tinteiro.

— Este é o mouse. Não é por ele que você fala. Você só apoia aqui e mexe com ele de um lado para o outro.

Uma pequena seta branca deslizou pelo céu muito azul quando ela moveu o objeto.

— Viu só? — disse ele, batendo com a palma da mão na mesa. — A máquina se rendeu sem resistir! Pode ter ganhado de Kasparov, mas sabe que não conseguiria me derrotar.

A garçonete riu, seus dedos finos mal tocando o ombro dele, e ah, que dia estava sendo aquele. E ela ainda abriu o Internet Explorer antes de voltar para a caixa registradora.

— E o certo é Google, não Gógol. Você escreve o que quer achar e aperta Enter.

Ele analisou o teclado. Aquela disposição não fazia sentido. Nem o alfabeto se submetia mais à ordem alfabética. Todo mundo precisava ser um individualista, todo mundo precisava se achar tão precioso quanto um

floco de neve, quando na verdade não passava de uma monótona gota d'água.

Melhor começar por uma coisa simples, para o tal Google esquentar os motores.

a terra é plana?, digitou.

Imagens de globos terrestres, biografias de Colombo, circunferências e curvaturas se sucederam no monitor com uma rapidez vertiginosa. Vladímir tinha esperado que o Google lhe respondesse com um simples *da* ou *nyet*, mas aquilo era muito diferente.

E digitou *japão*: pauzinhos de comer, arranha-céus de Tóquio, artigos da Wikipedia, guias de viagem, nuvens em forma de cogumelo.

Digitou *joelho* e mil joelhos diferentes apareceram ao lado de descrições exaustivas de cada osso, músculo e ligamento, diagnósticos e tratamentos para qualquer problema, de artrite a ferimentos por arma de fogo.

Como todo um universo de informação se comprimia dentro daquela caixinha de metal? Ele nem sequer conseguia enfiar um frango inteiro no forninho elétrico, e naquela coisa cabia o mundo inteiro. A coisa recendia a sacrilégio, mesmo para um ateu. Ninguém deveria saber tanta coisa. Deveria ser ilegal. Olhou para trás, certo de que homens das forças de segurança em seus ternos escuros invadiriam o café, confiscariam o computador e o levariam embora algemado. Não havia nada além de adolescentes agitados explodindo uns aos outros em quadrados de luz banhados de sangue.

Se aquela máquina sabia tudo, será que conheceria o seu pai?

vasily osipovich markin. Mas não apertou a tecla Enter, ainda não, porque nunca antes tinha escrito o nome do pai, nem jamais o vira escrito. O cursor piscava, impaciente. O que ele poderia ganhar com aquilo? Era preciso olhar sempre em frente em vez de ficar virando a cabeça para trás. Não era bom dar importância ao que havia ao redor. Atrás de nós há apenas ruínas.

Apagou *vasily osipovich markin* e digitou *roman osipovich markin*.

Queria apertar Enter, mas já estava de pé, fora da cadeira, se afastando. E estava... Que diabos, estava *chorando*?

Você virou uma manteiga derretida, hein, Vladímir?

Tudo certo, muito bem, ok. Só quero dar o fora daqui.

— Qual é o problema? — perguntou a garçonete quando ele chegou à porta.

— Estou com um caroço na garganta — admitiu ele.

— Ah, meu Deus — comentou ela.

Era jovem a ponto de poder ser sua nora, mas olhava para ele como se fosse a sua mãe.

— É maligno? — quis saber a garota.

— Diga a Sergei que fiquei indisposto. Diga que fui para casa.

Quando Sergei saiu do banheiro, seu pai já tinha ido embora. Sentou-se à frente do computador. O cursor piscava abaixo de *roman osipovich markin* na barra de pesquisa. O tio do seu pai. Curioso, Sergei apertou a tecla Enter.

Nadya

Numa manhã de julho de 2004, um cirurgião de Moscou removeu as ataduras da cabeça de Nadya.

— Você vai enxergar tudo borrado — explicou o médico.

Nadya abriu as pálpebras do olho direito e três anos de trevas se desfizeram.

O consultório do cirurgião era um Gerhard Richter dos anos 1970, como se o fotógrafo tivesse rotado a lente 25 graus após ter focado perfeitamente a imagem. Quando ela esticou os braços, foi incapaz de contar quantos dedos tinha nas mãos, mas podia ver que eles estavam lá. Ruslan também. Os dedos dela procuraram os dele.

Três enfermeiras entraram correndo no consultório do cirurgião quando ouviram o grito de Ruslan. Ficaram paradas na porta, hesitantes, porque os gritos dos enfermos, o sofrimento, as mortes e o desespero lhes eram bem familiares. Tinham ouvido todas as iterações da dor. O que não conheciam tão bem eram os uivos e a admiração da alegria.

No segundo dia em que Nadya podia enxergar, ele deu a ela um catálogo de tintas. Continha mil e oitocentas cores com seus respectivos nomes. Fúcsia Coral. Creme de Ametista. Dourado Entardecer. Castanho Siberiano. Ela leu e releu o catálogo até aprender a identificar pelo nome qualquer nuance que pudesse encontrar no balcão de uma sorveteria, no

Parque dos Jornalistas, no céu da manhã. Em matéria de poesia, Aleksandr Púchkin não era nada perto do redator daquele catálogo.

Casaram-se oito meses depois que ela teve alta do hospital. Na adolescência, ela imaginava o amor como a chama de um sinal luminoso em ascensão, abrindo um rasgo no céu noturno. O calor que ela e Ruslan tinham lembrava mais o calor da amizade do que o fogo da paixão. Por Nadya, tudo bem. Melhor ter o calor fraco da mão dele sobre a dela do que todas as chamas no céu. Ele massageava as cicatrizes dela com vaselina e juntos assistiam a intermináveis comédias-pastelão americanas. Construíam uma vida conjunta de pequenas gentilezas. Em certos dias, era uma vida extraordinária.

Deu à luz uma filha, Makka, no Hospital Número Seis de Volchansk. Uma menina de olhos verdes, filha do chefe dos cirurgiões, mascote da ala da maternidade, exigiu uma lembrancinha dela com a teimosia de uma sentinela de ponte. Ruslan lhe deu um dos folhetos de turismo que ainda carregava consigo no bolso do paletó.

O fim da carreira de guia turístico de Ruslan foi o início de sua carreira como uma figura ministerial. O oligarca que tinha comprado o Zakharov havia gostado de Ruslan e o fizera ser nomeado vice-ministro temporário. Seu antecessor no cargo mudara-se para um lugar na América chamado Muskegon e, até onde Nadya sabia, ainda morava lá, no sótão da farmácia do filho. Na qualidade de vice-ministro, as responsabilidades cotidianas de Ruslan consistiam basicamente em receber propinas. Alguém sempre precisava receber algum suborno, e todo mundo parecia achar que agora era a vez de Ruslan. E não era Nadya quem iria discutir.

Para provar que ele entendia que o enriquecimento pessoal era o primeiro mandamento do serviço público, o primeiro ato oficial de Ruslan foi mandar remover as minas das montanhas próximas à sua aldeia ancestral, a começar pela encosta retratada por Zakharov. Nadya nunca estivera lá em pessoa, só tinha visto o lugar no quadro. Tinha ouvido histórias sobre o ex-sogro de Ruslan, um sujeito rotundo que mantinha ligações com os insurgentes e usara a propriedade como refúgio para os rebeldes. Diziam até que tinha mantido soldados russos aprisionados na área. Ruslan lhe disse que a propriedade acabara ficando em condições precárias muito antes e que não deviam se espantar se a encontrassem em ruínas.

Foi uma surpresa para Nadya, então, que, na primeira visita deles após a remoção das minas, Ruslan a tenha puxado para perto de si. Ela sentiu o peso dele apoiado em seus ombros. A campina era de um verde Cézanne manchado de luz. Alguns metros à frente dela, a terra se dissolvia na luminosidade da primavera. Só dali a um ano ela conseguiria enxergar a encosta inteira, até o alto da montanha.

— Qual é o problema? — perguntou.

— Está tudo aqui — respondeu ele com uma voz abalada pelo espanto.

Nadya conhecia aquela sensação, a estranheza de descobrir um ponto de correspondência perfeita entre o passado e o presente, entender que nem toda memória é uma miragem.

Tentou estimulá-lo a avançar, mas o corpo dele ficou ainda mais pesado nos braços dela.

— O barracão e o muro de pedra foram reconstruídos. Atrás deles, replantaram a horta.

Construiu a imagem para ela em frases curtas e declaratórias, um hábito que nunca chegou a abandonar, mesmo depois que ela recuperou plenamente a visão do olho direito.

— Está tudo aqui — completou.

— O que há de errado? — perguntou ela.

— Por onde eu começo?

— O que há de certo, então?

— Essa é uma pergunta bem difícil.

Ela acariciou a nuca dele, sentiu aquela penugem mais fina arrepiar-se ao contato com a ponta dos seus dedos. Uma ave cinzenta no céu fez sua sombra no chão mudar de rumo. A luz do sol se refletia nas bochechas de Nadya. Eles raramente se beijavam à luz do dia.

Durante a tarde, seguiram para a encosta munidos de uma pá. Ruslan fazia questão de avançar alguns passos à frente, por via das dúvidas. A equipe responsável por retirar as minas tinha removido 23 da encosta. Os buracos tapados de terra não eram mais largos que tampas de bueiro. No meio deles, havia as duas crateras mais fundas das explosões, uma ao final da horta, a outra mais acima na encosta.

— Não sei qual das duas foi a deles — disse Ruslan. — Não sabia que ia encontrar duas.

Ele franziu o cenho, e suas mãos tremiam um pouco. Tinha um ar de espanto e medo diante do que não sabia, ao ver que a envergadura do que

ignorava só ficava maior ao longo daquele dia.

Entrou em cada um dos buracos e revolveu a terra em busca de restos. Depois estendeu a mão até a beira da cratera, depositando na grama o que tinha encontrado, voltando em seguida para o fundo como um menino mergulhando à procura de moedas. Farrapos de seda cor-de-rosa. Um botão marrom marmoreado. As tiras derretidas de uma sandália. Uma fita cassete espatifada. Ela aproximou do rosto o plástico partido e leu sua mensagem parcialmente apagada: *P r o l a Em Caso gência!!! Vol. 1.*

Ruslan estava ali, com as calças arregaçadas até os joelhos, as mãos e os pés cobertos de terra, e Nadya não teve dificuldade em imaginá-lo como o tipo de garoto cuja mãe era sempre obrigada a seguir com uma vassoura na mão. Sem nada mais que pudesse sepultar, ele dividiu os artefatos em duas pilhas e acomodou uma delas no fundo de cada cratera. Pelo resto da tarde e até o anoitecer, ele encheu totalmente cada uma das covas com terra cor de vinho. Não tinha corpos a sepultar, só buracos a preencher.

Pelos anos seguintes, passavam os fins de semana da primavera e do verão na *datcha*, o resto do tempo em Grózni. Com fundos desviados de uma dezena de projetos de infraestrutura bem mais necessários, o Museu de Arte Regional foi reconstruído. Nadya voltou a trabalhar lá como chefe do departamento de conservação. Terminou sua dissertação sobre o censor Roman Markin e criou uma página na internet para catalogar as imagens que ele tinha alterado.

Num dia de verão, um visitante chegou à *datcha*. Um rapaz jovem. Cabelos curtos e calças jeans tão folgadas que poderiam acomodar três pares de pernas. Ruslan e Makka tinham estado brincando na encosta. Nadya observou a chegada do desconhecido com um mapa esticado entre as mãos. O mapa não se agitava com o vento. E estava preso a uma moldura dourada.

Ela amarrou o lenço na cabeça e esperou Ruslan chegar antes de se aproximar do jovem.

— Você parece perdido — comentou Ruslan.

O rapaz contemplou os degraus verdes e exuberantes que cortavam a encosta ao longe. A relva do pasto vazio balançava ao leve toque do vento.

— É um lugar tranquilo — disse o rapaz, agora segurando o mapa fora da vista deles. — Sabem me dizer se alguém morreu na explosão de uma mina por aqui?

Ruslan avançou para o jovem e o agarrou pela nuca. Aquele movimento repentino deixou Nadya sem ação.

— Está na hora de você se explicar — disse Ruslan.

O jovem ergueu o mapa, e só quando seus contornos coincidiram com os da encosta eles reconheceram o que era.

Na sala, o jovem se explicou enquanto tomavam chá. Tinham-lhe contado que seu irmão havia morrido na encosta que aparecia naquele quadro, e ele quisera vir conhecer o lugar. Quando Ruslan lhe perguntou como obtivera o quadro, ele balançou a cabeça e sorriu, como que dizendo que a vida comporta quase tudo, menos explicações.

— Vocês já viram o filme *Teia de mentiras*? — perguntou ele.

Ruslan correu os dedos pela moldura dourada, aspirou a aspereza mofada da tela. Nadya o observava. Duas figuras maneiristas, pintadas em cor preta, corriam na direção do alto da encosta. Ruslan encostou a ponta dos dedos nelas, como se tentasse captar algum calor.

Nadya ficou dentro de casa com Makka enquanto os homens subiam a encosta.

— Ouvi dizer que dois soldados russos ficaram presos aqui durante a guerra — disse Ruslan. — Reconstruíram o lugar. Na verdade, fizeram um belo trabalho.

Ele partiu um talo de hortelã e passou uma folha para o visitante. O jovem levou a folha aos lábios e a esfregou com a língua contra o céu da boca. Subiram até os marcos das duas sepulturas.

— Achei duas crateras de minas quando voltei para cá. Uma pode ser a do seu irmão.

O rapaz apoiou um dos joelhos na terra e abriu o fecho de sua sacola de viagem. Acomodados em meio a cuecas e meias enroladas em bolas, havia três potes de pickles, dois cheios de cinzas, e o terceiro, vazio. Ele pegou um punhado de terra e o guardou no vazio.

— Quando éramos meninos, brincávamos de fingir que o fim do mundo tinha chegado e que ele embarcaria num foguete rumo ao espaço.

Ruslan semicerrou os olhos para o brilho líquido da luz do sol no horizonte. Houve uma explosão. Seu mundo tinha acabado. Ele continuava aqui.

— Acho que está na hora de eu ir embora — disse o jovem.

Mas Ruslan não tinha acabado.

— Sem o Zakharov.

— Como?

— O quadro. Ele fica.

— Mas é meu.

— O lugar dele é aqui.

O rosto do jovem se endureceu como uma gota de cera derretida.

— Eu vou embora agora.

Ruslan deu um passo à frente e se aproximou do outro a ponto de sentir o cheiro da folha de hortelã que se desfazia em sua língua.

— A meu ver, você tem duas opções. Pode me vender o quadro e depois eu lhe dou uma carona até o aeroporto. Ou eu tomo o quadro e depois você volta por conta própria. Você está longe de casa, numa terra que não conhece. Pense bem.

— A memória é o único patrimônio real que temos. Foi Nabokov quem disse isso.

— Muito bem colocado. E como vamos fazer?

O jovem estudou o quadro por mais um momento.

— Tenho certeza de que depois consigo um pôster com a reprodução do quadro — disse.

E olharam de volta para a encosta antes de voltarem para dentro. Não havia sombra alguma em seu relvado.

Com três potes de pickles e dez mil dólares americanos na bagagem, o rapaz tomou um avião para uma cidade de veraneio à beira do mar Negro. Passou três dias vagando pelas praias, enterrando os pés na areia escura, adquirindo um rubor permanente nas faces. Aquela praia era mais próxima do sol que qualquer trecho da terra que ele jamais tivesse pisado. No seu quarto dia, pôs a sacola de viagem no ombro e saiu andando pela areia. Segurava nas mãos um cartão-postal surrado e seguiu pela beira do mar até encontrar o lugar exato que aparecia no postal. Ninguém conseguiria convencê-lo a vender aquele cartão. Os nadadores muito untados de óleo e pouco vestidos podem ter se perguntado por que aquele jovem magricela usando uma sunga de estampa de leopardo tinha entrado na água com três potes de pickles. O mais provável é que nem sequer tenham reparado nele.

Uma onda o fez entrar num túnel de verde mais escuro. Jorros de água do mar desenrolaram-se pelo seu pescoço abaixo. A onda seguinte quebrou mansa em seu tórax. Saiu nadando de costas com um braço só. O outro segurava firme os três potes junto ao peito. Cardumes prateados reluziram bem a seu lado. Ele tinha chegado. Mal conseguia acreditar. Quando se viu

bem longe da arrebentação, tão longe que tinha todo o mar, dali até o horizonte, só para si, desatarraxou a tampa dos potes e os deixou afundar na água azul-escura.

Sergei

Ele deu um smartphone de presente de aniversário para o pai.

— Eu já tenho um telefone — disse o pai. — Está preso à parede por um fio, e assim não pode ser roubado nem tenho como perdê-lo. Vai querer me dizer que esse seu é mais inteligente?

— Eu escolhi por causa da câmera. Olha só — explicou Sergei, apertando o botão de ligar e fazendo o celular apitar, ganhando vida. — Ele tem duas lentes de câmera. Uma virada para fora, a outra apontada para você.

— Vivemos tempos perturbadores.

— É para tirar *selfies*. Assim...

O pai fez um ar de desprezo.

— Não seja vulgar.

Sergei atravessou a sala até a parede dos retratos do pai. Sempre que queria conversar sobre algum assunto mais difícil, ele se dirigia a alguma das fotografias mais simpáticas.

— Um pouco otimista, deixar tanto espaço sobrando, não é? — perguntou, indicando com a cabeça a porção de parede vazia que se estendia para além da última foto emoldurada.

— É a herança que eu deixo para você. Quando você for pai, pode pôr fotos suas na parede e deixar seu filho achar que você é um narcisista maluco.

— Vamos torcer para que você ainda viva muito tempo — disse Sergei, tossindo dentro do punho. — Uns anos atrás, encontrei na internet a página de uma historiadora da arte de Grózní. A tese de doutorado dela foi sobre o seu tio. O censor.

Seu pai não disse nada.

— Ela está organizando uma espécie de exposição sobre ele no mês que vem, aqui mesmo em Petersburgo.

— Que eu saiba, sair abrindo sepulturas e remexendo em esqueletos ainda é proibido por lei — disse seu pai.

— Não sei se fotos velhas na parede são a mesma coisa.

— Só porque uma coisa não é ilegal, não quer dizer que esteja certa.

— Disse o sujeito com a parede cheia de fotos velhas.

Seu pai respondeu fazendo um som de peido com os lábios. Sergei sentou-se na poltrona manchada de chá. Ele sabia, é claro, que seu pai tinha digitado o nome *roman osipovich markin* no mecanismo de busca e o deixara lá para que Sergei o encontrasse. Nenhum dos dois podia arriscar a vulnerabilidade de um pedido direto; em vez disso, cada um tinha adquirido a devida sensibilidade para perceber as intimações do outro. Sergei fazia uma sugestão e seu pai recusava. Quanto mais obstinada era a resistência dele, mais Sergei entendia estar perto de um ponto sensível de seu pai guardado tão no fundo que bem podia ser a sua alma.

— Vamos até lá, papai.

— Nunca.

Vladimir

Uma massa espessa de umidade de julho preenchia os espaços vazios do tráfego da Nevsky Prospekt na noite de inauguração da exposição temporária. O relógio de Vladimir marcava sete e meia. O sol, brilhando no céu e aquecendo seu rosto, dizia que era o início da tarde. Cedo demais, tarde demais — Vladimir não sabia mais diferenciar.

— Vamos entrar — disse Sergei. Estavam dando voltas no quarteirão havia uma hora. — Já está quase acabando.

Na esquina, um sorveteiro muito magro se ajoelhou e enfiou a cabeça no freezer.

— Você acha que um freezer também consegue dar conta do serviço, igual a um forno? — perguntou Vladimir.

— Acho que ele só está tentando se refrescar.

Vladimir esquadrinhou a rua à procura de outro instrumento com o qual pudesse se ferir. Não devia ser tão difícil. As mortes mais inimagináveis ocorriam dentro das divisas de qualquer metrópole. Ficar de pé numa das esquinas de Petersburgo devia colocar qualquer pessoa em risco mortal.

Quero morrer antes de passar pela banca de sorvetes.

Passou pela banca de sorvetes.

Quero morrer antes de chegar ao cego vendendo óculos escuros.

Passou pela banca de óculos escuros.

Logo adiante, erguia-se a entrada da galeria. A maçaneta lustrosa reluzia. Se ele viesse a falecer bem naquele instante — ataque do coração, raio fulminante — acharia, no último momento, que tinha sido poupado do que o esperava lá dentro.

Quero morrer antes de abrir a porta.

Abriu a porta.

Alguns frequentadores vagavam pela exposição. Vladímir não se lembraria de nenhum deles. Só de ter aberto a porta para o filho, ingressando no ar refrigerado daquele ambiente, olhando para cima e se deparando com a foto da ficha policial de seu tio, ampliada até chegar a dois metros de altura, olhando diretamente para ele. *Roman Markin: 1902-1937.*

— Você está bem? — perguntou o filho.

Ele nem tinha percebido que se apoiara em Sergei.

— Desculpe. A sua perna.

— Minha perna está bem. Qual é o problema?

— Mil novecentos e trinta e sete. Foi quando... foi quando eu disse ao meu professor que meu tio era um espião.

— Não foi culpa sua.

— Achei que ele talvez fosse passar umas semanas na prisão, mas que logo descobririam que era inocente. Como é que ele pôde ser fuzilado por uma coisa que nunca fez?

— Foi em plena época dos expurgos. Falta de sorte, só isso. E você era uma criança, papai.

Uma mulher usando uma saia longa e maquiagem em excesso aproximou-se deles. Um relevo de tecido cicatricial distribuía-se como um mapa em sua face esquerda.

— Eu era um dedo-duro, isso sim — disse Vladímir, dando as costas para a fotografia da ficha policial. — Um dedo-duro.

O crachá na blusa da mulher dizia *Nadya Dokurova, Curadora da exposição.*

— Obrigada por terem vindo — disse a curadora.

Meu tio, pensou ele.

— Agradecemos seu interesse — disse ela.

Meu tio, pensou ele.

— O museu já vai fechar — disse ela.

Meu tio, pensou ele.

— Ele está bem?

Eu não quero morrer.

— O senhor está bem?

Ainda não.

— Quer que eu chame um médico, papai?

Ainda não, meu filho.

Sergei enlaçou a cintura de Vladímir com o braço para firmá-lo.

— Pode deixar, estou segurando — disse ele.

Vladímir deixou Sergei conduzi-lo até uma cadeira de madeira ao lado de uma intocada bandeja de queijo úmido cortado em cubos. A mulher abanava o rosto dele com um catálogo da exposição.

— O senhor está bem? — perguntava ela.

Sergei apertou a mão do pai para tranquilizá-lo.

— Pergunte a ela o que você precisa perguntar — encorajou o filho. — Você precisa perguntar.

O que aconteceu com o babaca do meu filho? De onde surgiu esse homem tão sábio em que ele se transformou?

— Esse censor, esse Roman Markin... — começou Vladímir, indicando com a cabeça a ampliação da foto tirada no Kresty na noite em que Roman fora preso — ... me conte o que sabe sobre ele. Por favor.

A curadora olhou para o relógio e franziu os lábios, que se reduziram a um ponto pálido, mas a pilha de catálogos ainda inteira e os cubos intocados de queijo deixavam claro que poucas pessoas haviam comparecido à abertura da exposição. E ali talvez estivessem dois visitantes interessados.

— Dizem que era o censor mais talentoso e produtivo da URSS. Tinha um domínio técnico sem igual. Se tivesse dedicado seus esforços à pintura, em vez de trabalhar como censor, sua primeira exposição não estaria ocorrendo só agora.

— Por que ele foi preso? — perguntou Vladímir.

A mulher encostou o indicador das duas mãos.

— Não se tem certeza. Em 1937, foi condenado por acusações fabricadas de estar envolvido com uma bailarina ligada a uma suposta rede

polonesa de espionagem. Uma confissão manuscrita consta dos anais do tribunal, mas testemunhas do julgamento dizem que ele se recusou a depor ou a confessar.

— Mas por quê? Ele foi denunciado por quem?

Ela deu de ombros.

— Ele trabalhava para o Estado, em 1937. Nem precisava de motivo. Se você passa muito tempo trabalhando numa barbearia, um dia acabam cortando o seu cabelo.

Ele podia ter tomado o rumo da porta naquele momento. Sergei teria compreendido. Suas silhuetas se projetavam no piso vazio do museu. A curadora olhou para o relógio, depois para ele, hesitou, e então perguntou:

— Gostariam de fazer uma visita guiada?

Ela os conduziu por um dos lados da galeria, explicando a admiração do aparato de segurança pelo poder das imagens, a história da alteração e da censura, as máscaras de nanquim, a aplicação inicial e depois o refinamento da ferramenta pós-moderna de manipulação fotográfica que era o aerógrafo. Vladímir se apoiava em Sergei. Passaram por uma parede de homens e mulheres com o rosto coberto de nanquim.

Numa galeria lateral, uma reprodução do felino selvagem de Rousseau era exibida num mostrador de vidro. Ele fez a volta: Stálin de um lado, o leopardo de outro. Ao lado dele, uma tela pastoral do século XIX exibia tons claros de verde e amarelo.

A curadora falava e Sergei assentia, mas Vladímir não escutava o que diziam. Um felino selvagem abrindo caminho em meio ao mato. Folhas da largura de travessas de jantar se agitavam sobre a sua cabeça. Um sol vermelho brilhava no céu.

— Foi a partir daqui que tudo começou para mim — disse a curadora enquanto os conduzia de volta à galeria principal. — Esta é a imagem que a acusação usou no julgamento de Markin. Mas também contém um dos mistérios deixados por ele. Olhem bem. Vejam se não percebem alguma coisa estranha.

Na primeira fotografia, uma única mão pairava solta acima de um palco. A imagem original e inalterada era exibida ao lado dela, impressa a partir de uma tira solta de negativos que, por acaso, sobrevivera à União Soviética dentro de algum arquivo por estar com o nome errado. Vladímir estudou a bailarina: cabelos escuros salpicados com a luz dos holofotes;

íris cinzentas debaixo do arco duplo de sobrancelhas finas; uma coroa de plumas escuras; orelhas bem medianas.

Irina Portnova foi primeira-bailarina do Balé Kirov (hoje Mariinski) de 1932 a 1937, dizia o letreiro ao lado da foto. Sua carreira se encerrou quando foi acusada de espionagem, sabotagem e vandalismo, como integrante de uma rede de espionagem polonesa. Olhando para a versão da foto alterada por Markin, pode-se ver que ele deixou a mão de Portnova pairando acima do palco. Terá sido um erro? Um aviso a quem contemplasse a foto? Um ato de insubordinação? É difícil dizer. Examine o fundo das duas imagens. Ao estudo atento, pode-se perceber o acréscimo de uma figura na versão censurada, em que...

Vladimir se virou para ver a foto alterada.

— Roman Markin fez uma coisa notável — dizia a curadora. — A partir da metade da década de trinta, quase toda vez que removia um rosto de uma fotografia ou de um quadro, inseria outro.

O seu pai está lá, seu tio lhe dissera, *no fundo, onde ninguém pode ver* — onde, meu tio, onde está ele? Com o terno escuro? Atrás dos galões do general? Não, não, não, não, não, até, finalmente, meu deus, sim, é ele ali, na plateia, com os olhos cinzentos, uma mecha de cabelo rebelde caindo na testa, tranquilo, vivo. Você achava que tinha esquecido a cara dele. Que ele estava perdido. Eliminado. Para sempre. Mas ali. Na terceira fila. Ele está olhando fixamente. Não para a bailarina. Mas para você. Estar ali, naquele momento tardio de sua vida, e reconhecer o rosto do seu pai, encontrá-lo, reduz o mundo que você percorreu durante toda a sua vida às dimensões estreitas de uma folha de grama.

— Se vocês acompanharem esta parede, perceberão que a mesma pessoa aparece em todas as imagens modificadas — continuou a curadora. — As legendas das obras indicam exatamente onde. Às vezes como um menino, às vezes adulto, noutras ocasiões na velhice. Muitas vezes ele é inserido no espaço onde a figura censurada estava antes de ser removida.

— E quem é? — disse Vladimir, quase incapaz de perguntar.

— Faz anos que eu venho tentando responder essa pergunta — disse ela.

Ele avançou ao longo da parede num passo de procissão, apoiado no braço de Sergei. As fotografias e os quadros tinham sido dispostos em ordem cronológica — não da data de sua composição ou de sua alteração, mas da idade da figura inserida por Markin.

Seu pai bem novinho, encarapitado num trator.

Seu pai como um revolucionário adolescente num paletó marrom folgado, correndo pelas ruas de Outubro segurando um forcado com a mão erguida.

Seu pai de terno escuro e gorro de marinheiro, um braço em volta de uma mulher que, vista com atenção, era a mãe de Vladímir.

Seu pai segurando a mão de um Vladímir de cinco anos.

Seu pai como um cientista.

Um político.

Um cozinheiro.

Um camponês.

Um construtor.

Um capataz de fábrica.

Um guarda-noturno.

Um violinista.

Um avô.

Acompanhou o envelhecimento de seu pai no fundo de cada imagem. Seus cabelos branquearam e ficaram escassos, reduzindo-se a um mero véu pincelado. Suas rugas se insinuaram, depois tornaram-se nítidas, depois marcaram a fundo seus traços mais murchos. No último dos quadros, seu pai aparecia de pé apoiado numa bengala, separado de um grupo de operários alegres, olhando para fora com um sorriso de ironia. O homem que seu pai poderia ter virado era muito parecido com Vladímir.

E eu mereço?, ele interrogou em silêncio aquela figura. *Foi uma vida tão longa — o que eu fiz para merecê-la?*

Apoiou-se em Sergei e, pela segunda vez naquele dia, Vladímir sentiu o apoio dos braços de um filho que, de algum modo, o tinha perdoado, e que agora, de alguma forma, o sustentava.

— Eu sei que é difícil — disse Sergei. — Mas você está indo muito bem, e estou orgulhoso.

Obrigado.

A curadora os acompanhou até a última imagem.

— É notável, não? Se há alguma parte boa em Roman Markin — disse ela —, é este homem, seja ele quem for.

O longo século da sua vida convergia para aquele ponto de fuga. Ele fechou os olhos e os manteve fechados. Depois abriu.

— A senhora não faz ideia de quem pode ser?

— Um amigo de infância? — perguntou ela.

Meu pai, ele pensou.

— Um irmão? — perguntou ela.

Meu pai, ele pensou.

— Um filho? — perguntou ela.

O coração de Vladímir mal aguentou aquele momento.

— Meu pai — respondeu ele.

Nadya

A *datcha* apareceu à sua frente, com a encosta por trás. Ela declinou a oferta do motorista para levar sua mala até dentro da casa.

— Olá? — gritou, mas não teve resposta.

Enfiou a mala no armário da entrada sem desfazê-la. Foi até a cozinha, serviu-se de um copo de água, franziu a testa para a pilha de louça suja. Pela janela, viu a filha descer a encosta rodopiando, girando os braços até rolar e finalmente parar, ofegante. Ao pé da ladeira, Ruslan olhava para ela com a mala aberta. Levantou-se, espreguiçou-se e tornou a subir a encosta com a menina. O sol do fim da tarde ardia à frente deles, transformando-os em silhuetas emolduradas pelo pinho da esquadria da janela da cozinha, tema inadvertido de uma obra de arte que só ela conseguia ver.

Nadya admirou a cena por algum tempo, depois saiu pela porta dos fundos para tornar-se parte dela.

Final

ESPAÇO SIDERAL, ANO DESCONHECIDO

A explosão: uma catarata de calor dourado, uma ausência súbita de peso que me levanta cada vez mais. A *datcha*, o muro de pedra, o poço em que eu vivi, a horta bem-cuidada, tudo desaba enquanto sou despachado da superfície do planeta. Sementes de endro se espalham da minha palma, constelando o céu.

Acordo.

Pela escotilha da proa da cápsula, o sol parece uma piscadela cor de cobre. Mas não é mais o sol, apenas uma estrela que se dissolve gradualmente na extensão reticulada da Via Láctea, por enquanto ainda mais brilhante que as demais.

Meio bilhão de quilômetros depois da órbita de Netuno, o vaporizador para de funcionar e a cabine se transforma num deserto. Uma secura que nunca senti antes: uma queimadura fraca e amarga que faz gemer as minhas juntas, que força minha pele a conservar a forma do beliscão muito depois que meus dedos a soltam.

Vasculho a poeira à procura da minha testa e encosto meu dedo na pele. A dor é iridescente. Imagino meus ferimentos em tons carregados de roxo e carmim, e gostaria de ter um espelho, mesmo que só para tornar a ver essas cores. Quando me viro para a escotilha, o metal se enruga. Por baixo do uniforme, folhas de papel de alumínio prendem minha cabeça ao corpo.

Para chegar ao fim do Sistema Solar, devo ter viajado anos, mas tenho a impressão de que acabei de chegar, de que acabei de acordar aqui.

A tosse recomeça, mais carregada do que antes. É um ponto que pressiona a minha traqueia o tempo todo. A balaclava não me traz praticamente alívio algum. Visores de proteção fabricados a partir de óculos comuns, espuma e fita isolante protegem os meus olhos. Um fragmento de pele do tamanho de um selo se desprende do meu punho e paira no ar. Estou me transformando em pó. Daqui a pouco irei me asfixiar com meu próprio corpo.

Limpendo o vidro por dentro, espio pela escotilha de observação, mas cada ponto de luz das estrelas é tão pequeno que poderia ser coletado com um dedal. Para além do titânio e do isolamento térmico do casco da cápsula, a temperatura passa do zero absoluto. Painéis solares se abrem em asas dos dois lados da escotilha de entrada. Uma bateria de emergência acumula energia suficiente para filtrar o ar e ejetar os sedimentos mais uma, mais duas vezes, antes de chegar ao Cinturão de Kuiper.

Imaginem a última linha do horizonte: os limites exteriores do Sistema Solar, uma órbita elíptica de pedra, metano e amônia congelados. Mesmo com um sistema de navegação operante, a cápsula não teria como ultrapassá-la. E, se pudesse, o que viria depois? Imaginem a bateria de emergência, o gosto do ar filtrado. Pensem em como o último alento de eletricidade poderia ser usado de outro modo. Posso voltar a respirar ar puro por mais um tempinho, ou posso ligar o computador de bordo e ouvir a fita gravada.

* * *

O cosmos começou com o cartaz da tabela periódica que papai pendurou na parede do quarto. A quente luz do sol dos halógenos, o anil profundo dos metais de transição: mais cor nesses elementos que em todo o restante do quarto. Ele se abria como um arco-íris entre a minha cama e a sua.

Com sua voz grave que ressoava tão forte, um rolamento de metal chacoalhando em sua laringe, papai descrevia o peso aglutinado dos prótons, as órbitas impossíveis de se mapear dos elétrons. Você se sentava ao meu lado numa cadeira sem pernas e o ouvíamos explicar que o hidrogênio, com um próton, e o hélio, com dois, eram os únicos elementos naturalmente presentes logo depois do Big Bang. Acumulavam-se em nuvens gasosas que em seguida se transformaram em estrelas, fundindo prótons a temperaturas incalculáveis. Todos os elementos mais pesados do que o hélio foram forjados nas reações nucleares que serviam de combustível às estrelas, depois se lançavam através do espaço na explosão de uma supernova.

— Mais quente que dentro das fornalhas? — perguntou você.

— Milhões de vezes mais — respondeu papai.

Encostou seu cigarro no vigésimo oitavo elemento e o manteve naquela posição por tempo suficiente para que o seu número atômico desaparecesse num buraco de cinzas.

— O níquel que é derretido nas fornalhas foi, antes de tudo, fundido nas estrelas.

E a lista prosseguia, na enumeração do nosso pai: o chumbo na tinta da fábrica, o ferro do arame farpado, o ouro dos dentes do chefão do Partido, as moedas de alumínio dos falsificadores, o enxofre do ar, o radônio que vazava das celas policiais, tudo vinha das supernovas.

Foi naquele mesmo verão que mergulhamos no lago Mercúrio, e o mercúrio também vinha das supernovas, como todas as outras substâncias exóticas que ele continha, como o magnésio do flash da Polaroid que congelou a nós dois em nossos trajes de banho com estampa de leopardo, com os braços em torno dos quadris pálidos da mamãe. Papai deixou a câmera cair antes que ela cuspsse a foto e deu um bote nela, rugindo, fazendo-a gritar com um riso histérico naquele dia ensolarado debaixo de imensas nuvens cor de vinho. Que coisa improvável era estar vivo na face da Terra.

* * *

Flutuo na direção dessa noite perpétua, dessa amnésia estrelada. Os pesadelos cessaram pouco depois que a cápsula passou pelos anéis de Saturno. Não tenho mais visões. Talvez eu tenha me transformado numa delas. Através da escotilha de observação, vejo a escuridão que me sonhou.

Alexei. O esquecimento derrete o nome. Eu o murmuro. Eu trago você de volta.

Faz quanto tempo que estou morrendo? Percorro 120 quilômetros no instante que levo para articular esse pensamento. O relógio em meu pulso esquerdo morreu faz muito tempo. E se eu quisesse, e se eu tentasse? O que é o tempo quantificado pelas revoluções de um planeta morto em torno de uma estrela cada vez mais distante, que medida me resta da realidade?

Pegue o canivete azul. Contorne minha mão esquerda acima da escotilha. Desenhe cada um dos meus dedos, os nós e as pontas com seus

calos, usando minha mão como um estêncil. Milhares de outras mãos esquerdas desenhadas assim cobrem o chão, o teto e as paredes da cápsula. Lembro-me das fotografias de palmas abertas pintadas nas paredes das cavernas e passo a minha pela superfície riscada. Esses traços evidenciam um passado exterior à cápsula da memória, a única prova de que não pertenço a um eterno tempo presente.

Quando a poeira ficar densa a ponto de me sufocar, a visibilidade terá caído a zero. A cegueira em meio à qual a cápsula desliza terá finalmente triunfado, terá finalmente tomado conta. Sepultada debaixo do piso da cabine está a bateria de energia sobressalente, ligada por veias vermelhas de cabos a um botão circular da cor de um ovo de pintarroxo aninhado no painel de instrumentos. Em suas volutas de cobre, há energia suficiente para apenas uma coisa: filtrar mais uma vez o ar da cabine ou alimentar o toca-fitas por algum tempo.

Quando eu vivia na Terra, via você dormir da minha cama. Você escutava música em seus fones de ouvido, apoiado numa pirâmide de almofadas e travesseiros. Assim que adormecia, desabava no colchão e os travesseiros e almofadas ficavam por cima. Uma vez acordei com os seus gritos, porque uma almofada tinha caído sobre o seu rosto. Acendi a luz e removi a almofada. O rosto estava amarelo como o interior de uma ameixa úmida, um orvalho formava uma pintura de guerra na cavidade dos seus olhos.

— Não tem nada aí, Alexei — falei.

— Não mesmo? — perguntou você.

Pense só nas crenças dos antigos que estampavam a palma das mãos nas paredes das cavernas. Imagine as estrelas como aberturas num firmamento esférico, furos minúsculos num véu através do qual brilha a luz de uma existência exterior. Esses furos serão pontos de entrada ou de saída? E qual escuridão este plano lança como sombra sobre o próximo?

* * *

Nosso pai nos confiou uma missão. Para todos os efeitos, essa operação tinha a finalidade de pôr um homem em órbita, capacitado a se comunicar por rádio com a terra firme e transmitir relatórios em primeira mão sobre os efeitos globais de uma guerra nuclear. Mas nossa ambição era maior.

Sabíamos o que uma guerra nuclear representava. Éramos patriotas. E a vitória era simples: o último membro vivo da espécie haveria de ser um cidadão soviético.

O escritório do nosso pai era tão impregnado de cheiro de cigarro que o divã exalava fumaça cada vez que ele se sentava e nos dava instruções para a construção da espaçonave. Tínhamos tudo de que precisávamos. Uma cabine enferrujada de caminhão para a cápsula. Uma cadeira de dentista usada para o assento do piloto. Um aquário sujo para a escotilha. Um antigo rádio portátil que só captava estática. Uma bateria decrépita com energia suficiente apenas para alimentar ou o ventilador de mesa de metal que fazia as vezes de filtro de ar ou o toca-fitas. Os americanos podiam ser melhores em matéria de ciência, mas éramos superiores em imaginação. Enfiávamos rolos de papel-alumínio em cabos de vassoura e demos voltas com eles em torno do caminhão. Inscrevemos URSS na frente da cápsula com graxa de sapatos. Levamos a tecnologia a um novo patamar, obtivemos conquistas jamais registradas em revistas acadêmicas. Os elementos se esforçavam para corresponder às nossas demandas de produtividade. Tínhamos apenas um assento de piloto, e eu era o mais velho.

Certos dias as pequenas glórias da Terra adquiriam luz suficiente para tornar opaco o dourado dos ícones da igreja. Mergulhar do telhado na neve fresca. Jogar louças pela janela no dia seguinte ao do funeral da nossa mãe. Eu havia recebido bênçãos.

Quando a cápsula ultrapassa Saturno, os anéis de fragmentos de gelo e pedra ardem com a luz de dez mil cidades esmagadas. A superfície do gigante gasoso se agita com a fluidez viscosa da nata derramada num pires. Penso em Saturno, o pai dos deuses que devorava seus descendentes, e lamento o futuro perdido como só os pais e os penitentes são capazes de chorar.

Do outro lado da escotilha, abre-se uma vastidão que desafia crenças. A dúvida existe. Fui abençoado com ela e guardo-a como um tesouro, como guardaria uma revelação final, como se eu tivesse feito a ligação e ouvido a resposta, mas não conseguisse distinguir se a voz em minha garganta era de fato minha ou um eco da resposta que procuro.

Ligo o rádio.

As transmissões da Terra pararam três semanas depois que deixei sua órbita. Reina a estática, minha única companheira. A radiação de fundo

das micro-ondas do espaço: o eletromagnetismo residual do Big Bang. Há 13,7 bilhões de anos, essa mesma estática vem reverberando em todas as frequências. O ato da criação perdura, mesmo depois de seus frutos deixarem de existir. Disso não tenho como duvidar.

A poeira acumulada transforma minha garganta numa lixa. Não tussa. Não agite o ar. Engula a coceira e gire o botão de volume do rádio no sentido horário até seu som preencher toda a cabine. Pode ser a voz de Deus.

* * *

Você me acordou no último dia. Ansioso e resfolegante, um apocalipse não mais teórico.

— Está acontecendo — repetia você. — Está acontecendo.

Você me afivelou na cadeira de dentista e enfiou o capacete de motociclista na minha cabeça com o visor levantado. A voz da nossa mãe, de algum lugar, nos chamou pelos nomes, uma convocação para subir e ir tomar o café da manhã. A doçura distante de *blinis* sendo fritos. Como é que eu me despeço disso?

Você se ajoelhou ao lado do assento do piloto, puxando alavancas e girando botões.

— Aonde estou indo, Alexei?

— Ao magnífico desconhecido, levar as ideias do Marxismo-Leninismo para o proletariado alienígena!

— Aonde estou indo?

— Além da fronteira final do tempo e do espaço! Você vai ser o último ser humano vivo!

— Aonde estou indo?

Juntos fizemos a contagem regressiva a partir de dez. A aceleração atirou minha cabeça para trás três segundos depois da ignição, e a cápsula se elevou em pilares de luz e fumaça. O foguete atingiu a estratosfera; virei-me para o portal de observação. Linhas da fumaça do exaustor dos mísseis riscaram o céu; silos atômicos abertos e vazios assomaram por toda a terra. Qual imaginação divina poderia conjurar algo tão imperfeito quanto a vida?

Pense na face da Terra. Os Estados Unidos e a União Soviética possuíam um número suficiente de ogivas nucleares para destruir várias vezes toda a vida existente. A poeira enchia os céus, e o ar se transformava em cegueira, sufocando os que ainda não haviam sido incinerados — o destino, ao que tudo indica, que me segue até o fim do Sistema Solar. A radiação provocaria mutações em todos os seres vivos. Galina estava grávida quando parti para a guerra.

Um toca-fitas está incorporado ao painel de instrumentos para transmitir os discursos de Brejnev, importantes para reforçar tanto o moral do cosmonauta quanto o fervor revolucionário dos proletários extraterrestres. Na manhã em que a cápsula foi lançada, você enfiou uma fita cassete no bolso do meu uniforme. *Para Kolya. Em Caso de Emergência!!! Vol. 1.*

— Novas instruções, mensagens finais, últimas despedidas — explicou você.

A meio caminho da lua, decidi não escutar a fita até o fim. Primeiro, tive medo de que contivesse algum trecho de uma beleza insuportável que eu jamais teria como retribuir, depois tive medo de que contivesse alguma confissão, uma confrontação, algum segredo antigo que me fizesse recordar a humanidade com a visão rubra de uma divindade vingadora. Mas agora que estou em posição de emitir julgamentos finais, nada disso é mais necessário.

A fita, seja lá qual for o conteúdo, é o último canto de um mundo extinto, a resposta para a pergunta em que me transformei. Espero com ela, e comparo-a com o gosto do ar filtrado.

* * *

A poeira se torna mais densa à medida que me desintegro. As camadas superiores da pele secaram e se desfazem em flocos no ar, e tudo que sou é rosáceo, sensível, cru. É isso? É assim que terminamos? Na cegueira? Em desespero?

Semicerro meus olhos, voltados à escotilha de observação. Limpo a janela e olho para fora, repito isso *ad infinitum*. Então, uma de dez mil espiadas me revela o contorno de Plutão, com a lua Caronte a seu lado. Mais além, os pontos de luz das estrelas são muito para mim.

Inimaginável contemplar tudo isto a olho nu, bem ali. Pedras incrustadas de bege. Cristas que se erguem ao lado de ravinas. Alguém poderia imaginar isso, ao calcular o lançamento? Não, trata-se de outra coisa. A interseção de imensas improbabilidades; uma coisa milagrosa, o que poderia ser um prodígio maior? Na extremidade do Sistema Solar, tão longe de casa, vejo um planeta familiar.

Um instante, e ele desaparece. Viro o pescoço, me aproximo do vidro, mas o planeta ficou muito para trás. A cápsula ultrapassa o raio de alcance dos deuses. Plutão e Caronte me recebem. Eu me afasto da janela e, dentro do peito, no lugar onde minha alma tinha desafiado a gravidade pela última vez, sinto algo se mover. Uma esfera de poeira ocupa toda a escotilha de observação. Não vejo minha mão se estender, afastar a capa que protege o botão. Não estou vendo o comando para a bateria de reserva azul, como o ovo de um pintarroxo. Um murmúrio suave de engrenagens, lembrando um ventilador que oscila, corta a escuridão.

Retirar a fita da caixa. *Para Kolya. Em Caso de Emergência!!! Vol. 1.* Inserir o cassete, girar os botões de controle, apertar os interruptores, e então, através da fiação dos alto-falantes da cabine, a voz dela.

BUM BA-DA-DA DUM BUM, DUM DUM DUM

É ela, certamente. Combina a marcha do Primeiro Ato da *Suíte Quebra-Nozes* com o improvisado selvagem dos surdos ou dos insanos, uma voz tão rouca e explosiva que é um espanto ter sido conjurada por um corpo tão frágil. E então entra você, num primeiro momento fazendo um *beatbox*, depois acrescentando seu próprio acompanhamento atonal. Você berra como um louco, desafinando, mas no ritmo. Não consegue emitir uma nota certa e o tinir de louças e panelas fornece a percussão; vocês estão na cozinha de Galina, consigo ver os dois, consigo ver.

— Você não pode dançar uma valsa ao som de uma marcha — disse ela, enquanto cortinas de vapor rodeavam o lago Mercúrio, mas eu lhe ensinei como era possível.

Cada vez que a fita chega ao fim, eu a coloco para tocar desde o início, meus lábios murmurando a melodia com vocês. Faço a fita retornar muitas e muitas vezes, até que a luz indicando o fim da energia infla uma esfera enferrujada na poeira, eu aperto o play e, na lentidão fraturada de sua voz, percebo que chegou a hora, a última vez, não nos resta mais nada, estou morrendo.

Você estava à minha espera depois das órbitas de Marte e Júpiter, depois de cada um dos anéis de Saturno. É ridículo, é tão estúpido, eu sei, atravessar todo o sistema solar só para escutar você e Galina assassinando Tchaikovsky. Se em algum momento a perfeição chegou a ser produzida, foi este. Se Deus tem uma voz, é a nossa.

O cálcio nas clavículas que eu beijei. O ferro no sangue que ruboriza suas bochechas. Gravamos nossas intimidades em átomos surgidos de uma explosão tão imensa que deixou sua marca no vazio do espaço. Um frêmito de fótons transporta a memória através de uma amnésia longa e escura. E nós também seremos transportados, partículas misteriosas que somos.

Em quais sonhos a extremidade vazia do universo contém esse eco de vitalidade? Em qual prece o último ser humano não morre sozinho? Quem teria imaginado que vocês estariam comigo, aqui, tão longe da vida na Terra, tão repletos da graça que ela tem?

Mais uma vez.

Do começo.

É tudo o que peço.

Por favor.

Agradecimentos

As seguintes obras de não ficção foram valiosas enquanto eu pesquisava para as histórias deste livro e eu as recomendaria a qualquer pessoa interessada na região: *Gulag: A History*, de Anne Applebaum; *The Great Terror: A Reassessment*, de Robert Conquest; *The Unquiet Ghost: Russians Remember Stalin*, de Adam Hochschild; *The Commissar Vanishes: The Falsification of Photographs and Art in Stalin's Russia*, de David King; *Black Earth: A Journey Through Russia After the Fall*, de Andrew Meier; *Stalin: The Court of the Red Tsar*, de Simon Sebag Montefiore; *It Was a Long Time Ago, and It Never Happened Anyway: Russia and the Communist Past* e *Darkness at Dawn: The Rise of the Russian Criminal State*, de David Satter; *Allah's Mountains: The Battle for Chechnya*, de Sebastian Smith.

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas e organizações: a Whiting Foundation e o Programa de Escrita Criativa da Stanford University, especialmente Eavan Boland, Adam Johnson, Elizabeth Tallent e Tobias Wolff, por seu apoio. C. Michael Curtis, de *The Atlantic*, e Tom Jenks e Carol Edgarian, de *Narrative*, deram o primeiro lar e os primeiros retoques editoriais a vários destes contos. Steven Volynets e Olga Zilberbourg me contaram suas histórias da antiga URSS, leram e me proporcionaram soluções generosas às minhas dúvidas. Alexander Maksik e Amanda Nadelberg me deram excelentes conselhos, relacionados ou não a estas páginas. Ali Tepsurkaev, obrigado. Ching-chun Shih, Ulrich Blumenbach, Stefanie Jacobs, Achilleas Kyriakidis, Diana Markosian, Vincent Piazza e Cassidy Horfn, por sua amizade e suas colaborações criativas. Sem Gina e Kevin Correnti, a Califórnia seria muito menos ensolarada, e sem Kappy Mintie, eu também ficaria na sombra.

Meu livro não podia contar com uma editora melhor que Lindsay Sagnette, cuja visão editorial é sempre inspiradora. E nem poderia encontrar defensora melhor que Rachel Rokicki. Meus agradecimentos aos gênios na Hogarth and Crown Books, especialmente Molly Stern, Maya

Mavjee, David Drake, Kayleigh George, Jay Sones, Rose Fox e Chris Brand. A fé e a orientação de Janet Silver fazem toda a diferença.

Finalmente, à minha família, obrigado.

Sobre o autor



© Smeeta Mahanti

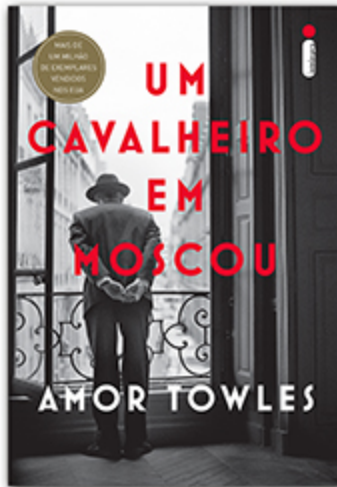
Anthony Marra foi selecionado pela *Granta* em 2017 como um dos melhores autores americanos com menos de 40 anos. Foi finalista em 2015 do National Book Critics Award, ganhou o Pushcart Prize, o Narrative Prize (ambos em 2010) e o Whiting Award (2012), além de ter sido finalista em 2013 do National Book Award e do Flaherty-Dunnan First Novel Prize. Marra tem um MFA do Iowa Writers' Workshop e recebeu uma bolsa Stegner da Universidade de Stanford, onde é professor. Pela Intrínseca, também publicou *Uma constelação de fenômenos vitais* (2014). Viveu e estudou no Leste Europeu e atualmente reside em Oakland, Califórnia.

Conheça outro título do autor



[Uma constelação de fenômenos vitais](#)

Leia também



[*Um cavaleiro em Moscou*](#)
[Amor Towles](#)



[*As garotas*](#)
[Emma Cline](#)



Destinos e Fúrias
Lauren Groff

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Sumário](#)

[LADO A](#)

[O leopardo](#)

[As netas](#)

[O escritório de turismo de Grózni](#)

[O prisioneiro do Cáucaso](#)

[INTERVALO](#)

[O tsar do amor e do techno](#)

[LADO B](#)

[O lobo da Floresta Branca](#)

[O Palácio do Povo](#)

[Uma exposição temporária](#)

[Final](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outro título do autor](#)

[Leia também](#)